

JENNIFER IACOPELLI

# *Patinando no amor*



PITAYA

**JENNIFER IACOPELLI**

*Patinando  
no amor*

Tradução  
Ana Beatriz Omuro

**PiTAYA**

RIO DE JANEIRO, 2026

Copyright © 2022, 2025 by Jennifer Iacopelli. Todos os direitos reservados. Copyright da tradução  
© 2026 by Ana Beatriz Omuro por Casa dos Livros LTDA. Todos os direitos reservados.

Título original: *Finding Her Edge*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

COPIDESQUE Vic Vieira  
REVISÃO Cê Oliveira e Rebeca Benjamin  
ARTE DE CAPA Polarts  
DESIGN DE CAPA Theresa Evangelista  
ADAPTAÇÃO DE CAPA Guilherme Peres  
DIAGRAMAÇÃO Abreu's System  
PRODUÇÃO DO E-BOOK Ranna Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Iacopelli, Jennifer

Patinando no amor / Jennifer Iacopelli; tradução Ana Beatriz Omuro. – Rio de Janeiro:  
Pitaya, 2026.

Título original: Finding her edge.  
ISBN 978-65-83175-88-5

1. Romance norte-americano I. Título.

25-306498.0

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura norte-americana 813.5

Bibliotecária responsável: Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

Editora Pitaya é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 601A – Centro  
Rio de Janeiro/RJ – CEP 20091-005  
Tel.: (21) 3175-1030  
[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

*Para a minha família, que é completamente diferente da família  
deste livro.*

# *Sumário*

*Patinando no amor*

Capítulo extra sob o ponto de vista de Freddie

Glossário de termos e expressões da patinação e dança no gelo

Agradecimentos

## Capítulo 1

PAR FLUTUA SOBRE o gelo, de mãos unidas, as lâminas dos patins raspando a superfície em perfeita sincronia.

Ou pelo menos é o que estão tentando fazer.

— Tá bom! — grito, a voz rouca após um dia longo de aulas.

Apesar das pernas doloridas, rodeio o par com meus patins, deslizando de um jeito suave e natural que, assim espero, eles vão conseguir reproduzir algum dia.

— Você tem que segurar firme, mas sem apertar demais. Não é pra puxar ela, Jackson. Lembra, ela é menor. Você precisa ajustar sua passada pra igualar a dela.

As duas crianças de 8 anos que estou treinando estão se acostumando a patinar de mãos dadas, um dos fundamentos básicos da dança no gelo.

Minha voz ecoa nas vigas do Rince Kellynch na Grande Boston, o lugar onde passei mais tempo que minha própria casa. É praticamente a minha casa. Minhas irmãs e eu já andávamos de patins quando ainda nem conseguíamos enxergar além das barreiras que cercam o gelo, porque é assim que são as coisas na família Russo.

— Ele não vai mais te puxar, Sadie, então você tem que o acompanhar — lembro a menina depois que Jackson para de puxar seu braço e ela fica para trás.

Enfim eles entram no ritmo; a menina estica um pouco as pernas mais curtas, e o menino dá passadas menores. Do meu ângulo de visão, parece perfeito.

— É isso! — As crianças sorriem para mim, ainda de mãos dadas. — Bom trabalho!

Sadie, que mal bate no meu quadril, lança um olhar melancólico para minhas pernas.

— Queria ser alta que nem você, Adriana. Aí eu não teria que dar passos tão largos.

— Você é perfeita do jeitinho que é. Não esquece de se alongar hoje à noite, principalmente os pés e os tornozelos. Mantenha eles fortes e bem-cuidados pra quando eu for ver vocês dois de novo.

— *Argh*, vai demorar tanto — choraminga Jackson enquanto eu os conduzo para fora do gelo.

— Nem tanto — digo, encaixando o protetor de lâmina assim que passo pelo portão. — Só até acabar o Mundial.

— É muito tempo — reclama Sadie, talvez porque, quando se tem 8 anos, dois meses é uma eternidade.

Sendo justa, mesmo aos 16, parece uma eternidade para mim também, porque a essa altura o Campeonato Mundial Juvenil, a maior competição da minha vida, vai ter acabado. Mal vejo a hora de chegar lá. Eu e meu parceiro de dança no gelo nos classificamos pelo segundo ano consecutivo, mas, este ano, finalmente temos boas chances de ganhar o ouro. Então, em dois meses, ou eu vou ser campeã mundial... ou não.

Neste momento, porém, sou treinadora. Venho pegando cada vez mais aulas nos últimos anos, tentando fazer minha parte para pagar as contas.

Aceno para as mães de Sadie e Jackson ao encontrá-las do lado de fora do ringue. Estão sentadas na área onde os pais assistem às aulas, que é ligada à recepção. Banners cobrem as paredes, exibindo os sucessos do clube de patinação ao longo de seus cinquenta anos de existência.

— Ah, Adriana! — exclama a mãe de Sadie, correndo até mim, com passadas bem mais rápidas do que as que a filha dá no gelo. — Que bom que consegui te ver antes de você viajar!

— Ah — respondo, com um sorriso acanhado.

— Por favor, diz pra Elisa que eu desejei boa sorte! Vamos estar todos assistindo!

Não deixo meu sorriso diminuir; pelo contrário, ele fica mais largo.

— É claro, pode deixar.

— Você deve ter tanto orgulho dela. Uma irmã mais velha nas Olimpíadas, que conquista. Seu pai deve estar nas nuvens.

— Tá mesmo.

Mantenho o sorriso grande e firme no rosto. Não é a primeira vez que isso acontece, e não vai ser a última. As Olimpíadas são mais importantes que o Campeonato Mundial Juvenil, é óbvio. Elisa é uma

patinadora individual da categoria feminina, uma carreira que atinge seu ápice bem antes do que a de dança no gelo. Daqui a quatro anos, se tudo sair como planejado, vou participar das Olimpíadas pela primeira vez também.

— Bom, não queremos te prender — diz a mãe de Sadie.

Ela passa os olhos pela recepção, provavelmente para ter certeza de que Elisa ou meu pai não estão mesmo por aqui. Jackson e a mãe já foram embora.

— Sadie, você foi ótima hoje. Te vejo quando voltar.

Tranco as portas que levam à pista atrás delas; essa é a última aula que vou dar por um tempo. É triste, mas necessário. Desligo as luzes da recepção antes de virar a placa na entrada de ENTRE, ESTAMOS FUNCIONANDO para SINTO MUITO, ESTAMOS FECHADOS.

Enquanto meu pai e Elisa estiverem em Pequim para participar dos Jogos Olímpicos de Inverno, vamos receber os outros atletas e seus técnicos nos preparativos para o Mundial Juvenil. Meu pai sempre foi capaz de cativar as pessoas, sobretudo aquelas que conhecem o legado da nossa família. Organizamos acampamentos de treino de elite aqui há anos e, antes da minha mãe morrer, ela estruturava acampamentos intensivos de verão que eram famosos por levarem os atletas a um outro patamar. A perspectiva de treinar na nossa pista lendária sempre foi atraente demais para qualquer um resistir.

As taxas que meu pai negociou com cada técnico são quase o dobro do que costumamos cobrar pelas aulas de patinação, festas de aniversário e competições de hóquei. E, por mais que eu odeie isso, odeie decepcionar nossos alunos e todas as pessoas que apoiaram Kellynch ao longo dos anos, não tinha a menor chance de a gente se dar ao luxo de recusar um dinheiro desses. Porque, por mais famosa e bem-sucedida que seja nossa família, temos o péssimo hábito de gastar bem mais do que ganhamos. Tipo, *muito* mais.

O Rince Kellynch foi aberto pelos meus bisavós muito antes de meu pai começar a patinar. Nos últimos cinquenta anos, se tornou o clube de maior prestígio do país. Já conquistamos mais medalhas em Mundiais e Olimpíadas do que alguns países, a maioria das quais pertence aos meus pais, e temos instalações de ponta. Meu pai não aceita nada menos.

Seria *impossível* para ele trabalhar em um lugar inferior ao que se espera de um campeão olímpico, do patriarca da família mais famosa da patinação no gelo. Não haveria problema nenhum nisso se *também* não fosse impossível Walter Russo dirigir qualquer carro inferior ao que se espera que um campeão olímpico dirija, ou viver em uma casa inferior ao que se espera de um campeão olímpico da realeza da patinação no gelo.

Não há aluguel de pista ou aulas de patinação o bastante para compensar esse nível de gastos, e as coisas só pioraram à medida que o ano olímpico de Elisa se aproximava. Patinação no gelo é um esporte caro, não importa em que nível você está, mas o nível olímpico é outra história. Envolve técnicos, coreógrafos e consultores de estilo e maquiagem, sem mencionar a agência de publicidade que meu pai contratou para explorar todo o potencial do evento. Isso tudo resulta em uma quantia absurda de dinheiro que nós não temos. Por mais grana que entre, tudo é gasto.

Nosso negócio está com uma dívida enorme e precisávamos de soluções criativas, e até eu tenho que admitir que deixar os patinadores juvenis e seus treinadores invadirem a pista foi uma das melhores ideias que meu pai já teve.

Nossa casa fica no mesmo terreno que Kellynch, a poucos passos da pista em si, mas já estava lá muito tempo antes. Começou como uma casinha para a qual meus bisavós se mudaram quando juntaram dinheiro suficiente depois de imigrarem da Itália, mas cada geração foi aumentando o imóvel, acrescentando quartos e banheiros e uma piscina enorme no quintal dos fundos, uma academia no porão e uma sala de entretenimento no piso superior. Tem até um terraço onde dá para ver a pequena vila de Kellynch contra o rio Charles e além, com Boston ao longe no horizonte.

A parte original da casa tem um estilo tradicional, com paredes de tijolo e venezianas escuras nas janelas, mas o resto da construção é uma mistura de estilos e tendências: ultramoderna de um lado, resultado da reforma que meus avós fizeram na década de 1990, e estilo fazenda chique do outro, onde meus pais construíram antes de minhas irmãs e eu nascermos. É um pouco doida quando você olha, mas eu adoro.

O que eu não adoro é que, assim que cruzo a porta da frente, sou atingida por uma parede de ruídos que rivaliza com as plateias mais barulhentas diante das quais já competi. Tem pelo menos uma dúzia de pessoas zanzando no vestíbulo, duas segurando microfones peludos acima das outras, e mais duas com câmeras apoiadas nos ombros, que focam meu pai de diferentes ângulos.

Alugar a pista era uma coisa. Este circo, por mais bem que pague, é uma história totalmente diferente. As equipes de filmagem vêm nos acompanhando nos meses que antecedem os Jogos. Quando Tamara Jackson, a presidente da Federação Olímpica dos Estados Unidos, abordou nossa família com a oferta de produzir um reality show estrelando meu pai e Elisa, ele não hesitou. Era uma grana razoável; não o suficiente para nos tirar do vermelho, mas o volume de publicidade era demais para meu pai e minha irmã recusarem. Eles *vivem* pela publicidade.

Só que isso transformou nossa vida em uma insanidade total. Sempre tem alguém olhando, e isso deixa meu pai e minha irmã ainda mais inseguros com o que estão vestindo e como ficam na câmera. Tenho quase certeza de que nenhum deles repetiu uma roupa nos últimos seis meses.

Abro caminho pela equipe agitada do bufê, que tira os móveis do lugar e arruma mesas, cadeiras e um bar no canto oposto onde geralmente fica nossa mesa de jantar. Estão preparando tudo para a festa de despedida de Elisa hoje à noite, e, entre o bufê e a equipe de filmagem, a casa parece um zoológico. Meu pai está coordenando o trânsito de pessoas, ao mesmo tempo que analisa o próprio reflexo no espelho acima da lareira.

— Qual lado fica melhor? — pergunta ele, com o cabelo loiro penteado para trás, enquanto passa um lenço de seda pela testa.

Levo um momento até perceber que está falando comigo. Inclino a cabeça, refletindo, e meu pai vira a dele de um lado para o outro para que eu possa avaliar.

— O direito — digo, gesticulando para o lado antes de passar pelo grupo e me dirigir para as escadas.

Ele assente e depois pisca para mim, avaliando meu cabelo preso em um coque bagunçado e minhas roupas suadas de patinação.

— Que roupa é essa, Adriana? Você *vai* pra festa hoje à noite, não vai?

— Claro que vou. Acabei de dar minha última aula.

— Dança no gelo? — indaga, com o que tenho certeza de que ele pensa ser uma voz puramente neutra.

Só que meu pai nunca é neutro, não quando se trata do que ele considera patinação no gelo de verdade, e dança no gelo com certeza não conta. Nunca contou.

— É. Enfim, eu ia tirar um cochilo, depois tomar banho e aí me arrumar — explico, sem disposição para ter a mesma velha discussão. Estou cansada demais.

— *Argh!* Cadê a Adriana? Preciso dela! — A voz de Elisa atravessa o cômodo antes de ela aparecer em meio à multidão.

Elisa é meu oposto em todos os sentidos. Mesmo minha irmã sendo um ano mais velha, sou pelo menos quinze centímetros mais alta, com meu um metro e setenta e seis. Ela tem cabelo loiro dourado que cai em ondas sobre os ombros, um contraste grande aos meus cachos escuros. A única coisa que temos em comum são os olhos cor de mel, exatamente como os da nossa mãe.

— Tô aqui — digo, saindo de trás de um cinegrafista corpulento, que gira para enquadrar nós duas na gravação.

Ela me pega pelo pulso e puxa com insistência em direção à escada; mesmo com a vantagem das pernas mais compridas, preciso correr para acompanhar o ritmo dela.

— Preciso que você dê uma olhada na minha mala. Não sei como esperam que eu faça a mala pras Olimpíadas e me prepare pra festa hoje à noite. Tipo, não tem a menor chance de lembrar tudo o que eu preciso. Essa lista que mandaram pra gente é tão estressante — reclama Elisa enquanto passamos pela porta do quarto dela.

Ela tira a lista de cima da cômoda e a enfia na minha frente antes de fechar a porta na cara do cinegrafista, que sofria para nos seguir. Acho que Elisa não quer isso gravado.

Pego a lista e depois olho ao redor do quarto. Está um desastre total. Há roupas por todo lado, espalhadas pelo chão, pela cama e pelos móveis. Todas as gavetas da cômoda estão vazias, e há cabides no closet sem nenhuma peça pendurada.

— *Hum*, o que você já fez? — pergunto, mas logo encontro a resposta eu mesma.

As duas malas de Elisa estão no meio da cama e completamente vazias. Nada. Ela não fez nada.

— Tirei tudo — diz minha irmã, se jogando de volta na chaise longue no canto do quarto.

Suspiro e dou uma olhada na lista. Não é nada absurdo. Só um cronograma dos planos de treinamento até os Jogos e os eventos para os quais eles vão precisar de roupas mais arrumadas. Mamãe sempre se sentava com a gente para fazer as malas para os campeonatos, mas, depois que ficou doente, faleceu, começamos a fazer isso juntas. No caso de Elisa, porém, em geral significa que eu faço a mala enquanto ela supervisiona.

Coloco a lista sobre um espacinho livre na cama dela.

— Tá bom, eu ajudo, mas você tá sentada em uma pilha de leggings.

Ela solta uma risadinha e pega a bola de tecido preto, que joga para mim. Antes que eu a pegue, Elisa tira o celular e começa a digitar na tela.

— O Brayden falou alguma coisa? — pergunta ela, sem tirar os olhos do celular enquanto eu desembaraço as leggings e as enrolo direitinho em um canto da mala.

— Sobre o quê? — questiono, franzindo o nariz.

Brayden Elliot é meu parceiro de dança no gelo. Tem 18 anos, e ele e Elisa tiveram um *rolo* quando nós começamos a patinar juntos, dois anos atrás.

A coisa não terminou bem.

Não que algum dos *rolos* que Brayden já teve com qualquer garota tenha terminado bem. Não sei dos detalhes — e nunca, jamais, quero saber, muito obrigada —, mas sei que foi ele quem terminou. É sempre Brayden que termina esses *rolos*. Mesmo assim, de alguma forma, minha irmã, que provavelmente poderia ter qualquer cara que ela quisesse, parece continuar alimentando esperanças de que ele mude de ideia algum dia.

Para ser sincera, eu não entendo. Brayden é um ótimo parceiro de dança, um cara legal e um gostoso inegável, mas, se a expressão *boy lixo* estivesse no dicionário, haveria uma foto dele bem do lado da definição.

— Ele perguntou de mim?

— Não vejo o Brayden desde o treino hoje de manhã.

Não é bem uma resposta, e fico torcendo para Elisa não perceber. Não quero mesmo ter que dizer “não, o Brayden não falou nada, porque não está mais interessado em você”.

— Você não deveria estar preocupada com o Brayden. Você vai pras Olimpíadas.

— É, e no momento tô tentando não pensar em como todo o legado da nossa família tá nas minhas costas, valeu. Então... o Brayden perguntou de mim?

Ah, então ela percebeu. E beleza, é justo. Tudo bem, distrações.

— Ele não falou nada — conto. — Mas a mãe da Sadie Mortenson te desejou boa sorte.

É, acho que isso não ajuda muito.

Elisa funga e continua a mexer no celular.

— Ele nunca confirmou se vinha ou não hoje. Mencionou a festa durante o treino?

— Ele disse que ia tentar dar uma passadinha.

O que eu não digo é que Brayden falou que tentaria dar uma passadinha depois de se encontrar com a garota com quem está tendo o *rolo* mais recente. Só que não tem a menor chance de eu contar uma coisa dessas para Elisa sem causar uma implosão total.

— A gente tá treinando bastante. Talvez ele queira se divertir um pouco hoje.

— Ele me deve no mínimo um “boa sorte”. Eu vou pras Olimpíadas.

— Ela solta um suspiro longo, depois vira a chave, sem dúvida lembrando que não quer pensar nesse assunto. — Você não se arrepende de ter mudado pra dança no gelo? Vai demorar pelo menos mais quatro anos pra ter uma chance de ir.

É uma conversa muito antiga que sempre volta para um ponto importante.

— Você sabe que eu sou alta demais pra qualquer coisa que não seja dança no gelo — argumento, seca, como fiz toda vez que alguém tocou nesse assunto na última década.

Elisa tira os olhos da tela por um instante.

— Que seja. Se ele não aparecer hoje à noite, diz pro Brayden que...

Seja lá o que preciso dizer para Brayden, é interrompido pela porta do quarto se abrindo. Nossa irmã mais nova, Maria, entra voando, fechando-a com tanta força que as paredes estremecem.

— O Charlie é horrível e não aguento mais ele — choraminga, marchando diretamente até Elisa e se jogando no espaço vazio na chaise ao lado dela.

Maria é apenas dois anos mais nova que eu, mas, às vezes, esses dois anos parecem vinte. Charlie é Charles Monroe Jr., seu parceiro de patinação.

Ela faz patinação de duplas, que é quase tão aceitável quanto a patinação individual, pelo menos de acordo com nosso pai. Minhas duas irmãs herdaram o cabelo loiro dele, a estatura pequena da nossa mãe e a crença firme de que dança no gelo não se encaixa de verdade no esporte da patinação no gelo. Pelo visto, só é um esporte de verdade se você lançar o corpo no ar enquanto gira que nem doido. Diferente de papai, porém, as duas não se incomodam com minha escolha de modalidade, já que assim nunca competimos diretamente umas com as outras. Mamãe amava isso, já que não tinha que se preocupar em escolher alguém para torcer; e, se todas as suas meninas só entrassem e fizessem seu melhor, ela sabia que voltaríamos para casa com três medalhas de ouro.

— O que foi agora? — pergunta Elisa para Maria, que se encolhe ao lado dela.

Ao mesmo tempo, Elisa encontra meus olhos e revira os próprios em um gesto dramático. Não costuma ter paciência para os draminhas da nossa irmã mais nova, mas, pelo jeito, isso é uma distração decente o bastante para ela neste momento.

— Ele só tá ali, todo gostoso e legal e... por que ele tem que ser gay?

— Sei que é difícil — consola Elisa, apertando os ombros da nossa irmãzinha. — Mas talvez seja melhor. Misturar parceria com romance às vezes é complicado. Nunca dá certo, né, Adriana?

Congelo. Minha barriga se revira e o ar estala ao meu redor. Elisa me encara, esperando que eu concorde e diga para Maria que é melhor mesmo não namorar seu parceiro de patinação, porque é verdadeiramente um bom conselho. Não tem nada de sugestivo na voz dela. Elisa não está falando... *dele*. Acho que nem deve se lembrar do

crush que eu tive antes de ele sair, antes de eu o forçar a sair. Na verdade, conhecendo minha irmã, ela nem deve se lembrar do garoto.

*Ele é Freddie O'Connell, meu antigo parceiro, antigo melhor amigo e primeiro crush.*

Dois anos atrás, eu cheguei à minha altura atual e ele mal me alcançava. Aos 16 anos, nada garantia que Freddie cresceria o suficiente para formar uma parceria bem-sucedida comigo na dança no gelo. Então tive que tomar uma decisão.

Foi a escolha mais difícil que eu já fiz na vida: deixá-lo e começar uma parceria com Brayden Elliot.

Agora, Freddie patina com uma amiga minha, Riley Monroe, e os dois têm tido bastante sucesso. Tanto que também vão participar do Campeonato Mundial Juvenil, depois de treinar aqui em Kellynch, começando amanhã.

Afasto esse pensamento, como tenho feito desde que papai nos contou sobre o arranjo com o restante da equipe do Mundial Juvenil, ignorando o fato de que Freddie logo vai estar aqui, na mesma pista que eu. O mundo da dança no gelo é pequeno. Não tenho conseguido evitá-lo por completo, porém não somos mais amigos. Acho que dá para contar em uma só mão o número de palavras que trocamos desde o último dia de treino dele em Kellynch.

A última vez que o vi foi no Campeonato Nacional, quando Brayden e eu derrotamos Riley e ele na disputa pelo ouro. Freddie fez o que se deve fazer: apertou minha mão e murmurou um “parabéns” antes de eu subir no pódio e receber minha medalha. Ele nem me olhou no olho. Não que eu possa julgá-lo por isso, na verdade.

— O que você acha?

A voz de Maria atravessa meus pensamentos. Apenas segundos se passaram. Pisco, afastando as memórias, e foco a minha irmã.

Pego um vestido na cama de Elisa, um curtinho de paetê vermelho que tenho quase certeza de que na verdade é meu. Eu o dobro em um quadrado perfeito e o coloco na mala da minha irmã mais velha, depois me viro para a mais nova.

— Você merece uma pessoa que queira estar com você tanto quanto você quer estar com ela.

Maria pisca uma vez, depois duas, antes de desabar e lágrimas começarem a se formar nos cantos dos olhos dela, as bochechas muito coradas.

— Mas eu não consigo evitar. Amo o Charlie.

Ela se levanta da chaise e começa a andar de um lado para o outro no quarto.

Elisa se levanta e vai para perto de mim com a graciosidade da patinadora olímpica que é. Pega o vestido que coloquei na mala.

— Toma — diz ela, oferecendo a peça para Maria. — Usa isso na festa hoje à noite. Vou usar branco, e o vestido que escolhi pra Adriana é azul. Vai ficar perfeito pras fotos. Vou fazer seu cabelo e sua maquiagem e a gente vai encontrar alguém que vai valorizar como você é absolutamente deslumbrante.

Maria arrasta Elisa para fora do quarto, atravessa o corredor e entra no dela, me deixando sozinha com duas malas quase vazias. Olho ao redor, para as coisas que preciso guardar nelas até amanhã, ainda espalhadas por todo canto, e suspiro antes de pôr a mão na massa.

## Capítulo 2

A FESTA JÁ ESTÁ bombando quando desço as escadas, de banho tomado e roupas limpas; troquei o equipamento de patinação pelo vestido azul que Elisa escolheu. O gosto dela para roupas pode ser bem caro, mas é bom. O tecido sedoso tem um caimento agradável e vai até metade das minhas coxas, e meu cabelo está preso em um coque de bailarina, já que não tive tempo suficiente para fazer uma escova.

Um bocejo toma conta do meu rosto e tento escondê-lo com a mão. Também não tive muito tempo para tirar um cochilo.

Vejo um monte de rostos familiares: amigos de Elisa, amigos do meu pai, patrocinadores, agentes, representantes da NFSC e da USOF e a equipe de filmagem com suas câmeras, que capturam o espetáculo estonteante de uma festa de despedida olímpica digna de uma rainha. A música retumba pelas caixas de som, uma compilação de jazz instrumental que parece familiar, mas cujo nome não sei.

O bufê está repleto de bandejas de bebidas e aperitivos que parecem bem mais chiques do que os palitos de muçarela e as tirinhas de frango que costumamos vender na lanchonete do rinque. Massa folhada provavelmente recheada com lagosta e regada a azeite trufado e todo tipo de coisas caras que Elisa e papai julgaram necessário.

Estou prestes a dar o último passo e ir à luta quando duas vozes abafadas sobem a escadaria. Não consigo ver de quem são — estão na lateral da escada e com certeza não conseguem me ver. Mas uma é quase tão familiar quanto a minha.

— E não vai ser difícil conseguir uma hipoteca? — pergunta meu pai, embora não pareça muito uma pergunta.

— O terreno em si tem um valor alto. Além disso, uma casa nesta região, considerando o distrito escolar e a proximidade com Boston? Se você tivesse que vender, iria mais do que recuperar o custo.

Uma hipoteca. O lugar onde moramos. O lugar onde treinamos. Meu lar.

Esse foi nosso único conforto nos últimos anos à medida que as contas iam aumentando. Éramos proprietários da casa, do ringue e do terreno, sem nenhuma pendência.

Será que as coisas pioraram tanto que vamos ter que arriscar isso?

Sinto a pele formigar e uma onda de calor desconfortável percorre meu corpo. Esfrego as mãos na seda da saia, mas depois as fecho com força, sentindo as unhas se enterrarem nas palmas. Vestido idiota. Festa ridícula. Tudo completamente desnecessário e, enquanto isso, corremos o risco de perder tudo. O sangue ruge nos meus ouvidos.

As vozes se dissipam enquanto eu tento me acalmar, desesperada. Preciso de um copo d'água, água gelada. Avisto o bar no outro lado da sala e vou até lá. O bartender ergue as sobrancelhas quando peço apenas água gelada, mas coloca o copo na minha frente, que eu viro de uma vez só, e peço mais. O bartender bufa desta vez, debochado. Ele deve estar acostumado a ver pessoas entornando tequila e vodca desse jeito. Termino o segundo gole, depois respiro fundo, devagar, e solto o ar aos poucos.

Preciso me controlar. Há câmeras por todo lado e ainda mais olhos. Pessoas que me conhecem bem o suficiente para saber com apenas um olhar que tem algo muito errado.

— Já falo bastante pra você sorrir no gelo, tenho que fazer isso fora dele também?

Eu me viro para a esquerda, onde está minha treinadora, Camille Radinski, segurando uma bebida que, com certeza, não é água. Há um guarda-chuvinha rosa fluorescente enfiado na fatia de laranja encaixada na boca da taça, que contém uma mistura rosa e borbulhante. Camille é minha treinadora há eras, mas está na minha vida faz ainda mais tempo. Ela e minha mãe eram melhores amigas. Também é minha madrinha, assim como de Elisa e Maria, mas elas nunca foram tão próximas.

— Isso que é festa — comento, incomodada.

— Sua mãe teria adorado.

Bufo, incrédula. Minha mãe não teria gostado de uma festa tão insanamente cara, mas, por outro lado, se ela tivesse planejado isso, as coisas nunca teriam chegado a esse ponto.

— Você se esquece, Adriana, que eu a conhecia melhor do que ninguém, até mesmo você. Ela adorava uma boa festa.

— Eles não deveriam deixar a festa pra depois que voltarem? Sabe, talvez depois de a Elisa ganhar de verdade.

Camille aperta os lábios, um sinal evidente de que concorda comigo, mas não quer falar mal do meu pai na minha frente. Minha irmã tem boas chances de medalhar em Pequim. Faria muito mais sentido dar uma festa quando isso acontecer, e talvez nesse caso a gente tivesse dinheiro de verdade para pagar por ela. Medalhas olímpicas significam patrocínio, empresas grandes com dinheiro para distribuir por aí. E é isso que poderia enfim nos tirar dessa situação. Papai não teria que hipotecar a casa e...

— Mas pensa só — diz Camille, me arrancando do turbilhão de pensamentos, uma habilidade que ela aperfeiçoou na década em que trabalhamos juntas. — Daqui a quatro anos, vamos dar uma festa de despedida pra você.

— Não — falo, balançando a cabeça.

Festas deste tipo não são a minha praia. Não sei nem se ia querer uma se ganhasse uma medalha. Só de pensar fico nervosa, e esfrego a mão suada na saia do vestido.

— Celebrar é importante, Adriana, principalmente uma coisa tão grande e transformadora como sua primeira participação nas Olimpíadas. Se a Elisa não estivesse indo para Pequim, eu teria insistido em uma festa como esta para você e seus colegas de equipe que vão para Paris.

— Paris — repito, incapaz de tirar o sorriso do rosto. — Vai ser, de longe, o maior e mais legal lugar pro qual já viajei pra competir.

— Vai mesmo — concorda Camille.

Ela dá um gole na bebida, murmurando satisfeita ao sentir o gosto do líquido rosa borbulhante, seja lá qual for. A pausa faz minha mente voltar para onde estava antes.

— Sabia que meu pai está pensando em hipotecar a casa?

Camila tosse, levando a mão ao nariz, para onde eu suspeito que foi um pouco da bebida.

— Ele te disse isso?

— Eu ouvi ele falar — respondo, cautelosa, sem querer levar um sermão sobre bisbilhotar a conversa alheia, o que desviaria o assunto.

— Você não deveria se preocupar com isso — diz Camille, mas de testa franzida, com os lábios cerrados em uma linha fina. Confusão.

Ela não sabia. Isso quer dizer que meu pai não contou para ela, o que significa que ele não quer a opinião de Camille porque sabe que é uma ideia de merda.

— A gente não pode deixar ele fazer isso — protesto, sentindo o pânico crescer de novo. — A gente pode perder a casa, o rinque, tudo.

— Adriana, respira. Nada disso é responsabilidade sua. Vou falar com ele, tá bom?

Sinto o nó na garganta se afrouxar. Camille sempre consegue convencê-lo. Ela é mesmo a única pessoa que meu pai ainda escuta.

— Agora, sorria. Sua irmã está vindo — alerta Camille, os olhos focados além do meu ombro.

Eu me viro e vejo a multidão abrir caminho enquanto Elisa desliza na nossa direção com o macacão *off-white*, o cabelo loiro brilhando sobre os ombros.

Ela abre um sorriso para Camille antes de se virar para mim.

— O Brayden já chegou?

— Não vi ele.

— *Argh*, queria que ele estivesse aqui na hora do brinde, pras câmeras conseguirem filmá-lo. Faz um favorzinho? Vai lá na cozinha e diz pra segurarem o brinde por mais uma hora ou até o Brayden aparecer?

O tom dela sobe no fim da frase, mas não é uma pergunta.

— Eu vou... — começa Camille, mas balanço a cabeça.

— Obrigada — diz Elisa. Então seus olhos se fixam em algo atrás de mim. — Ah! Aqueles são os representantes da Nike! Preciso ir lá falar com eles.

Ela vai embora antes que qualquer uma de nós possa responder.

Reviro os olhos para Camille e deixo meu copo vazio na bandeja de um garçom que passa, depois abro caminho pela multidão rumo à cozinha, nos fundos da casa. Garçons de calça e camisa pretas praticamente correm de um lado para o outro pela passagem em arco,

esvaziando as bandejas e enchendo-as de novo ao passo que uma fornecedora frenética grita ordens.

— Oi — falo, tentando chamar a atenção dela.

É evidente que a mulher não me ouve enquanto arruma uma bandeja de cogumelos recheados antes de passá-la para mim sem olhar.

— Ah, não, desculpa — digo, recusando a bandeja, e a fornecedora se vira para me encarar, confusa. — Eu sou a Adriana, irmã da Elisa. Ela disse que é pra segurar as taças de champanhe por enquanto. Ainda está esperando umas pessoas chegarem.

A fornecedora fica vermelha.

— Nós já servimos o champanhe. A bebida vai perder o gás. Como é que eu vou... — Ela para de falar, encarando o vazio, como se eu tivesse destruído todas as esperanças de uma noite de trabalho tranquila.

— Sinto muito — replico, mordendo o lábio, e tento pensar em uma solução que não vá fazer Elisa ter uma síncope. — Não deve demorar muito.

Pego o celular, digito uma mensagem e a envio, torcendo para que o destinatário a veja logo.

Ouçõ uma vibração quase que de imediato. Dou meia-volta e, do outro lado da sala, lá está Brayden, encostado na mesa da cozinha, com um sorriso charmoso no rosto e já com uma taça de champanhe pendendo dos dedos. Ele é alto, fácil de avistar na multidão de garçons, com seu cabelo loiro-areia bagunçado, ombros largos e músculos flexíveis, forte o bastante para me erguer enquanto deslizamos sobre o gelo. Um cacho charmoso cai sobre a testa dele, a única coisa manchando a pele com subtom oliva, e os olhos azuis brilham para uma das garçonetes. Ela também é loira, com o cabelo preso em uma trança embutida, e o escuta com muita atenção. Então ele sorri, e juro que consigo ouvir o suspiro da garota daqui da cozinha.

— Esquece — digo, me virando de volta para a fornecedora. — Pode começar agora.

— Coloca essas taças nas bandejas e vai distribuindo — ordena a mulher.

Os garçons, mesmo a que estava dando risadinhas com Brayden, obedecem na hora.

— Ei — chamo, indo em direção ao meu parceiro, pelo menos no gelo. — Você veio.

— Eu disse que ia tentar.

— Você disse que tinha um negócio, e isso geralmente significa que você fica ocupado... até o café da manhã.

Os olhos de Brayden brilham para mim enquanto ele dá de ombros, sem se incomodar.

— Ia ter uma festa da república dela, alguma coisa com as aspirantes. Entrada proibida pra garotos.

— Da Universidade de Boston ou da Emerson?

— MIT, na verdade — responde ele com um sorrisinho convencido. — Até as gênicas me amam.

— Ou o nível acadêmico do MIT tá caindo.

— Aah, pegou pesado — reclama ele, sem conseguir parar de rir, o que também me faz rir.

Brayden desencosta da mesa e me oferece uma taça de champanhe da bandeja ao lado dele.

— Dom Perignon Rosé. Sabia que cada garrafa dessa custa tipo trezentos e cinquenta dólares?

Meus olhos voam para o balcão repleto de garrafas, numerosas demais para contar.

— Claro que você sabe disso, e claro que é caro — digo.

A raiva e o pânico que senti mais cedo sumiram, ofuscados por pura exaustão.

— A gente nunca vai se livrar dessa dívida se eles continuarem vivendo desse jeito.

— Ei, vai ficar tudo bem — garante Brayden. — Vocês vão estar cheios da grana quando eles voltarem de Pequim.

Assinto, sem clima para explicar ponto a ponto por que exatamente isso não deve ser verdade. Ele parece preocupado, mas também está inquieto e desconfortável. Brayden não tem paciência para conversas longas e sérias e, sendo sincera, no momento eu também não.

— Vem, a Elisa tava esperando você chegar pra brindar e quase fez a fornecedora ter um infarto.

— Ela tava me esperando? — pergunta ele, erguendo as sobrancelhas. — Por quê?

— Você sabe por quê — digo, pegando a taça que ele ainda está me oferecendo, e seguro sua mão livre. — Vamos lá, antes que a gente perca o brinde.

Seguimos uma fila de garçons de volta para a sala de estar, incluindo a garçonete com quem Brayden estava flertando. Ela nos olha de relance e faz uma careta quando vê a mão dele na minha. Pobrezinha. Não é comigo que ela tem que se preocupar. Brayden, porém, nem se toca, como sempre, e me puxa até a parede dos fundos assim que todos pegam uma taça e o tilintar de um garfo contra o cristal faz o barulho dar lugar a murmúrios.

Meu pai e Elisa estão no centro de tudo, com sorrisos brilhantes e taças erguidas na direção dos convidados.

— Senhoras e senhores — chama meu pai, e seu sorriso de alguma forma cresce conforme os olhos de todos na sala focam nele. Papai ama estar nos holofotes tanto quanto amava em seus dias de glória. Na verdade, acho que ama mais agora. — Quero agradecer cada um de vocês por vir celebrar um marco na história da família Russo. Uma atleta olímpica de segunda geração. Só queria que Guilia estivesse aqui para ver este dia. Sei que ela está olhando por nós agora.

Ele coloca um braço ao redor dos ombros de Elisa e beija a testa dela. Os convidados soltam um *owwn* suave e coletivo antes de ficarem em silêncio para que meu pai possa continuar.

— Como muitos de vocês podem atestar, o legado da nossa família é algo de que tenho um orgulho tremendo e não consigo pensar em ninguém mais digno do que Elisa para dar continuidade a ele em Pequim, trazendo honra e talvez uma ou duas medalhas para casa, para Kellynch. — Ele ergue o copo. — À Elisa.

— À Elisa — responde a multidão.

Todos dão um gole e aplaudem, e logo o ruído dá lugar a conversas outra vez.

— À Elisa — digo, batendo de leve meu copo no de Brayden, mas não tomo o champanhe.

Brayden bufa, mas faz o mesmo.

— À Elisa. Sabe, dá azar não beber depois de um brinde.

— Você quer que o programa da Elisa mostre a gente bebendo sendo menores de idade?

Ouço um ruído suave atrás de nós, o zoom de uma câmera focando. Eu me viro e vejo um cinegrafista a pouco menos de um braço de distância, com a lente apontada para nós. Indico o homem com a cabeça e Brayden ri um pouco.

— Bem pensado — diz ele. — Sabe, daqui a quatro anos, eles vão estar seguindo a gente, e eu já vou ter 21 anos.

— Boa sorte se quiser tentar me convencer a fazer isso.

Brayden ergue as sobrancelhas.

— Sério? Você sabe que a gente vai atrair atenção pra caramba, e pensa só: com o dinheiro que a gente vai ganhar, você não vai ter que se preocupar com o preço do champanhe na nossa festa da vitória. Imagina aqui comigo — pede ele, se posicionando atrás de mim, apoiando o queixo no meu ombro. — Essa gente toda aqui por nossa causa, medalhas de ouro no nosso pescoço. A Nike e a Adidas disputando para a gente usar as roupas de aquecimento deles.

Consigo imaginar. Claro como água. Sei que somos bons. Somos mais do que bons, na verdade. Competimos na categoria adulta do Campeonato Nacional este ano e quase vencemos. Mais quatro anos treinando juntos, quatro anos aperfeiçoando nossa conexão no gelo, mais quatro anos e esse título pode ser nosso. Esse e muitos outros. O ouro olímpico. Esse é o sonho.

— Quatro anos é muito tempo — rebato.

— Nem tanto — responde Brayden, a respiração roçando meu pescoço.

Involuntariamente, fico arrepiada.

Tem uma parte minúscula de mim, muito pequena, que fica pensando nisso. Sempre tivemos uma química incrível no gelo e, às vezes, não consigo deixar de pensar que seria igual fora dele, mas a curiosidade não supera o fato de que me envolver com Brayden seria uma péssima ideia por muitos motivos.

— Oi, pessoal — digo, me afastando ainda mais dele quando Maria se aproxima, acompanhada de Charlie.

Charlie tem 16 anos e é negro, com o cabelo trançado. Seus olhos castanho-claros vivem passeando de um lado para o outro, ávidos por assimilar tudo. Ele tem mais ou menos a minha altura, o que faz dele o parceiro perfeito para minha irmã minúscula, pelo menos no gelo. Maria

está com as sobrancelhas franzidas, os lábios formando uma linha fina, enquanto a expressão de Charlie, em geral agradável, exibe uma frustração nítida.

— Tudo certo?

— Tudo — responde Maria. — Estaria melhor se o Charlie falasse com o pai dele.

— Você sabe que eu já falei, mas ele tá sem tempo agora, com as Olimpíadas tão perto. Ele disse que ia pensar no assunto quando todos nós voltássemos de Paris.

Charles Monroe pai é empresário esportivo e um dos melhores no ramo. Ele representa meu pai e Elisa. Tecnicamente, também representa o resto de nós, mas, como atletas juvenis, ninguém está interessado em nos patrocinar. Ainda. Mas esta noite de fato deixou as coisas bem nítidas: o dinheiro de verdade está no patrocínio, o tipo de dinheiro que poderia nos ajudar a manter a casa ou, na pior das hipóteses, financiar meu treinamento quando eu tiver idade o suficiente para viver por conta própria.

— Viu só? — diz Brayden, cutucando meu ombro com o dele. — Não é cedo demais pra pensar no assunto.

— Obrigada — fala Maria, sorrindo para ele, mas depois se virando para Charlie. — Até o Brayden concorda.

O rosto de Charlie se anima um pouco quando ele se vira para Brayden. Ele tem um crush gigantesco e muito óbvio no meu parceiro, coisa que Brayden, sendo Brayden, não desencoraja nem um pouco, apesar de ser super hétero.

— Você acha mesmo, Brayden? — pergunta Charlie.

— Que mal tem explorar nossas opções com antecedência? — responde ele, dando de ombros casualmente e sorrindo para o garoto.

Tenho quase certeza de que, se ele fosse capaz de entrar em combustão espontânea, haveria pedacinhos de Charlie espalhados por todo o teto.

A multidão começa a diminuir ao nosso redor, e os garçons passam a recolher os pratos, guardanapos e taças largados em cada superfície livre da sala. Em pouco tempo, ficam só uns gatos pingados. Papai e Camille estão conversando em um canto. Elisa está com eles, começando a olhar ao redor, até sua atenção se focar em mim.

Ou em Brayden, na verdade.

Soltando um gritinho, ela deixa os dois conversando e corre até o nosso grupo.

— Brayden, você veio — diz ela, de alguma forma passando o corpo esguio no espaço entre nós.

Vou um pouco para o lado e encontro os olhos de Brayden acima da cabeça dela, lamentando ser encurralado.

— Você tava aqui na hora do brinde? Era pra Adriana ter segurado até você chegar.

Ela me encara com um olhar fulminante.

— Assim que vi que ele estava aqui, falei pros garçons seguirem em frente — digo, mas sou ignorada.

— Não acredito que vou para as Olimpíadas amanhã. Vou ser uma *atleta olímpica* — fala Elisa, entrelaçando o braço no de Brayden.

— Geralmente é assim que funciona — aponta ele, abrindo um sorriso forçado que não chega a alcançar os olhos.

— Não vai me desejar sorte? — pergunta Elisa de olhos arregalados.

— Você não precisa de sorte — responde Brayden, dando de ombros.

— Tem razão — concorda ela, com um sorriso brilhante, que desaparece quando o celular de Brayden vibra e ele se afasta por tempo suficiente para olhar a tela.

— Foi mal, galera, tenho que ir. Boa viagem, Elisa — diz ele, e depois se inclina ao redor dela para falar comigo: — Pensa no que eu disse. Te vejo amanhã.

Antes que eu possa responder, Brayden vai embora.

— O que ele disse? No que é pra você pensar? — quer saber Elisa enquanto todos nós vemos Brayden acenar para Camille e papai antes de desaparecer porta afora.

Balanço a cabeça.

— Nada de importante. Vem, a gente deveria ajudar a limpar.

Já é tarde quando a sala de estar chega perto de sua aparência normal, e passa das duas da manhã, bem depois de Elisa e Maria irem para a cama, quando os últimos garçons e a equipe de filmagem enfim saem da nossa garagem e desaparecem noite adentro.

Camille e eu estamos pegando as últimas sacolas de lixo para deixar lá fora.

— Me dá essas — pede ela. — Você está acabada. Vou adiar a sessão de treino de amanhã. Avisa o Brayden que eu não quero ver nenhum dos dois antes do meio-dia.

Balanço a cabeça.

— Não, não quero pegar leve tão perto assim. Todos os outros devem chegar aqui a uma da tarde.

— Tá bom — diz ela, cedendo, com desaprovação nítida no olhar, mas recupera o foco bem rápido. — Falando em *todos*...

— Camille... — alerta.

Eu bem que consegui esquecer esse assunto por um segundo, mas agora não tem mais nada para me distrair. Nenhuma aula para dar. Nenhum drama de família para resolver. Nenhuma festa caríssima para ir. Por mais que eu esteja apavorada com a nossa situação financeira, não tem nada que eu possa fazer a respeito disso hoje. Então não há nada me separando do fato de que Freddie O'Connell chega amanhã de manhã em Kellynch.

— É perfeitamente normal ficar nervosa com ele treinando aqui. Vocês dois já foram próximos e eu sei que o clima fica um pouco esquisito.

— Esquisito? Acho que dá pra dizer que ele ser perfeitamente educado e me ignorar é esquisito.

Camille suspira.

— Você tomou a melhor decisão que podia com a informação que tinha na época. Parcerias na patinação não são como bailes da escola. São escolhas de carreira. Sinto muito se eu...

— Não, eu não te culpo. Você me deu um conselho e eu aceitei. Isso não significa que ele não tem direito de sentir o que sente.

— Freddie tinha uma quedinha por você na época, e, se me lembro bem, o sentimento era recíproco.

— Eu tinha 14 anos e a gente era amigo. Nosso sonho era ir pras Olimpíadas juntos, e eu acabei com isso.

— Não é sua culpa ter crescido tanto.

— Não importa mais. Ele tá com a Riley e eu tô com o Brayden, e é assim que as coisas são.

— Bom, esse é um jeito muito maduro de lidar com a situação — comenta Camille, a voz cautelosa, como se não acreditasse que eu fosse

tão madura assim.

Ela não está errada.

— A gente vai pro Campeonato Mundial Juvenil. Deu tudo certo. De que outro jeito eu deveria lidar com a situação?

— Você tem o direito de sentir o que sente, Adriana. Tem o direito de sentir o que quiser por Freddie O'Connell.

— Exatamente — concordo —, e ele tem o direito de sentir o que quiser por mim.

— Você já tentou conversar com o Freddie sobre isso? Já faz anos.

Só balanço a cabeça.

— Eu nem sei o que eu diria. A única coisa na qual pretendo focar é ganhar o ouro. Todo o resto é só ruído.

Camille sorri.

— É isso que eu gosto de ouvir.

## Capítulo 3

ESTÁ CONGELANDO AQUI FORA. É claro que está. Estamos em Boston em pleno inverno. Pilhas de neve suja delineiam a rua na entrada da nossa garagem, e cada respiração condensa no ar, congelando assim que sai dos meus lábios. O sol não passa de um pontinho de luz no horizonte e o início da manhã tem uma atmosfera surreal que nunca vai embora, mesmo se você costuma acordar a esse horário.

Que é o meu caso.

Exceto que, normalmente, já estou no ringue, me aquecendo para a primeira sessão de treinamento do dia. Em vez disso, estou na calçada, balançando da ponta dos pés ao calcanhar, tentando impedir que minhas pernas congelem debaixo da calça leggings fina que vesti de manhã, sem me dar conta de como isso ia demorar.

Papai e Elisa vão partir para Pequim.

Se fosse qualquer outra competição, eles só entrariam no carro e iriam para o aeroporto, mas as coisas não são tão simples assim, não quando se trata das Olimpíadas e não quando se tem uma equipe de filmagem pela casa. Um monte de fãs está do outro lado da rua com cartazes e bichinhos de pelúcia, do mesmo tipo que eles jogam no gelo depois de uma apresentação bem-sucedida, e tem equipes de jornais locais preparadas perto deles. O cinegrafista está orientando o motorista, da maior limusine que eu já vi, sobre como ele quer que o carro estacione na filmagem. Papai e Elisa ainda estão dentro de casa, porque parece que precisam sair pela porta bem no momento em que o carro estacionar.

— Vai demorar muito? — resmunga Maria ao meu lado, esfregando as mãos nos braços com fervor. — Se eu ficar parada aqui fora por muito tempo, vou ficar doente. Minha garganta já tá inflamada.

Não respondo minha irmã. Deve ser a décima vez que ela pergunta, e ainda não faço ideia da resposta, mas uma parte de mim quer saber

como ela aguenta o treinamento se o frio a deixa doente.

Então, finalmente, as coisas parecem entrar nos eixos. O motorista da limusine volta para o final da rua. O diretor sai do quadro e faz sinal para que a multidão comece a vibrar, depois faz um sinal de positivo na direção da casa. Seguindo a deixa, Elisa e papai saem pela porta, cada um puxando uma mala com uma das mãos e acenando para os fãs e as câmeras com a outra, exibindo sorrisos largos e dentes brancos.

— Parece que eu cheguei bem na hora — murmura uma voz logo atrás de mim. — Fui pro rinque e você não tava lá.

— Por favor, não estraga a gravação — digo, com os dentes cerrados em um sorriso, sem olhar para Brayden. Levo uma das mãos à boca, tentando assoprar para esquentá-la. — A gente já tá aqui fora faz uma hora.

— Uma hora? — questiona ele, mais alto do que eu gostaria.

Então Brayden pega uma das minhas mãos e a esfrega nas dele, e começo a senti-la de novo depois de alguns segundos.

Elisa e papai já chegaram à entrada da garagem, mas passam por nós, como deveriam, em direção aos fãs do outro lado da rua, onde vão posar para fotos por um minuto enquanto a equipe do documentário faz as filmagens de que precisa do público cheio de adoração.

Brayden passa a esquentar minha outra mão quando o carro estaciona, e o motorista da limusine salta do veículo e acomoda as malas, metade das quais já estão no porta-malas.

— Então isso tudo é um teatrinho? — pergunta Brayden, soltando uma risada abafada.

Enfim consigo sentir todos os dedos, então recolho a mão.

— É.

— Não acredito que veio tanta gente! — exclama Elisa, atravessando a rua de volta para nós, com os braços cheios de bichinhos de pelúcia. — Brayden, você saiu cedo da cama só pra se despedir?

Ele abre a boca para dizer que *sempre* acorda cedo para treinar, mas Elisa não lhe dá a oportunidade.

— Adriana, você pode segurar esses? — Ela enfia os brinquedos nos meus braços. — Prometi que ia mandar fotos autografadas pra todos os fãs, então você pode pegar os contatos deles depois que a gente sair?

— Claro — respondo, ajustando a pegada em um elefante rosa pastel que ameaça cair dos meus braços no monte de neve suja aos meus pés.

— Me dá isso aqui — fala Brayden, pegando os bichinhos de pelúcia, enquanto Elisa se vira para acenar aos fãs que vibram pelo meu pai quando ele finalmente se volta para nós.

Um homem com uma câmera apoiada no ombro, acompanhado por outro com um microfone boom posicionado acima das nossas cabeças, se aproxima pelo mesmo ângulo que a outra câmera está filmando.

— Então é isso — diz Elisa. — Me desejem sorte!

— Você vai arrasar — garante Maria enquanto elas se abraçam, a potencial inflamação de garganta completamente esquecida agora que Elisa está na frente dela. — Vou sentir muita saudade. Traz alguma coisa da China pra mim.

Elisa ri, se afastando.

— Vou te trazer uma medalha de ouro, pode ser?

— Boa sorte — desejo quando ela se vira para mim, e trocamos um abraço apertado. — A gente vai assistir.

Dou mais um abraço nela antes de soltá-la e fungo, tentando fingir que é por causa do frio aqui fora. Podemos não ser mais tão próximas, porém tenho mesmo muito orgulho do que ela conquistou. Minha mãe também teria. Quero dizer isso a Elisa, mas não consigo encontrar as palavras certas.

— E você, Brayden, vai assistir? — pergunta Elisa enquanto papai e Maria se abraçam, mas não escuto o que ele diz, e meu pai volta a atenção para mim.

Quero perguntar sobre o que escutei na noite passada. Quero saber quão ruins as coisas estão. Mas as palavras ficam presas na minha garganta.

— Cuida bem deste lugar e da sua irmã — diz ele —, e obedeça a Camille.

— Eu vou, prometo — respondo.

Então os dois entram no carro, como o diretor queria, com os fãs ainda vibrando e acenando, nos deixando na calçada enquanto a limusine desaparece ao longe.

A multidão continua na rua, provavelmente para se certificar de que vou pegar as informações de contato de todos, mas a equipe de filmagem

começa a guardar as coisas ao nosso redor e de repente me ocorre que eles também vão embora.

Durante meses, Kellynch foi um zoológico de atividades com nossas aulas de sempre, as gravações do programa e todo o hype olímpico, mas agora seremos só Maria e eu na casa, com Camille aparecendo de vez em quando para se certificar de que não vamos incendiar o lugar.

Não vai durar. Quando a tarde chegar, seremos invadidos pela equipe do NFSC para o Mundial Juvenil e seus treinadores. Mas só à tarde — até lá, quero saborear o silêncio.

— *Hã*, onde é que eu coloco essas coisas? — pergunta Brayden.

Quando eu me viro para ele, meu parceiro continua segurando cerca de uma dúzia de bichinhos de pelúcia, e o elefante rosa desafortunado está no chão. Também há uma mancha enorme de batom vermelho na bochecha dele que vai quase até o canto da boca. Eu me agacho, pego o elefante e o coloco no topo da pilha.

— Coloca eles lá dentro. Vou pegar o contato desse pessoal e aí talvez, se a Camille não nos matar por chegarmos atrasados, podemos treinar de fato.

— Combinado.



— Mais uma volta — ordena Camille em seu lugar, encostada nas placas.

— Trinta minutos de atraso, trinta voltas.

Em geral, dar trinta voltas no rinko não seria tão ruim, mas são trinta voltas em que Brayden e eu precisamos estar perfeitamente sincronizados, e, tão cedo assim depois de uma festa na noite passada e de ficar parada lá fora no frio por tanto tempo, é um desafio.

Camille é uma das pessoas de quem eu sou mais próxima neste mundo, mas, quando pisamos no gelo, ela entra em um modo diferente. Deixa de ser minha madrinha doce e compreensiva e se transforma na melhor treinadora do mundo da dança no gelo.

— Bom, pelo menos a gente tá aquecido agora — diz Brayden baixinho, nossas passadas perfeitamente alinhadas enquanto fazemos a

última virada da volta final.

— Com certeza — concordo, e paramos diante de Camille, que assente em aprovação.

— Que horas é o voo? — pergunta ela quando nós dois pegamos nossas garrafas d'água e tentamos estabilizar a respiração.

Meu olhar vai até a parede oposta do ringue, além das fileiras de banners que proclamam, em letras garrafais, todos os campeões que treinaram em Kellynch nos últimos trinta anos. O relógio já passa das oito.

— Eles devem decolar daqui a um pouquinho.

— Pelo menos a nossa edição das Olimpíadas vai ser em Milão — diz Brayden. — Nada de voos de vinte horas pra gente. E a diferença de fuso da Itália é só de seis horas, igual a de Paris.

— Uma competição por vez, sr. Elliot — repreende Camille. — Melhor não agourar.

— Ah, Camille, você não acredita nessas coisas.

— Talvez não, mas isso não quer dizer que devamos ter nada como certo. Vocês evoluíram muito nos últimos dois anos, mas têm muito mais para aprender antes de subirem no topo daquele pódio olímpico, e o primeiro passo é vencer esse Mundial. Começando hoje, vamos repassar por completo os dois programas para podermos identificar pontos problemáticos antes de o restante da equipe chegar, principalmente Freddie O'Connell e Riley Monroe. Eles podem ser seus colegas de equipe, mas também são seus adversários, e não quero dar a eles uma injeção de confiança dissecando os pontos fracos de vocês enquanto os dois estiverem assistindo.

Nós a encaramos em silêncio.

— Que foi?

— Muito inspirador, Camille — digo, balançando a cabeça, mas sorrindo.

— De verdade — debocha Brayden. — Um discurso digno de vestiário do Super Bowl, ou, sabe, pelo menos uma montagem de vídeos dos treinos com música empolgante.

Revirando os olhos, ela devolve meu sorriso.

— Calem a boca, vocês dois, e podem começar.

Brayden pega minha mão e a aperta com força enquanto nós nos viramos e patinamos até o centro do gelo.

— Pronta? — pergunta ele.

— Vamos lá.

Menos de uma hora depois, estou ofegante e nossa música é interrompida no sistema de som do rink. É nossa terceira passada da coreografia e de longe a melhor dança livre desta manhã. O objetivo do próximo mês é fazer com que a primeira tentativa seja a melhor, porque é o necessário para ganhar o ouro em Paris e nos colocar a caminho das Olimpíadas.

— Melhor, muito melhor. Vocês dois ainda estão perdendo força no final dos twizzles — orienta Camille a alguns metros de distância. — Vocês estão perdendo força juntos, então menos mal, mas, se só um consertar isso, vai ser uma bagunça. E, Adriana, *expressão*.

Aceno com a cabeça, desacelerando até parar no meio do gelo enquanto Brayden desliza até a margem do rink para beber água. Sopro um cacho rebelde para longe dos olhos e depois jogo a cabeça para trás a fim de arrumar meu rabo de cavalo. É a correção que Camille me dá desde que comecei a patinar. Acho que não houve um único treino em que ela não me lembrou que não estou fazendo o suficiente para convencer o público com a coreografia. É tão comum agora que tudo que ela precisa fazer é dizer a palavra *expressão* quando quer me avisar que estou patinando com a cara fechada quando deveria estar transmitindo alguma emoção.

— Preciso ir — digo, patinando até Brayden.

Ele me passa a garrafa de água antes de limpar a boca.

— Vamos mais uma vez — sugere ele.

— As camas dos quartos de hóspedes ainda não foram arrumadas. Pedi pra Maria fazer isso ontem, mas tenho quase certeza de que ela não fez, e quero que tudo esteja pronto quando o pessoal chegar.

— Então, falando nisso... — começa ele.

— Se vocês dois não vão liberar o gelo, eu gostaria de ver aqueles twizzles mais uma vez. E lembre-se, Adriana — exige Camille, que toma a decisão por nós de repassarmos a coreografia, e depois aponta com a cabeça para a porta, por onde Charlie e Maria estão entrando, batendo papo. Eles vão usar o rink em seguida.

— Expressão! — completo a fala de Camille e depois me viro para Brayden. — Vamos mais uma vez — repito as palavras dele com um sorriso.

Depois que eu tomo um gole rápido de água, patinamos juntos até o ponto onde nossa sequência de twizzles deve começar.

— Vamos pegar impulso — digo, e começo a contar: — Um e dois e três...

Pegamos impulso juntos, girando em sincronia sobre o gelo. É importante acertar essa parte, ganhar velocidade através das rotações, porque a sequência vem logo antes de a música entrar em um crescendo avassalador que deve empolgar a plateia e puxá-la para dentro da segunda metade da coreografia. Nossa dança livre é embalada por um medley de *Game of Thrones* — é a série de TV favorita de Brayden — e nunca falha em levantar a plateia enquanto encenamos o romance trágico de Jon Snow e Daenerys Targaryen.

Pessoalmente, essa história de amor específica me enoja um pouco, mas os fãs e, mais importante, os jurados *amam* a coreografia toda vez, ainda mais quando eu consigo fazer parecer que a história *não* me enoja, o que eu acho que estou fazendo até que bem agora.

Depois de cinco *mais uma vez*, Camille enfim fica satisfeita com a velocidade e a sincronia dos nossos twizzles.

— Vai ter uma festa hoje à noite em Fenway. Quer ir? — convida Brayden enquanto deslizamos para fora do gelo.

— Festa de quem?

— Faz diferença? — rebate ele, rindo. — De uma galera que eu conheço.

— Tô de boa.

— Tá mesmo — concorda Brayden. — Boa demais.

— Bom trabalho hoje, vocês dois — elogia Camille, vindo até nós e me livrando da obrigação de responder.

— Um elogio! — exclama Brayden, chegando mais perto da nossa treinadora, com os olhos semicerrados. — Trocou de corpo com alguém?

Camille revira os olhos com carinho, e um sorriso velado aparece em seu rosto. Quando saímos do gelo, a treinadora austera some e volta a ser a mulher que praticamente me criou.

— Última chance — diz Brayden. — Mas você vai ter que voltar pra casa comigo pra eu me arrumar. Minha mãe ia adorar te ver. Ela gosta mais de você do que de mim.

Rio, em grande parte porque deve ser um pouco verdade.

— Tenho muita coisa pra fazer aqui. Mas divirta-se.

Ele se vai com um aceno, em direção ao vestiário, já checando o celular, provavelmente à procura de uma companhia para hoje à noite.

— Já montaram um cronograma de treinos? — pergunta Camille.

— Se você olhasse o seu e-mail, saberia que a gente terminou isso ontem.

— Não sei minha senha — protesta ela.

— Como você não sabe a senha do seu próprio e-mail? — questiono, balançando a cabeça. — A gente pegou o segundo horário.

— Era de se esperar que, como os únicos favoritos a ganhar o ouro, vocês se dariam o primeiro horário de treino — murmura Camille.

— Não quis que parecesse que a gente tava se dando prioridade só porque minha família é dona do lugar.

— Mas é.

— Tá, mas vai saber por quanto tempo?

Isso faz Camille parar e fazer uma careta.

— É uma pena vocês não terem nenhuma outra opção. — Ela sabe melhor do que ninguém o quanto precisamos de dinheiro. — Falei com seu pai ontem à noite, e você estava certa. Ele está pensando em hipotecar a propriedade. Parecia bem decidido, sobretudo se Elisa não medalhar.

— Ele disse isso pra ela?

— Não, é claro que não — responde Camille, e solta um suspiro pesado. — Sua mãe nunca teria deixado as coisas chegarem a esse ponto.

— Eu sei — concordo, resignada.

Tenho que me resignar, eu acho. Não posso controlar o que meu pai faz com o dinheiro dele. Ninguém pode e ninguém jamais poderia, exceto minha mãe.

Sinto falta dela praticamente o tempo todo. Ela está sempre no fundo da minha mente, mesmo depois de quatro anos, mas é impossível não pensar nela quando o assunto dinheiro vem à tona.

Quando minha mãe estava viva, cuidava de todas as finanças e sempre conseguia chegar a um acordo incrível em que ninguém sentia que precisava abrir mão de nada, mas as contas ainda eram pagas. Agora? Não é bem assim. Não que papai entre em detalhes, mas cuido de uma parte da nossa papelada, o suficiente para saber que as coisas não andam bem.

Depois de uma longa pausa, minha madrinha tenta uma abordagem diferente.

— Você vai ficar bem? Depois do que me disse ontem à noite, fiquei preocupada.

Camille para de falar e morde o lábio, uma expressão rara. Significa que está literalmente se segurando para não dizer algo, e ela quase nunca se segura. E, se não é sobre dinheiro, o que sei que não é porque está óbvio que ela não vê problema em falar disso, só pode ser sobre uma outra coisa.

— Você ainda tá preocupada com aquela história do Freddie? Já falei, tá tudo bem. Eu tô bem.

Ela ergue uma sobrancelha, em total descrença.

— Ter ele aqui de novo depois de todos esses anos... E, da última vez que Freddie esteve aqui, você estava passando por tanta coisa. Fico pensando se concordar com isso foi uma boa ideia.

— É muito dinheiro. Isso, mais o que a Elisa ganhar dos patrocinadores depois dos Jogos? Talvez a gente finalmente tenha um respiro. Como você disse, não temos nenhuma outra escolha. Assim como eu não tive dois anos atrás.

Camille assente e abre um sorriso forçado antes de ir embora.

Em casa, eu me permito um banho quente e longo, talvez mais longo do que deveria se quiser deixar tudo em ordem, mas a sensação é boa nos músculos depois do exercício intenso.

A NFSC estava tentando organizar alguma coisa por conta própria este ano, um acampamento para montar uma equipe, mas meu pai foi mais rápido: os contratos foram assinados e finalizados antes que os planos deles sequer pudessem decolar. É incrível como ele consegue ser veloz quando quer usar o legado dele para irritar a NFSC e ganhar uma grana no processo.

Todos vão ficar na Casa Kellynch. É uma construção vitoriana gigantesca que ficou adjacente à propriedade do rinque durante anos até meu avô comprá-la pouco antes do meu pai assumir o negócio da família. No mundo da patinação artística a chamam de Propriedade Kellynch, porque nós basicamente somos donos do quarteirão inteiro. Meu pai queria que a casa parecesse ter saído da revista da sociedade histórica, então, depois de uma reforma completa (da qual só tenho memórias vagas) que preservou a fachada, mas modernizou por completo o interior, nasceu a Casa Kellynch.

Ela é capaz de abrigar mais de uma dúzia de pessoas. Cada quarto tem duas camas de casal, com colchões com espuma de memória, duas cômodas e um banheiro contíguo, além de lençóis novos de linho para cada cama. Não é um hotel cinco estrelas, mas, até onde eu sei, está pelo menos pau a pau com um Hilton ou um Marriott. Quase todos na equipe vão ficar em Kellynch, mas a irmã — e treinadora — de Freddie, Georgia O'Connell-Croft, e o marido vão ocupar o quarto de hóspedes da nossa casa por enquanto, então essa é a missão número um, e depois o restante das camas de Kellynch precisa ser arrumado.

Em geral, temos uma equipe completa, mas, já que os treinadores de todos os atletas vão vir com eles, meu pai decidiu só deixar as pessoas cuidarem das próprias coisas quando chegarem aqui, e parecia um desperdício chamar a equipe de funcionários só para os preparativos. Posso fazer isso, e aí aumentamos o lucro, já que não teremos que pagar ninguém.

— Uma ajudinha seria ótimo — digo para Maria depois de trocar os lençóis no quarto de hóspedes e colocar itens de higiene novos no banheiro.

— Eu e o Charlie vamos sair pra fazer compras daqui a pouco.

— Compras? — pergunto, erguendo uma sobrancelha para ela.

Nós *não* temos dinheiro para compras agora.

— Não me olha assim. Ele quer comprar um cinto da Gucci e o pai dele finalmente cedeu, e eu tenho uns vale-presentes que ganhei no Natal e não usei.

— Tá bom, a gente precisa de cinco quartos prontos até a tarde. Se você me ajudar, tem um vale-presente da Visa na gaveta de cima da minha cômoda que você pode pegar. Tem pelo menos cem dólares lá.

Os olhos dela se iluminam na hora.

— Sério? Porque eu andei olhando uns sapatos lindos que eu ia amar levar pra Paris. Tipo, dá pra imaginar como as pessoas vão se vestir nas festas depois da competição? É *Paris*.

— Se você arrumar dois quartos, o vale-presente é seu.

Ela tira os lençóis e as toalhas do closet tão rápido que o resto cai no chão aos meus pés.

Não é difícil arrumar os quartos, mas, na metade do terceiro, a ficha cai. Esta noite, um deles vai pertencer em parte a Freddie O'Connell. Aposto que vai dividir o quarto com Ben Woo, um dos patinadores individuais. Eles são amigos próximos já faz um bom tempo. E uma dessas camas pode ser a de Freddie.

*Argh.* Estou sendo uma tarada. Quem liga para onde Freddie vai dormir? Eu não deveria ligar, e ele ficaria muito perturbado se soubesse que eu estava pensando nisso. Essa situação não deveria ter nada de novo. A gente já se cruzou por aí antes.

Mas nunca ficamos tão perto, e nunca por tanto tempo, lembro a mim mesma.

Podemos encarar isso com maturidade, certo? Ou talvez, sem maturidade, podemos ignorar um ao outro, assim como fizemos em todas as outras competições e eventos onde nos cruzamos nos últimos dois anos.

Talvez seja desse jeito. Ele fica na dele e eu fico na minha. Melhor assim, porque não existe a menor chance de a gente voltar a ser o que era antes. Éramos parceiros, porém, mais do que isso, éramos melhores amigos. Patinamos juntos por quatro anos. Ele me deu muita força quando minha mãe morreu. Até que dei as costas para ele e, mesmo que eu tenha tido um bom motivo, não deixou de ser uma traição que bagunçou a vida inteira dele e de muitos outros. Freddie se mudou para Atlanta para morar e treinar com a irmã e começou a patinar com a irmã gêmea de Charlie Monroe, Riley. A mãe de Charlie mora lá com ela em tempo integral, enquanto ele e o pai moram aqui em Boston. Não é o arranjo mais estranho entre famílias da patinação artística do qual já ouvi falar, mas não deixa de ser uma droga.

E, nesta tarde, todos eles estarão aqui.

Eu me viro e tenho um vislumbre de mim mesma no espelho pendurado atrás da porta. Tanto alvoroço, tudo porque eu cresci antes de Freddie. Porque, no fim das contas, ele acabou ficando mais alto. Menos de um ano depois, espichou; não ficou com a altura de Brayden, mas o suficiente para ser meu parceiro — e com certeza forte o bastante.

O que teria acontecido se eu tivesse *esperado*?

Naquela época, não parecia uma opção. Significaria que nós dois perderíamos uma temporada inteira, ou mais. Não teríamos ido para o Mundial Juvenil no ano seguinte. Quem sabe onde estaríamos agora? Onde eu estaria?

A porta da frente bate com tudo lá embaixo, e o som me traz de volta para o ambiente. Pela janela, vejo Maria saltitando porta afora na direção do carro de Charlie Monroe.

Quanto tempo fiquei parada aqui?

Dou uma olhada nos dois quartos que ela arrumou e reviro os olhos ao ver os edredons totalmente amassados antes de deixar as quatro camas perfeitas. Estou afofando o último travesseiro quando escuto o ruído de cascalho e neve suja cedendo sob os pneus.

Eles chegaram.

## Capítulo 4

EU OS OUÇO ANTES de vê-los.

Bom, na verdade, eu a ouço.

— Adriana! — grita Riley Monroe lá de fora, antes de irromper pela porta, deixando as malas atrás de si e correndo pela sala na minha direção enquanto desço o último degrau. — Nós vamos juntas pro Mundial!

Não tenho tempo para responder, já que ela toma impulso nos últimos metros que nos separam e pula, me obrigando a soltar o cobertor que estava carregando para poder segurá-la. Riley é só um ano mais nova que eu, mas é tão pequena que parece bem mais que isso. Ela mal chega a um e cinquenta de altura, e eu me sinto uma amazona quando ela me aperta em um abraço forte. Atrás dela, o pai, Charles, está erguendo as malas que a filha largou no chão quando cruzou a porta.

Riley é uma versão em miniatura de Charlie, com olhos castanhos brilhantes e pele escura, o cabelo estilizado em tranças apertadas presas em um rabo de cavalo denso.

Crescemos juntas aqui em Kellynch. Ela se mudou para Atlanta com a mãe dois anos atrás, depois do divórcio dos pais. Tem sido difícil manter contato, contudo Riley é uma daquelas amigas com quem você pode ficar um ano sem falar, mas, quando a reencontra, tudo continua como era antes. Isso ajuda.

Se Riley já notou que o parceiro dela mal reconhece minha existência, nunca disse nada.

— Dá pra acreditar? Nós vamos juntas pro Mundial! — repete Riley, e eu rio.

— Do jeito que a gente falava quando era pequena. Ou, pelo menos, quando eu era pequena. Quando você vai crescer?

Riley sorri e balança a cabeça.

— O médico disse que já acabou pra mim.

— *Argh*, que sorte.

— Tá falando sério? — diz ela, segurando minhas mãos e as estendendo. — Você deveria estar desfilando em uma passarela ou coisa do tipo. Olha só pra você. Bom, beleza, talvez o desfile da Victoria's Secret, sabe, por causa dos...

Ela gesticula para os meus seios, que, assim como a minha altura, são maiores do que basicamente os de qualquer outra patinadora que eu conheço.

— Chega. — Rio, soltando Riley e me afastando. — Vem, pega suas coisas. Eu te coloquei na casa principal comigo e a Maria. Você pode ficar no quarto da Elisa.

— Na verdade, eu tava pensando em ficar aqui — conta Riley, mordendo o lábio em seguida.

— Aqui? — pergunto. — Por quê? A casa é bem mais confortável e mais perto do ringue. E o aquecedor funciona melhor.

— Acho que não tem nada a ver com isso — provoca Charles atrás da filha, e eu pisco, confusa. Ele é um pouco mais alto do que eu e já perdeu o cabelo há muito tempo, raspado, o topo da cabeça lustrado até brilhar. — Uma certa pessoa vai ficar aqui...

Charles para de falar antes de dar meia-volta e sair outra vez, imagino que para pegar o resto das malas.

— Pa-ai — reclama Riley para as costas dele, mas depois sua careta dá lugar a um sorriso brilhante. — Não é bem assim. Acho que, como somos parceiros, é melhor eu e o Freddie ficarmos no mesmo lugar.

— Faz sentido — consigo dizer, contendo o tsunami de pânico que me assola na mesma hora.

Eles são parceiros, é claro que devem ficar juntos, mas não foi bem o que pareceu. Pareceu uma desculpa. Pareceu que Riley quer ficar o mais perto possível de Freddie. Pareceu que ela gosta dele. Sabe, gosta, *gosta* dele.

Quem é que eu estou sendo agora? Quem fala desse jeito? Gosta, *gosta* dele?

Mas por que ela não gostaria dele e por que ele não retribuiria? Riley é adorável, um doce de pessoa, e os dois provavelmente formariam um ótimo casal. Têm treinado juntos seis dias por semana pelos últimos dois anos. Isso não deveria ser um choque. Na verdade, eu deveria ter

imaginado muito antes. Os dois são ótimos no gelo. Por que essa parceria não se tornaria algo mais fora dele?

— Quer dizer, não rolou nada — explica Riley, mas só peguei o final do que ela contou. — Mas sei lá. É idiotice fazer isso? O que você acha?

— Eu acho... acho que não é bom a gente falar sobre isso agora, já que os outros devem chegar aqui a qualquer segundo.

— É, meu pai conhecia o caminho mais rápido saindo de Logan, mas eles tiveram que esperar os táxis... — diz Riley, gesticulando para trás.

O som de portas de carro batendo e vozes tagarelando uma por cima da outra começa a se aproximar de trás da porta.

— A gente conversa mais tarde, tá bom? — asseguro a Riley, que assente enquanto o pai volta para dentro com uma mulher atrás de si, toda encasacada para encarar o inverno de Boston.

— Como vocês aguentam? — pergunta Georgia O'Connell-Croft, desenrolando o cachecol do rosto.

Seus olhos, os mesmos que ela compartilha com o irmão, brilhando para mim. O cabelo é de um ruivo vibrante, não o castanho de Freddie, mas a semelhança é quase perturbadora, até os olhos verde-claros.

— Boston é um lugar ótimo pra passear, mas, meu Deus, por que alguém se sujeitaria a um frio desses de propósito?

Abro um sorriso acanhado, um pouco insegura. Na verdade, nunca falei com Georgia antes. Nunca tive motivo para isso. Ela sempre morou e treinou em Atlanta, mesmo quando Freddie e eu patinávamos juntos. Ela se aposentou da dança no gelo no mesmo ano em que Freddie e eu paramos de patinar juntos e, quando ele se mudou para lá, Georgia e o marido, Harry, se tornaram treinadores. Eles devem ser muito bons nisso. A melhora de Freddie e Riley no último ano tem sido impressionante.

Os próximos quatro anos prometem ser interessantes. Todos nós estamos focados nas Olimpíadas, e só tem uma medalha de ouro.

— O frio forma caráter — respondo, baixinho, e Georgia ri alto.

— Deve ser isso — diz ela, e se aproxima com a mão estendida. — Eu sou a Georgia, e você deve ser Adriana Russo. É um prazer finalmente conhecê-la depois de passar tantos anos ouvindo tanta coisa sobre você.

Meu sorriso murcha, e fico um pouco apavorada. As coisas que ela ouviu de Riley devem ser tranquilas, mas não consigo imaginar Freddie

desperdiçando tempo rasgando seda sobre mim para a irmã mais velha depois do que eu fiz.

— É um prazer te conhecer também — afirmo. — Mas não descarreguem todo o equipamento ainda. Coloquei você e o seu marido na casa principal. Achei que ficariam mais confortáveis em um quarto com uma cama grande em vez de duas menores.

— Bom, então vamos lá — fala Georgia. — O Harry e os outros ainda estão pegando as malas, mas eu preciso descansar os pés.

Ela repousa a mão sobre a barriga, que começa a despontar mesmo com o casaco. Está bem grávida.

— Me acompanhe — digo, conduzindo-a porta afora.

Ao longe, o marido de Georgia está enfileirando as malas na calçada, conversando com alguns dos outros patinadores e treinadores. Acho que vejo o topo da cabeça de Freddie se destacando em meio à multidão.

É, é o próprio, dando pulinhos para espantar o frio. Então ele gira e, com um único gesto, pega um punhado de neve suja, depois se vira e o arremessa atrás de si. Não vejo o alvo almejado, mas deve ser um dos amigos dele. Dito e feito, um segundo depois uma bola de neve o atinge no ombro enquanto tenta desviar. Freddie joga a cabeça para trás com uma risada contagiosa que ecoa no ar invernal.

Ele é sempre assim, incapaz de ficar quieto, sempre agitado para fazer alguma coisa, em geral algo revoltante e divertido e completamente inesperado.

Posso ter aparentado calma com Camille, mas não consigo lidar com isso agora, não se minhas suspeitas sobre ele e Riley estiverem corretas. Então, abaixo a cabeça e conduzo Georgia sem olhar para trás.

Deus, eu sou tão covarde.

— Não sei nem dizer como ficamos empolgados quando descobrimos que o treinamento seria em Kellynch. Quando eu era criança, era meu sonho treinar aqui — diz Georgia quando chegamos à casa. Enquanto subimos os degraus do alpendre, ela se vira e encara o ringue ao lado. — Vim pra um acampamento de verão quando era bem pequena. Foi o auge da minha carreira até eu ir pro Campeonato Nacional pela primeira vez.

Eu a levo para dentro e depois direto para o maior quarto de hóspedes.

— Vocês dois vão ficar aqui. É uma suíte.

— Uau — exclama ela, entrando atrás de mim. — Isso é... são... são muitos espelhos.

Olho para a parede oposta, que é inteiramente coberta de espelhos, e outro espelho de chão os reflete. Não recebemos muitas visitas na casa principal, então meu pai costuma usar este quarto como camarim.

— É, meu pai gosta de ter certeza de que o visual está impecável antes de encarar o mundo.

Georgia ri e depois dá de ombros.

— Acho que vou tomar cuidado de não olhar pra cima quando me arrastar pra fora da cama de manhã.

— Adriana! — É a voz de Maria, vinda de algum lugar da casa.

— A gente tá aqui — respondo, colocando a cabeça para fora no corredor. — Por que é que você voltou tão cedo?

— A irmã do Charlie avisou que eles tinham chegado, e o pai dele disse que a gente precisava voltar. Vamos fazer uma festa da equipe na Casa Kellynch hoje à noite... ah, oi — acrescenta ela para Georgia, reconhecendo-a de imediato. — Não é uma festa de verdade, é mais pra passar um tempo com a galera.

— Você deve ser a Maria — diz Georgia, estendendo a mão, que Maria aperta depressa.

— Enfim — continua minha irmã, voltando a focar em mim —, eu quero muito ir, mas recebi uma mensagem da mãe do Julian Tarasi confirmando presença hoje à tarde. Esqueci completamente de cancelar a última aula dele, e você sabe como ela é insuportável. Não fala nada, eu sei que você me disse pra cancelar todas as minhas aulas. Não sou tão responsável quanto você, mas, tipo, eu quero muito passar um tempo com a galera, principalmente o Charlie, e você é muito boa com pais desse tipo...

— Pode ir — digo, interrompendo-a. — Eu pego a aula.

— Ah! — exclama minha irmã, e depois me dá um abraço apertado antes de se afastar e dar pulinhos de alegria. — Obrigada, obrigada, obrigada! Eu vou te recompensar, prometo.

— Vai, antes que eu mude de ideia — alerta, e Maria sai em disparada, ignorando de todo o fato de que não existe a menor chance de eu mudar de ideia.

Essa é a desculpa perfeita. Posso ir dar essa aula e depois voltar para casa e, por pelo menos mais uma noite, evitar Freddie.

Eu me volto para Georgia, que me encara com curiosidade.

— Vou deixar você se acomodar.

— É, tem um cochilo me chamando — diz ela, pressionando as mãos no colchão. Quando a espuma de memória se molda ao redor delas, Georgia geme. — Acho que vou gostar daqui.

Quando pego as chaves do ringue e meus patins, a sra. Tarasi e o filho Julian, um garotinho de 9 anos que prefere mil vezes hóquei à patinação artística, já estão esperando por mim no frio.

— Sinto muito pela confusão — falo enquanto a sra. Tarasi me fuzila com os olhos e Julian arremessa bolas de neve gélidas no prédio. — Era pra todas as aulas desta semana e das próximas terem sido canceladas, mas é óbvio que seria um prazer dar uma aula pro Julian agora, sem cobrança.

A sra. Tarasi concorda, bufando, talvez porque a boca congelou de ficar aqui fora nesse frio. Quando entramos no prédio, aponto para a máquina de café no canto mais distante.

— Tem troco na recepção — digo. — Por favor, tome uma bebida quente por conta da casa. Julian, por aqui.

A aula é um pesadelo total. O menino não quer estar aqui, mas a mãe se recusa a deixá-lo jogar hóquei, o que eu entendo completamente. Ele é pequeno para a idade e hóquei em Boston é coisa séria. As crianças daqui saem da maternidade com minitacos e patins antes mesmo de aprenderem a andar. Quando começam a crescer, ninguém as segura no gelo. Em teoria, existem regras contra marcação nos níveis mais amadores, mas continua sendo um esporte violento. Mesmo que a sra. Tarasi seja um pouco babaca, é compreensível que não queira ver o garotinho dela ser decapitado por um pirralho valentão.

Praticamos algumas técnicas básicas de patinação, trabalhando em passadas longas e suaves sobre o gelo, mas Julian está morrendo de tédio e ainda estamos na metade da aula quando ele começa a reclamar, dizendo que quer pular.

— A Maria disse que eu ia conseguir fazer um waltz esta semana.

— Ah, é? — pergunto, completamente incrédula. Esse menino está longe de estar pronto para um salto waltz. Ele não é terrível, mas ainda

perde o equilíbrio por acaso, às vezes só patinando. — Acho que não é uma boa ideia, Julian.

Mas é tarde demais. Ele desliza de costas pelo gelo, então levanta a perna para saltar, mas, em vez disso, os dentes da ponta da lâmina ficam presos e ele tomba, de cara no gelo.

O ringue fica em silêncio e a mãe, que tirou os olhos do celular exatamente no momento errado, grita de horror. Eu patino desesperada até Julian e me jogo de joelhos ao lado dele. Tem sangue saindo do nariz do menino, caindo no gelo em pequenas gotas. Ele enfim processa os gritos da mãe e é isso que o faz começar a chorar. Julian leva as mãos ao rosto, o que provavelmente só piora as coisas, e eu tento afastá-las. O sangue que escorre do nariz começa a entrar na boca e ele tosse, manchando o gelo, o que alarma a mãe outra vez, mas não posso me preocupar com ela agora.

— Julian — falo baixinho, com as mãos sobre as dele. — Julian, você tem que me deixar dar uma olhada, tá bom? Prometo que não vou encostar, mas preciso ver se foi feio, tá bom? Preciso que você seja corajoso.

Os olhos dele estão cheios de lágrimas, que escorrem pela bochecha, misturando-se ao sangue que já está desacelerando. Julian abaixa as mãos e eu seguro seu rosto com delicadeza, virando a cabeça dele de um lado para o outro. O sangue já estancou.

— Você parece bem — digo. — Como tá se sentindo?

Ele funga e depois ergue as mãos para tocar o rosto.

— Bem, eu acho. — Pressiona os dedos no nariz e nem estremece. — Acho que só levei um susto.

— Ok, agora vamos ficar de pé — oriento, e seguro as mãos dele. — No três: um... dois... três.

Eu o levanto, e Julian volta a se apoiar nos patins, segurando minhas mãos com força enquanto recupera o equilíbrio. Juntos, de mãos dadas, vamos até a borda do ringue.

— Julian! — grita a mãe, a voz ecoando nas vigas do ringue vazio. — Saia do gelo agora mesmo.

Não consigo ouvir as bobagens que a sra. Tarasi deve estar cuspidando e estou prestes a gritar na cara da mulher quando as portas do ringue se abrem e Freddie O'Connell passa por elas.

O ar sai dos meus pulmões e não consigo mais respirar.

A sra. Tarasi continua gritando, mas meu foco se volta para Freddie e Ben Woo, que caminha atrás dele, enquanto me atrapalho à procura do kit de primeiros socorros. Ben é um patinador individual de ascendência coreana que também se classificou para o Mundial Juvenil este ano. Os dois estão com patins e cada um tem um taco de hóquei na mão. Ambos cresceram jogando juntos antes de migrarem para a patinação, uma decisão difícil para a maioria dos garotos no esporte, para ser sincera.

Freddie teve que aguentar muita provocação das crianças com quem patinávamos quando éramos pequenos ao tomar a decisão. Ele até que tem um corpo bom para o hóquei, com ombros largos e pernas muito fortes. Certa vez, perguntei se batia um arrependimento de ter abandonado o esporte, mas ele só bufou de um jeito debochado, os olhos verdes cintilando, como se a resposta fosse óbvia. Meu coração vacilou no peito quando os olhos dele encontraram os meus. Foi a primeira vez que eu me perguntei como seria beijar um garoto.

Então, por um momento, quando Ben se vira para falar alguma coisa para ele, meus olhos encontram os de Freddie para valer.

Ah, Deus.

É pior do que eu esperava.

Os olhos dele continuam iguais, um verde suave, mas não há brilho, não para mim. Não mais.

Eu já o vi nesses dois anos desde que paramos de patinar juntos, é óbvio. Subimos no mesmo pódio no Campeonato Nacional, fomos aos mesmos eventos, mas tem algo neste momento, de volta a Kellynch, que é demais. E na mesma hora eu sei o que é.

Estamos a apenas alguns metros de onde estávamos quando eu lhe disse que não podíamos mais patinar juntos. Que precisava encontrar um parceiro novo e ele também. Na verdade, Julian está sentado exatamente no mesmo lugar da arquibancada onde Freddie estava enquanto me encarava e eu chorava e tentava botar as palavras para fora, tentava explicar.

A sensação é insanamente familiar para o sangue que corre nos meus ouvidos e o aperto no peito, o nó na garganta, os olhos queimando de esforço só para *não chorar*. E agora, é claro, quando eu mais preciso, minha cabeça não quer se livrar dessa lembrança, não por completo.

É o desabafo da sra. Tarasi que por fim a empurra para o fundo da mente, arrancando meu olhar de Freddie, tentando fazer tudo isso acabar.

— Por favor, sra. Tarasi, sinto muito mesmo. Tenho aqui alguns lenços umedecidos e gaze para o Julian. Parece que ele está bem, mas...

— E como é que você sabe que ele está bem? — retruca ela. — Esquece. Nunca mais voltaremos aqui depois deste desastre mesmo.

— Como eu disse mais cedo, Kellynch vai ficar fechada para aulas durante o próximo mês e reagendamos todos os nossos alunos regulares em outros riques. Por favor, não deixe esse incidente afetar seus planos para o futuro — digo, mas ela me interrompe com outra reclamação até...

— Mãe! — grita Julian atrás de mim, o que deveria ser impossível, porque o rinqe está atrás de mim. — Mãe, olha!

— Julian? — pergunta a sra. Tarasi, piscando por cima do meu ombro, e eu me viro para ver o que quer que ela esteja olhando.

— Ele arremessa! — brada o menino com alegria pura, o riso em alto e bom som.

Ben está patinando junto de Julian enquanto o menino empurra um disco de hóquei com seu taco, e Freddie desliza de costas na frente dele à medida que os dois se aproximam de dois cones dispostos na linha do gol.

— Ele marca! — exclama Julian.

Está rindo e sorrindo, as lágrimas já esquecidas, com um monte de lenços enfiados nas narinas.

— Bom — diz a sra. Tarasi —, parece que ele está... bem.

— É, parece que sim. Mas a senhora deveria fazer uns exames mesmo assim. Só por garantia.

Ela concorda com um murmúrio, a raiva parecendo ter evaporado.

— Julian, vamos. Quero passar em um pronto-socorro no caminho pra casa e ter certeza de que você não quebrou o nariz.

Freddie e Ben se viram e o levam até a porta antes de o balançarem entre si e o deixarem aterrissar suavemente pelo portão no lado de fora do rinqe. Então Freddie guarda o taco que Julian estava usando e dispara pelo gelo de imediato, sem sequer olhar na minha direção. Ben me lança um sorriso sem graça, como se pedisse desculpas, antes de seguir o amigo.

Sigo a sra. Tarasi e Julian para fora do gelo, fechando as portas atrás de nós e acompanhando-os até o carro enquanto carrego a bolsa dos patins de Julian. Enfim os dois vão embora, e solto um suspiro de alívio.

Por um momento, eu me viro para o ringue e penso em entrar para agradecer aos meninos pela ajuda, mas não há a menor chance de eu encarar Freddie.

Vou ter que fazer isso em algum momento, e acabar com essa angústia de uma vez talvez seja a coisa mais inteligente a se fazer, a mais corajosa. Hoje, porém, não consigo. Depois de dois anos de silêncio quase total, a primeira vez que ele me viu de verdade foi no meio *daquilo* — isso é demais para mim. Em vez disso, vou pegar alguma coisa para comer e me enfiar no meu quarto pelo resto do dia.

Por hoje já deu.

## Capítulo 5

A SIRENE DE UMA ambulância me arranca de um sono profundo. Tiro a mão das cobertas e tato a mesa de cabeceira até encontrar o ponto certo da tela do celular para fazer o barulho parar. Esse som irritante é literalmente a única coisa que me faz acordar e sair da cama antes de o sol nascer todas as manhãs.

Não sou uma pessoa matinal.

Nem um pouco.

Mas a patinação no gelo é um esporte matinal. Temos apenas um rink em Kellynch, e, embora ele esteja sendo usado apenas pela equipe do Mundial Juvenil, o tempo no gelo ainda é limitado.

Quando deslizo para fora das cobertas, o livro didático que me fez pegar no sono cai no chão de carpete, e por pouco a capa dura e grossa não acerta meus pés. Com a quantidade de treinamento que temos, a escola comum não é uma opção. Estudo em casa desde o nono ano e isso é uma das poucas coisas chatas de ter um sonho olímpico. No começo, eu achava legal não ter que ir para a aula todos os dias quando todos os meus amigos faziam isso, mas, ao longo dos anos, perdi o contato com a maioria deles. Agora eu sou aquela garota patinadora com quem eles estudavam. Nada de baile do terceiro ano para mim este ano, ou baile de formatura no ano que vem, ou votação de rainha do baile. Será que as escolas ainda fazem isso? Não tenho como saber. A única coisa boa é não ter que ir para a aula supercedo depois de patinar. Agora eu só patino e depois caio no sono no meio da leitura de um capítulo sobre a ascensão do capitalismo industrial depois da Guerra Civil.

Mesmo assim, vale a pena. Completa e totalmente. Tem dias em que eu questiono se sequer sou uma Russo e mal me reconheço no meu pai ou nas minhas irmãs, mas, quando se trata de patinação, sou uma Russo sem a menor dúvida. Não consigo imaginar minha vida sem esse esporte e nem quero tentar.

Dito isso, mal sou humana antes das nove da manhã. Preciso de café, e preciso esquecer o papel de idiota que fiz ontem e focar na missão do dia: aperfeiçoar as coreografias para o Mundial.

Enquanto me arrasto escadaria abaixo, já consigo sentir o cheiro de panela no fogo, o que significa que Camille está aqui. O que significa que não preciso preparar o café da manhã hoje. Uma parte de mim está extasiada por não ter que fazer isso, mas outra, a maior, está apavorada só de pensar no estado da minha cozinha depois que Camille terminar, já que ela não é lá uma superchef.

Cozinhar era a praia da minha mãe, e costumávamos fazer isso juntas antes de ela falecer. Amo cozinhar quase tanto quanto patinar. Há algo de muito satisfatório em juntar um monte de ingredientes aleatórios para fazer o prato perfeito. Às vezes, quando estou muito focada em uma receita e na corrida para fazer tudo direitinho, posso ouvi-la na minha cabeça, me orientando passo a passo enquanto fazíamos o molho dela, ou *giambotta* ou *pasticcio*. Quando mamãe ficou doente, eu levava comida escondida, assim ela podia evitar a comida do hospital tanto quanto possível.

Alguns anos atrás, essa lembrança teria doído, mas agora é cálida e quase confortável, saber que ainda temos essa conexão depois de tantos anos.

— Cafeína, agora, por favor — peço, indo direto para o armário das canecas e depois até a cafeteira na enorme ilha no centro da cozinha.

Estou funcionando à base de café e uma oração já faz dias.

— Acabei de fazer — diz Camille de seu lugar no fogão. — Claras de ovo mexidas ou — começa, dando uma olhada na frigideira — claras de ovo mexidas?

— E é possível fazer claras de ovo que não sejam mexidas? Tipo, todos os jeitos de fazer ovo são sobre a gema, certo?

— Vocês são tão estranhas — murmura Maria enquanto se acomoda na ilha, depois dobra os braços sobre a superfície e repousa a cabeça neles.

O bule finalmente se enche e eu me sirvo de uma caneca de café puro. É o mais próximo que consigo chegar de injetar a cafeína direto no corpo. No segundo em que o líquido passa pelos meus lábios, meu corpo

responde. Quer dizer, é impossível a cafeína já estar surtindo efeito, mas meu corpo sabe que ela está vindo.

— Aonde você foi depois da aula ontem? — Maria consegue perguntar, com a cabeça apoiada nos braços. — Todo mundo ficou querendo saber de você.

— Todo mundo? — questiono, me sentando e sorrindo para Camille quando ela empurra um prato de claras de ovo e torrada para mim.

— Quando o Freddie e o Ben voltaram do ringue, disseram que você tinha terminado a aula, mas você não apareceu depois. Eu ia te procurar, mas não queria perder nada. Ah, e não lembrava que o Freddie era tão gostoso.

— Você tinha 12 anos quando ele foi embora, Maria. *Gostoso* ainda não tava no seu vocabulário.

— Ah, tava sim, mas ele com certeza *não* era gostoso desse jeito.

Ela tem razão.

Ele não era.

Os últimos dois anos foram muito, muito generosos com Freddie O'Connell. Ele cresceu, é claro, mas não é só que tenha ombros mais largos e quadris mais estreitos. Ou que seus antebraços sejam musculosos e definidos, fortes o suficiente para erguer meus um metro e setenta e seis no gelo se fosse preciso. É que ele parece crescido, a pele livre das espinhas que nós dois tínhamos alguns anos atrás, e o maxilar afiado em vez de uma carinha redonda de bebê. Maria tem razão. Ele virou um gostoso.

Não é que eu não o tenha visto nos últimos dois anos; é claro que vi. Só não me permiti olhar para valer. Doía demais, e era constrangedor para caramba.

A última vez que eu olhei de verdade para Freddie, e ele retribuiu, foi no dia em que foi embora. O dia em que eu o mandei ir embora. Ele apareceu para o treino como em um dia normal, pronto para repassar nossa coreografia, uma sem nenhum levantamento que nos tornasse competitivos no Campeonato Nacional do ano seguinte. Na noite anterior, eu tinha chorado até cair no sono. Meus olhos ainda estavam vermelhos quando eu o encontrei amarrando o cado dos patins nas arquibancadas logo além do ringue, o mesmo lugar em que ele me

encontrou ontem. A lembrança volta com força total e, desta vez, não tem nada para me distrair de lembrar cada detalhezinho.

Freddie ficou de pé, com apenas um patins calçado, estendendo as mãos para as minhas. Perguntou se eu estava bem, apertando minhas mãos com delicadeza e escutando enquanto eu hesitava e gaguejava as palavras que tinha ensaiado várias e várias vezes na noite anterior. Não podíamos mais patinar juntos. Não podíamos mais ser parceiros. Era o único jeito. Ele tinha que encontrar outra parceira. E eu, outro parceiro.

Ele soltou minhas mãos e, sem mais uma palavra, ainda com apenas um patins, saiu andando, levando consigo anos de amizade e... bom, o sonho de qualquer coisa além disso, no gelo ou fora dele.

Ainda tem muito daquele menino no Freddie de agora. Ele só é *mais* agora, e se tornou muito mais sem mim.

E ainda dói, menos do que na época, mas além disso... ele é só ridícula e injustamente gostoso.

Minha barriga dá uma cambalhota que não tem nada a ver com as claras de ovo um pouco queimadas que Camille tentou fazer passar por café da manhã.

Ah. Isso não é bom.

Não posso ter um crush em Freddie. Nada de bom vai sair disso. Seria ainda pior do que ter um crush em Brayden. Riley sem dúvida gosta dele e quase parece que Maria está pronta para desistir do crush sem nenhum futuro em Charlie e substituí-lo por meu antigo parceiro.

Droga. Isso não é nada, nada bom.

— Enfim — continua Maria, invadindo meus pensamentos —, ele foi meio duro com você.

— O que ele disse? — pergunto um pouco rápido demais, de repente muito desperta, mas Maria não repara.

— Que você parecia cansada.

— Bom, ele não tá errado.

Aqui estou eu, pensando em como Freddie cresceu e se tornou um deus grego, e ele acha que eu pareço cansada.

Uau. Isso machuca.

Camille se vira para mim e contorce a boca em uma careta.

— Você parece mesmo um pouco cansada — diz ela. — Está dormindo o suficiente?

— Oito horas toda noite — garanto, dando de ombros, enquanto empurro as claras pelo prato.

É uma mentira, mas Camille murmura em aprovação.

— Bom, odeio acabar com a festa, mas você e eu temos horário no gelo em menos de uma hora.

— Quando é o meu horário? — pergunta Maria.

— Meio-dia — responde Camille.

Quase que no mesmo instante, Maria sai da cadeira, atravessa a cozinha, sobe as escadas e, presumo, volta para a cama.

— Vou tomar um banho e te encontro no ringue — digo, dando uma última mordida nas claras de ovo, fazendo uma anotação mental para preparar o café da manhã amanhã.



A batida pop de “Blinding Lights”, de The Weeknd, ressoa pelos alto-falantes de Kellynch, mas não alto o suficiente para abafar as instruções de Georgia O’Connell-Croft à beira do gelo enquanto Riley e Freddie patinam a coreografia de dança livre.

Na dança no gelo, cada par tem duas coreografias. A dança rítmica é a mais curta, e nela o estilo dos movimentos e a batida da música são escolhidos pela entidade reguladora do esporte antes mesmo do começo da temporada, embora a gente possa escolher a música em si. Este ano, temos que patinar uma valsa Westminster. Parece superpomposo — porque é —, mas, desde que você faça a coreografia e as formações certas, é fácil o suficiente de disfarçar com suas escolhas musicais. A segunda coreografia é a dança livre, onde podemos deixar nossas personalidades e pontos fortes brilharem de verdade, tanto na escolha de música quanto na coreografia.

E essa coreografia é exatamente o motivo de Riley e Freddie se darem tão bem juntos no gelo. Os dois são tão animados (vivem subindo pelas paredes) que precisam de algo que a plateia possa acompanhar com palmas, e a melodia é um pouquinho retrô com os sintetizadores de fundo, quase como se sampleasse uma música dos anos 1980.

— Atenção para o movimento dos pés, Riley! — grita Georgia. — Um milímetro a mais e seu patins teria se enroscado no do Freddie e *paft*.

Vou até um espaço vazio ao lado do rinque para começar a me alongar e me aquecer. Eles devem terminar logo, e Brayden vai chegar a qualquer momento. Ele nunca se atrasa, mas também nunca está adiantado.

Meus olhos seguem Riley e Freddie enquanto os dois cruzam o gelo. Eles são bons. Quer dizer, é claro que são bons — afinal, também se classificaram para o Mundial —, mas não são tão bons quanto Brayden e eu. Os levantamentos e a complexidade geral das coreografias não estão no nível em que precisam estar para nos desafiarem de fato.

Pelo menos não ainda.

Em um futuro próximo, porém — talvez mais para o fim do ano, se algumas das coisas que eu sei que eles estão treinando nos vídeos que Riley vive postando derem certo —, vão estar logo atrás de nós.

Eu me forço a parar de assistir e começo a correr de um lado para o outro, balançando os braços em círculos para fazer meu sangue correr contra o frio do rinque.

Hoje vamos trabalhar na nossa dança rítmica, então aumento o volume ao máximo nos meus fones sem fio e deixo os sons de “Vienna”, de Billy Joel, dominarem tudo ao meu redor.

É meio antiquada, mas Brayden escolheu a música da nossa dança livre, então era justo eu escolher a da dança rítmica. “Vienna” era a favorita da minha mãe e mal tinha saído da minha boca quando Camille concordou. Patinar com ela é como ter minha mãe nos treinos todos os dias, sentada nas arquibancadas em silêncio e abrindo um sorriso largo depois, perguntando se eu me diverti, porque essa é a coisa mais importante na patinação, mesmo quando você sonha com medalhas de ouro.

Conforme meus músculos relaxam e sinto o corpo pronto para aguentar um exercício completo, começo a ensaiar parte da nossa coreografia, com os braços estendidos como se Brayden estivesse de frente para mim, com uma mão no meio das minhas costas e a outra segurando a minha com firmeza enquanto valsamos juntos em nosso palco congelado. Estou na metade da seção quando meu parceiro imaginário se torna realidade. Nem abro os olhos quando ele entra no

ritmo comigo e deixo que me conduza pela última parte da coreografia. Dançar com Brayden, no gelo ou no chão sólido, é tão natural quanto respirar. Ele é o tipo de parceiro que sabe como despertar o melhor em quem quer que esteja patinando com ele. Tenho sorte de tê-lo.

Giro sob o braço dele uma última vez antes de Brayden me puxar para perto para nossa pose final, e eu me curvo para trás sobre seu braço. Ele me acompanha, repousando a testa no meu pescoço, o rosto enterrado no meu ombro. Então a música para, e ele me puxa de volta para cima. Finalmente abro os olhos, e ele os encontra de imediato.

Existem momentos no gelo em que não tenho dificuldade alguma com minha expressão, quando olhamos um para o outro. É fácil encarar Brayden nos olhos e reagir, refletir as emoções que vejo estampadas em seu rosto. E esta é fácil de identificar: desejo.

Algo no meu peito se retorce de um jeito agradável ao pensar nisso, sobretudo depois de lembrar do que Freddie disse para Maria. Mesmo que seja só atuação para a performance, é bom ser olhada desse jeito, como se alguém me quisesse.

— Ótimo, vocês dois chegaram — diz Camille, indo até nós e interrompendo o momento.

Saio dos braços de Brayden e me viro para encará-la, torcendo para não ter notado o que interrompeu, mas Camille, sendo Camille, não deixa passar nada. Ela só ergue uma sobancelha para mim e continua falando.

— Terminem de se aquecer. Não quero desperdiçar um único minuto de tempo no gelo. Vocês devem considerar *hoje* como o começo do Campeonato Mundial. Vão patinar contra seus adversários mais fortes todos os dias a partir de agora até a última dança em Paris. Esse é o nível de foco que espero cada vez que vocês estiverem no gelo, ouviram?

— Em alto e bom som — respondo.

É o que eu quero ouvir. Quero me jogar nos treinos nas próximas semanas. Quero bloquear tudo e todos e manter o foco em uma única coisa: uma medalha de ouro no Campeonato Mundial Juvenil, o ponto de partida perfeito para um ciclo de quatro anos até os Jogos Olímpicos.

Brayden assente e saúda, mas sem o sorrisinho convencido de sempre no rosto, que é o máximo de seriedade que ele consegue demonstrar.

Freddie e Riley estão saindo do gelo, e Camille gesticula para que nós a sigamos.

— Hoje vamos treinar twizzles — diz ela, e Brayden solta um grunhido.

Somos um ótimo par de dança no gelo, mas, se temos alguma fraqueza, é na sequência de twizzles. Pode pedir para fazermos um levantamento complexo que deixaria até alguns dos pares adultos abismados, sem problemas. Brayden e eu temos uma espécie de confiança inata quase desde o primeiro momento em que patinamos juntos. Ele não vai me deixar cair.

Agora, fazer twizzles? Pode parecer uma palavra ridícula e inventada em inglês, talvez uma marca de doce ou um programa infantil, mas, quando começamos, os twizzles eram nosso pesadelo. São uma série de giros ao longo do gelo com seu parceiro, mas, diferente da maior parte do resto da coreografia, não há contato entre nós, então é muito fácil perder o ritmo e a sincronia. Melhoramos bastante nos últimos dois anos, mas, de vez em quando, ainda surgem problemas, e é super óbvio quando isso acontece. Não dá para fingir uma boa sequência de twizzles.

— Ei — chama Riley, curvando-se para encaixar os protetores de lâmina. Freddie e Georgia já estão na porta. — Você vai hoje à noite, né?

— Hoje à noite?

— É, o jantar da equipe na Casa Kellynch. A gente vai comer e depois assistir o primeiro episódio do programa da Elisa.

Pisco, surpresa.

— Esqueci que ia estreiar hoje.

É engraçado que, praticamente na hora em que Elisa e papai partiram, toda a minha atenção se voltou para as pessoas ao meu redor. Parei de focar em todas as coisas sobre as quais eles conversaram por meses: patrocinadores, Pequim e o que exatamente teria que dar certo para ela e errado para todos os outros para que Elisa conseguisse uma medalha. Foi tudo substituído por Paris e Brayden e nossas chances no Mundial, e a volta de Freddie O'Connell na minha vida. Acho que hoje à noite esses dois mundos vão convergir.

Riley revira os olhos para mim e dá uma risadinha.

— Vai ser divertido, e você não foi ontem à noite, então não pode dizer não. Além disso, eu preciso de você lá pra ser meus olhos.

— Seus olhos?

— Você é muito boa em ler pessoas. Preciso que observe o Freddie comigo pra ver se eu posso ter alguma esperança.

— Você não sabe dizer se ele gosta de você? O Freddie não é exatamente um cara sutil.

Com Freddie, as coisas são como são. Ele deixa transparecer as emoções, é muito aberto e livre e, sim, um pouquinho doido. Está disposto a experimentar qualquer coisa pela primeira vez e sempre topa uma aventura, como desistir do hóquei para ter uma chance em um milhão de ir para as Olimpíadas.

Riley franze as sobrancelhas e inclina a cabeça.

— O Freddie? Freddie O'Connell? Meu parceiro? Ele é a pessoa menos óbvia do mundo. A gente passa quase o tempo todo juntos e eu *nunca* consigo adivinhar no que ele tá pensando.

— Sério?

O Freddie que eu conheço não era nem um pouco desse jeito. Ele sempre compartilhava o que estava pensando, mesmo que fosse a coisa mais aleatória, tipo a vez em que passamos uma sessão de treino inteira pensando em voz alta sobre como toda vez que as pessoas falam sobre vidas passadas, elas sempre falam sobre pessoas famosas, mas não é possível todos terem sido famosos em uma vida passada, o que se transformou em um debate de uma semana sobre se acreditávamos ou não em reencarnação.

Eu disse que não.

Ele disse que sim.

Fico imaginando o que Freddie pensa agora.

— Viu só? É por isso que preciso de você lá hoje à noite. Já conhece ele há muito tempo. Vai saber na hora. Por favor, diz que vai. Seis horas!

— Adriana! — chama Camille.

— Não tem desculpa! — diz Riley.

— Tá bom, tá bom — concordo, por fim, enquanto Riley desaparece porta afora e eu me viro para o gelo.

Eu me junto a Brayden no lado oposto do ringue e esperamos Camille começar a contagem dos passos.

— O que foi aquilo?

— Parece que o jantar de hoje na Casa Kellynch é obrigatório.

— *Hã* — começa ele —, acho que meu convite foi extraviado.

— Se eu fui convidada, você foi convidado. Vai comigo?

— Ah, parece que o jogo virou! Eu *vivo* te convidando pra sair, e você nunca topa.

— Porque você vive indo pra cervejadas e baladas, e isso não é a minha praia.

— E por acaso noite de confraternização da equipe parece ser a *minha* praia?

— Por favor? Não quero ir pra essa coisa sozinha — digo, e depois pressiono os lábios, arregalando os olhos para ele em uma súplica silenciosa e fazendo um biquinho só para garantir.

— Como é que eu vou dizer não pra isso? — pergunta ele, rindo, enquanto a voz de Camille ecoa até nós.

Tomamos impulso juntos e giramos sobre o gelo. Mantendo uma distância de não mais que um braço o tempo todo, menos se conseguirmos, rodamos para um lado e depois para o outro, as posições dos membros firmes e nítidas, nosso trabalho de pés alinhado perfeitamente por uma dúzia de rotações pelo ringue.

— Excelente! — Camille patina até nós e aplaude. — Essa foi a melhor sequência que eu já vi vocês dois fazerem de primeira. Estão se sentindo bem com elas?

Assinto, levando as mãos ao quadril enquanto Brayden e eu a rodeamos à espera das próximas instruções.

— Quer saber? Já que vocês dois estão se sentindo bem hoje, vamos começar repassando a coreografia de “Vienna”. Não quero desperdiçar o bom humor.

Camille patina até o portão e nós vamos até o centro do gelo enquanto ela dá play na música.

Brayden estende a mão para mim e eu me posiciono a alguns passos de distância, de costas para ele. Então, quando as notas do piano sinalizam o início da música, eu me afasto ainda mais e ele me segue, me alcançando com facilidade, segurando minha mão e me conduzindo pelos primeiros passos da coreografia, conforme a voz de Billy Joel implora para irmos mais devagar e nos chama de crianças loucas e ambiciosas. Ele não está errado, mas nós definitivamente não vamos mais devagar. Nem agora, nem nunca.



O banho depois de um ótimo treino é sempre o mais recompensador, e eu costumo me demorar debaixo da água, mas não tenho tempo para isso. Um dia completo de treino, mesmo um tão bom quanto o de hoje, é exaustivo, e eu gostaria de encaixar um cochilo rápido na agenda, mas recebi uma mensagem de Riley algumas horas atrás dizendo que quer fazer um bolo antes do jantar, e eu com certeza não vou deixá-la solta na minha cozinha sem supervisão.

Com a maquiagem já feita e o cabelo úmido enrolado em uma camiseta velha (nada de secar os cachos com toalhas felpudas!), fico encarando o closet, me perguntando o que raios vou usar.

Não é um evento chique. Somos muitos, mas é só um jantar de equipe na enorme cozinha da Casa Kellynch. Não é uma festa de debutante ou um baile ou coisa do tipo... é um jantar aqui do lado. Mesmo assim, quero ir arrumadinha. Quero causar uma boa impressão nos meus colegas de equipe. E sim, por que não admitir para mim mesma, quero substituir a última imagem que Freddie tem de mim na cabeça.

Empurro cabide atrás de cabide com roupas de exercício para fora de vista e enfim chego à parte do meu closet em geral reservada para eventos de patinação que não envolvem patinar de fato, as cerimônias e festas, como a noite de despedida de meu pai e Elisa. Meus olhos pousam em um suéter *oversized* e *cropped*, do qual eu ri quando vi na loja, porque qual é o sentido de usar um suéter que deixa a barriga à mostra? Mas, quando Elisa me fez experimentar a peça e eu me vi no espelho, amei como ficou em mim. Mostra uma faixa de pele quando eu a uso com jeans de cintura alta, o que faz minhas pernas parecerem, de alguma forma, ainda mais compridas do que já são de fato. Uma desvantagem no gelo, claro. Pernas mais longas fazem com que seja mais difícil girar e rodopiar e ser erguida no ar, mas fora dele? Aí a coisa muda de figura.

Com a roupa escolhida, eu me viro na direção do espelho no canto do quarto. A camiseta enrolada no cabelo está ridícula, é óbvio, mas o resto?

O resto ficou bem legal. Tiro o tecido de algodão do cabelo e deixo os cachos balançarem livremente. Ok, ficou ainda melhor. Estão bagunçados e brilhantes. Perfeito.

— Adriana, você tá pronta? — pergunta Maria, sem sequer se dar ao trabalho de bater antes de entrar no quarto. — Nossa.

— Que foi?

Giro para ela, em pânico.

Ela balança a cabeça.

— Não é um “nossa” negativo. É um “nossa” positivo.

— Ah, é?

Ela assente e estende a mão para mim.

— Vem. O Charlie já tá esperando lá embaixo.

— Vocês também vão mais cedo?

— Bom, se a Riley vai cozinhar, o Charlie vai querer ajudar a irmã, o que significa que eu também vou, óbvio.

— Óbvio — repito, um pouquinho exasperada.

Pensei que ela tinha superado Charlie.

— Eu sei, eu sei, mas não dá pra evitar — diz Maria, puxando meu braço, e eu me deixo ser arrastada para fora do quarto, mas consigo pegar o celular em cima da cômoda.

Maria para de súbito enquanto descemos as escadas.

— Selfie — anuncia, se apoiando em mim.

Tiro uma foto rápida de nós duas, os cachos loiros dela se entrelaçando com os meus castanhos conforme sorrimos para a câmera.

Abaixo o celular e vejo Charlie esperando no vestíbulo, junto com Brayden.

— Oi — cumprimenta ele.

— Eu disse seis horas.

Brayden confirma com um aceno de cabeça.

— Você disse, mas aí o Charlie aqui... — Charlie praticamente desmaia quando Brayden diz o nome dele — mandou mensagem dizendo que ele e a Maria iam mais cedo, então aqui estou eu.

— Você nunca chegou cedo na vida — replico, estreitando os olhos para ele enquanto pego meu casaco. A Casa Kellynch fica a apenas alguns metros, mas o tempo lá fora ainda está congelante. — Tem carço nesse angu.

— Não tem caroço nenhum. Por que teria? — pergunta Brayden, dando um passo à frente e estendendo meu cachecol para mim quando eu me viro para encará-lo.

Os olhos de Brayden têm um brilho travesso.

As próximas horas vão ser muito interessantes.

## Capítulo 6

FOGO.

É meu único pensamento quando entro na Casa Kellynch e o cheiro acre de fumaça enche meu nariz e faz meus olhos arderem e aguarem.

— Não! — grita uma voz desesperada vinda de algum ponto da casa.

Sou tomada pelo pânico. Saio correndo em direção à cozinha, com Maria logo atrás de mim. A cada passo, o cheiro fica mais forte, contudo, assim que atravesso o arco, solto um suspiro de alívio.

Não tem nenhum incêndio, pelo menos não um que eu possa ver. A cena, porém, é uma bagunça gigantesca. Tigelas e ingredientes por todo lado, manchas de farinha, ovos e açúcar nas bancadas e uma *coisa* totalmente queimada em uma frigideira no balcão. Riley está com uma faixa de farinha no cabelo escuro e encara a coisa como se tivesse insultado sua técnica de patinação.

— *Hã*, Riley? — pergunto, mordendo o lábio. — O que é isso?

— Eu tava fazendo um bolo pra depois do jantar e...

Ela gesticula para a bagunça enquanto passos firmes vêm do andar de cima, cada vez mais perto.

A maior parte da equipe entra na cozinha, liderada por Ben Woo, com Freddie e o outro patinador individual, Jimmy Harville, logo atrás dele.

Jimmy, com o cabelo loiro-palha e os olhos castanho-claros, parece ter saído diretamente de uma plantação de milho, mas é dos subúrbios de Detroit e, como a maioria dos patinadores homens, tem mais ou menos a altura de Ben. Ele quase é derrubado por Katya Belikova e Gillian Azarian, as duas patinadoras solo, que mal chegam aos ombros dos garotos, e, pela primeira vez desde que todos chegaram, a delegação inteira dos Estados Unidos para o Campeonato Mundial Juvenil está em um cômodo só.

O silêncio reina e ninguém sabe o que dizer para Riley. Ela está de olhos arregalados e paralisada de horror.

— Pelo que me lembro, saber fazer bolo não é uma categoria na ficha de pontuação, então acho que ainda tá tranquilo pra gente, Riles — brinca Freddie, dando a volta no balcão para ficar ao lado da parceira e examinar melhor o bolo queimado. — É, já era.

Riley ri ao ouvir isso e depois se inclina na direção de Freddie, batendo o ombro de leve no bíceps dele. É um momento fofo, e a tensão no ambiente desaparece quase que por completo.

— É — concorda Katya.

Seu cabelo castanho-claro está preso em um coque apertado, como ela usa nos treinos, e há pacotes de gelo enormes presos ao redor da parte inferior das pernas. A pele pálida se destaca ainda mais contra as amarras beges.

— Tá de boa. Vamos limpar essa bagunça e começar o jantar. Tô morrendo de fome. Hoje o treino foi pesado.

— Nem me fale — comenta Gillian, prendendo o cabelo preto com frizz em um rabo de cavalo. — Mas comi tanto gelo no meu Axel triplo hoje que não sei se tenho estômago pra jantar.

Todos rimos, mas Katya estremece ao trocar o peso de uma perna para a outra. Ela passou o ano todo tratando lesões nos tornozelos, embora tenha conseguido entrar no time depois de terminar em segundo lugar no Campeonato Nacional, atrás de Gillian.

Começo a trabalhar esfregando os balcões e, para variar, Maria ajuda sem que eu precise pedir, provavelmente porque Charlie e o resto do grupo o fizeram. Alguns minutos depois, com as janelas da cozinha de todo abertas para deixar sair o cheiro de bolo queimado, o cômodo está limpo e pronto para prepararmos o jantar.

— O que a gente vai comer? — pergunta Ben.

Ele se senta em uma das banquetas e se debruça sobre a superfície envernizada da enorme ilha de madeira de lei.

— Além de bolo de pedra de chocolate flambado? — brinca Jimmy, cutucando a coisa com o dedo, mas para quando Freddie lhe lança um olhar fulminante.

— A gente sempre tem um montão de comida na despensa — diz Maria, agarrando a mão de Charlie e o puxando na direção da enorme

porta de correr que leva ao espaço onde guardamos tudo.

Normalmente, a despensa tem que ter comida para um acampamento inteiro de crianças por uma semana, o que é mais ou menos a mesma quantidade de que vamos precisar para alimentar nós dez e os treinadores até partirmos.

— Que tal macarrão de abobrinha? Sei que tem bastante.

— A gente pode fazer uma linha de montagem — sugere Brayden, arregaçando as mangas —, e aposto que, se todo mundo pedir com muita educação, a Adriana vai fazer pra gente o famoso molho dela.

— O molho da sua mãe? — pergunta Freddie, e meus olhos voam até ele.

Essas são as primeiras palavras reais que ele disse para mim desde que chegou aqui e, por um brevíssimo momento, nossos olhos se encontram, mas então Freddie desvia o rosto, fazendo careta para alguma coisa. Para mim, talvez? Ele jantava conosco todo domingo quando éramos pequenos. Minha mãe e eu fazíamos um banquete italiano completo, com molho, macarrão, almôndegas e linguiça. Em algum momento, quando se tornou um convidado semipermanente em casa, Freddie e eu fomos encarregados do molho; acrescentávamos os temperos e as ervas, deixávamos ferver e mexíamos quando era necessário e, mais importante, testávamos o sabor. Era uma responsabilidade sagrada.

O grupo inteiro se vira para mim e minhas bochechas coram quando me vejo no centro das atenções.

— É, mas demora muito — digo. — Precisa cozinhar por horas.

— Mas dá pra encurtar, não dá? — indaga Gillian. — Não precisa ficar perfeito. A gente precisa de alguma coisa que faça a abobrinha parecer... não sendo abobrinha.

Todos riem ao ouvir isso e eu assinto.

— É, claro, dá pra fazer alguma coisa assim, eu acho.

— Perfeito! — exclama Brayden. — Temos macarrão, mais ou menos, e molho. O que mais?

— Pão de alho? — sugere Jimmy, esperançoso.

— Tem um pouco de pão na despensa — falo, apontando para o cômodo com a cabeça.

— Beleza!

Jimmy vai na direção da despensa no momento em que Charlie e Maria emergem com os braços cheios de abobrinha. Alguns instantes depois, ele retorna com quatro pães.

Faço um inventário rápido da cozinha e de nossos suprimentos, deslizando no meio de todos para pegar os ingredientes e utensílios de que vamos precisar enquanto a galera começa os trabalhos. E, depois de ter certeza de que Riley não está olhando, jogo sua tentativa fracassada de sobremesa no lixo.

— A gente precisa de música — sugere Riley conforme ela e Freddie configuram o descascador para deixar a abobrinha com pelo menos a aparência de macarrão.

Todos murmuram em concordância.

— Deixa comigo — diz Ben, pareando o celular com a caixinha de som no canto da cozinha.

Uma música suave e lamuriosa começa a tocar, o tipo de instrumental que acompanharia uma morte trágica em uma série de TV, e eu franzo o nariz.

— Não tem nada mais animado? — pergunto. — A gente tá comemorando.

— Como assim? Isso é *relaxante* — protesta Ben, mas todos os outros soltam um grunhido.

— É, seria ótimo pra, tipo, uma procissão fúnebre bem relaxante — debocha Freddie.

— Pois fique sabendo que essa playlist me fez passar pela recuperação da cirurgia no joelho e um coração partido.

Todos encaram Ben. É exatamente essa a vibe da música.

— *Argh*, tá bom! — concede ele.

Ben passa para outra música, que é quase igual à anterior.

— Ben. Tenha dó — reclama Jimmy do lugar onde está fatiando o pão. — Sei que você ainda tá sofrendo pelo Sawyer, e tenho que admitir, meu irmão é incrível, mas já faz seis meses que vocês dois terminaram. Ele não morreu, só foi estudar na Universidade Estadual do Michigan. E seu joelho tá *ótimo* agora. Chega de música triste.

Eu sabia que Jimmy e Ben treinavam juntos em um ringue de Michigan, mas não fazia ideia de que Ben namorava o irmão mais velho

de Jimmy. Sawyer é jogador de hóquei. Jimmy é um patinador artístico. Ben é bi, Sawyer é gay, e Jimmy é hétero. Lá se vão os estereótipos.

— Deixa eu ver — pede Charlie, dando tapinhas no ombro de Ben e tirando o celular dele, passando o polegar pela tela. — Ok, aqui vamos nós.

Os sons animados de uma música que reconheço da estação de rádio que tocamos no rink, mas que não saberia nomear nem que minha vida dependesse disso, atravessam a cozinha e um murmúrio de aprovação vem de quase todos.

Ben revira os olhos, mas se acomoda no balcão outra vez, amassando os dentes de alho que coloquei na frente dele.

Não é bem uma refeição gourmet, mas não é nada mal para um bando de adolescentes que em sua maioria nunca cozinha, apesar do bolo arruinado de Riley. À medida que terminamos os preparativos, a cozinha começa a cheirar bem melhor e minha barriga ronca em resposta.

— Tá com fome? — pergunta Brayden, olhando por cima do meu ombro enquanto joga um pouco de manjerição no molho e acendo uma boca do fogão.

— Tô — respondo, mexendo a panela e depois colocando a tampa em cima para deixar o molho cozinhar.

Eu me encosto no balcão, observando o resto da equipe correndo pelo cômodo, e sorrio. Nunca estive em uma equipe *de verdade* antes. Quer dizer, eu, Brayden e Camille somos uma espécie de equipe, acho. E, mesmo que às vezes pareça que minha família vive esperneando, também é uma equipe.

Mas isso é diferente. Meio que é legal. Já participamos do Mundial Juvenil antes e, apesar de tecnicamente sempre termos sido uma equipe, não parecia tão bom quanto agora. Ainda é um pouco estranho, para ser sincera. Mas, quando partirmos para Paris, espero que noites como esta se tornem comuns.

— Vou arrumar a mesa — anuncio, tomando impulso no balcão e deslizando por Brayden, que sai do caminho para me deixar passar, mas ainda o sinto ali.

Na verdade, não me importo. Nem um pouco. É bom tê-lo por perto. Reconfortante, relaxante e fácil.

— Eu te ajudo — oferece ele.

Abro um armário e estico o braço na direção da prateleira do topo. Sou alta, mas esses armários são enormes, e os copos na verdade estão fora do meu alcance. Antes que eu possa sair do caminho, Brayden coloca a mão na minha cintura enquanto se equilibra em mim para pegar os copos. Não é como se a mão dele nunca tivesse estado ali antes. Na verdade, é possível que ela tenha tocado minha cintura mais do que qualquer outra pessoa no mundo, incluindo eu mesma, mas tem algo no gesto neste momento, com todos os outros no cômodo — ah, quem estou tentando enganar? —, com Freddie no cômodo, que faz ser diferente.

Prendo a respiração até Brayden me soltar e sair de perto, depois solto o ar aos poucos antes de me virar e olhar de volta para o resto da cozinha.

E é, ele viu. A maior parte da equipe viu, se as reviradas de olho servem de indicação, mas não consigo deixar de pousar os olhos nele. O rosto de Freddie está totalmente impassível; não há nada em sua expressão, nenhuma centelha de ciúmes ou, sendo sincera, de qualquer coisa.

Ele não se importa.

É claro que não se importa. Por que se importaria? Quão autocentrada eu sou para pensar que alguém neste cômodo se importa se Brayden Elliot toca minha cintura, ainda mais Freddie? Preciso parar com essa obsessão e deixar de estar sempre consciente da presença dele. Não é saudável.

Sacudo a cabeça e pego uma pilha de dez pratos, depois vou até a sala de jantar para arrumá-los. Há duas mesas de madeira enormes, mas todos nós cabemos em uma só.

— Deixa os copos na mesa, eu arrumo — falo para Brayden, que provavelmente pegou mais deles, logo atrás de mim.

— Claro — responde uma voz que não é a de Brayden.

Eu me viro e Freddie está atrás de mim, a não mais que um passo de distância, na verdade menos, e sinto um aroma que lembra um pouco canela. Será que existe sabonete ou colônia de canela? É picante e aconchegante e muito, muito bom.

— Ah. — Eu o encaro sem reação e sem jeito, tentando recalibrar o cérebro. — Oi.

Freddie ergue uma sobrancelha, mas não diz nada enquanto coloca um punhado de guardanapos e talheres de prata na mesa.

— Valeu — consigo dizer.

Ele assente e morde o lábio, abrindo a boca para dizer alguma coisa, mas um instante depois só balança a cabeça, então se vira e volta para a cozinha.

Solto o ar.

Merda.

Beleza, acabou. Não foi tão ruim. Agora eu falei com ele, para valer, mais ou menos, e Freddie claramente não tem nada para me dizer, o que não é um problema. Acho que posso lidar melhor com o silêncio do que com uma declamação completa de todos os motivos que ele tem para não ser nada além de educado. O fato de eu não ter questionado Camille e meu pai. O fato de que eu deveria ter esperado, mesmo que isso significasse que teríamos que abrir mão daquela temporada de competições. Assim como ele teria feito por mim depois que minha mãe morreu. O fato de estarmos começando a entender, mesmo naquela época, que nossa amizade era mais profunda do que a maioria. Ou pelo menos eu estava. O fato de que era especial. E eu estraguei isso também.

Ele não tem que dizer nada disso. Eu mesma já me disse essas coisas mais vezes do que o suficiente. Talvez Freddie saiba. Afinal, durante muito tempo, ninguém me conhecia tão bem quanto ele. Então talvez saiba e decidiu deixar isso para lá. É algo que ele faria.

Freddie, no fundo, é um cara legal. Sempre foi e é provável que sempre será. Até me ajudou com a sra. Tarasi ontem, quer ele saiba ou não. É o tipo de cara que vê uma criança chateada e dá um jeito de resolver a situação. O tipo de cara que perdoa e, se não esquece, pelo menos segue em frente. Então talvez ele tenha seguido em frente e saiba o quanto eu me arrependo do que fiz. Está feliz patinando com Riley e, provavelmente, em algum momento, vai fazer outras coisas não relacionadas à patinação com Riley, e, se não for com Riley, então com alguma outra pessoa. Alguém que não sou eu.

Minhas mãos tremem quando vou pegar os talheres que ele trouxe. Isso é ridículo. Preciso me acalmar. Ficou evidente que Freddie não está abalado desse jeito. Ele superou. Eu achei que também tinha superado, mas parece que não. Que seja. Posso fazer isso agora.

Pronto. Está decidido.

É hora de seguir em frente.

Vou superar.

Dou a volta na mesa bem rápido, arrumando o restante dos pratos enquanto todos entram na sala, com travessas cheias de comida.

Todos vamos nos sentar, mas Riley grita:

— Espera! Então, eu li sobre um exercício de integração de equipes e queria tentar. — Várias pessoas, inclusive eu, soltam um grunhido, mas ela só continua falando: — A gente sorteia papeizinhos com nomes, colocamos na mesa e essa vai ser a ordem em que vamos nos sentar. Ah! E você não pode sentar do lado do seu parceiro ou de alguém com quem você treina, porque isso vai contra o propósito do exercício.

Ela corre de volta para a cozinha e retorna segundos depois, brandindo um boné de beisebol com pedaços de papel dobrados em seu interior.

Essas regras não me dão muitas opções; tento fazer os cálculos bem rápido na cabeça, mas probabilidade nunca foi meu ponto forte.

— Ok, o Brayden senta aqui — diz Riley, gesticulando para a ponta da mesa.

Depois, coloca cartões para Jimmy e ela mesma, seguidos por Katya e Maria.

As coisas estão ficando ruins para o meu lado quando ela coloca Gillian na ponta da mesa e se vira. O nome de Charlie vem em seguida e depois Riley pega meu nome, mas o coloca de volta no boné porque treinamos juntos. Sobrou apenas um arranjo que não viola as regras. Olho para Ben, que se senta ao lado de Charlie com um sorriso e dá de ombros. Eu me sento ao lado dele e depois Freddie ocupa o último lugar vago, entre Brayden e eu.

Poderia matar Riley por sugerir isso.

Na verdade, fica tudo bem. Todos passam a refeição com conversas leves, sobretudo com as pessoas ao lado que elas não conhecem muito bem. Até Brayden e Freddie conversam um pouco, mas *eu* não estou bem porque, embora a mesa acomode a todos nós, fica um pouco apertado. Passei o jantar inteiro cuidando para que minha perna direita não chegasse nem perto da órbita da perna esquerda de Freddie. Meu corpo todo está hiperconsciente de que ele está sentado a poucos centímetros,

me ignorando completamente, mas ainda *bem ali*. Os ombros de Freddie são mais largos que o encosto da cadeira e toda vez que ele se vira para o resto da mesa depois de falar com Brayden, juro que consigo sentir o algodão da camisa dele roçar no meu suéter. Era mesmo eu algumas horas atrás montando um look para impressionar esse cara?

Aquela garota reviraria os olhos e zombaria da pilha ridícula de nervos que estou agora, mas nunca me senti assim antes.

Odeio isso.

— Sabe o que a gente deveria fazer? — sugere Freddie, e a mesa inteira se aquieta. — Jogar Chances.

Fico tensa ao lado dele e, de repente, o ar entre nós fica supercarregado. Esse é... esse era o jogo que jogávamos juntos, o tempo todo, por anos. Começou com coisas bobas que crianças fazem: colocar restos de fast-food no processador e beber como se fosse uma vitamina, ou fazer algo vergonhoso em público, tipo usar seu figurino vermelho, branco e azul de um evento de patinação comemorativo de Quatro de Julho em um jantar em janeiro. Ou...

— O que são “Chances”? — pergunta Maria, interrompendo meus pensamentos.

— É o *melhor* jogo — diz Riley, entre risadinhas.

É claro que eles já jogaram. Os dois amam esse tipo de bobagem, fazer loucuras e curtir o momento. Mas não significa que dói menos.

— É como jogar verdade ou desafio, ou, na verdade, só desafio, se você estiver jogando do jeito certo — explica Freddie, com um sorriso largo se espalhando pelo rosto. Reconheço o brilho perverso em seu olhar. — Você meio que joga pra sempre. Pergunta pra alguém quais são as chances de fazer alguma coisa, tipo, uma em três ou cinco ou dez. Depois vocês tiram no dedo pra ver se a pessoa vai ter que fazer. Então, tipo, digo que as chances são de uma em três que o Ben saia pelado e dê uma volta na casa agora.

— E eu digo uma em dez, não três — retruca Ben, ironizando de seu lugar na outra ponta da mesa.

— Beleza — concorda Freddie, de olhos brilhantes como eu me lembrava. — Aí a gente tira no dedo pra ver se os números batem. Um... dois...

No três, os dois estendem as mãos. Freddie com seis dedos. Ben com apenas três.

— E, já que o número não bateu, não preciso fazer o desafio — diz Ben, com alívio evidente.

— Vamos dar a volta na mesa? — pergunta Brayden, sem dúvida empolgado com o jogo.

— Nem — diz Freddie. — A gente vai ficar junto por semanas. É pra fazer quando aparecer uma coisa boa ou algo parecer certo pra outra pessoa. Todo mundo topa?

O resultado é unânime, ou pelo menos é o que parece para eles, já que eu definitivamente não concordei. Um jogo de Chances durante o tempo em que estivermos juntos.

Fantástico.

— Deixem os pratos na ilha, galera. Eu lavo — aviso para um coro de protestos quando todos começamos a nos levantar da mesa. — Vai por mim, vai ser mais fácil eu fazer isso. Sei onde guardar tudo. Vão se arrumar pra assistir a estreia do reality show da Elisa. Começa daqui a pouco.

Fujo para a cozinha e, depois que todos deixam seus pratos, solto o ar pela primeira vez no que parece quase uma hora. O lugar está uma bagunça total, mas já fui encarregada da cozinha em acampamentos de verão o suficiente para arrumar tudo bem rápido. Panelas e frigideiras que ficaram de molho na pia vão para a lava-louças industrial e são acompanhadas pelos pratos e talheres.

Ainda está quente na cozinha. Usando o elástico de cabelo que deixo sempre no pulso, prendo os cachos dos quais estava tão orgulhosa mais cedo em um coque bagunçado no topo da cabeça e arregajo as mangas, então guardo os ingredientes que deixamos espalhados enquanto comíamos.

— Seu cabelo fica bonito desse jeito — elogia Brayden ao entrar na cozinha.

— Valeu — digo, embrulhando o pão que sobrou e colocando-o no congelador.

— Tô feliz que você me fez vir hoje.

— Ah, é? — pergunto, enfim me virando para ele enquanto tiro um cacho da frente dos olhos.

Ah.

Ele está muito perto. Brayden murmura uma resposta positiva e dá um passo à frente. Ele não tem cheiro de canela. Brayden, fora do gelo, sempre tem o mesmo cheiro: sabonete neutro e Creed Aventus, uma colônia caríssima que mistura cheiros cítricos e amadeirados, criando algo intoxicante, principalmente já que ele não usa muito como vários caras fazem. Qual é a dos garotos ao meu redor, que cheiram tão bem?

Estendo a mão, que pousa no peito dele, mas não sei se estou fazendo isso para afastá-lo ou para me preparar para o que está por vir. O que estou fazendo? Brayden ergue a mão, torcendo o cacho nos dedos antes de colocá-lo atrás da minha orelha.

— Ah, desculpa!

Não saltamos para longe um do outro, mas meus olhos voam na direção da porta. Brayden se vira e olha por cima do ombro. Quando meu olhar segue o dele, sinto vontade de vomitar.

São Freddie e Riley. Juntos. Ele está carregando a parceira, nas costas, até a cozinha, enquanto ela dá risadinhas nervosas, olhando de mim para Brayden como se os dois tivessem interrompido alguma coisa.

Algo que não era o que parecia. Em grande parte.

— A gente queria umas bebidas — diz Freddie, olhando diretamente para Brayden e não para mim.

Riley salta das costas dele, ainda rindo.

— Tem... — Pigarreio e dou um passo para longe de Brayden, tirando a mão do peito dele. — Tem uma coisa cheia de limonada na geladeira.

— Perfeito! — exclama Riley, dando risadinhas nervosas. — Vamos pegar e deixar vocês dois, sabem... fazerem o que quer que estivessem fazendo.

Cada milissegundo de Freddie parado enquanto Riley lhe entrega um pacote de copos descartáveis é longo demais. Os olhos dele não desgrudaram de Brayden o tempo todo, o que é um alívio, porque acho que, se ele me olhasse agora, eu entraria em combustão espontânea.

Os dois saem instantes depois, e Brayden se vira de volta para mim com um suspiro.

— Então eles devem achar que... — diz, mas deixa as palavras morrerem e eu solto um grunhido.

— Eles não acham. Eles têm certeza. *Arggh*, isso é um pesadelo.

Brayden solta um suspiro pesado.

— Um pesadelo, sério? A irmã dramática não era a Maria?

Ele quase soa magoado, e eu franzo o nariz.

— Não é isso. Você sabe do que eu tô falando.

— É — concorda ele, inclinando a cabeça para mim, a boca se curvando em um sorrisinho. — Eu sei.

Será que sabe mesmo?

— Brayden, eu...

— Tá começando! — A voz de Katya chega até a cozinha, me interrompendo, mesmo que eu nem tenha certeza do que dizer.

— Vem, vamos lá — digo, aliviada pela interrupção. — Estamos prestes a ser figurantes de um reality show.

Ele ri e seu sorriso passa a ser verdadeiro.

— Mal posso esperar.

## Capítulo 7

A ÁREA COMUM DA Casa Kellynch tem um sofá modular enorme em forma de U na frente de uma TV grande. Nossos acampamentos foram pensados para atividades em grupo, então uma sala de TV para assistir a vídeos dos treinos e, claro, noites de filme para os participantes era uma necessidade, pelo menos de acordo com meu pai.

Brayden e eu nos acomodamos nos últimos lugares vazios na ponta de um dos assentos e parece que está todo mundo olhando para nós, o que talvez seja verdade. Talvez Freddie e Riley tenham voltado para cá e contado para todos o que viram... ou o que acharam ter visto. Katya e Gillian estão sussurrando uma para a outra e olhando de soslaio para nós.

*Argh*, e por que é que eu me importo?

Brayden parece não estar nem um pouco incomodado, relaxado no sofá. Tento fazer o mesmo, mas meus olhos ficam indo dele para Freddie, que está conversando com Ben, completamente alheio ao meu desconforto. Obviamente. Se nenhum deles está incomodado, eu também não deveria estar. Certo?

Então Maria se inclina para Katya e Gillian e as duas começam a rir. É, elas com certeza sabem.

A melhor distração é quando os créditos de abertura começam a aparecer na tela. Uma música dramática toca sobre vídeos em preto e branco dos meus pais e depois, enfim, Elisa patinando, e uma aparição rápida de Maria e eu, ambas com nossos parceiros deslizando pelo gelo. Em seguida, uma tela preta onde as palavras *KELLYNCH: A Família Real da Patinação Artística* aparece em letras desenhadas que parecem ter sido feitas com raspas de gelo.

O começo do programa é bem padrão. Mostra um panorama da história da família: o sucesso da minha mãe e do meu pai, o casamento, a chegada de nós três e depois a morte de mamãe. A sala ao meu redor fica

tensa por um instante, mas, felizmente, a tela muda para vídeos dos treinos quase de imediato. Boa parte é informações gerais que qualquer um poderia achar no Google, sobre Kellynch e como a NFSC tem tido dificuldade de apresentar performances dignas de medalha de ouro nos Mundiais e Jogos Olímpicos mais recentes. Há uma entrevista com Elisa em que lhe perguntam sobre sua falta de sucesso no âmbito internacional, principalmente em comparação com nossos pais.

— Bom, meu plano é surpreender muita gente — diz ela para um entrevistador fora da imagem.

Em seguida, a tela mostra Elisa treinando um Axel triplo e caindo.

Ah, ela não vai gostar disso.

O resto da sala parece concordar com meus pensamentos. Ouço alguns grunhidos e Brayden, sentado ao meu lado, chega a dar risada. Eu me viro para encará-lo, irritada, e ele consegue disfarçar com uma tosse.

— Que foi? — pergunta, sorrindo para mim, e eu balanço a cabeça.

Há uma entrevista com meu pai onde ele exhibe o charme de sempre, mas aí o episódio dá uma guinada brusca.

— O que você diria para as pessoas que acreditam que Kellynch não é mais o que era antes? — questiona um entrevistador.

Meu pai bufa, debochado.

— Continua sendo o melhor rinko do país, e temos mais campeões nos últimos vinte anos do que alguns países em *toda* a sua história.

— Nenhum nos últimos cinco anos, tirando os campeonatos juvenis que sua filha do meio, Adriana, e o parceiro de dança no gelo dela, Brayden Elliot, conquistaram. Além disso...

— Vamos ver o que acontece em Pequim, pode ser? — corta papai, menosprezando nossas vitórias na dança no gelo, como sempre.

Posso sentir todos os olhos na sala se virarem para mim, mas mantenho o olhar fixo na tela e engulo o nó na garganta quando o vídeo muda de novo. Elisa está no primeiro plano, trabalhando na coreografia, mas a câmera vai além do ombro dela, deixando-a fora de foco enquanto claramente mira em Brayden e eu do outro lado da pista. Estou nos braços dele, com as pernas ao redor de sua cintura ao passo que Brayden sustenta o meio das minhas costas com as mãos. Estou com o corpo estendido, os braços esticados atrás da cabeça. Camille está na lateral da

pista, dando instruções para nos desentrelaçarmos e continuarmos a patinar. Lembro muito bem desse dia.

Eu caí.

Feio.

Só que esse não é um desses momentos. Foi quando nós enfim acertamos. Não existe um sentimento igual no mundo, quando você está toda dolorida e prestes a desistir, e aí faz o movimento e ele sai perfeito. Quando volto a ficar reta e firme no chão, Brayden e eu damos um “bate aqui” e ele passa um braço ao redor do meu ombro para um meio abraço de comemoração.

O Brayden da vida real ri e faz a mesma coisa, me puxando para mais perto.

— E como é seu relacionamento com Brayden Elliot? — pergunta o entrevistador quando a tela volta a mostrar Elisa.

Ela dá de ombros, acanhada.

— Prefiro não comentar — responde, e o sorriso que se segue diz tudo que precisa ser dito.

Brayden bufa, e então, do outro lado do sofá, Maria diz:

— Quais são as chances de *você* comentar?

Brayden dá de ombros com seu jeito descontraído de sempre, se afasta de mim, vai mais para a frente no sofá e afirma:

— Três.

— Opa! — gritam Ben e Jimmy, juntos.

Uma em três. Há grandes chances de estarmos prestes a ouvir detalhes de algo que eu nunca, nunca mesmo, quis saber. Na época, implorei para Elisa não se envolver com Brayden, mas ela faz o que quer, então me resignei a só pedir para os dois me deixarem de fora daquela história.

Um. Dois. Três. Maria mostra um dedo, Brayden mostra três.

— Mais sorte da próxima vez, Russozinha.

Então o vídeo volta e mostra Brayden e eu trabalhando na nossa coreografia, nossos corpos colados um ao outro, uma das minhas pernas deslizando sobre a dele enquanto Brayden me abaixa na direção do gelo.

Engulo em seco e consigo sentir para onde as coisas estão indo antes mesmo de a pergunta seguinte ser feita.

— E a sua irmã não se importa? Eles parecem *muito próximos*.

— A Adriana? — diz Elisa, rindo diante da insinuação. — Não, certeza que eles são só parceiros. Ele a vê como uma irmã mais nova.

Ao meu lado, Brayden enrijece e o braço fica tenso contra o meu. Imagino que talvez ele tenha dito isso para ela em algum momento, mas talvez não fosse inteiramente verdade. Minha mente volta para poucos minutos atrás. Não, com certeza não era inteiramente verdade. Brayden e eu somos parceiros e amigos, mas *não* somos irmãos.

O vídeo muda de novo. Brayden e eu estamos saindo do gelo, ele ainda com o braço ao redor do meu ombro. As câmeras não estavam perto o suficiente para captar o que estávamos dizendo, mas estamos rindo, e ele dá um beijo na minha testa antes de atravessarmos o portão. Eu saio primeiro e vou direto para o vestiário, mas a câmera pega Brayden parado ali, me vendo partir.

O programa vai para um intervalo comercial e o silêncio reina na sala, de alguma forma sufocando até a propaganda irritante de detergente que ressoa bem alto pelas caixas de som. Todos continuam de olhos fixos em mim... em nós. Posso sentir os olhares e finalmente reúno coragem suficiente para desviar a atenção da tela.

— A Elisa vai *surtar* — declara Maria, enfim quebrando o silêncio.

— Não é tão ruim assim... — Jimmy tenta insistir, mas ninguém o apoia.

— Não acredito que fizeram isso — digo, a raiva irrompendo de mim e sobrepujando por completo o constrangimento que eu estava sentindo segundos atrás. — Qual é? Eles achavam que focar na patinação não era interessante, então fizeram o quê? Decidiram inventar um triângulo amoroso de merda? Sério mesmo? *Argh*.

— Tá tudo bem — diz Charlie. — Ninguém leva esses programas a sério mesmo. Tipo, todo mundo sabe que é mentira.

— *Hã*, será mesmo? — fala Jimmy, rolando a tela do celular. — O Brayden tá começando a entrar nos *trending topics* de Boston.

— Quê? — pergunta Brayden, se virando ao meu lado enquanto pega o celular no bolso de trás.

Dou uma olhada na tela quando ele abre seu perfil e é, lá está, exceto que o aplicativo dele está configurado para mostrar os *trending topics* nos Estados Unidos, e é onde o nome dele aparece. Abaixo, está o de Elisa, e depois... o meu.

— Quantas pessoas você acha que viram isso? — murmuro, mas é uma pergunta idiota.

O suficiente para entrarmos nos *trending topics*. O suficiente para a grande maioria acreditar no que viu.

Mais do que suficiente.

— Então, quais são as chances de a Elisa ter visto? — sussurra Brayden.



— Vi alguém nos comparar às Kardashians. É incrível! — Uma versão borrada de Elisa dá um gritinho pela chamada de vídeo. — Isso com certeza vai convencer a Nike.

Não cheguei a dormir noite passada e agora são cinco da manhã, cinco da tarde no horário de Pequim, e Maria e eu estamos no quarto dela, em uma ligação com minha irmã mais velha e meu pai. Na verdade, mais com Elisa. Papai está no fundo, indo e vindo, se olhando no espelho enquanto experimenta diferentes gravatas com o terno que está usando.

— Foi muito legal ver nossa família na TV daquele jeito — diz Maria. — Teve até um trecho comigo e o Charlie!

Teve mesmo, no final do episódio, quando rolou uma retrospectiva do desempenho da nossa família no Campeonato Nacional, antes de começarem as filmagens.

— E, claro, com a Adriana e o Brayden também.

— Bom, foi mais focado em você — acrescento, às pressas, sem repetir o assunto, já que Elisa está sem dúvida ignorando o que aconteceu de fato na tela em favor da publicidade que o programa nos rendeu —, mas acho que eles estavam tentando dar um pano de fundo para o público saber quem é quem nos próximos episódios.

— É, e as redes sociais tão bombando. — Maria dá um gritinho. — Todos nós somos verificados agora, que nem você. Eu tô com quase cinco mil seguidores, a Adriana tem ainda mais e o Brayden tá com, tipo, cinquenta mil. Os *stans* tão indo à loucura, são completamente obcecados por ele e...

— Como vão os treinos? — interrompo.

Não é a hora de falar sobre como agora tenho o mesmo número de seguidores que Elisa, perto de vinte mil, e não para. Tive que desativar as notificações ontem à noite só para tentar dormir um pouco.

— Tá tudo maravilhoso! — responde Elisa. — E não vou dar nomes, mas tá rolando *um monte* de quedas nas sessões de treino da Rússia. Acho que vão ver a irmã querida de vocês no topo daquele pódio.

Maria solta um gritinho ao meu lado e eu sorrio. Amo minha irmã e quero vê-la ter sucesso, mas aquelas garotas russas quase nunca caem em competição. Elas são tipo máquinas de pular que também conseguem ter um talento artístico e uma graciosidade de bailarina incríveis.

— Olha, preciso ir, mas dá um abraço no papai por mim.

— E dá um no Brayden por mim! — exclama Elisa.

Arregalo os olhos, em pânico, mas o rosto dela está completamente livre de ironia e não há nada de sarcástico em seu tom de voz.

— Diz pra ele que eu tô com saudade!

— Claro! — falo, e encerro a ligação quando vejo Maria abrir a boca para responder.

— Ei! — protesta ela. — Não consegui dar tchau.

— Você não ia dar tchau.

— Você vai ter que lidar com essa história alguma hora. Melhor que seja agora.

— Tô torcendo pra eles deixarem essa linha narrativa ridícula de lado no próximo episódio.

Maria claramente discorda.

— Vocês dois ficaram, tipo, a noite inteira nos *trending topics*. Ainda devem estar. Não tem a menor chance de eles deixarem de lado. Você deveria ver os *edits* que as pessoas tão fazendo, tipo vídeos de homenagem de verdade.

Saio da cama e pego a mochila com meus patins.

— *Argh*, já deu. Preciso mesmo ir treinar.

— Pois eu não — fala ela, colocando o notebook no chão e voltando a se aconchegar debaixo das cobertas. — Preciso de pelo menos mais três horas de sono.

— Boa noite — digo, desligando a luz para deixá-la dormir.



— Cheguei antes de você — aponta Brayden quando saio apressada do vestiário, procurando por Camille e suspirando de alívio ao perceber que não estou atrasada de fato.

— Fiz uma chamada de vídeo com Pequim hoje de madrugada e acabou durando um pouco mais que o esperado.

— Ah, é? — pergunta ele, incapaz de esconder a tensão nas palavras.

— Ela meio que tá só ignorando tudo — respondo o que Brayden queria mesmo perguntar. — Você sabe como a Elisa é. Tudo que ela não gosta, finge que não existe. Em vez disso, ficou falando da Nike.

— Bem, em termos de dinheiro, isso é bom, né?

— É, é muito bom em termos de dinheiro — concordo. — Mas ainda não acredito que o programa fez aquilo. Tipo, qual era o sentido? Não é como se estivesse rolando alguma coisa entre nós dois ou entre você e a Elisa.

Brayden parece inquieto.

— Você ainda tá chateada.

— É, tô mesmo. É tão baixo. Você é meu parceiro e a Elisa é minha irmã, e essas duas coisas são muito mais importantes do que um drama falso idiota pra um reality show que nem é sobre nós dois. A gente não tá em Pequim. Nem somos da categoria adulta ainda. E não precisamos dessa distração antes de Paris. Não são os Jogos Olímpicos, mas é a competição mais importante das nossas carreiras, e não quero terminar fora do pódio de novo. Então chega disso, vamos treinar.

— Você tá certa — concorda ele enquanto entramos no gelo.

No ano passado, terminamos em quarto lugar. Não existe nada pior do que terminar em quarto lugar. Preferia ter ficado em último. Isso teria doído menos do que chegar tão perto de uma medalha e sair de mãos vazias. Na verdade, ninguém esperava que nós terminássemos em uma colocação tão alta, e as três duplas que nos superaram estão competindo na categoria adulta agora, mas, *mesmo assim*, nunca vou esquecer a dor

de ver nossos nomes fora da zona das medalhas. Tenho que focar nisso e nada mais.

Não temos o rinkue só para nós na manhã de hoje. Riley e Freddie, com seus treinadores, Georgia e Harry, se apropriaram de metade do gelo e nos deixaram com a outra.

Camille entra e sorri ao ver nós dois à sua espera.

— Ah, o Casal do Momento — brinca ela.

Reviro os olhos. Camille ama reality shows, principalmente os de namoro com todo aquele drama. Ela ergue as sobrancelhas em um gesto sugestivo e Brayden ri, então me junto a ele, mas sai forçado e imagino que ela percebeu.

— Ok, bom, já que a química de vocês parece ser um fenômeno da internet, não podemos decepcionar esse público carinhoso. Hoje vamos começar treinando a coreografia. Quero garantir que a conexão entre vocês e com a música brilhe também para os juízes. Primeiro com a música de *Game of Thrones*. Lembrem-se: amor proibido, o destino do mundo inteiro está nas costas de vocês, e um passo em falso, mesmo em conjunto, fará tudo desabar debaixo dos patins. Preciso ver isso no rosto dos dois — diz ela para nós, mas a última parte com certeza foi direcionada para mim.

— Sem pressão — murmuro.

Talvez os patins não sejam uma questão de vida ou morte tão grande assim para nós, mas as ideias fazem sentido. Algo nisso tudo parece frágil esta manhã, de um jeito que não parecia alguns dias atrás. Talvez eu possa usar isso, *sentir* isso enquanto patinamos. Talvez ajude.

Estendo a mão para Brayden e ele a segura com delicadeza, então giro para longe dele e formamos nossa pose inicial, de costas unidas, as mãos entrelaçadas. O violoncelo que começa o medley de *Game of Thrones* da nossa dança rítmica ressoa devagar na breve seção introdutória de “Rains of Castamere” da música. Giro para defrontar Brayden e as mãos dele deixam as minhas, depois sobem meus braços até o rosto; uma repousa na base do meu pescoço, e a outra vai até a cintura enquanto giramos sem sair do lugar e depois paramos na nossa primeira pose.

Camille nos faz parar nesse ponto.

— Ok, Brayden. Menos “quero arrancar as roupas dela” e um pouco mais “estamos prestes a lutar uma guerra”.

Brayden ri. Camille não tem papas na língua e já disse coisas desse tipo para nós antes. É com certeza algo que ele faz quando olha para mim, o suficiente para que qualquer um que assistiu ao programa ontem à noite repare. E não é como se não fosse bom ser olhada desse jeito, mas desvio a atenção na hora para o outro lado do rink.

Será que Freddie ouviu Camille?

Não, é claro que não ouviu. Ele e Riley estão treinando uma sequência complicada de levantamento, uma que não vi os dois fazerem antes em competições. É bem difícil e está meio merda, mas a atenção dele está completamente focada nela, é óbvio.

Preciso parar com isso.

Nunca vou sobreviver às próximas semanas se não parar agora com isso. Sou uma atleta profissional. Sou uma das melhores patinadoras do mundo. Posso parar de me preocupar com o garoto no qual eu tinha um crush para me concentrar na maior competição da minha vida. Certo? É claro que posso. Sou uma Russo. É isso que nós fazemos: vencer.

Então me ocorre que Camille não fez nenhuma observação sobre minhas expressões faciais.

*Hã.* Deu certo. Tudo ótimo, então.

— Vamos lá — digo para Brayden.

Ele sorri enquanto nos dirigimos de volta para recomeçar no centro do gelo.

Desse momento em diante, o treinamento corre como de costume, e estamos afiados.

— Isso! Fogo. Gelo. Amor proibido. Guerra. Sexo. Tragédia! — grita Camille do outro lado dos painéis à medida que patinamos nossa dança livre, e a música vai crescendo e crescendo até culminar com Brayden me apunhalando de mentira enquanto estamos abraçados e depois me abaixando até o gelo para encerrar, com a testa pressionada sobre o meu pescoço. — Isso!

A cada respiração minha, os lábios de Brayden roçam minha jugular pulsante. Seguramos a pose por mais um instante até ele se levantar e me puxar consigo. Sorrio e dou risada do jeito como arrasamos no ensaio.

— Excelente — elogia Brayden, passando o braço ao redor do meu ombro como fez ontem na TV.

Nunca tinha notado antes, mas acho que é uma coisa que ele faz bastante, agora que parei para pensar.

Camille está aplaudindo enquanto patinamos para fora do gelo, assim como a pequena plateia que se juntou sem que eu notasse. A maior parte da equipe está aqui agora, se aquecendo para as próprias sessões de treino. Posso sentir as bochechas corando e ardendo diante da atenção. É estranho; não me importo com uma plateia enorme cheia de rostos sem nome, mas, considerando o que todos vimos ontem à noite, agora parece que os aplausos têm um significado totalmente diferente.

Já fora do gelo, enquanto Katya e Gillian entram no rink para a sessão de treino da patinação individual feminina, ouvimos algumas das correções de Camille, porque, mesmo quando arrasamos em uma performance, temos coisas a corrigir, e assim termina o treino da manhã. Um certo pânico ronda minha mente. Katya e Gillian estão na categoria juvenil, como eu, mas subiram no ranking com Elisa. São muito mais próximas dela do que de mim. E se disserem alguma coisa para ela? Tento ignorar as duas e foco em Camille em vez disso. Estou sendo paranoica e, sendo sincera, o que elas vão dizer? Que Brayden e eu estamos treinando juntos e as coisas estão ótimas?

— O que você vai fazer hoje à noite? Algum encontro? — pergunto para Brayden enquanto nos dirigimos para os vestiários.

— Nem, acho que só vou ficar de boa.

Pisco, atordoada.

— Mas é quinta-feira. Você sempre sai na quinta.

Ele dá de ombros.

— Nem sempre. Além disso, talvez seja hora de dar uma maneirada com o Mundial tão perto.

— Ah! Brayden, Adriana, que bom que encontrei vocês — chama Charles Monroe, descendo da arquibancada e interrompendo minha completa descrença na capacidade de Brayden de dar uma maneirada.

— Bom dia, sr. Monroe — cumprimento, ajustando a mochila. — O que foi?

— Queria avisar que andei recebendo ligações sobre os dois hoje de manhã. A maioria é de marcas que gostariam de fazer uma parceria, para

vocês falarem um pouquinho delas nas redes sociais.

— Sério? — pergunta Brayden, arregalando os olhos.

— Sério — confirma o sr. Monroe. — Um dos meus funcionários da área de redes sociais da agência tomou a iniciativa e criou um perfil conjunto para vocês.

— Uau, isso é... impressionante — digo, franzindo as sobrancelhas. — Tem marcas interessadas de verdade?

— Como eu disse, nada grande, alguns pedidos de publi, principalmente mostrando uns produtos, mas mesmo assim é bem mais do que a maioria dos atletas juvenis esperaria. Vou pedir para mandarem os produtos com as instruções do que vocês devem postar. Só pediram que vocês apareçam juntos na foto. Pelo visto, a aparição naquele programa ontem à noite teve um impacto grande. Amaram vocês dois juntos. Patrocinadores adoram um casal vendável.

— Ah, nós não somos...

Mas Brayden assente com a cabeça e me interrompe.

— Claro, parece ótimo. Valeu, Charles.

Charles nos deixa com um sorriso e vai até Charlie e Maria, que estão sentados na arquibancada que rodeia o ringue, esperando o horário de treino deles, daqui a mais ou menos uma hora.

Eu me viro para Brayden e lanço um sorriso incrédulo, mas ele me ergue e me gira e eu solto um gritinho que atrai a atenção de todo mundo.

— Dá pra acreditar nisso? — pergunta ele depois de me colocar no chão.

Balanço a cabeça.

— É loucura.

— Eles amam nós dois juntos. Quer dizer, quem não amaria?

— A gente faz mesmo uma boa dupla.

Ele me encara por um segundo, e depois por mais outro. Por tempo o bastante para me deixar um pouco desconfortável.

— Que foi? — pergunto.

Brayden olha ao redor, pega minha mão e me puxa até um escritório reservado para os treinadores às margens do ringue. Quando a porta se fecha atrás de nós, ele se vira para mim e me encara fixamente.

— E se a gente fosse mais do que isso?

Ah.

É isso que ele quer? Tipo, de verdade? Quer dizer, ele vive flertando, mas isso é só Brayden sendo Brayden. Não pode estar...

— Brayden... — começo, tentando pensar no que dizer em seguida, em como desfazer o pânico que gira na minha mente.

Ele deve ver a confusão estampada no meu rosto, porque balança a cabeça.

— Não, não pra valer. Tô falando só, sabe, pras redes sociais, fingir pros fãs e patrocinadores. Nós somos ótimos juntos e você ouviu o Charles. Eles querem a gente como casal, então vamos dar isso pra eles. Nós podemos ser o próximo sucesso da patinação artística dos Estados Unidos, e você sabe que a grana que vem com isso é bem boa.

Ele tem razão. Droga. Ele tem toda razão.

— Eu... — Os olhos dele se iluminam. — Preciso pensar a respeito.

O brilho diminui um pouco, mas Brayden assente, dá um passo à frente e segura minhas mãos, apertando com delicadeza, e Deus me ajude, mas isso faz eu me sentir um pouco melhor. Ele é Brayden, meu parceiro, o cara em quem confio para me erguer no ar enquanto patinamos a toda velocidade pelo gelo.

— Pensa nisso e me avisa, mas promete que vai refletir *mesmo*. Dá uma chance pra gente.

— Eu vou. Prometo.

## Capítulo 8

— NÓS SOMOS IRMÃS TÃO boas — diz Maria.

— Quê? — pergunto, distraída.

Eu a ouvi, mas meu cérebro está demorando um segundo a mais para processar as palavras. Ele passou a semana toda um segundo mais lento. Desde aquela conversa com Brayden, minha mente está trabalhando além da capacidade. Patrocínio. Dinheiro que poderia deixar os próximos quatro anos um pouquinho mais fáceis, que nos colocaria no caminho para receber um pagamento ainda maior depois das Olimpíadas. E é só eu manter a cabeça baixa, dar o meu melhor no rink e não contar para ninguém que Brayden e eu *não* somos um casal.

O segundo episódio de *KELLYNCH: A Família Real da Patinação Artística* foi ao ar na outra noite e, de certa maneira, eles não abandonaram o enredo de triângulo amoroso. Do jeito que o episódio foi editado, qualquer um assistindo sem dúvida presumiria que eu e Brayden estamos juntos, apesar de Elisa obviamente gostar dele enquanto todos treinamos no mesmo rink. E, como ainda não fizemos muito esforço para contradizer essa ideia, os espectadores estão adorando — pelo menos eu acho que estão, com base nos meus quase cem mil seguidores e suas mensagens constantes sobre o quanto nos amam.

— Eu disse que nós somos irmãs muito boas.

— É, somos mesmo.

Uso o cotovelo para abrir a porta de vidro e Maria, que está com uma das mãos livre, abre a porta seguinte.

Acordamos às cinco da manhã para conseguir ver a primeira apresentação olímpica de Elisa ao vivo. Os jogos começaram há menos de uma semana e esta noite — Pequim está doze horas na nossa frente — é a última da competição de patinação artística por equipes. Ela vai pisar no gelo pela equipe dos EUA na patinação livre feminina. O resto

do time também queria assistir, então pedimos para nossos treinadores adiarem os horários de treino, o que foi fácil o suficiente, já que ninguém mais tem acesso ao rinque.

É legal, e agora quase parece rotina ir até a Casa Kellynch passar um tempo com todo mundo. Mesmo ficar perto de Freddie está mais fácil. Claro, nós mal nos falamos, mas também consigo dividir o mesmo espaço com ele sem sentir cada terminação nervosa do meu corpo vibrar de ansiedade.

E isso é ótimo. Facilita muito as coisas.

Inalando o aroma do café da manhã que vem da cozinha, grito:

— Seja lá quem tenha decidido que hoje é dia de bacon, vou te amar pra sempre.

Fico tão feliz de outra pessoa ter pensado em adiantar o café da manhã. Acho que provavelmente queimaria qualquer coisa que tentasse cozinhar hoje. Estou uma pilha de nervos. Tanta coisa depende do sucesso de Elisa nos Jogos. Não consigo imaginar o quanto ela deve estar nervosa agora. Se bem que estamos falando de Elisa. Ela não deve estar nem um pouco nervosa.

Entro na cozinha e vejo Freddie ao fogão, me encarando, com a boca um pouco aberta e uma espátula pairando sobre a frigideira. Ele está com as sobrancelhas arqueadas e quase escondidas debaixo do cacho de cabelo um pouco longo demais que cai sobre a testa.

Ah, merda.

— Pra sempre é muito tempo — diz ele com suavidade.

Eu só pisco feito uma idiota, sem fazer ideia do que mais dizer. A expressão de Freddie, porém, não muda, e então ele volta a olhar para o bacon como se a comida tivesse xingado a mãe dele.

— Tem bacon? — pergunta Maria, entrando logo atrás de mim.

Ela me empurra para fora do caminho para poder passar pelo arco da cozinha e colocar o café na ilha.

— Bacon de peru — responde Freddie por cima do ombro, depois volta a focar na frigideira.

Descarrego meus próprios pacotes de café e me sirvo de outra caneca.

— Quase pronto? — diz Riley ao entrar na cozinha, ainda de pijama e com o cabelo amarrado em um lenço de seda bonito combinando.

Não parece nem um pouco que ela acabou de sair da cama.

— Pronto, na verdade — responde Freddie.

Riley se esgueira para o lado dele e pega um prato, estendendo-o para o parceiro. Freddie sorri para ela enquanto Riley o fita com olhos cheios de adoração.

— Obrigada — fala.

Tenho que desviar o olhar. Parece um momento íntimo, algo que eu não deveria estar vendo ou ouvindo. Ah, e lá estão elas de novo, aquelas terminações nervosas vibrando. Minha barriga revira também desta vez.

Sentir ciúme é uma droga.

— *Hã*, Adriana? — diz Ben atrás de mim.

— Que foi? — pergunto, talvez um pouco mais ríspida do que o necessário.

Ele ergue uma sobrancelha para mim; depois, após uma olhada rápida por cima do meu ombro, sua expressão se suaviza um pouco.

Ah, Deus. Ele sabe. Quer dizer, é claro que sabe que Freddie e eu patinávamos juntos. Todo mundo sabe disso, mesmo que ninguém tenha dito nada, mas aquele olhar. Aquele olhar é o de alguém que entende exatamente por que eu explodi com ele sem nenhum motivo aparente. Alguém que sabe por que eu ficaria tensa perto de Freddie e Riley. Por que outro motivo ele me olharia desse jeito?

Ben faz uma careta e gesticula na direção da porta.

— Tem uma equipe de filmagem aqui. Parece que vão filmar a gente hoje.

Isso me arranca do estado de perturbação.

— Como é que é?

Ele tem razão.

A equipe de filmagem que nos deixou algumas semanas atrás voltou com os microfones boom, as câmeras e o enredo ridículo sobre Brayden, Elisa e eu. Também voltou com um contrato assinado pelo meu pai.

— Ei — diz Brayden, chegando no meio do caos que é a preparação da equipe. — Pensei que isso tinha acabado?

— Parece que não. Eles querem nossas reações à competição da Elisa.

— É — confirma um cara com um *headset* e um rádio preso ao cinto, enfiando uma prancheta com um formulário de consentimento na cara de Brayden. Ele tem 18 anos e pode assinar por si mesmo. — A gente precisa que você assine aqui, mano, se quiser sua cara na câmera.

— Claro — fala Brayden, assinando o formulário e devolvendo-o.  
Bem assim. Sem hesitação.

— Não sei se isso é uma boa ideia — protesto, mordendo o lábio.

O homem de *headset* está abordando todos os outros com formulários de consentimento, e os treinadores assinam por qualquer um que não tenha um responsável por perto.

— Ei — chama Brayden, pousando as mãos nos meus braços, esfregando-os como faz antes de sairmos para competir. — Foi sobre isso que a gente conversou, né? Sei que você não se decidiu, mas esse é o tipo de coisa que vai nos ajudar pelos próximos quatro anos.

Ele tem razão. Com um pouco mais de tempo de tela, talvez mais empresas queiram que a gente faça propaganda nas redes sociais. Charles nos mostrou o acordo com a primeira e é mais do que o suficiente para eu não precisar dar aulas por semanas depois que voltarmos do Mundial. E isso foi só para uma foto marcando o perfil da empresa. Nós nem tiramos a foto ainda e parte do pagamento já está na minha conta. Depois do treino, vamos tirar e postar umas fotos com a faixa de alongamento que a empresa que entrou em contato com Charles nos enviou. Deve levar uns dez minutos, e depois uma grana digna de um mês de aulas vai cair para mim.

Maria já está assinando seu formulário de consentimento. É meio desnecessário, uma vez que papai já deu permissão, mas é bom eles fingirem, eu acho.

— Ok — digo, pegando a prancheta que minha irmã me passa, e assino meu nome.

A equipe nos organiza no sofá e as posições estão estranhamente parecidas com o jeito que nos sentamos algumas noites atrás para assistir ao episódio mais recente do mesmo programa que estamos filmando agora.

Riley, Katya e Gillian descem as escadas, e com certeza não parecem ter acordado há menos de uma hora. Maria implora para Gillian lhe emprestar a maquiagem. Não me dou ao trabalho. Talvez, se eu não usar maquiagem, todo mundo vá pensar que eu não sou bonita o suficiente para Brayden e um pouco dessa história toda vai parar. Mas será que eu quero isso? Prometi para Brayden que ia pensar a respeito, considerar de fato a possibilidade de deixar o mundo acreditar... bom, em seja lá o que

as pessoas provavelmente presumiram sobre nós até agora, e usar essas suposições para ganhar uma grana. Será que seria tão ruim assim?

Quando me sento, chacoalho a perna de nervoso até Brayden segurar meu joelho para me fazer parar. Não quero odiar isso, mas odeio. Seria viver uma mentira. Uma mentira de omissão, mas uma mentira mesmo assim.

Salto para longe da mão dele.

— Vou pegar mais café. Alguém quer?

Um coro de “eus” se segue. Ótimo. Isso vai me manter ocupada.

— Eu ajudo! — exclama Riley, que me segue até a cozinha.

Sirvo dez canecas de café e depois mais cinco. São pouco mais de sete da manhã e vai saber a que horas a equipe acordou para estar aqui. Esse pessoal também merece cafeína.

— Isso é tão empolgante — comenta Riley. — Não acredito que vou aparecer na TV.

— Você já apareceu na TV antes, em competições.

— Não é a mesma coisa — argumenta ela, com olhos brilhantes e um sorriso largo. — Pensa só, talvez toda essa galera que tá obcecada com você e o Brayden acabe amando o Freddie e eu também!

— Com certeza vai. Vocês são incríveis juntos e, por falar nisso, *como* estão as coisas com o Freddie?

Meio que sinto ódio de mim mesma ao fazer a pergunta, mas não consigo evitar.

— Boas — responde ela. — Ele é um amorzinho, me dá a maior força e é muito fofo, mas *não* quer saber de tomar a iniciativa. Não sei o que mais fazer além de, sei lá, me jogar nele a essa altura.

Faço uma careta e dou de ombros.

— Ele sabe que você gosta dele?

— Não! Pelo menos eu acho que não. Talvez? — Ela dá pulinhos. — Me ajuda. Não sei o que fazer.

Engulo a vontade de dizer que ela deveria esperar, mesmo que Freddie O’Connell nunca, jamais, expresse interesse, e sugiro:

— Você pode contar pra ele? Se bem que — eu me odeio ainda mais ao ouvir as palavras saírem da minha boca —, você tem certeza de que é uma coisa que quer fazer? Misturar a parceria no gelo com romance? É muita coisa. Pode dar errado.

— Você tem razão — concorda Riley, e depois parece chegar a algum tipo de decisão mentalmente. — Preciso ter certeza de que o Freddie gosta de mim primeiro antes de contar pra ele. Desse jeito, não tem como as coisas virarem uma bagunça.

Quero interrompê-la nesse ponto e dizer que não existe garantia nenhuma de que isso não vá acontecer, mas ela continua falando:

— Você viu nós dois juntos. Acha que ele gosta de mim?

Eu vi os dois juntos. Patinando juntos, rindo e fazendo graça, se abraçando ao final de um ensaio bem-sucedido.

— Por que não gostaria? Você é linda, inteligente e talentosa, e ele confia que você não vai enfiar sua lâmina na artéria femoral dele toda vez que vocês fazem um levantamento. Acho que, se Freddie *não* gostar de você, então tem muita coisa pra explicar.

É a verdade, mesmo que meu ciúme idiota esteja enfurecido. Por que Freddie não gostaria de Riley? Ela é perfeita para ele e não é como se eu tivesse direito algum sobre meu ex-parceiro. Não mais. Não que eu já tenha tido. E vai saber se o que eu sinto por ele ainda é real? Mal disse uma palavra para Freddie desde que chegou aqui. Talvez eu ame a ideia de amigos de infância se apaixonarem? Se bem que, sem dúvida, eu sou a única apegada a isso. Freddie com certeza não está. Jurei para mim mesma que ia superá-lo. É hora de cumprir a promessa.

— Você tem razão — diz Riley. — Quem precisa que o cara tome a iniciativa, né?

— É isso — concordo enquanto equilibramos as canecas de café em duas bandejas grandes e as carregamos até o grupo.

Riley vai até a equipe de filmagem, então eu me viro para o nosso grupo, passando as canecas junto com açúcar, leite e creme, mas um dos cabos das câmeras se enrosca no meu tornozelo, e por uma fração de segundo me vejo prestes a cair, levando uma bandeja de café escaldante comigo.

Só que não caio, e alguém segura a bandeja. Sinto uma mão forte no meu cotovelo e um braço quase que de todo envolto na minha cintura, sua mão me segurando com firmeza no lugar.

Sei quem me segurou sem ter que olhar, mas faço isso mesmo assim. Nossos olhares se encontram e se sustentam, e o toque de Freddie é de alguma forma tão familiar quanto estranho. Como isso é possível?

Então a mão dele se flexiona, impaciente. O contato faz faíscas voarem por todo o meu corpo, e sinto um formigamento agradável na pele enquanto desenrolo com cuidado o pé do emaranhado grosso de fios. Mas é como se as faíscas queimassem os dedos dele, e Freddie se afasta de imediato, como se fosse fisicamente insuportável me tocar. E isso me deixa sem ar, como se eu tivesse caído de peito no gelo. Mal consigo murmurar um “obrigada” e ele já está se virando para Riley, que lhe oferece uma caneca.

Olho para as câmeras ao redor e me pergunto qual delas captou meu tropeço. Talvez mais de uma. Vai saber, talvez na próxima semana a história vire um paralelogramo amoroso. Sabe, só para manter a audiência alta.

— Bela pegada — diz Jimmy, estendendo a mão em punho para dar um soquinho na de Freddie.

Eu me afasto com cuidado e coloco a bandeja na mesa de centro, encontro meu lugar e espero a competição começar. Brayden me oferece a última caneca de café na bandeja. Eu a pego, sentindo as mãos esquentarem, e me viro para a TV na esperança de que meu rosto não revele que eu com certeza não superei Freddie O’Connell e não sei se algum dia vou superar.

A transmissão me salva.

— E aqui está Elisa Russo. Ela teve um desempenho sólido nos treinos da semana, mas nada disso importa até você pisar no gelo — destaca o comentarista enquanto Elisa patina sobre o gelo e a coreografia dela começa, quase tão familiar para mim quanto a minha.

Ela é tão graciosa; cada dedo, cada inclinação da cabeça é perfeitamente posicionada. Cada vídeo antigo que vi da minha mãe é igualzinho: impecável.

Coloco a caneca na mesa de centro e uno as mãos; não estou exatamente rezando, mas, sabe, também não estou exatamente *não* rezando. De canto de olho, vejo a luz direita de uma câmera focada em mim, e até eu tenho que admitir que é uma imagem bem boa. A irmã mais nova rezando por um bom resultado para a irmã mais velha, com mais de onze mil quilômetros entre as duas. É, a história se escreve sozinha.

Respiro fundo quando Elisa se prepara para o primeiro salto, fecho os olhos e espero. Os únicos sons são a música da coreografia e o zumbido silencioso do zoom das câmeras, talvez focando no meu rosto.

— Ah! Ah, não. Uma queda grande de Elisa Russo em um giro triplo que deveria ser apenas o começo da coreografia.

— É uma pena.

Quando abro os olhos de novo, Elisa continua patinando, mas há uma longa marca molhada na perna dela, visível nas coxas, evidência da queda. Solto o ar e abaixo a cabeça, aproximando os ombros das orelhas. Brayden repousa a mão cálida no meu ombro em uma tentativa de conforto, mas isso não ajuda.

Merda.

— E, infelizmente, foi um desastre completo para os Estados Unidos. A equipe contava com uma apresentação sólida de Russo para continuar na briga pela medalha.

Os comentaristas não estão errados: aquela queda fez diferença. A equipe dos EUA estava lutando pelo bronze antes de Elisa entrar, mas agora não existe a menor chance de medalharmos.

A sala permanece em silêncio. Não há nada que ninguém possa dizer. Ergo a cabeça e tento manter o rosto tão neutro quanto possível para as câmeras enquanto Elisa patina o resto da coreografia, passando por ela sem outra queda, mas o estrago já foi feito. E, quando as notas aparecem, confirmam o que eu já sabia.

— Não se esqueçam! Hoje exibiremos outro episódio de *KELLYNCH: A Família Real da Patinação Artística*, no qual você pode assistir à jornada de Elisa até esta edição dos Jogos Olímpicos — diz o narrador ao final da transmissão.

— Bom — começa Maria, se recostando no sofá —, pelo menos eles não ficaram em último.

Não, ficaram em quinto, que é como se fosse último. Só falta uma apresentação na competição por equipes, a de dança no gelo, e depois da performance de Elisa não há chances matemáticas de a equipe dos Estados Unidos conseguir os pontos de que precisa para um bronze, muito menos um ouro. Mas não posso dizer isso em voz alta, não com os microfones em cima da minha cabeça captando cada palavra. Nada de

Russo e Elliot; o próximo *trending topic* seria sobre como eu previ uma colocação fora do pódio.

Eles não vão nem subir no pódio.

Este é o programa que vamos herdar. Uma sombra do passado, quando a equipe estadunidense competia por medalhas em todas as modalidades, independentemente do ano. Daqui a quatro anos, nós é que vamos patinar na frente de milhares na plateia e milhões em casa. Será que vamos vacilar sob os holofotes assim como Elisa ou vamos vencer as adversidades?

— Nós não vamos ser assim — diz Freddie do outro lado da sala.

Ergo a cabeça e o encaro diretamente. Os olhos dele encontram os meus. Há uma chama ali, uma que eu costumava ver refletida de volta para mim quando patinávamos juntos; sempre que ele me encarava desse jeito, eu sabia que íamos arrasar no gelo.

Pisco e o contato se vai. Freddie olha ao redor da sala, examinando as câmeras, mas balança a cabeça e as ignora.

— Somos uma equipe mais forte do que essa e temos quatro anos pra garantir que o que tá acontecendo com eles não aconteça com a gente.

— Amém — fala Charlie de seu lugar ao lado de Ben.

Freddie tem razão. Ele tem *toda* a razão e isso importa muito mais do que qualquer outra coisa. Importa mais do que patrocínio e dinheiro de propaganda nas redes sociais. Importa mais do que o fato de Freddie corresponder ou não o amor de Riley ou seja lá o que esteja rolando entre Brayden e eu, ou se algum dia eu vou superar o que sinto por Freddie.

É a única coisa que eu já desejei, e vou conquistá-la.

Quatro anos parece muita coisa, e é, mas, na carreira da patinação artística, não é. Cada grama de experiência que pudermos conseguir no caminho até os Jogos é importante. E, para fazer isso, vou precisar de tempo. Tempo que não posso desperdiçar me preocupando com as contas a pagar.

Depois que a equipe de filmagem recolhe o equipamento, prometendo voltar para a competição individual de Elisa daqui a dois dias, eu me viro para Brayden.

— Posso falar com você rapidinho?

Deixamos o resto da equipe conversando sobre o que vimos se desenrolar na TV. Saio pela porta da frente, com Brayden só um passo atrás. Não temos sido exatamente sutis. As conversas pararam e a maioria dos olhos está sobre nós, mas eles desaparecem de vista assim que Brayden fecha a porta.

— Pensei no que você disse e você tem razão. Não posso desperdiçar essas oportunidades. Não tem nenhum motivo pra gente não deixar as pessoas acreditarem no que quiserem sobre nós e, se as empresas querem nos pagar por isso, bem, então quem sou eu pra dizer não?

Brayden hesita por um segundo e me olha com a testa franzida.

— Tem certeza? Sei que parece...

— Questionável? — completo para ele, que ri.

— É, um pouco questionável, mas eu sei como você se preocupa com as finanças da sua família, e, se isso puder ajudar, nem que seja um pouquinho...

— Vai sim — afirmo, pensando no dinheiro que já está na nossa conta e em quanto mais vai aparecer quando Brayden e eu tirarmos uma foto idiota mais tarde e postarmos para o mundo todo ver. — Mais do que um pouquinho.

Olho nos olhos dele e mordo o lábio, pensando em quanto da minha integridade eu sacrifiquei em nome do meu sonho.

— Ei — diz Brayden, percebendo a preocupação no meu rosto, que ele toma nas mãos. — Vamos garantir que isso vai valer a pena, ok? Vamos botar pra quebrar em Paris e depois, daqui a quatro anos, vamos fazer de novo em Milão. E, nesse meio-tempo, vamos vencer o Nacional, o Grand Prix, o Skate America, o Skate Canada e o Mundial algumas vezes também. Você e eu, Russo. Até o fim, ok?

Passo os braços ao redor dos ombros dele, segurando-o em um abraço apertado. Brayden envolve o meu corpo com facilidade e me aperta. Há um calor neste abraço e uma faísca que eu sei que pode se transformar em um inferno se eu permitir, mas também não tenho tempo para isso. Sendo assim, eu o puxo para mais perto e concordo.

— Até o fim.

## Capítulo 9

— ONDE É PRA DEIXAR isso? — pergunta um cara corpulento com camisa de flanela e boné de caveira preto ao passo que ele e o parceiro carregam o enorme aquecedor para dentro de casa, com dificuldade para mantê-lo longe do chão.

Eu me encolho enquanto seguro a porta para os dois, ainda com roupa de treino, suada enojada do exercício de manhã cedo.

— *Hã*, subindo essa escada e depois, *hum*, subindo o segundo lance de escadas até o telhado.

Ele me lança um olhar incrédulo, mas depois solta um grunhido e passa por mim com o parceiro, espalhando neve suja e lama pelo chão.

Hoje é a grande noite. Depois do desastre da competição por equipes, Elisa vai voltar para o gelo na disputa individual feminina. Dois dias atrás ela acertou cem por cento o programa curto e está em segundo lugar, bem no meio das duas atletas russas. Minha irmã mais velha está a uma apresentação de conquistar uma medalha olímpica e não tinha a menor chance de o programa deixar a gente assistir a esse feito sem as câmeras ali para capturar nossas reações.

Parece que foi nisso que nossas vidas se transformaram na última semana: treinar e depois se sentar para sermos filmados enquanto assistimos a outras pessoas patinarem. Ah, e postar nas redes sociais para manter o hype do programa, que ainda não desistiu do triângulo amoroso.

Mesmo assim, algo nessa situação é quase reconfortante: todos nós juntos, focados em patinar, determinados a garantir que vamos fazer melhor do que as pessoas que vieram antes de nós, uma espécie estranha de semi-existência fora da realidade, feito uma bolha onde estamos sendo mantidos em suspenso.

Depois do decepcionante quinto lugar da equipe dos EUA, nenhuma das duplas ou dos patinadores individuais conseguiu garantir uma

medalha, mas Elisa tem a chance de mudar isso hoje à noite.

Por isso os aquecedores estão sendo levados para o terraço da casa, onde a equipe vai se reunir para assistir à final com nossos treinadores e mais algumas pessoas, incluindo uns executivos da NFSC e patrocinadores que não foram para Pequim. O único motivo de a minha cabeça não estar explodindo é a NFSC ter assumido as despesas da festinha, se bem que isso não impediu meu pai de me ligar lá da China para se certificar de que não deixaríamos passar nenhum detalhe. Ele pode estar do outro lado do mundo, mas a NFSC não mexe com Kellynch sem a sua autorização.

Pego um esfregão no armário do corredor, querendo tirar a sujeira congelada de inverno do chão da entrada, e estou prestes a começar quando Camille entra e ergue uma sobrancelha para mim.

— Não — diz ela.

— Não?

— Não — repete, estendendo o braço e pegando o esfregão. — Até onde eu sei, as meninas vinham para cá para se arrumarem juntas.

— E daí? — pergunto, dando de ombros. — Vou tomar banho por último. Não tem problema.

— Não — fala ela outra vez. — Vá lá para cima. Elas devem chegar a qualquer minuto e você vai relaxar e curtir essa noite. Mais nada. Sem bancar a anfitriã ou limpar a bagunça dos outros ou lidar com...

Ela é interrompida pelo retorno dos carregadores de aquecedor, que deixam ainda mais sujeira em seu encalço enquanto vão até o caminhão buscar outro aparelho.

— Camille.

— Adriana — rebate ela, e depois respira fundo. — Vá, se divirta. Você merece. Sabe disso, não sabe?

— Sei — respondo, observando aquela sujeira.

— Fico preocupada. Você faz coisas demais, escolhe carregar tanto nas costas. Talvez parte disso seja culpa minha. Você parece tanto a sua mãe, mas preciso me lembrar sempre de que você não é ela. E tem 16 anos.

— E uma carreira atlética profissional — falo, mas não deixo de notar o elogio.

Camille amava minha mãe como a uma irmã.

Ela assente.

— Justo, mas mesmo assim você merece *viver* como uma garota de 16 anos às vezes.

— Você ia querer ter 16 anos?

— Ah, nem morta, mas essa é a questão. É para você olhar para trás quando tiver a minha idade e saber disso com certeza! Então vá lá para cima, se arrume, se divirta, e talvez até beije um rapaz bonito em algum momento?

— Cam...

— Só tô comentando.



— Valeu por deixar a gente saquear os closets de vocês — diz Katya.

Gillian concorda com a cabeça, segurando um dos vestidos de Elisa contra o corpo. A peça saiu do closet de Maria, mas eu a reconheço na hora. Minha irmã mais nova solta uma risadinha e dá de ombros quando me viro para ela com uma sobancelha erguida.

— Mas não se empolguem — saliento. — Mesmo com os aquecedores, ainda tá congelando lá fora.

Riley sai do banheiro de Maria.

— Que tal?

Ela vestiu calças de couro pretas e um top sem alças que exhibe seu abdômen sarado, além de um casaco curto com estampa de leopardo por cima.

— O Freddie vai *morrer* quanto vir você desse jeito! — exclama Gillian.

— Ah, e você e a Adriana estão combinando! — diz Katya, apontando para as leggings de couro que estou usando.

Vesti um blusa preta de renda com manga comprida. É o visual que Elisa montou para mim quando tiramos a foto do nosso cartão de Natal ano passado, todos de preto. Não combinou muito com o espírito festivo, mas aparentemente combinava com a estética que ela escolheu para os cartões.

— Vamos tirar uma foto — sugere Riley, saltitando até mim.

Fazemos uma pose rápida e ela tira uma selfie, que posta com uma legenda fofa sobre as roupas combinando como se fôssemos gêmeas. Leva só um ou dois segundos para ela soltar um gritinho.

— O Freddie curtiu. Tipo *na hora*. Acho que finalmente é a noite.

— Você vai contar pra ele o que sente? — pergunto, estudando a sala.

Os olhos de todos estão fixos em Riley, que continua encarando o celular.

— Vou! É o momento perfeito pra fazer isso. Vai ser tão romântico, com aquelas luzes que você pendurou pelo terraço e a vista de Boston do outro lado do rio, toda iluminada no escuro.

— Vai ser perfeito — concorda Gillian, e as outras garotas dão risadinhas em resposta.

Ela tem razão. Seria perfeito.

Meu celular vibra e dou uma olhada rápida nele, uma desculpa conveniente para não reagir às palavras de Riley.

— O Brayden chegou — murmuro, e o resto do quarto fica em silêncio. — Que foi?

— Você e o Brayden — diz Katya.

Gillian solta uma risadinha.

— É, quando é que você vai contar? Tipo, sei que você não queria falar na frente dos meninos, mas só tem a gente aqui agora.

— Não é isso... Eu... só...

— Tá tudo bem se você não quiser falar sobre isso — intervém Riley.

— Mas eu queria comentar o jeito que ele olha pra você, porque, *menina*, que fogo.

— É — admito, e nem é mentira. Brayden tem mesmo um jeito de olhar, como se você fosse a única garota do mundo e ele estivesse completamente desinteressado em qualquer outra coisa no universo. — Ele é muito bom nisso.

— Então, no que mais ele é bom? — pergunta Katya.

Eu só reviro os olhos e elas caem na gargalhada, me deixando escapar ilesa.

Não é como se eu nunca tivesse pensado a respeito, mas sempre enfiei Brayden em uma caixinha na minha cabeça: ele é meu parceiro e meu amigo, mas qualquer outra coisa não era nem de longe possível.

Só que talvez o universo esteja nos aproximando. Não sei se acredito em destino ou sinais ou coisa do tipo, mas ultimamente parece que estou sendo levada até ele, com o jeito que o programa retratou nosso relacionamento, o jeito que o mundo todo parece estar reagindo a nós e depois a sugestão de Brayden para que fingíssemos.

Tudo isso faz parecer que eu deveria apenas ceder ao inevitável. Mas não é assim que as coisas devem ser, é? O amor não deveria ser uma coisa que você entende, uma coisa que parece certa? Ou você quer estar com alguém, ou não quer.

Meu celular vibra outra vez. Brayden está ficando impaciente. Vou até a porta do meu quarto, abro-a e ele está ali, com a mão erguida, prestes a bater. As garotas soltam outro coro de risadas atrás de mim.

— Meninas — diz ele, dando uma piscadela para elas por cima do meu ombro antes de olhar para mim, e um sorriso lento se espalha por seu rosto. — E você, você tá...

— Parecendo que a Elisa escolheu minha roupa.

Ele revira os olhos e eu rio, passando por ele e pegando sua mão.

— Vamos.

Um pequeno grupo já está reunido no terraço quando chegamos. Uma música suave toca ao fundo, e fios de luz pendem de um poste a outro, iluminando o espaço. Sem papai aqui para direcionar o tráfego, a festa é mais tranquila do que quase todas as que organizamos em Kellynch, tirando as câmeras que percorrem o espaço gravando vídeos de todos os convidados.

Na ponta oposta uma tela de projeção foi armada para quando a competição começar, daqui a alguns minutos, com uma vista do rio e do horizonte de Boston ao longe. O espaço diante da tela foi ocupado com mesas e cadeiras para que todos possam se sentar e comer enquanto assistem. Os aquecedores, encostados às muretas de tijolo que circundam o terraço, conseguem manter o ar confortável.

Mesmo assim, minhas mangas não passam de renda fina, o que não é o suficiente para impedir um arrepio.

Se eu tivesse ficado encarregada de tudo, teria feito a festa dentro de casa, mas era disso que Camille estava tentando falar mais cedo. Não fui encarregada. Isso não é responsabilidade minha. Hoje, minha única

função é me divertir e torcer por minha irmã. E é isso que eu pretendo fazer.

O grupo ao nosso redor cresceu, incluindo os outros garotos, todos vestidos de traje esporte fino, com camisa e calça sociais, mas eles parecem casuais demais em comparação com as garotas. Eu me pergunto se é assim que é um baile de ensino médio. Sempre imaginei que fossem constrangedores pra caramba, completamente enlouquecedores, e que talvez as garotas levassem tudo um pouco mais a sério do que os garotos. Acho que algumas coisas são universais.

Vejo um bartender no canto e espio o que parece ser uma cafeteira.

— Alguém quer bebida? — pergunto, mas ninguém parece me ouvir, então saio de fininho, querendo algo quente para espantar o frio.

Sinto o calor da caneca nas mãos e a seguro perto do corpo, inalando o aroma do café. Meu vício é real, porque meu corpo inteiro vibra um pouquinho ao pensar na cafeína que vou ingerir.

— Quais são as chances... — diz Brayden quando volto para o grupo, que formou um pequeno círculo perto de um dos aquecedores enormes — de você me deixar colocar uma coisinha nessa bebida?

Ele está todo de preto, e a camisa engomada se mistura com o céu noturno. Franzo o nariz enquanto ele tateia o bolso do paletó. Deve ser onde esconde um frasco de seja lá o que ele queira usar para batizar minha bebida hoje e me fazer relaxar, ou algo assim.

Riley solta uma risadinha ao passo que Katya e Gillian encaram com os olhos arregalados. Jimmy ri baixinho e Charlie ergue uma sobancelha para mim. Freddie se inclina e sussurra alguma coisa para Ben, que dá de ombros, balançando a cabeça.

O que ele perguntou? De repente, fico desesperada para saber, mas não tem a menor chance de eu perguntar. A vontade de fazer *alguma coisa* é tão forte que eu a canalizo em uma direção diferente.

— Uma em duas.

Brayden abre um sorrisinho para mim quando eu me viro para encará-lo outra vez.

— Tem certeza?

— Vamos lá — rebato.

Sacudimos os punhos e, no três, mostro um dedo, e ele mostra dois.

Rio, vitoriosa, e tomo um bom e longo gole de café, que queima um pouco minha língua, mas não dou a mínima e sorrio para o grupo, que ri comigo. Brayden só revira os olhos, fingindo estar irritado com a derrota.

— Pessoal — chama Camille, e a música é interrompida de repente. — A competição vai começar. Por favor, sentem-se.

Há mesas reservadas para nós perto da frente, em grande parte para que as câmeras possam filmar nossas reações conforme os acontecimentos em Pequim aparecem na tela. Faço questão de pegar Maria e colocá-la na cadeira ao lado da minha, enquanto Brayden se senta do outro lado.

— Pronta pra isso? — pergunta ele, o braço ao redor do encosto da minha cadeira.

— Como se algum dia eu fosse estar — respondo, de repente nervosa.

— Vai ficar tudo bem.

Será que vai? Tem muita coisa nas costas de Elisa hoje à noite. Ela não é uma das favoritas, claro, mas uma vitória, ou mesmo uma medalha independentemente da cor, seria gigante. Ela não apenas seria uma medalhista olímpica, mas os patrocínios sozinhos talvez sejam capazes de fazer com que papai não tenha que hipotecar a casa. Isso no mínimo reduziria as dívidas, certo? Esse é o tipo de coisa que uma vitória olímpica traz.

Mas e se ela perder?

Merda. E se ela perder? Eu nem me dei espaço para pensar mesmo nisso até o momento. Sempre foi algo dado como certo. Elisa iria para as Olimpíadas e ganharia uma medalha, e essa pressão constante diminuiria, mas e se ela não ganhar?

Não, isso é atrair o azar. Não vou pensar nisso.

Só que, agora que está na minha cabeça, não consigo parar.

— Eu...

Perco as palavras quando a transmissão começa, e os narradores apresentam os competidores enquanto eles se aquecem no gelo. Todos vibram quando Elisa patina pela tela, com o cabelo loiro perfeitamente modelado em cachos, pronta para patinar ao som do medley de Taylor Swift que o público sempre ama.

— Volto já.

Nem consigo dar voz ao sentimento, o pânico repentino de ter que assistir à minha irmã suceder ou fracassar no sonho de uma vida na frente de todas essas pessoas, ao vivo para que o mundo todo veja.

Não quero assistir.

Não *consigo* assistir.

Saio da cadeira. Maria nem nota. Tenho certeza de que Camille sim, mas não olho para trás. Só ando devagar entre as mesas, sorrindo para todos por quem passo até chegar à porta que leva ao andar de baixo. Passo por ela e depois paro de supetão.

Freddie está lá, quieto como de costume, mas franze a testa ao me ver. Ele olha por cima do meu ombro quando a porta se fecha com tudo atrás de mim e eu me encolho.

Todos devem ter ouvido isso e olharam para cá, e talvez agora tenham notado que eu sumi.

— Você tá... — diz ele, a voz rouca, e então pigarreia. — Você está bem?

Balanço a cabeça.

— Acho que não consigo...

Ele abaixa a cabeça e os olhos encontram os meus. A tensão em seu rosto se suaviza.

— Quer que eu chame alguém pra te ajudar?

Fica subentendido que ele não é a pessoa que pode me dar apoio agora, mesmo que obviamente entenda um pouco o que estou sentindo. É claro que entende. Sempre entendeu. Tipo quando minha mãe ficou doente e ele ficou ao meu lado. Sou atingida por uma onda de lembranças de um jeito que eu não deixava acontecer há muito tempo. Como quando ele só se sentava ao meu lado, segurando minha mão quando tudo doía demais para patinar. Quando fez a mesma coisa no velório, e depois no enterro, e depois nos meses que se seguiram quando eu apenas não conseguia me forçar a patinar, sem saber se algum dia teria estômago para voltar ao gelo.

E como retribuí isso tudo? Por ter crescido mais rápido, eu o abandonei. Não esperei por Freddie, como ele esperou por mim, e ele deveria me odiar por isso. Me odiar para valer, mas não odeia. Talvez eu me odeie o suficiente por nós dois.

— Não, eu tô...

Minha voz falha antes que eu possa forçar a palavra *bem*.

— Você não tá... — insiste ele.

Então procura minha mão, e eu a recolho logo antes de ele a pegar porque, se fizer isso, acho que não vou conseguir segurar as lágrimas que já estão ameaçando cair. O maxilar dele se contrai, e Freddie recolhe a mão, cerrada em um punho.

Bom trabalho. Ele só está tentando ajudar, e eu o fiz se sentir um bosta.

— Desculpa — começo, e a expressão dele se suaviza. — Eu não quis...

A porta atrás de mim se abre.

— Achei você — diz Brayden, com um alívio evidente na voz. — Ela tá prestes a entrar e tá todo mundo se perguntando aonde você foi. Ah, e aí, cara.

Freddie dá um sorrisinho por cima do meu ombro e faz aquele aceno de queixo que os garotos fazem.

Fecho os olhos e respiro fundo antes de dar as costas para Freddie e voltar para a coisa da qual eu estava fugindo apenas alguns segundos atrás. Não quero mesmo voltar lá para fora, mas preciso. O que é que eu estava pensando?

— Desculpa — falo, abrindo um sorriso forçado para Brayden. — Só precisava de um pouco de ar.

— Aqui dentro? — pergunta ele, erguendo as sobrancelhas e depois olhando para Freddie com uma expressão que claramente significa “ah, essas garotas”.

— É, eu precisava de ar quente. Tá congelando lá fora — corrijo. — Vamos lá antes que a gente perca.

Voltamos para nossas cadeiras bem quando Elisa se posiciona no meio do gelo, fazendo sua pose inicial à espera da música.

Bem quando as notas de “Gold Rush”, da Taylor Swift, jorram do sistema de som da arena e percorrem o terraço, a mão de Brayden desliza sobre a minha e a aperta. Solto o ar e vejo minha irmã mais velha deslizar pelo gelo.

— E aqui está o loop triplo com o qual ela teve problemas durante a competição por equipes — diz o comentarista, e meu estômago dá uma cambalhota antes mesmo de ela decolar.

Porque já vi Elisa fazer esse movimento inúmeras vezes e sei o que está prestes a acontecer. Ela colocou muita força no salto, talvez tentando corrigir o erro de quando caiu na outra noite, e não consegue controlar a chegada. Ela cai antes mesmo de eu conseguir puxar o ar para segurar.

A música segue tocando, mas ela continua caída. A mão de Brayden sobre a minha é como um torno e eu me inclino para a frente, tentando chegar mais perto da tela.

Então Elisa fica de pé e sou tomada pelo alívio, mas o sentimento não dura muito. Ela patina furiosamente, pulando partes da coreografia com uma imprudência desinteressada, algo que vai destruir a pontuação do componente de apresentação do programa dela. Então se prepara para outro salto, desta vez uma combinação: flip triplo e toe loop triplo, mas não chega a fazer o último, só se esparrama no gelo.

E ela se levanta outra vez, o rosto vermelho, os lábios cerrados em uma linha enfurecida, mas não importa.

Já era.

Os sonhos dela morreram.

## Capítulo 10

ELISA FICOU EM DÉCIMO.

Entre as dez melhores do mundo; nada mal, certo? Ainda mais com duas quedas. Mesmo assim, em algum momento na história dos esportes, talvez na edição original das Olimpíadas, agora que parei para pensar, alguém decidiu que apenas os três melhores contam. Só o primeiro, o segundo e o terceiro colocados são recompensados por seus esforços e todos os outros, do quarto ao último, voltam para casa de mãos vazias. E é isso que está acontecendo com Elisa hoje.

Ela vai voltar para casa, depois de mais de uma década de treinos, de mãos completamente vazias. O ar de fevereiro está seco e frio esta manhã, mas não é a frigidez brutal das últimas semanas. O sol brilha com força e parece capaz de aquecer meu rosto quando me viro em sua direção. Não neva há dias e para variar as calçadas parecem bem limpas, então vou aproveitar a oportunidade para dar uma corrida. Eu... preciso sair daqui. Tudo em Kellynch parece sufocante agora, e não ajuda que hoje à noite Elisa e papai vão estar de volta, acrescentando mais duas complicações para minhas emoções já incrivelmente emaranhadas.

Está silencioso. É cedo demais para qualquer outra pessoa estar acordada. Também é cedo demais para eu estar acordada, mas é tanto nervosismo correndo pelos meus ossos que preciso queimar um pouco dessa energia antes que o dia comece para valer. Ponho os fones de ouvido e salto do alpendre pronta para passar correndo pela Casa Kellynch e pelo ringue rumo ao anonimato da Grande Boston. Quando eu tiver cruzado o rio, ninguém vai olhar duas vezes para mim; todos vão presumir que sou apenas outra garota de uma faculdade qualquer que saiu para correr, sem fazer ideia de quem eu sou, do que estou enfrentando.

Sem fazer ideia de que milhares de pessoas ao redor do mundo passaram a última semana bombardeando minhas redes sociais,

perguntando sobre Brayden, obcecadas por cada post, tanto que é impossível ler todos os comentários e DMs ou até ver todas as postagens em que me marcaram. Assim que publicamos qualquer coisa, o conteúdo é imediatamente dissecado e analisado e depois usado em um vídeo de homenagem com música ou editado com um filtro e repostado centenas de vezes.

Brayden é tão bom nisso. Ele acompanha tudo, reposta e comenta, curte dezenas de posts por dia, o que cria ainda mais caos nas nossas menções. Não sei bem como faz isso. É como se ele tivesse sido feito para esse tipo de vida.

Meus pés golpeiam o asfalto e estou quase saindo da nossa propriedade, tentando achar a música certa para a corrida desta manhã, quando ouço a porta da Casa Kellynch bater e passos atrás de mim respondem aos meus. Olho por cima do ombro, e um vislumbre de cabelo castanho e mandíbula afiada me dizem tudo que preciso saber.

Freddie.

Ele abre um sorriso forçado, constrangido e incerto, e eu retribuo, torcendo para o meu parecer um pouco mais alegre do que me sinto.

A noite passada foi uma droga e ele estava lá testemunhando tudo. É por isso que está sorrindo para mim hoje? Por pena?

*Argh*, a última coisa que eu quero é a pena de Freddie.

— Espera um segundo — pede ele.

Parte de mim só quer sair em disparada, mas seria incrivelmente grosseiro, muito mais grosseiro do que eu fiz na noite passada.

— Que foi? — pergunto, me virando enquanto ele me alcança, e tento não reviver a noite anterior, quando esbarrei, em pânico, com Freddie.

— Vai correr até a cidade? — quer saber ele, apontando com a cabeça para o horizonte.

— Vou — respondo conforme mexo no celular, abrindo o aplicativo de música.

— Tudo bem se eu for junto? — indaga, fazendo o mesmo.

Dois anos atrás, eu teria revirado os olhos e brincado que ele já estava junto, mas isso ficou no passado, então só dou de ombros e digo que tudo bem.

Nós costumávamos fazer isso o tempo todo quando treinávamos juntos — tudo virava uma competição: quem corria mais longe e mais rápido, quem conseguia sair da calçada e pular os bicicletários enfileirados na rua como se fossem obstáculos. Às vezes nossos braços colidiam, nós nos empurrávamos de brincadeira e continuávamos correndo, já que precisávamos voltar para Kellynch antes do treino. Se chegássemos atrasados, Camille nos fazia dar voltas na pista.

Escolho uma playlist aleatória que meu polegar encontra às cegas na tela e enfio o celular no bolso da jaqueta corta-vento, depois disparo pela calçada em um bom ritmo, sabendo que Freddie vai estar bem do meu lado.

Por alguns minutos gloriosos, fico sozinha com os rifes de guitarra de The Band CAMINO que jorram dos meus fones, repassando uma lista mental das coisas que preciso fazer hoje. Primeiro, treino; depois, mais tarde, provar meus figurinos para a competição e garantir que nenhuma alteração de última hora será necessária, e então, fazer as malas. Estou quase chegando à ponte quando a conexão dos meus fones cai e a música é interrompida por completo. Droga, esqueci de carregá-los ontem à noite.

No lugar da música, ouço os sons da cidade que desperta lentamente na manhã de domingo — alguns carros roncando pela rua, sirenes ao longe, um avião no céu combinado ao vento suave que sopra do gélido rio Charles, e o ruído dos nossos passos no asfalto.

Não é a pior trilha para uma corrida.

Quando eu desacelero para guardar os fones sem bateria no bolso, Freddie iguala minhas passadas e corremos em silêncio, atravessando a ponte para entrar em Boston, e o rio desaparece atrás de nós. Até que é agradável, na verdade.

Eu poderia dizer alguma coisa para ele.

Será que eu deveria dizer alguma coisa?

Eu poderia... pedir desculpas, talvez? Mas pelo quê? Por fazer o que era melhor para a minha carreira? Não é um motivo para pedir desculpas, é? Talvez não, mas por que parece que é? Se bem que nunca cheguei a ter uma chance de explicar por completo que fiz aquilo tanto por mim quanto por ele. Parece uma justificativa esfarrapada, mas é a verdade. Nós não combinávamos, fisicamente; mesmo que estivéssemos

em sintonia em relação a todo o resto, não importava. Ele ainda não tinha crescido, e eu cresci rápido demais. Nenhum de nós estaria aqui agora, prontos para ir ao Campeonato Mundial Juvenil, se tivéssemos parado por um ano enquanto esperávamos para ver se ele ficaria alto e forte o bastante para me erguer no gelo do jeito que faz com Riley, do jeito que Brayden faz comigo.

No fim das contas, ele ficou, mas e se não tivesse ficado? Não é como se carreiras na patinação artística durassem para sempre e não é como se pudéssemos apenas adiar os Jogos Olímpicos porque nossos surtos de crescimento aconteceram com um ano de diferença. Esse foi o raciocínio por trás da minha escolha e foi lógico, mesmo que ainda pareça que eu não fiz a coisa certa, como se devesse ter esperado, assim como ele me esperou.

Contudo, há algo entre nós, um corte profundo, que ainda não cicatrizou por completo, e talvez tenha formado uma casquinha fina nos últimos anos, mas, por algum motivo, quero mexer na ferida.

E o timing é perfeito, porque cheguei ao ponto onde em geral me viro, bem quando avisto o Fenway Park. Avisto Freddie e vejo que ele já está me encarando com os olhos verdes brilhantes, mas, em vez do desinteresse passivo que recebi ao longo da última semana, noto algo ali, uma emoção que não faço ideia de como identificar. Talvez há dois anos eu fizesse, mas não agora.

Vou desacelerando e ele faz o mesmo até pararmos por completo bem ao lado do estádio. Quero falar alguma coisa, e a única que me ocorre é:

— Vou voltar.

— Quê? — pergunta ele, tirando um dos fones de ouvido.

Quase solto um ronco debochado quando a mesma música que estava tocando na hora que meu fone morreu ecoa do dele.

Na verdade, realmente solto o som. Merda.

— A música.

— Achei que você gostava de The Band CAMINO? — indaga ele, parecendo genuinamente confuso.

— Ah, eu gosto — falo. — Vou voltar.

— Tá bom — diz ele, quase como se quisesse dizer “tchau” ou “até mais”.

Porém, quando sigo na direção de onde viemos, Freddie me segue, igualando minhas passadas outra vez, mesmo que suas pernas sejam mais longas e ele possa me ultrapassar sempre que tiver vontade. Mas aposto que posso correr por mais tempo. Ele não está mais acostumado a correr no frio. Dois anos atrás, eu teria dito isso, teria desafiado Freddie a correr até um de nós ter que parar. Mas isso ficou no passado, então só corremos em silêncio e, de repente, fico irritada. Irritada comigo mesma, irritada com ele. É idiotice, depois de todo esse tempo, ainda agirmos assim. Principalmente porque minha irritação não tem nada a ver com ele, não de verdade.

Abro a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa que possa nos tirar desta posição horrível de conhecidos frios com mais história do que a maioria das pessoas poderia desejar para uma vida, quando meu pé fica preso em algo. Nem vejo no que tropecei e já estou caindo, tombando no concreto. Não estico os braços para impedir a queda, mas rolo o corpo, do jeito que me ensinaram quando comecei a patinar.

— Merda — murmuro.

Eu me levanto e examino o joelho. É um arranhãozinho de nada, mas rasgou o tecido da minha legging e esfolou um pouco da pele. Fora isso, não estou machucada; consigo jogar o peso nos dois pés sem nenhum problema, mas o ferimento arde pra caramba.

— Tá tudo bem? — pergunta Freddie, a testa franzida, se inclinando para olhar meu joelho.

— Tô sim. Pode ir — insisto, gesticulando para que ele continue.

Vou ter que voltar andando agora. Tenho quase certeza de que estou bem, mas correr quase cinco quilômetros sem dar uma examinada no machucado não é boa ideia.

— Tudo bem, vou caminhar com você — diz Freddie, embora ainda esteja dando pulinhos, como se a energia do corpo estivesse ricocheteando dentro dele, desesperada para sair.

Pelo menos algumas coisas nunca mudam.

Não estou no clima para discutir, então começo a caminhar e ele me segue. É estranho caminharmos juntos em silêncio, mesmo que não tivéssemos problema algum enquanto corríamos. Freddie parece sentir o mesmo, porque tira um fone do ouvido e o oferece para mim.

Eu aceito e o coloco no ouvido. “Roses” está tocando e andamos ao ritmo da música, balançando a cabeça.

— Lembra daquele show que a gente foi? — pergunta ele, gesticulando atrás de nós na direção do resto da cidade, já que o local do show ficava naquela direção. É claro que me lembro. — A gente se achava tão descolado, indo sozinhos num show, enquanto minha mãe esperava no mezanino o tempo todo.

— Mas foi um ótimo show, e foi legal. A gente tava em uma *boate* e eu lembro de sentir que aquele era o nosso lugar, sabe? Tipo quase uma adulta.

Estávamos juntos na pista, balançando ao ritmo da música, grudados um no outro para não nos perdermos na multidão, o braço dele na minha cintura, me segurando bem perto, minha cabeça no ombro dele. A primeira vez que eu dancei com um garoto, pelo menos fora do gelo.

É uma memória perfeita.

Freddie ri e abre um sorriso para mim.

— É. Foi tão...

O sorriso some do rosto dele, turvado por outro pensamento. Não tenho mais do que poucos segundos para apreciar o fato de que era assim que as coisas eram e como foi fácil voltarmos para esse ponto sem nem perceber. Mas talvez esse seja o novo normal: as coisas felizes sempre encobertas pelas ruínas. Porque aquele show foi só alguns dias antes de meu pai e Camille se sentarem comigo para conversar sobre a *realidade* da minha parceria com Freddie e como eu tinha que fazer uma escolha, e tinha que ser logo.

Uma semana depois, ele se foi.

É uma droga, e eu quero mudar isso, então pergunto o que ele ia dizer, na tentativa de recuperar o que quer que fosse a lembrança boa. Freddie olha para mim, e algo em seu rosto muda enquanto engole em seco.

— Acho que não importa mais — responde, coçando a nuca e desviando o olhar.

Dou um passo hesitante, depois paro no meio da calçada, e ele para junto comigo.

— Importa pra mim.

— Importa mesmo? — Freddie quase explode, o tom mais ríspido que já ouvi em sua voz.

Fico atordoada demais para responder.

Erguer os olhos para ele ainda é estranho, o fato de Freddie ter que abaixar a cabeça para olhar bem nos meus... mas o jeito que faz isso me deixa sem ar. Não sei se alguém já me olhou dessa forma. Uma mistura de raiva e mágoa e alguma outra coisa que eu *acho* que reconheço, mas não tem a menor chance de ser verdade.

Não pode ser.

Mas parece... parece *desejo*.

Mordo o lábio inferior, incerta. Quando os olhos dele seguem o movimento, meu coração pula no peito. A mão dele roça meu pulso, e como ele chegou tão perto? Tão perto que consigo ver os círculos verdes mais escuros em seus olhos, sentir o hálito quente de sua respiração. Sinto um frio na barriga quando os olhos de Freddie vagam até minha boca, e a língua sai e umedece o lábio inferior. Mordo o meu quando ele me encara outra vez e balanço um pouco com o contato.

— Ei! — chama uma voz atrás de nós.

Freddie gira e semicerra os olhos contra o sol enquanto um carro estaciona. Volto a me apoiar nos calcanhares, mas nem me lembro de ter ficado na ponta dos pés. Quando foi que isso aconteceu?

São Georgia e Harry Croft. Estão no banco de trás de um táxi.

— O que vocês dois estão fazendo tão longe de casa? — pergunta Georgia.

— A gente queria dar uma corrida, mas... — explica Freddie à irmã, com a voz inexpressiva, e aponta para meu joelho, mas se recusa a olhar para mim.

— Ah! — exclama Georgia, vislumbrando meu joelho. — Adriana! Tá tudo bem, querida?

Freddie se inclina na direção do carro e murmura algo que não consigo ouvir.

— Vem, vamos te dar uma carona para casa, assim você pode limpar isso aí, e o Freddie pode terminar a corrida dele.

Começo a protestar. Está tudo bem, dá para ignorar, mas Freddie fica do meu lado, com uma mão no meu cotovelo, me conduzindo adiante enquanto a irmã vai para o lado e abre espaço para mim no banco de

trás. Então estou no carro, e a porta se fecha atrás de mim. Pela janela, vejo Freddie sair correndo antes de o deixarmos comendo poeira.

— Tem certeza de que está bem? — pergunta Georgia outra vez.

— Ela está bem, Georgia, não se preocupe — assegura Harry.

Não tive muitas oportunidades de conhecer nenhum dos dois. Harry continua:

— A gente estava voltando de um bom café da manhã antes que o local ficasse cheio. Trouxemos uns ovos beneditinos que sobraram, quer? — oferece ele. Quando faço que não com a cabeça, Harry dá de ombros. — Não sei como vocês fazem isso. Não sei como *eu* costumava fazer isso. Sair pra correr no domingo de manhã em vez de comer ovos beneditinos, ainda mais depois de ficar acordado até tarde para assistir à competição.

— Foi divertido — comento.

Não é uma mentira. Por alguns minutos naquela festa, eu estava me divertindo. E, se Harry não notou meu desaparecimento, então tudo bem.

— E *aquilo* enfim aconteceu? — pergunta ele, com um brilho malicioso nos olhos.

Pânico, total e completo, percorre minhas veias, e sinto o coração apertar. Não tem como eles saberem sobre... será que nos viram agora há pouco?

— Aquilo? — questiono, a voz falhando um pouco.

— Ah, você sabe. A Riley e o Freddie. Apostei uma boa grana que os dois iam oficializar a coisa antes de a gente ir para a França.

Ah, Deus. Riley e Freddie. Eu tinha me esquecido totalmente. Como é que eu pude esquecer? Sou uma completa idiota. Riley ia contar para ele o que sente e eu acabei de quase... nem sei o que foi aquilo, mas foi *alguma coisa*. E Freddie com certeza surtou também, do contrário não teria me enfiado no carro com a irmã.

— Vocês... apostaram neles?

Georgia revira os olhos.

— A gente aposta até qual vai ser o próximo programa que vamos maratona juntos. Harry acha que vai ser antes de a gente ir. Eu não tenho tanta certeza.

— Ah — solto, abrindo um sorriso acanhado.

— O que você acha? — pergunta Harry. — Será que meu cunhado vai beijar aquela pobre garota? Ou ela vai ficar cansada de esperar e tomar a iniciativa?

— Eu...

— Para com isso, Harry — corta Georgia, dando um tapinha de brincadeira no marido. — Você tá deixando a Adriana sem graça. A Riley é amiga dela. Ela não vai revelar nenhum segredo.

Entro no jogo e digo, seca:

— É, foi mal. Mesmo que eu soubesse, não ia te contar. Viola a seção um, parágrafo dois, do código das garotas. A punição para infratoras é ficar sem consultas sobre looks por um ano, e não posso me dar ao luxo de perder as opiniões da Riley. Ela é meu voto de Minerva, se minhas irmãs discordarem sobre alguma coisa.

Por um segundo o carro fica em silêncio, e então os dois irrompem em risos histéricos.

Ainda estão rindo quando o carro para em frente à casa e nós saímos.

— Obrigada pela carona — digo, enquanto os conduzo até a casa.

Há malas espalhadas por todo o vestíbulo, claramente deixadas ali depois de serem arrastadas para dentro. Elisa e papai estão sentados no sofá, de frente para nós, as bocas retorcidas na mesma expressão.

Meu olhar procura o horário no relógio de chão no canto. Eles chegaram horas mais cedo. O avião deles não deveria pousar até a tarde. Tínhamos planejado um pequeno jantar de boas-vindas, nada muito elaborado, sobretudo porque não sabíamos se eles estariam no clima para comemorações.

— Vocês chegaram! — exclamo, indo até os dois, mas ninguém sai do lugar.

— É, chegamos — responde Elisa, franzindo o cenho para mim.

Os olhos dela vão do meu rosto para meu joelho ralado.

Tento acabar com o constrangimento.

— Vocês lembram da Georgia e do Harry Croft?

Papai, que sempre quer agradar, se levanta e cumprimenta os dois, depois sai andando com o casal e lhes pergunta o que acham da casa e das instalações. Posso ouvi-los assegurando que Kellynch é o melhor rince em que já trabalharam, enquanto fico ali parada com Elisa ainda em silêncio, de braços cruzados sobre o peito.

Merda.

## Capítulo 11

— *Eu, Hã, preciso limpar esse machucado* — murmuro, gesticulando para o joelho, antes que Elisa consiga abrir a boca para responder.

Ela vai querer falar sobre o programa, sobre Brayden e eu, e simplesmente não tenho energia para isso no momento.

Corro para fora da casa, ignorando o arranhão no joelho, e vou direto para o ringue. Ainda falta um tempinho para o treino com Brayden, mas sempre guardo parte das minhas coisas lá por garantia.

A sala dos treinadores está vazia, já que a primeira sessão do dia ainda nem começou. Sem pensar, pego a água oxigenada, a gaze e os curativos de que preciso, mas, quando me sento na mesa e enrolo uma das pernas da leggings, paro para respirar. Depois inspiro outra vez e fico ali sentada deixando o tempo passar.

A última meia hora foi intensa demais.

Primeiro, Freddie e nosso pequeno passeio no túnel do tempo, e agora Elisa, que vai querer conversar sobre a narrativa idiota de triângulo amoroso do programa. Brayden e eu ainda não paramos para pensar em como essa coisa toda vai funcionar, mas com certeza precisamos fazer isso logo, porque, do contrário, todo mundo vai perceber que é uma farsa, principalmente Elisa.

Certo, uma coisa de cada vez. Isso é tudo que eu posso fazer. Então vou até o escritório para limpar e cobrir o arranhão antes de ir para o vestiário e me trocar para o treino. Isso eu posso fazer, essa parte é fácil. Então, quando Brayden chegar, vou puxá-lo para um canto e decidir como diabo vamos lidar com a situação.

Quando se trata de um namoro falso, essas coisas de comédia romântica adolescente, sempre há regras. É disso que precisamos. Regras. Ou diretrizes. Alguma coisa para ficarmos alinhados.

E isso é um problema, porque já consigo ouvir a voz de Brayden na minha cabeça, me dizendo sem rodeio o que ele pensa a respeito. Uma

hora depois, quando encontramos um canto vazio no ringue, nos alongando enquanto esperamos Freddie e Riley terminarem a sessão de treino, quase caio na gargalhada quando Brayden diz:

— É, eu nunca fui muito bom com regras.

— Que pena — falo, mantendo a voz baixa e olhando ao redor para ter certeza de que não há ninguém por perto. — Isso só vai funcionar, eu só vou topar, se a gente definir regras.

— Regra número um: a Adriana precisa de regras — brinca ele, fazendo um afundo, e eu imito o movimento.

— Exato.

— Acho que é justo. Qual é a regra número dois?

— Ninguém mais pode saber que é mentira.

— *Dã* — responde ele, casualmente —, e a terceira?

Agora que Brayden está aqui, me fazendo perguntas, sei exatamente de quais regras precisamos, e elas saem em uma torrente.

— A gente só finge em público. Não consigo... se a gente vai fazer isso, pelo menos uma parte da minha vida precisa ser real.

— É — diz ele, concordando com a cabeça, embora estreite os olhos de leve para mim, como se tivesse ouvido algo de que não gostou na minha voz. — Olha, se você tá em dúvida...

— Não tô — insisto, embora não seja de toda verdade.

Sou um enorme ponto de interrogação, mas essa parece ser nossa única opção. Minha única opção.

— Ok, então o que mais? — pergunta ele, ainda cético.

— Agora talvez venha a parte que você não vai gostar — aviso, mas ele parece duvidar. — Você não pode me trair.

Ele começa a responder, mas eu o interrompo:

— Se a gente quiser que isso dê certo, não pode ter uma garota por aí que vai postar que ficou com você. Vai contra o nosso propósito: boa publicidade que atrai patrocinadores.

— Você tem razão — concorda ele, dando de ombros. — Mais ninguém. Era isso que eu ia dizer, se tivesse me deixado falar.

— Sério, fácil assim?

— Fácil assim — repete Brayden, abrindo um sorrisinho. — Eu tenho *um pouco* de controle sobre mim mesmo, sabia?

— Até parece — retruco, mas sorrio. — Então tá bom, acho que é isso.

— Espera aí. Eu também tenho umas regras — fala ele.

— Achei que você não gostasse de regras?

— Tô evoluindo.

— Fala logo, Brayden.

— Se a gente estiver em público, então vai ser um relacionamento. Método de interpretação. Tem que ser tudo ou nada. Então, se eu fizer isso... — Brayden se inclina para segurar minha mão e entrelaçar nossos dedos. — Nada de fazer piada e tirar a mão.

— Justo.

— E se eu fizer isso... — Ele me puxa para mais perto, me fazendo sair da posição, e minhas mãos repousam nos ombros dele, nossos rostos a poucos milímetros de distância. — Você vai entrar no jogo? — pergunta Brayden, aos sussurros, com a boca muito perto da minha.

— Vou — aceito, e meus olhos vagam até os lábios dele, depois sobem de novo, em um misto de expectativa e pânico.

Ele vai mesmo fazer isso aqui, onde qualquer um pode ver? Se bem que... não é esse o objetivo?

Brayden abre um meio-sorriso e depois se afasta, e minhas mãos deslizam para longe dele. Solto o ar e troco a perna do afundo.

— Retiro o que eu disse — digo. — Tenho uma última regra.

— Tá?

— Se ficar intenso demais pra qualquer um de nós, a gente pode desistir, sem explicações ou ressentimento. A gente diz pra todo mundo que não deu certo e ainda somos bons amigos e parceiros.

Brayden pigarreia e assente.

— Parece justo.

— Então só tem um problema.

— Qual?

— Contar pra Elisa.

— Merda — xinga ele, saindo da pose e se deixando cair.

— É — concordo, seguindo-o e abrindo um espacate. — Exatamente.

Então minha atenção é atraída para algo no gelo. É Riley, erguida no ar, as mãos nos ombros de Freddie enquanto ele a guia por um levantamento complicado, em que o corpo dela gira e aterrissa em

posição de noiva à medida que eles viajam pelo gelo. É um pouco lento, e um pouco fora do ritmo da música, mas é bem-feito. E, a julgar pelos gritinhos de alegria de Georgia fora do gelo, ela também acha isso. É arriscado acrescentar um movimento desses na coreografia a essa altura da temporada, mas conheço Freddie e conheço Riley; eles não têm medo de um pouco de risco, principalmente quando esse risco pode alçá-los ao topo do pódio.

— Uau! — Brayden e eu dizemos juntos.

E, de repente, contar para Elisa é o menor dos nossos problemas. Mesmo assim, enquanto assimilo tudo, sou tomada pelo alívio. Com isso eu sei lidar. É hora de pegar firme nos treinos.



— Isso! Adriana, que coisa linda, não, segura aí. Dá pra ver seus sentimentos no rosto. Continua assim! Perfeito, Brayden! — grita Camille enquanto “Vienna” dá lugar ao silêncio e terminamos um ensaio da nossa dança rítmica.

Foi tão bom. Não tem nada no mundo que se compare a acertar uma apresentação, e passamos a temporada toda afiados. A adrenalina ainda corre pelas minhas veias e, mesmo que já faça duas horas que estamos aqui, sinto que poderia treinar por mais dez.

Nossa, amo tanto isso. Se ao menos a vida pudesse ser só patinação.

Temos encerrado todas as sessões de treino com nosso programa completo, alternando entre a dança rítmica e a livre para garantir que somos capazes de fazer as duas mesmo quando estamos exaustos. Vamos para Paris daqui a uma semana e é hora de nos certificarmos de que podemos acertar nossas coreografias independentemente do que esteja acontecendo ao nosso redor, dentro ou fora do gelo. Riley e Freddie podem acrescentar o levantamento que quiserem à série deles — se Brayden e eu patinarmos desse jeito, ninguém vai chegar perto de nós.

Deslizo até a borda do rink e ouço aplausos vindos da arquibancada. Ergo a cabeça, estreito os olhos, depois pisco e olho de

novo, completamente convencida de que não é possível que seja meu pai lá em cima batendo palmas sem parar para uma série de dança no gelo.

Ele se levanta e desce a arquibancada de metal. Quando Brayden e eu saímos do gelo, meu pai e Camille nos esperam lado a lado.

— Muito bem — elogia ele, estendendo o braço e dando tapinhas no ombro de Brayden. — Você sabe mesmo patinar, rapaz.

Depois, ele se vira para mim e completa:

— E, Adriana, nunca te vi tão... cativante. Tem algo de diferente na sua performance. Você tem feito aqueles exercícios que te mandei sobre transmitir emoções?

Faço que não com a cabeça.

— Não, desculpa. Não tive tempo.

— Não? — pergunta meu pai, mas sem parecer chateado, apenas pensativo. — Ah, tudo bem. O importante é fazer algo que funciona, certo? Muito bem, vocês dois, de verdade. Ah! Tô vendo o Charles, preciso falar com ele. Com licença.

Ele diz isso como se estivesse se livrando de uma conversa com semiconhecidos, o que... acho que não deixa de ser verdade. Não consigo me lembrar da última vez que meu pai disse tantas palavras assim para mim sem ser instigado.

— Bom — começa Camille, de olhos arregalados e brilhantes —, parece que vocês dois têm um novo fã.

— Walter Russo, aficionado por dança no gelo, quem diria? — comento, e uma risada um tanto histérica escapa com as palavras.

Nunca ouvi meu pai pronunciar mais do que meio elogio breve sobre minha patinação antes, e talvez chegue um dia em que isso não importa para mim, mas não é hoje.

Camille vaga até o lugar onde papai e Charles estão conversando, e, quando Brayden se vira para mim, solto outro gritinho empolgado.

— A gente vai botar pra quebrar em Paris — diz ele enquanto cruzamos a porta que leva até a recepção.

Respiro fundo e passo um braço ao redor da cintura de Brayden, depois chego mais perto.

— É, vamos sim.

Ele fica tenso por uma fração de segundo, depois olha para mim com um sorriso e sinto seu corpo todo relaxar.

— Então, a gente vai fazer isso mesmo? — sussurra.

— A gente vai *fingir* isso mesmo — corrijo.

Brayden solta um riso.

— Vem cá — murmura ele, passando o braço ao redor dos meus ombros.

Ele fica nojento depois de um treino pesado, mas eu também. Franzo o nariz enquanto ele roça os lábios na minha têmpora, e o contato provoca uma onda suave de calor na minha pele. Então Brayden tira uma foto nossa. É casual, parece superespontânea e, na verdade, meio fofa.

— Posto? — pergunta ele.

— Posta — concordo.

Ele digita uma legenda rápida.

Treinar com a @AdrianaRusso nunca foi tão bom, até mesmo quando ficamos ensopados de suor depois do treino. Com o #MundialJuvenilDeParis logo ali, nosso tempo competindo na categoria juvenil está chegando ao fim. Andei pensando muito sobre os últimos dois anos. Amadurecemos tanto juntos, e não consigo me imaginar fazendo isso com mais ninguém. Ela está comigo pro que der e vier e eu também! #AtéOFim #ElliotERusso

Deus, eu sou uma fraude, e por um instante odeio isso, até Brayden me olhar depois de finalmente postar a foto na nossa conta compartilhada e sorrir. É impossível não devolver um sorriso de Brayden quando ele abre um de verdade, quando os olhos ficam enrugados nos cantos e aquela covinha aparece na bochecha dele.

— Todo mundo pensa... — Paro de falar quando ele atualiza a página e corações e comentários começam a aparecer na tela.

— Que a gente tá namorando, é — completa Brayden. — Acho que tá funcionando.

Aperto os lábios e encaro o fluxo de notificações que cresce na tela dele.

— É, acho que tá.

— E não funcionando de mentira.

— Com certeza não — digo, rindo.

— Do que vocês tão rindo tanto? — pergunta Elisa, sentada a uma das mesas perto das janelas.

Parece que ela já está ali faz um tempo, com uma caneca de café diante de si, o celular e um caderno pequeno espalhados ao redor. Alguns dos outros treinadores estão por perto. Jimmy e Ben se alongam com Maria e Charlie no canto. Pela visão periférica, noto que Katya e Gillian estão ambas a uma mesa a poucos passos de nós. Ótimo, vamos fazer isso com plateia.

Meu riso desaparece e tento me afastar de Brayden, mas o braço dele só enrijece ao redor dos meus ombros. Não faço ideia do que dizer para ela. Ainda. Porque não há nada a dizer. Elisa sabe para o que está olhando, ou pelo menos o que queremos que veja. Ergo os olhos para Brayden, e ele já está me observando.

— Sêrio? Minha irmã mais nova e meu ex-namorado se juntam pelas minhas costas e não têm nada a dizer. Beleza — reclama Elisa, atraindo nossa atenção de volta para si. Ela está de pé agora, olhando de mim para Brayden. — Mal vejo a hora dessa merda estourar na frente do mundo todo.

— Elisa. — Soa a voz do meu pai atrás de nós. — Já chega. Sei que você ainda está chateada pelo que aconteceu em Pequim, mas isso não é desculpa para ser cruel com a sua irmã.

Elisa arregala os olhos e fica de queixo caído, completamente perplexa. Dou meia-volta, me afastando de Brayden, e encaro meu pai também. Nunca o ouvi usar esse tom de voz com ela antes.

Soltando um grito frustrado entre dentes cerrados, Elisa passa por nós, fazendo questão de esbarrar com o ombro em mim enquanto sai correndo.

Eu a sigo, mas, quando chego à porta, ela já está quase em casa. Eu poderia ir atrás dela, mas ainda não sei o que diria. O que eu tenho a dizer? A única coisa que melhoraria essa situação é a verdade, e não posso revelá-la. Podemos não ser superpróximas, mas somos irmãs e odeio tê-la magoado, ainda mais, como meu pai observou daquele jeito tão sensível, quando ela já está sofrendo.

Só que não posso consertar as coisas. Não há nada que eu possa fazer no momento, talvez nunca. A responsabilidade é minha; foi o que eu decidi fazer e agora preciso viver com isso.



Tem algo de familiar nas duas malas em cima da minha cama. Algumas semanas atrás, eu me sentei no quarto de Elisa para ajudá-la a arrumar as malas para os Jogos Olímpicos. Agora, ela está em casa e eu estou no meu quarto, encarando duas malas vazias, com a porta do closet aberta, sem mexer em nenhuma peça.

Não é que eu não queira fazer as malas ou não saiba o que levar; isso é bem fácil. Faço minha própria mala para competições desde os 8 anos. É que fazer as malas para *esta* competição é diferente. Vamos para nosso último campeonato juvenil da vida, a última vez que patinaremos no gelo com aquela rede de segurança. É disso que se trata, afinal. Quando você sai da categoria juvenil, ninguém se importa com a sua idade, se você já fez aquilo antes ou qual é o seu sobrenome. Você pisa no gelo contra os melhores do mundo e vê se está ou não à altura deles, e, se não está, não tem conversa. Simples assim. Elisa aprendeu isso do jeito mais difícil.

Elisa, que, pelo visto, decidiu que não quer falar comigo no fim das contas e tem feito questão de me ignorar desde a pequena explosão no ringue.

Procuro coragem para lidar com isso, mesmo que não haja ninguém aqui para ver.

Respiro fundo e mergulho, tirando roupas de exercício das gavetas da cômoda e colocando-as em rolinhos dentro da primeira mala. Em seguida, sapatos, botas e roupas de sair que podem ser úteis se tivermos um dia livre para passear *depois* da competição. Olho para meus figurinos que pendem da maçaneta da porta do closet. Mandeï lavarem e verificarem as peças depois do Campeonato Nacional. É para eu experimentá-las antes de colocá-las de volta em suas capas protetoras, onde vão ficar até precisar delas de novo na França.

Acho que deveria fazer isso agora. Se houver qualquer problema, ainda dá tempo de mandar arrumá-las antes de viajarmos.

O primeiro figurino é para “Vienna”. Nosso papel é o de um jovem casal envolto pelas expectativas do mundo, mas que deixa o amor desacelerar tudo e os manter firmes para evitar um desgaste prematuro, é bem a vibe da música. Vivendo a vida em vez de simplesmente existir. Levamos isso para o nosso figurinista e decidimos que deveríamos parecer um casal que vai a um encontro. Simples, talvez, mas amo ainda mais o vestido por sua simplicidade. Não parece um figurino típico de dança no gelo. Quase parece algo que você usaria normalmente. Tem um tom intenso de creme, mangas longas de renda e foi desenhado para cair dos meus ombros em um corpete da mesma cor feito de seda muito refinada. Eu o vi e não sei se já me senti mais bonita do que quando estou usando esta peça. Fico me olhando no espelho, de frente e de costas, para me certificar de que não há fios ou botões soltos. Mas parece tudo bem. Eu fiquei bem.

— Amo esse figurino.

— Eu também — digo, encontrando os olhos de Riley no espelho quando ela bota a cabeça para dentro do quarto.

Faço um gesto para que entre.

— Desculpa, eu mandei mensagem, mas... — Ela para de falar, entrando de vez no quarto e fechando a porta atrás de si.

— Desliguei o celular. Depois que o Brayden postou aquela última foto, foi uma loucura.

— E, falando do Brayden... — começa ela, se sentando na minha cama. — Quero *detalhes*.

Eu me viro para Riley, fazendo um gesto vago no ar.

— Ah, sabe, a gente só conversou sobre o assunto uma noite dessas e pareceu certo.

Os olhos de Riley brilham, curiosos.

— Não quero saber da parte da *conversa*.

— Não tem muito pra falar. — E essa é a verdade, mesmo que ela me lance um olhar de todo incrédulo. — Você falou com o Freddie? — pergunto, com a sensação de que já sei a resposta.

— Não, perdi a coragem. Eu só... às vezes acho que ele gosta mesmo de mim. O Freddie é tão doce e divertido, mas ele é assim com todo mundo, então não sei se é só coisa da minha cabeça. O que você acha?

— Tá perguntando pra pessoa errada. Sou péssima com essas coisas. Eu... tô com um cara e agora minha irmã tá furiosa. E o Brayden não é lá conhecido por se comprometer a longo prazo, sabe? Não faço ideia do que tô fazendo.

— Então nós duas estamos completamente ferradas, é isso que você tá dizendo?

Ela tomba de costas na minha cama com um suspiro.

— Completamente.

## Capítulo 12

AINDA FALTA MUITO PARA terminar a mala, mas os dois figurinos estão impecáveis e prontos para Paris, e isso vai ter que ser suficiente por enquanto, porque Riley recebe uma mensagem avisando que todos estão lá embaixo e vamos pedir alguma coisa para jantar como uma grande comemoração de volta ao lar para meu pai e Elisa. Provavelmente não é a recepção que minha irmã esperava: delivery com um bando de patinadores adolescentes em vez de aparições em programas matinais e talk shows noturnos e o anúncio de sua participação no *Dancing with the Stars*.

Quando chegamos à cozinha, Georgia e Harry estão lá, parecendo um pouco encurralados por meu pai. Ele está com um álbum de fotos que conheço bem e, por experiência, dá para ver que só mostrou um quarto das imagens, o que significa que falta pelo menos uma hora de história da carreira dele.

Debruçada sobre a ilha da cozinha, onde estava analisando um vídeo, presumo que do treino de hoje, como sempre, Camille ergue a cabeça.

— Sushi? — pergunta ela, guardando o celular no bolso.

Todos concordam, e troco o álbum de fotos das mãos de papai por um cardápio do nosso restaurante japonês preferido. Não tem nada que ele ame mais do que ser encarregado de coisas desse tipo. Meu pai começa a fazer uma lista do que deveríamos pedir e, por cima do ombro, Georgia articula um *obrigada* com os lábios.

Papai está fechando a lista quando Georgia diz:

— Coloca um *hossomaki* de atum apimentado pro Freddie. Ah, por falar nele...

— O que tem eu? — pergunta Freddie, entrando na cozinha com Maria logo atrás.

Ela deve ter aberto a porta para Freddie, que vai diretamente até a irmã e a beija na bochecha.

— Tá se sentindo melhor?

— Muito — diz Georgia, com a mão sobre a barriga.

— Bem o bastante pra comer sushi?

— Bem o bastante pra comer um *uramaki* Califórnia, eu acho. Nada de peixe cru por pelo menos mais alguns meses — responde ela, que olha o irmão com olhos brilhantes iguais aos dele.

— Disseram que vai ficar pronto em meia hora — anuncia papai, encerrando a ligação. — Quem vai lá buscar?

— Eu vou — falo.

O restaurante fica a apenas algumas quadras e eu não preciso mesmo estar em casa quando Elisa decidir descer. E, se eu puder evitar o jeito que minha pele formiga quando Freddie está perto assim — sim, do outro lado da sala já é perto —, ainda melhor.

Estou quase na metade da rua quando passos rápidos ecoam na calçada atrás de mim. Por uma fração de segundo, meu coração acelera de medo, então olho para trás e vejo Brayden correndo para me alcançar.

Levo a mão ao peito e resmungo:

— Você me deu um baita susto.

— Desculpa — diz ele. — Acabei de chegar e disseram que você foi pegar a comida, então imaginei que talvez fosse querer uma ajuda.

— Ou você tá evitando minha irmã tanto quanto eu.

— É, a gente nunca chegou a falar sobre minha história com a Elisa, né? — pergunta ele, já no mesmo ritmo que eu.

— E nem precisamos — respondo. — Você não me deve nenhuma explicação.

— Pois eu acho que devo — rebate ele, a voz mais séria do que o normal. — Quando eu cheguei aqui, eu... eu não achei que fosse ficar.

— Quê?

— É, achei que você ia desistir depois de alguns meses no máximo, então não levei muito a sério, e é por isso que pensei que não ia fazer mal nenhum ficar com a Elisa.

— Tá bom? Eu... mas e aí? — pergunto, com quase certeza de que isso não é tudo que ele está tentando dizer.

— Aí, depois de um tempo, você e eu começamos a nos entender e percebi que a gente poderia se sair muito bem. Foi por isso que eu acabei tudo com ela.

— Você terminou com a Elisa por minha causa? — indago, enfiando as mãos nos bolsos do casaco, sem saber se estou entendendo Brayden por completo.

— Por... bom, por nós, eu acho. E eu não diria que “terminei”. Isso é pra pessoas que estão num relacionamento de verdade, né? A gente só tava...

— Eu não preciso mesmo saber — interrompo.

— Não foi nada tão... escandaloso quanto o que quer que você esteja pensando — esclarece ele, dando de ombros. — A gente se beijou algumas vezes. Foi isso. Não significou nada.

— Beijar pode ser importante. Principalmente quando você nunca fez isso antes e ainda mais quando se importa com a pessoa — digo, olhando de soslaio para ele, seguindo nossa caminhada.

E, enquanto estou tentando defender minha irmã e o crush de anos que ela tem no meu parceiro, tenho quase certeza de que não estou mais falando sobre ela.

— Você tem razão — cede ele baixinho. — Pode ser importante, mas o que estou dizendo é que para mim não foi e queria que você soubesse disso.

— Você queria que eu soubesse que estava usando minha irmã? — explodo.

Sei que é irracional e que estou descontando tudo nele porque o dia foi uma montanha-russa total de alegria e desastre, e não tenho energia mental para nada importante desse jeito, mas não consigo me conter.

— Nem entendo por que você tá me contando isso depois de tanto tempo. De que me importa?

Ele bufa, e o sopro vira uma nuvem branca de frustração no ar congelante.

— Não, você tem razão. É idiotice. Foi mal ter falado disso.

— Então tá bom — digo, sentindo a tensão nos ombros se dissipar.

O restaurante está logo adiante. Enfio o queixo no peito para espantar o frio durante os últimos metros, mas então o braço de Brayden envolve meus ombros, me puxando para a lateral de seu corpo, e é como ser pressionada contra um aquecedor humano. Ele está tão quente que não consigo deixar de me aproximar.

— Obrigada.

— A gente tá em público — murmura Brayden, apontando com a cabeça para as pessoas que andam na nossa direção. — Faz parte das regras, certo?

— Ah, é — concordo, e de repente me sinto muito idiota, como se estivesse metida em algo grande demais para mim.

Devo estar.

O restaurante de sushi está lotado, como costuma estar em uma noite de sábado, e há apenas um cantinho onde podemos esperar enquanto os funcionários procuram nosso pedido. Não tem a menor necessidade, já que está quente aqui dentro, mas Brayden volta a colocar o braço ao redor dos meus ombros por alguns minutos.

— Que foi? — pergunto, erguendo a cabeça para ele.

— Viram a gente — avisa ele, virando a cabeça por um segundo para a esquerda, onde um grupo de garotas mais ou menos da minha idade está sentado e casualmente, talvez até demais, tira fotos da garota de costas para nós. — Será que a gente vai até lá?

— Quer dizer, era isso que a gente queria, né?

— É — responde ele.

Brayden se vira para o grupo e abre um sorriso eletrizante. Todas elas quase derretem na hora.

— Querem uma foto, meninas?

— Ai, meu Deus — murmura uma delas ao ser pega, mas então parece pensar melhor e devolve o sorriso. — Sim, vocês se importam? Somos superfãs do programa!

Passamos os minutos seguintes posando com elas e depois repostando as fotos que resolveram compartilhar nas redes sociais. Isso é *exatamente* o que queríamos, e está funcionando.

O restaurante todo observa a cena, com fascínio, enquanto as garotas tiram fotos conosco em diferentes combinações até nossa comida chegar, e é fácil ver a onda de reconhecimento varrer as pessoas ao pesquisarem sobre nós nos celulares ou sussurrarem para outros na mesa sobre quem somos.

É uma loucura.

— Muito obrigada, a vocês dois, isso é incrível — diz a garota que falou primeiro conosco, e saímos do lugar antes que elas pensem em sair também.

— Isso foi tão estranho — comento quando voltamos para a rua, carregando quatro sacolas enormes de sushi entre nós.

Aparentemente, o pessoal pediu mais coisa depois que saímos de casa, e, a julgar pela quantidade de comida, todo mundo vai estar lá quando voltarmos.

— Foi — concorda Brayden, voltando a olhar pela janela de vidro para o restaurante, onde as garotas nos veem partir. — Espera um segundo.

Paro e me viro para ele.

— O quê...? — começo e paro outra vez.

Brayden está tão perto, perto o bastante para os botões do casaco enroscarem nos meus por um segundo.

— Você acha que a gente podia — começa ele, calando-se em seguida, passando os olhos pelo restaurante e voltando a encarar os meus, depois meus lábios — mostrar pra elas?

— Mostrar? — pergunto, mas sei do que ele está falando.

Aquelas garotas não vão conseguir se segurar. Se a gente fizer isso, as fotos vão aparecer em todo lugar em poucos minutos, acompanhadas de uma história fofa sobre como fomos simpáticos o suficiente para tirar fotos com as meninas pouco antes. É perfeito.

Brayden ergue a sobrancelha para mim, e concordo com um gesto, mas ele balança a cabeça.

— Preciso ouvir você dizer.

— Sim — sussurro, e isso basta.

Ele se aproxima e, por um momento, só pressiona a testa contra a minha antes de um braço envolver minha cintura e me puxar para mais perto, do mesmo jeito que já fez milhões de vezes no gelo. Mas agora tudo é diferente. Perco o ar quando Brayden envolve meu lábio inferior entre os dele, delicado, mas insistente. Ele me guia pelo beijo. É lento e doce, como se eu estivesse sendo conduzida em uma dança, e, bem quando penso que vou derrubar as sacolas que ainda estou segurando e passar os braços ao redor dos ombros dele para puxá-lo para perto — para aprofundar o beijo e me perder por completo neste sentimento —, ele se afasta só um pouquinho, roçando o nariz no meu antes de recuar e soltar um suspiro afiado.

Minha experiência com beijos é limitada a alguns selinhos e uma única tentativa atrapalhada de beijo de língua com meu namorado do oitavo ano, Zac Brewer, que terminou comigo dois dias depois para sair com uma garota que não passava todo momento do dia treinando e podia assistir aos jogos de hóquei dele, torcer e ir a festas e comemorar depois. Além disso, não quero pensar em Zac Brewer agora, não depois de um beijo desses.

É *assim* que um beijo tem que ser.

— Uau — murmuro, antes de me equilibrar.

Brayden pigarreia e assente.

— É, *hã*, acho... acho que foi bom.

— Ah, é? — pergunto, mordendo o lábio.

Ele deve saber melhor do que eu.

Brayden me conhece muito bem, bem até demais, provavelmente, então percebe a incerteza na minha voz.

— Ah, sim, Adriana. Pode acrescentar “beijar” à sua lista de talentos, tá?

— Com certeza é algo pra colocar no meu currículo.

— Vem — diz ele —, tá todo mundo esperando a comida e acho que aquelas garotas já fizeram a grana delas valer a pena.

— *Hã*? — indago, um pouco distraída pela proximidade de Brayden.

— Ah, é mesmo... as garotas.

Ele ri um pouco e quero ficar irritada, mas não tenho energia. Foi um bom beijo, mesmo que tenha sido só fingimento, e só estando morta para não apreciar isso.

— Cala a boca. Vamos.

Caminhamos de volta para casa, encolhidos contra o vento que ganha força às margens do rio. Com as mãos cheias, não posso me aninhar em Brayden, e, quando chegamos ao alpendre, estou começando a me sentir como um picolé humano. Mal entramos em casa quando o pessoal começa a jorrar da cozinha, quase todos com sorrisinhos maliciosos, liderados por Camille, cujos olhos dançam de alegria.

— E aí, por que vocês demoraram tanto? — cantarola Riley, que saltita até mim e pega uma das sacolas que estou segurando.

Nossa, isso foi rápido. Será que as fotos já... é, com certeza já. Não vejo Elisa em lugar nenhum, mas todos os outros estão aqui, rindo,

pegando os celulares e mostrando para nós quantos posts, compartilhamentos e *edits* já fizeram do ensaio fotográfico espontâneo, e então de nós dois na calçada após o acontecido. Como os fãs são tão rápidos? Mal passou meia hora.

O sushi é distribuído e todos acabamos comendo ao redor da ilha da cozinha. Por alguns minutos, é legal, do jeito que eu achei que seria quando todos chegaram. É como uma equipe de verdade, com Charlie e Ben discutindo sobre quem vai ficar com o último pedaço de sashimi, Georgia reclamando dos *urumakis* Califórnia e Brayden encostado em mim enquanto rouba um pedaço do meu atum apimentado crocante, provocando Jimmy, que perdeu um jogo de Chances para Freddie e está voando pela cozinha à procura de uma caixa de leite para acalmar a queimação do punhado de wasabi que ele acabou de enfiar na boca.

Ainda estou rindo quando, depois de não conseguir nem registrar a presença dele por mais ou menos uma hora, meus olhos encontram os de Freddie do outro lado da ilha, mas o olhar dele desvia do meu com a mesma rapidez. Como se eu o tivesse pego no flagra. Ele está estudando algum ponto acima do meu ombro, onde eu sei que não tem nada além de uma parede vazia. Freddie deve perceber isso, porque se vira, desconfortável, e tenta retomar o foco em algo que Riley lhe diz. Só que alguns segundos depois, porém, ele volta o rosto para mim de novo e, quando nossos olhares se encontram desta vez, se sustentam, e meu mundo meio que sai do eixo.

Conheço esse olhar. Lembro dele da nossa corrida outro dia, quando por uma fração de segundo achei que ele ia se aproximar e me beijar. E, bem quando a intensidade parece atingir um nível extremo e preciso desviar minha atenção, ele o faz primeiro. Mas seus olhos vão para Brayden e sua mandíbula se retesa, com um espasmo minúsculo. Também conheço essa expressão porque, antes de tudo desmoronar, eu conhecia Freddie O'Connell melhor do que qualquer outra pessoa neste mundo. Ele está irritado. Irritado com Brayden, e só existe um motivo para estar irritado com Brayden.

Ele está com ciúmes.

Minha mente gira e preciso engolir um grunhido que cresce na garganta, porque uma espécie de culpa me percorre ao pensar nisso. Como se eu devesse me sentir mal por Freddie estar infeliz. Como se

tivesse a obrigação de consertar isso. O que é loucura, porque não é minha obrigação. Ele mal falou comigo nos últimos dois anos, nós nem somos amigos e, além disso, Riley gosta dele. Então Freddie volta a olhar para mim e desta vez eu é que sou pega no flagra. Sinto as bochechas corando ao baixar os olhos para o sushi na minha frente e tento pegar mais um com o hashi, mas fracasso miseravelmente porque meu coração está pulsando feito um trovão no peito, e tudo por causa de alguns segundinhos de contato visual efêmero.

Ah, não.

Isso não é bom.

Nem um pouco bom.

Porque uma parte de mim, uma parte muito maior do que estou disposta a admitir, gosta muito.



— *Argh!* — grita Camille quando nos atrapalhamos em outro levantamento em curva.

Brayden precisa me soltar e me empurrar no gelo para evitar que sejamos perfurados pelos patins.

— Ok, já chega!

É nosso último treino antes de partirmos amanhã e foram horas de muito sufoco. Meu corpo todo parece um hematoma gigante, graças ao número de vezes que comi gelo neste treino, e Brayden não está muito melhor. Partindo de direções opostas, patinamos até ela e paramos, à espera das críticas. Camille nos encara por um segundo e depois outro, em silêncio, alternando a atenção entre nós dois.

— Não sei o que está rolando aqui, mas vocês dois precisam dar um jeito nisso. Não podem ir para Paris assim. Na melhor das hipóteses, vão passar vergonha e me levar junto; na pior, um ou os dois vão se machucar. Saiam da minha frente e não voltem até estarem prontos para trabalhar.

Saímos do gelo e nenhum de nós se dirige aos respectivos vestiários. Em vez disso, vamos ao pequeno escritório que costumamos usar como

depósito. Araras de roupas antigas com figurinos de patinação há muito esquecidos e uniformes de hóquei se enfileiram nas paredes, e caixas de equipamento juntam poeira nos cantos. Brayden fecha a porta atrás de nós. Ele se senta na mesa, empurrando uma pilha de caixas com o quadril. Eu desabo em uma cadeira dobrável do outro lado da sala, ainda a poucos passos dele no espaço minúsculo.

— O que deu em você hoje? — questiona Brayden quando fica claro que vou ficar quieta.

— Nada, ué — minto, cruzando os braços sobre o peito e dando de ombros.

Ele bufa e tenta de novo.

— Nem vem com essa. Foi o beijo? Eu passei dos limites? Quer dizer, você disse que queria e parecia que tava curtindo?

— O quê? Não? Foi... tá tudo bem, eu só...

Ele não parece convencido e continua insistindo.

— Então o que foi?

Não posso dizer porque nem eu sei *o que* é. Ou, na verdade, até sei, mas vai parecer loucura. Desculpa, Brayden, mas essa história de namoro falso que a gente inventou é confusa e te beijar é fantástico, mas, além disso, estou surtando porque um cara que eu achei que estava fora da minha vida para sempre de alguma forma me faz sentir que estou traindo ele com você, mesmo que nem estejamos namorando, ele só acha que estamos.

É, ia dar muito certo.

— É que os últimos dias foram intensos, tá bom? E acho que tô sentindo mais a pressão do que pensava.

Não é *totalmente* mentira, pelo menos.

— Beleza, então tá tudo bem com a gente? — pergunta ele por fim, ficando de pé e estendendo a mão para mim.

Eu a pego e deixo que Brayden me puxe.

— Tudo bem — asseguro a ele.

Camille tira os olhos do celular quando reaparecemos, alternando o olhar entre nós, de sobrancelhas erguidas em uma pergunta silenciosa.

— Vamos repassar “Vienna” — diz Brayden, e eu assinto.

Camille gesticula para o gelo e vai até a sala de controle para dar play na música.

Ela ecoa das caixas de som segundos depois que assumimos nossa pose inicial no centro do ringue. Então patinamos, de mãos unidas, girando e rodopiando e pisando juntos. A mão de Brayden é como uma extensão do meu corpo conforme nos mexemos com a música; os movimentos em si são memória muscular a essa altura, e é por isso que nossos problemas mais cedo eram tão idiotas. É tudo um jogo mental agora e, com nosso foco total um no outro, na música e na performance de cada nota, cada palavra, é fácil. No gelo, não somos Adriana e Brayden, não de verdade. Somos uma versão idealizada de nós mesmos, capturada no tempo, incitando um ao outro a fazer o melhor, mas também levando a sério as palavras. Fazemos isso por amor. Essa é a questão. Amar a dança no gelo é suficiente para treinar a si e ao parceiro na crença de que o amor será suficiente para superar tudo. E talvez essa crença não seja assim tão boba. Talvez seja real.

Brayden murmura as palavras enquanto deslizamos suavemente pelo gelo, nos apoiando um instante nos joelhos até ficarmos os dois de pé outra vez e eu me aproximar dele. Os braços de Brayden me envolvem; uma mão segura minha coxa, a outra se levanta debaixo do meu braço até meu corpo todo estar apoiado no dele, que gira pelo gelo, me carregando no ponto alto da música, o momento em que a plateia costuma ser cativada e dá gritos de aprovação, nos acompanhando pelo resto da dança, e juntos faremos o público, e os juízes, se apaixonarem por nós.

A música cresce e cresce até desacelerar no fim e Brayden e eu deitarmos no gelo. Minha respiração é pesada e rápida, e levanto a mão para tocar a parte de trás da cabeça dele, como sempre faço. É a última parte da coreografia, mas, em vez de repousar no meu ombro, o rosto dele paira sobre o meu e, quando os últimos acordes do piano tocam, a boca dele se abaixa até a minha bem quando eu a levo na direção dele, porque, agora, não quero nada mais do que ser beijada.

É breve, bem diferente de ontem à noite, e mal roçamos os lábios; mesmo assim, parece certo, a intensidade é a mesma, e é suficiente para fazer meu coração perder o compasso. Isso não é real, mas não quer dizer que não posso aproveitar. O que é um beijo ou dois entre amigos que fingem estar namorando?

Não dizemos nada quando ele me ajuda a endireitar a postura. Nossa música acabou, substituída pelas coisas que costumam tocar entre os ensaios de cada programa, mas ainda sinto os lábios formigando e os pressiono, tentando fazer a sensação parar.

Patinamos até Camille, que tem um sorriso largo no rosto. Será por causa do jeito como patinamos? Pelo beijo? As duas coisas? Quem sabe?

— Ah, meu Deus, isso foi tão bom!

É Riley. Ela e Freddie estão entrando no rink.

Ao longe, ouço os comentários de Camille fazendo correções, mas em grande parte elogios pela série que performamos.

Não tiro os olhos de Freddie. Ele não está olhando para mim, pelo menos não para os meus olhos. Seu olhar está voltado firmemente para baixo, onde Brayden ainda segura minha mão na dele. Eu a solto do jeito mais sutil que consigo, mas isso chama a atenção de Brayden. Ele se vira para mim com um sorriso, que eu retribuo, antes de ele voltar a focar nas palavras de Camille, mas meus olhos retornam para onde Freddie estava um momento antes. Só que ele se foi, patinando pelo gelo com Riley.

Será que... será que ele viu a última parte, o beijo?

É claro que viu.

Mas eu tenho que só... não me importar.

Não importa se ele está com raiva, ou com ciúmes, ou só irritado por estarmos patinando tão bem.

Pronto. Esta sou eu, não me importando.

O que Freddie pensa sobre tudo isso não deveria importar. A única coisa que importa é que patinamos muito bem, que precisamos continuar assim até partirmos para Paris, e que, quando chegarmos lá, vamos trazer para casa a medalha de ouro.

## Capítulo 13

EM GERAL, QUANDO ANDO de avião minhas pernas ficam apertadas nas costas do banco à frente, mas hoje estão sobrando. Vamos de primeira classe, graças à NFSC, e os bancos são enormes. Dispostos em grupos de quatro, com um par de cadeiras de frente para o outro, mas a cabine está quase vazia, então tem bastante espaço para nos espalharmos. Apesar disso, as pessoas parecem querer ficar perto umas das outras, e Brayden e eu, quase que por instinto, nos sentamos juntos.

Papai e Elisa estão algumas fileiras adiante, também na primeira classe, mesmo que a NFSC não esteja pagando as passagens deles. Meu corpo inteiro começa a superaquecer quando penso nisso. Não dá para evitar. É força do hábito. Calculo na cabeça quanto essa viagem na primeira classe vai nos custar. A bagagem adicional despachada. Os quartos de hotel. Comida e souvenirs em Paris, o que para os dois não significa uma miniatura da Torre Eiffel ou um livro da Shakespeare and Company. Não, vai ser uma bolsa da Louis Vuitton ou um terno novo da Versace. Vai facilmente consumir tudo que eu ganhei nas últimas semanas fazendo publis com Brayden, já que tudo é depositado na conta conjunta da família.

Eu me viro e olho para Charles, sentado algumas fileiras atrás de nós. Quando pousarmos, vou pedir para ele arranjar mais publicidade para o período de competição, e, se ganharmos, talvez tenhamos patrocinadores de verdade, contratos com marcas de roupa, trabalhos e essas coisas. E talvez... talvez eu peça para ele abrir uma conta só minha, separada da do meu pai. Minha frequência cardíaca volta ao normal. É, é uma boa ideia. Isso vai garantir que eu esteja no controle de tudo que entra, e, mais importante, tudo que sai.

— Terra para Adriana? — chama Brayden.

Sacudo a cabeça, tentando despertar por completo.

— Oi, desculpa. Que foi?

— Perguntei quanto tempo dura o voo.

— Quase sete horas. E lembra, a gente vai perder tempo, então tenta dormir.

— Sim, senhora — diz ele, fazendo uma saudação de brincadeira.

Então Brayden chama a atenção da comissária de bordo que passa por nós. Ela é bonita, deve ter 20 e poucos anos, e, quando Brayden sorri, ela para.

— Pode trazer duas taças de champanhe? Estamos comemorando!

A comissária estreita os olhos para ele, mas tem uma expressão bem-humorada ao fazer não com a cabeça e continuar atravessando o corredor.

— Não é pra gente beber — lembro quando ele faz um biquinho.

— Não existe menoridade legal em ares internacionais.

— Até onde eu sei, a gente ainda tá parado na pista do aeroporto, que com certeza ainda fica nos Estados Unidos.

— Nervosa? — pergunta ele, do mais absoluto nada.

— Quê? Não, não tô nervosa.

— Eu tava falando do Mundial.

— Ah...

Será que é isso que estou sentindo? Nervosismo? Pode parecer um pouco arrogante, mas não fico nervosa, não com uma competição. Sei que é algo normal para a maioria das pessoas, mas campeonatos nunca me fizeram surtar. Só, sabe, literalmente todas as outras coisas. As competições são meu refúgio. Posso controlar tudo enquanto patinamos, mesmo quando o mundo fora do ringue está de cabeça para baixo.

— Sei lá, talvez um pouquinho?

— Já tava na hora de ter alguma coisa normal em você.

— Ei! — protesto, dando um tapinha delicado no braço dele com o dorso da mão. — Eu sou supernormal.

A comissária de bordo retorna e nos dá taças de champanhe. Ela acha graça no sorriso de Brayden.

— Cidra de maçã, aproveitem.

— Não é uma coisa ruim não ser normal — diz Brayden, dando um gole na bebida. — Você é diferente da maioria das pessoas, ainda mais da maioria das garotas.

Balanço a cabeça, repousando a taça na bandeja de frente para ele.

— Isso é *tão* falso, e completamente machista, aliás. Você só me conhece melhor do que a maioria das garotas. Tem um monte de garotas fantásticas por aí. *Talvez*, se você saísse mais de uma vez com uma garota, saberia disso.

Brayden dá de ombros.

— Talvez.

Ele não parece convencido. Eu insisto:

— Você já teve um segundo encontro? Não, espera, você sequer já teve um encontro? Ou só ficadas?

— Uau, golpe baixo.

— Desculpa — digo, envergonhada. — Talvez tenha pegado pesado?

— Não, você tá certa. Nunca tive um encontro *de verdade*. A gente deveria sair em um encontro.

— Um *encontro*, eu e você?

— É, por que não? Jantar ou coisa do tipo.

— Ah, não vale — rebato. — A gente já saiu pra jantar antes e, além disso, não seria...

— O quê?

— Sendo nós dois, não conta. — Mantenho a voz baixa, checando os arredores para ter certeza de que ninguém está prestando atenção.

Quando volto a olhar para Brayden, porém, ele continua me encarando, o rosto estranhamente sério.

— E se eu quisesse que contasse? — sussurra ele, desviando os olhos e depois me fitando de novo, incerto.

Quando foi a última vez que vi Brayden incerto de qualquer coisa?

Deus, o que ele está fazendo? Isso não era parte do acordo.

— Brayden — digo, engolindo o pânico, e não faço ideia de como continuar, então o silêncio apenas cresce entre nós.

O momento poderia ficar esquisito — ok, está esquisito —, mas não por muito tempo, porque, de repente, Elisa aparece, revirando os olhos para nós.

— Será que dá pra vocês se desgrudarem por dois segundos? Adriana, troca de lugar comigo, papai quer falar com você.

Ela se senta no meu banco assim que eu me levanto e avanço algumas fileiras, onde meu pai está folheando uma pilha de papéis, com um tablet aberto na mesinha diante dele.

— Ah, Adriana, perfeito — fala ele, apontando para o lugar ao lado.  
— Não tivemos a oportunidade de sentar pra conversar depois que eu cheguei de Pequim, então pensei que agora seria um bom momento pra isso. O que você acha?

— *Hã*, tá bom? — pergunto mais do que respondo, com a cabeça ainda atordoada por causa dos últimos minutos.

— É o começo de um novo ciclo olímpico, então é importante decidir quais são suas expectativas e seus objetivos para os próximos quatro anos. Obviamente, você está se encaminhando para seguir os meus passos, mas eu sempre gosto de discutir tudo com antecedência, garantir que esteja tudo bem desenhado pra não ter nenhuma confusão à medida que as coisas vão subindo de nível.

— Claro, faz sentido — digo, franzindo as sobrancelhas.

Estou tentando ler o que está nas páginas diante dele, tentando focar nisso em vez de no garoto algumas fileiras atrás de mim. Os papéis parecem uma mistura de demonstrações financeiras e talvez algumas projeções também. Vejo o próximo ano e o seguinte no topo de uma das pilhas.

— Só quero ter certeza de que você entende a importância de dar continuidade ao legado da família e como é importante nos mantermos unidos. Os resultados deste último ano foram sem dúvida decepcionantes, mas sei que posso contar com você pra fazer melhor. Já é hora de termos outro banner pra pendurar nas arquibancadas e, como a dança no gelo avançou muito nos últimos anos, eu gostaria muito de ver seu nome consagrado lá em cima junto com o meu e o da sua mãe.

— Quero isso mais do que qualquer coisa.

Ao menos nesse ponto nós dois concordamos.

— A gente pode falar dos detalhes depois deste campeonato, é claro, mas só queria que você estivesse preparada. Com a minha ajuda, pode fazer coisas grandiosas e, como sabe, vamos precisar daqueles patrocínios pra manter tudo funcionando se quisermos levar Kellynch de volta à antiga glória.

— Exatamente — concordo, mas sinto que nossas definições de glória não são iguais.

A dele provavelmente envolve a construção de um segundo ringue e vai saber mais o quê. A minha envolve pagamento regular das dívidas

que temos, a garantia de que nossa casa não será hipotecada e depois expropriada porque não conseguimos pagar as contas.

— Mas... — começo.

— Mas? — pergunta ele, erguendo as sobrancelhas.

Sei que meu pai e Elisa tinham conversas desse tipo o tempo todo, sobretudo depois que ela se tornou uma candidata à medalha olímpica, e imagino que Elisa nunca tenha sequer pronunciado essa palavra.

— Mas lembra, já que eu pratico dança no gelo — continuo, fingindo não notar o estremecimento dele —, não sou só eu envolvida. O Brayden faz parte desta parceria e também precisa ter voz.

Eu me sinto mal por usá-lo como escudo, mas ele vai levar numa boa. Brayden sabe como meu pai é às vezes. Se bem que... talvez as coisas sejam diferentes agora. Eu nem sei o que acabou de acontecer. Como posso prever como ele vai reagir a isso?

— O Brayden é esperto o suficiente pra saber o que é melhor pra ele.

— É, ele é mesmo — concordo, mas, de novo: tenho quase certeza de que não estamos pensando nas mesmas coisas. — Eu, *hã*, prometi pra Maria que ia me sentar com ela durante uma parte do voo, tudo bem?

— Ah, é claro — responde meu pai, me dispensando com um sorriso.

Elisa continua no meu banco, então, depois de lançar um olhar de desculpas para Brayden por trás dela, cumpro minha promessa e encontro Maria algumas fileiras atrás, em grande parte aliviada por não ter que me sentar com Brayden, porque ainda não faço a menor ideia do que falar para ele.

— Isso! Finalmente — exclama Maria quando me sento ao lado dela. — Preciso da sua ajuda.

O capitão anuncia que estamos prestes a decolar, então afivelamos os cintos.

— Ah, é?

— É. Quero superar o Charlie e o melhor jeito de fazer isso é encontrar outra pessoa.

— *Hã*, não sei se isso é... acho que o melhor jeito de fazer isso é reconhecer que o Charlie só vai ser um bom amigo.

— Bom, *dã*, eu já fiz essa parte. Não tá prestando atenção? Mas agora eu tô pronta pra encontrar outra pessoa e, já que você e o Brayden enfim estão juntos, imaginei que você seria a melhor pessoa com quem falar

sobre isso. Acho que deve ser o Ben Woo. E, antes que você diga alguma coisa sobre o ex-namorado dele, eu já confirmei que ele é bi. Eu *não vou* cometer o mesmo erro duas vezes. Ele é meio quietinho, mas talvez isso seja uma coisa boa, sabe? Já que o Charlie é o oposto de quieto. Ou talvez o Jimmy. Ele também é bem legal e não *acabou* de sair de um relacionamento.

— Bom, você pode só conversar com eles, eu acho. É o melhor jeito de conhecer alguém. Descobrir se gostam das mesmas coisas, além de patinar, óbvio, ou se ele te faz rir ou...

Maria franze o nariz.

— Meio que quero descobrir se um deles quer me beijar.

Eu rio.

— É, isso também seria um bom sinal.

— Você acha que eu devo perguntar pra Elisa o que ela acha? Ela tem muito mais experiência com essas coisas. Sabe, superar um cara de quem ela gosta porque ele gosta de outra pessoa.

Inclino a cabeça e estreito os olhos para minha irmã mais nova, que dá de ombros.

— Não foi isso que...

Porém não consigo continuar, porque sim, foi exatamente isso que aconteceu, ou pelo menos o que todo mundo acha que aconteceu, e Elisa tem todo o direito de estar brava por esse motivo. A culpa cutuca minha consciência por um segundo, mas eu a afasto. Estou fazendo o que preciso fazer.

— É verdade, né? Quer dizer, ela tá se jogando em cima do Brayden há anos, mas é óbvio que ela *não* é a irmã Russo que ele quer.

— Mas...

Deixo a resposta morrer no ar. Eu ia dizer que Brayden não me quer, por reflexo, mas me detenho bem a tempo, porque não é bem verdade, certo?

Maria dá de ombros, embora eu não termine meu raciocínio. Ela já está pensando em outra coisa, e sou tomada de alívio.

— Acho que quero dormir durante o voo. Depois que a gente decolar, você continua sentada comigo, do jeito que fazia antes?

Quando éramos mais novas, depois que minha mãe morreu, sempre que Maria ficava doente — ou pensava que estava doente —, eu me

sentava ao lado da cama dela e esfregava suas costas até ela cair no sono. Os bancos nesta cabine são grandes o suficiente para minha irmã ficar totalmente deitada.

— Claro — digo.

Desde quando todo mundo tem tanto para dizer sobre os meus relacionamentos? Eu nunca nem sequer tive um namorado. Nem mesmo tive um encontro de verdade. E, até semana passada, nunca tinha sido beijada. Não *de verdade*, pelo menos. Cada vez mais estou me dando conta de que Zac Brewer enfiando a língua na minha boca não conta. Beijar de verdade é algo totalmente diferente. Relacionamentos de verdade? Esses eu não faço ideia do que são.

Maria apaga em menos de uma hora de voo e eu não fico muito atrás dela.

Quando acordo, já se passaram horas e estamos em algum lugar sobre o Oceano Atlântico. Apesar dos assentos na primeira classe, cada músculo do meu corpo parece ter sido encolhido e comprimido em um torno. Começo a erguer o tronco e me alongar quando ouço vozes abafadas do outro lado do corredor.

— Acho que ela é boa demais pra ele, mas que seja. Eles parecem felizes — sussurra Riley. — Vai saber, talvez seja um daqueles relacionamentos em que ele descobriu o que realmente importa, sabe?

— Ou o que é conveniente — responde Freddie em um resmungo baixo. — Ele não parece ser o tipo dela.

— As pessoas mudam — argumenta Riley —, e não dá pra escolher por quem a gente se apaixona.

— Dá sim — retruca Freddie. — Você pode só decidir. Se não quer amar alguém, você não precisa. E, se quer amar alguém, pode só decidir.

— Você tá maratonando *Grey's Anatomy* de novo?

— Riley. — Freddie suspira, exasperado, mas consigo ouvir o sorriso na voz dele. — Só tô dizendo que não entendo. É um risco bem grande de se assumir, ficar com seu parceiro de patinação.

— E desde quando você tem medo de assumir riscos?

A voz de Riley tem um tom de brincadeira, mas consigo ouvir a verdade na pergunta dela. Eu não deveria mesmo estar ouvindo essa conversa.

— Nunca. Mas uma coisa é assumir um risco, outra é a possibilidade de jogar fora tudo pelo qual você trabalhou, em nome de quê? De uma paixão?

— Então você acha que é uma ideia ruim parceiros namorarem? Como você pode dizer isso? A sua irmã *se casou* com o parceiro dela.

— Acho que depende dos parceiros, e aqueles dois? Ele, eu entendo. Ela? Eu só...

Eu não deveria estar ouvindo isso, mas não tenho como parar. Talvez Riley não perceba, mas eu com certeza noto: tem... mágoa ali, na voz de Freddie. Mágoa por eu *não* ter assumido um risco com ele dois anos atrás por algo que não podíamos controlar, e agora estou, pelo menos da perspectiva dele, *escolhendo* deixar as coisas mais arriscadas.

E talvez não seja só da perspectiva dele. Talvez seja bem mais arriscado, isso que estou fazendo, porque seria tão fácil essa coisa toda explodir na nossa cara.

Só que Freddie não sabe de toda a história. Não sabe *por que* estou fazendo isso, e a vontade de me levantar e explicar, contar tudo para ele, de repente é tão grande que preciso literalmente morder o lábio para segurar as palavras.

Mesmo assim, ele não está de todo errado.

A dupla cai no silêncio e não demora muito até eu ouvir a respiração dos dois se estabilizar. Estão dormindo de novo, assim como quase todos os outros na cabine. Mesmo Brayden, com a cabeça apoiada em uma almofada de pescoço, e Elisa, desmaiada ao lado dele, com a cabeça jogada para trás no encosto do banco.

O que eu estou fazendo? Quando é que a minha vida virou uma bagunça tão complicada, uma espécie emaranhada de fluxograma do desastre? De repente, sinto uma vontade urgente de falar sobre o assunto, por inteiro, mas... ninguém sabe da verdade completa, e não tem ninguém para quem eu possa contar a verdade completa. Que bagunça.

Então meus olhos pousam em Georgia O'Connell-Croft.

Que se casou com o parceiro, como Riley apontou. Ela entenderia melhor do que ninguém pelo que estou passando, ou pelo menos em parte. Só preciso de alguém que escute, mesmo que eu não possa contar tudo. Ou, se eu só fizer as perguntas certas para Georgia, talvez ela

encontre a solução pela qual estou procurando. É um tiro no escuro, mas é minha única opção.

Meus pés me carregam na direção dela antes que eu possa pensar a respeito por mais um segundo. Há um assento vago na frente dela, e Harry está roncando na poltrona ao lado da esposa.

— Não consegue dormir? — pergunto.

— Passo o dia exausta e à noite não consigo dormir, um dos sintomas divertidos da gravidez que ninguém te conta — fala ela, revirando os olhos.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro — responde, se mexendo no assento, tentando achar uma posição mais confortável.

— Se for pessoal demais, não precisa responder. Mas eu tava pensando... como você soube que não seria um problema? Namorar o Harry, digo.

Muito sutil. Ela com certeza não vai saber de quem eu estou falando. É, lá está. Georgia dirige os olhos para Brayden do outro lado da cabine e depois olha para mim, suavizando a expressão diante do que quer que enxergue no meu rosto.

— Não sei se sou a melhor pessoa pra falar sobre isso, querida.

— Você, na verdade, é a única pessoa pra quem eu posso perguntar — sussurro, ao que ela responde com um sorriso tristonho.

— Bom, pra mim, a questão era que, apesar de tudo, ele valia o risco.

— O risco de tudo desabar e você perder seu parceiro de patinação?

— É, esse risco. É um bem grande, hein?

— O maior.

— Então essa é a pergunta que você precisa se fazer: o que você está sentindo, e em teoria o que ele está sentindo, vale arriscar tudo?

— Não sei.

Eu nem tive um segundo para processar de verdade o que ele me pediu, muito menos de pensar no que estou sentindo. Será que gosto de Brayden desse jeito? Eu achava que não, mas... talvez seja como Freddie disse. Talvez você possa só escolher? Será que posso escolher me sentir dessa forma em relação a Brayden? Ele é meu amigo e meu parceiro, beija muito bem, é ridiculamente atraente e tem me apoiado durante tudo isso. Não é o suficiente? Mais do que suficiente?

— Tá tudo bem, sabe. — Georgia interrompe minha espiral de pensamentos. — Tá tudo bem não saber das coisas. Principalmente quando você tem 16 anos.

— Eu... não gosto de não saber das coisas.

— Já percebi.

— É, essa sou eu, a doida controladora.

— Pelo que já vi, você não é bem uma doida controladora, mas alguém que se cobra muito, o que não é lá uma característica ruim pra quem quer ganhar uma medalha de ouro olímpica.

— Mas não é muito boa pro romance.

— Talvez não. Ok, você pegou a parte fácil do conselho. Quer a difícil?

— Pode mandar.

— Ando te observando há um tempinho, Adriana. Você é incrivelmente talentosa e dedicada, e o jeito como você e seu parceiro patinam juntos... bom, algumas duplas nunca atingem esse nível de química, muito menos na categoria juvenil.

— Sinto que tem um *mas* vindo aí — digo, e solto um suspiro pesado.

— Todas essas coisas que eu mencionei proporcionam uma ótima parceria de dança no gelo, e não se vê isso todo dia. Não vou te dizer que você não deveria explorar esse relacionamento para além do que acontece no gelo, mas vou te dizer o seguinte: é importante ter certeza, porque a decisão que você está pensando em tomar vai impactar o resto da sua vida. Aqui vai a parte difícil: você precisa falar com *ele* sobre isso. Não é uma escolha que você deveria fazer por conta própria.

— Ele parece achar que é uma ótima ideia.

— Aposto que acha, pelo menos na superfície, mas vocês já conversaram sobre as outras coisas? As possíveis consequências negativas?

— A gente prometeu que, se não desse certo, voltaria pro jeito que as coisas eram antes.

— E você acha que isso é possível? — pergunta ela.

— Eu...

Tinha parecido tão simples e fácil quando definimos aquelas regras. Só que isso foi *antes*, antes de ele complicar tudo querendo que fosse

real. Eu não sei. Há sentimentos espreitando, sentimentos que não planejei, e agora parece que um passo em falso poderia arruinar tudo.

— Não sei.

Ela abre um sorriso acanhado, e nada mais. Não há mais nada a dizer, eu acho.

— Daria pra você não contar pra ninguém que a gente conversou sobre isso? Já tem bobagem o bastante com aquela série de TV idiota e agora com as redes sociais.

Georgia afaga minha mão com delicadeza antes de fazer um gesto de fechar a boca com um zíper.

— Minha boca é um túmulo.

— Obrigada.

Ela sorri, e por uma fração de segundo eu me pergunto como seria ter alguém assim como irmã mais velha, uma que te apoia, é gentil e... fica do seu lado. Então engulo em seco, junto com um nozinho na garganta, porque posso desejar o quanto quiser, mas isso não vai fazer esse sonho se realizar.

## Capítulo 14

— *UÊ* SE NÃO DORME — alerta Maria quando ela se joga na cama confortável do hotel.

Estamos em Paris.

Quer dizer, estamos em um quarto de hotel em Paris. O quarto é deslumbrante, com ornamentos dourados e elaborados, mobília em mogno escuro e luminárias reluzentes. As paredes são cobertas por papéis de parede aplicados com maestria e uma reprodução de Van Gogh pende entre as camas. É basicamente tudo que vi de Paris, além do que consegui enxergar pela janela no trajeto do aeroporto até a recepção do hotel, mas estamos enfim aqui, depois de todo esse tempo. Tantas coisas incríveis já aconteceram nesta cidade. Vencer o Campeonato Mundial Juvenil de Patinação Artística provavelmente ficaria bem no fim da lista, mas o fato de poder estar na lista para começo de conversa é meio que extraordinário.

— Mas a gente saiu de casa ontem e o amanhã já tá na metade — choraminga ela, cobrindo o rosto com um travesseiro.

— Isso nem faz sentido, e a gente tem a Cerimônia de Abertura daqui a pouco, e a recepção aos atletas logo depois. Sabe, os juízes e patrocinadores precisam ver nossos rostos alegres e brilhantes.

— Patrocinadores? — pergunta ela, tirando o travesseiro do rosto.

— É, o sr. Monroe arranjou umas conversas, que ele chamou de cara a cara, pra mim e pro Brayden.

Onde vamos ter que fingir que somos um casal superfeliz, e não faço a menor ideia se sou capaz disso agora. Não tive a oportunidade de conversar com ele desde o voo.

— Vou ter que falar com o Charlie. Se o pai dele já tá arranjando patrocinadores pra vocês, então o mínimo que ele pode fazer é guardar uns pro filho dele e a parceira.

Murmuro em resposta. Maria e Charlie vão fazer parte da categoria juvenil por pelo menos mais uma temporada, se não duas, então com certeza ainda têm tempo suficiente para patrocínio e coisas do tipo.

— Vou passar meu vestido pra festa. Se você tirar o seu da mala, passo ele também.

Ouçó uma batida ríspida à porta e vou atender. É Camille do outro lado, com um pacote nas mãos.

— Oi — digo, acenando para ela entrar.

— A NFSC fez isso pra vocês. Uniformes de equipe.

— Eles realmente entraram nessa onda, né?

Camille dá de ombros.

— Estão bem irritados com a nossa colocação em Pequim. Querem que a nova geração tenha sucesso.

— E uniformes de equipe equivalem a sucesso.

— Um conceito de equipe saudável *antes* que vocês todos cheguem ao ranking adulto — explica Camille, entregando um para mim e depois jogando outro para Maria, que se ergueu na hora que ouviu falar de roupas grátis. — Então, sim, uniformes.

— É um prazer representar a equipe americana — digo, abrindo o pacote.

Encontro um conjunto azul-escuro com faixas vermelhas nas bordas do colarinho e punhos e calças no mesmo estilo. A sigla *USA* está bordada na lapela esquerda, para o caso de alguém não saber que país estamos representando.

Minha primeira tarefa internacional foi há dois anos, quando comecei minha parceria com Brayden. Foi um salto incrível de dupla recém-formada para representantes do país, e, mesmo que tenhamos terminado na lanterna, foi empolgante. Agora? Só estar aqui não é o suficiente. Nós viemos para vencer.

— Vá se vestir. Um ônibus vem nos buscar daqui a quinze minutos.

O ônibus é um daqueles de luxo, com janelas escurecidas e bancos grandes de couro. Brayden já está nos fundos do veículo, com fones de ouvido, encarando a janela, e talvez eu deva simplesmente arrancar o Band-Aid, me sentar do lado dele e só conversar sobre isso, mas... não sou tão corajosa assim.

Sento no banco ao lado de Riley, que na mesma hora ergue o celular para tirar uma foto.

— Talvez uma parte da sua fama na internet passe pra mim? Quem sabe eu também não chego na marca de centenas de milhares de seguidores — diz ela, aos risos, e me marca no post.

Pego a deixa e na hora curto e comento no post dela com um monte de bandeiras dos Estados Unidos e corações azuis e vermelhos para combinar com nossas roupas.

— Duzentos e cinquenta mil hoje de manhã.

— Você sabe o que a gente vai ter que fazer nessa coisa?

— Literalmente nada além de pisar no gelo e acenar pro público quando formos anunciados. Ano passado a gente fez essa parte e saiu logo depois. É mais um espetáculo pros fãs. Acho que vai ficar bem cheio. Ano passado, na China, os ingressos esgotaram, e olha que patinação no gelo é ainda mais popular na França do que lá.

— Ainda mais dança no gelo — acrescenta Riley, com um sorriso. — A Papadakis e o Cizeron são quase da realeza aqui.

Graças a quase três ciclos olímpicos em que os competidores da dança no gelo (incluindo a equipe francesa, como Riley mencionou) roubaram a cena, nosso cantinho do esporte está enfim começando a atrair atenção de verdade. Tipo, às vezes, a atitude do meu pai em relação à dança no gelo me incomoda muito, mas é fácil o suficiente de explicar quando você lembra que ninguém prestava atenção na modalidade na época em que ele competia. Agora, porém, os atletas da dança no gelo às vezes são ainda mais famosos do que os patinadores das outras modalidades.

Fama não é uma coisa que eu achava que queria. Na minha infância, nós já éramos meio que quase famosos, e parecia estranho querer mais do que isso, mas meus seguidores parecem crescer a cada dia nas redes sociais, e esse é o verdadeiro indicador de fama atualmente, certo?

Alguns minutos depois, o ônibus para do lado de fora da arena e está começando a parecer que só vou ver Paris como um cenário através da janela de um ônibus. E olhe lá, porque a arena não é muito longe do hotel, e poderíamos provavelmente ter ido andando.

Somos conduzidos às pressas a uma entrada nos fundos, depois passamos por um túnel que leva a uma área abaixo das arquibancadas

em direção à entrada do ringue. Há atletas com uniformes de todos os países participantes andando pelo lugar.

— É bem simples — diz uma mulher alta com um *headset*, o inglês marcado por um toque sutil de sotaque francês. — Vocês vão patinar no gelo, acenar para a multidão e, quando ouvirem a apresentadora chamar os nomes seguintes, vão sair do gelo, ainda acenando. Alguma pergunta?

Todos olhamos uns para os outros e depois para ela, assentindo com a cabeça.

— *Bien. Attends ici* — orienta ela, voltando para o francês, mas dá para entender.

As equipes estão sendo anunciadas por país em ordem alfabética e depois por modalidade: feminino, masculino, pares e dança no gelo.

— Pessoal, é melhor a gente fazer uma fila na ordem que vamos ser anunciados. Katya e Gillian primeiro. Depois Ben e Jimmy... — Paro de falar quando Katya dá uma volta e me encara com uma sobrancelha erguida.

— Nós somos a letra *U* — diz ela. — Vai demorar uma eternidade.

— Na verdade, nós somos...

— Somos o *E* — completa Freddie. — Estamos na França, então *États-Unis d'Amérique*.

— Exato — falo, e abro um sorriso tímido para ele, que o devolve.

É meio fofo, e me lembra o Freddie que eu conhecia antes de tudo virar uma bagunça. Minhas bochechas coram de leve e preciso desviar o olhar.

Katya bufa, mas a equipe se organiza em uma espécie de ordem, com Brayden e eu no final, junto de Riley e Freddie.

— Ei, você trouxe aquela calça? — pergunta Brayden, do nada, como se a última coisa que ele me disse não tivesse implodido meu cérebro.

— Que calça? — retruco, com um olhar que diz *sério mesmo?*

— A de couro — explica ele, levando os olhos para as minhas pernas.

— *Hã*, não, por quê?

— Poxa, teria sido bom usar ela hoje à noite.

— Você quer usar minha calça de couro?

Jimmy e Ben perdem a compostura ao ouvir isso, rindo tanto que precisam se segurar para continuar de pé.

— Não pra mim — esclarece Brayden —, se bem que eu ia arrasar com calça de couro. Tava falando de você.

Inclino a cabeça.

— Por que eu usaria calça de couro na recepção dos atletas? Seria um pouco ousado demais, não?

— Não na recepção. Depois.

— Depois?

— A gente tá em Paris. Não vamos sair?

Ele diz isso de um jeito tão casual, muito certo de que eu vou concordar. A gente vai só ignorar o que aconteceu no avião? Esse é o plano dele? Fingir que nunca aconteceu? Ficamos muito bons em fingir nas últimas semanas. O que é mais uma coisa?

— A gente tem treino amanhã — lembro, estreitando os olhos para ele. — Não dá pra sair hoje à noite.

— Dá sim. O treino é mais tarde, e a gente tá seis horas à frente de onde nossos relógios biológicos precisam estar.

— Não é assim que o jet lag funciona.

— Vai, Russo. É a cidade das luzes! A gente tem que ver.

— Bom, eu tô dentro.

— Riley! — censuramos eu e Freddie, ao mesmo tempo, para meu horror total.

— Conheço uma galera daqui — argumenta Brayden, e eu nem fico surpresa. Ele conhece gente em *todo lugar*. — Vai ser bem de boa, nada de beber, nenhuma loucura, só vamos passar um tempo juntos. Pensa nisso como uma forma de fortalecer os laços da equipe.

— Viu só? — concorda Riley de imediato. — A gente pode sair um pouco e ver alguma coisa que não seja o hotel, só pra variar? Em quanta encrenca a gente poderia se meter?

— As possibilidades passando na minha mente agora seriam mais altas do que você.

— Não sou tão alta assim, então *quais são as chances* — cantarola Riley para mim — de você sair hoje à noite?

Solto um grunhido e lanço um olhar desesperado para Freddie, que dá de ombros. É o jogo idiota dele, afinal de contas, mas não tem o que fazer.

— Uma em cinco — respondo.

Riley sorri.

— Três, dois, um, vai! — conta ela.

Lanço quatro dedos e, merda, ela também.

— Isso! Vitória! — grita Riley, erguendo os braços em uma comemoração. — A gente vai sair.

— Se vocês vão sair hoje à noite, a gente vai também — diz Maria mais adiante na fila.

— A gente vai sair? — pergunta Charlie, mas depois cutuca Ben atrás dele. — A gente vai sair hoje à noite.

E, quando a novidade chega até Katya e Gillian na frente da fila, não há mais tempo para protestar. Não sei bem se esse era o tipo de vínculo de equipe que a NFSC tinha em mente, mas é tarde demais agora.

— *États-Unis d'Amérique!* — anuncia a apresentadora, e nossos nomes começam a ecoar no mesmo instante.

Freddie e Riley saem antes de nós, e depois, finalmente:

— *Adriana Russo et Brayden Elliot!*

Eu não estava preparada para os gritos.

A última vez que ouvi barulho desse jeito foi quando Elisa convenceu papai a nos levar para um show dos Jonas Brothers. Um holofote nos segue sobre o gelo e os gritos parecem só aumentar. Brayden segura minha mão e patinamos em um ritmo calculado, acenando para o público enquanto deslizamos.

Quando chegamos à borda do rink, a vibração começa a diminuir um pouquinho. Ele aperta minha mão de leve, do mesmo jeito que faz sempre que estamos prestes a nos curvar em agradecimento no final dos nossos programas. Deixo que me conduza em um giro por baixo do braço, mas ele não me solta por completo e, em vez disso, me faz curvar as costas para trás, o que agita a plateia outra vez. É como se mágica girasse ao nosso redor, enviando a cada terminação nervosa uma corrente de alegria pura, disparando de onde as pontas dos dedos dele encostam na minha lombar, mesmo por cima da minha jaqueta e da camisa debaixo dela. Um arrepio me percorre e Brayden me lança uma piscadela.

Ok, então. Vamos fingir que ele nunca disse nada no avião.

Posso fazer isso.

Posso fazer isto.

Jogo a cabeça para trás e rio, exagerando um pouquinho antes de ele me puxar de volta e patinarmos para fora do gelo enquanto o país seguinte é anunciado.



— O poder das redes sociais — diz Charles, balançando a cabeça. — Não sei se algum dia vou entender por completo essas coisas, mas parece que está funcionando.

— Eu diria que sim — responde meu pai antes de dar um gole em sua bebida.

A recepção acontece no hotel, em um dos enormes salões. Já estive em festas desse tipo antes, em geral nos campeonatos nacionais, mas essas acontecem em lugares tipo hotéis da rede Hilton ou Marriott. Este hotel é muito diferente. Parece algo saído do meu livro de história, cheio de colunas, esculturas intrincadas e candelabros de verdade nas paredes, com um lustre gigantesco no centro do salão. Estou superfeliz de ter trazido um vestido de festa decente para este evento. Andar por aqui com um conjunto de moletom da equipe dos Estados Unidos não ia colar. Em vez disso, estou usando meu vestido preto favorito e o único par de sandálias de salto que tenho, um com alças que usei quando Brayden e eu fizemos uma aula de salsa há mais ou menos um ano. Basicamente, estou mais alta do que todos no salão, com exceção de alguns dos homens, incluindo Brayden e Freddie. O restante parece ter o tamanho apropriado para patinação artística.

— Deveríamos tirar vantagem disso agora — sugere Charles, e eu me esforço ao máximo para voltar a focar na conversa. — Já tive reuniões com algumas das empresas para as quais vocês estão fazendo publis, mas também decidi estabelecer um valor mínimo para vocês dois, financeiramente. Não queremos comprometer muito seu tempo livre, então vamos garantir que qualquer coisa que façam valha a pena.

— Por mim, tá ótimo — diz Brayden, apertando minha mão.

— E já recebi ligações da Nike.

Engasgo em um gole de água com gás.

— Da Nike? — pergunto em meio a uma tosse.

— Da Nike — confirma Charles. — Estamos só começando e vamos precisar negociar um pouco, mas eles sabem que é esperto contratar vocês dois ainda tão longe dos Jogos Olímpicos. Damos um pouco de desconto para eles por conta da extensão do contrato, mas teremos a possibilidade de renegociar em quatro anos. Desse modo, vocês podem lucrar com a fama de agora, mas ter uma chance de ganhar uma boa grana se forem bem nas Olimpíadas.

Balanço a cabeça e dou outro gole na bebida. Mais devagar agora, para o caso de alguém jogar mais alguma surpresa na gente.

— Melhor não cantar vitória antes da hora, ok? — consigo dizer, ainda totalmente incrédula.

— E, aproveitando que estou com vocês aqui — continua Charles, se bem que mais falando para o meu pai —, a equipe de filmagem que trabalhou em Kellynch está interessada em filmar outra vez, talvez para acompanhar a preparação desses dois para o Mundial Adulto mês que vem?

A patinação artística não é um esporte que faz uma pausa em anos olímpicos. O Campeonato Mundial Adulto acontece como dita o cronograma, mesmo que a maioria dos participantes esteja desgastada após os Jogos.

Meu pai assente.

— É claro, vai ser ainda maior, já que teremos três atletas.

— A gente nem sabe ainda se vamos para o Mundial Adulto — intervenho, rápido, e sinto meu pânico crescer diante da ideia. — Ainda estamos na categoria juvenil.

— Daqui a duas semanas não vão estar — lembra Charles. — E a equipe adulta basicamente se deu mal em Pequim. A NFSC vai querer vocês lá. Pode contar com isso: daqui a um mês, vão estar voando para o Mundial.

Balanço a cabeça. O Mundial Adulto sempre foi uma boa possibilidade este ano, mas era para ser apenas pela experiência, sem pressão.

— Mas a gente não tá pronto. Não pra, tipo, competir pra valer. A gente precisa acrescentar um...

— A Camille está bem ciente do que vocês vão precisar fazer para se prepararem para uma competição adulta — insiste Charles, e ele não está errado. — Tenho confiança total de que vocês vão se sair bem. Não vão vencer, é claro, mas vai ser um bom começo para a próxima temporada. Vai mostrar para a Nike que estão prontos para o grande momento enquanto negociamos.

Charles volta a atenção para meu pai, dizendo alguma coisa, mas não escuto o quê. Ouço um zumbido nas orelhas até Brayden me cutucar de leve com o cotovelo.

— Você tá bem? — pergunta, sussurrando.

Olho para ele, que respira fundo e endireita os ombros, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, algo importante, como o que disse no avião. E quer saber? Eu estava perfeitamente feliz ignorando isso, então interrompo antes que ele possa dizer outra palavra:

— Você ainda quer sair hoje à noite?

— Quero — responde Brayden, franzindo a testa, e me examina com cuidado, como se estivesse tentando entender aonde estou querendo chegar.

Boa sorte para ele, porque nem eu sei direito aonde quero chegar.

— Bom, então vamos sair.

— Tá bom, então — concorda Brayden, abrindo um sorriso enorme enquanto pedimos licença e saímos da conversa.

— Deixa eu ir buscar as meninas — falo, abrindo nosso grupo no celular. — Você busca os meninos. A gente se encontra na recepção daqui a quinze minutos?

Ele não responde, e uma expressão engraçada aparece em seu rosto.

— Brayden? — chamo, inclinando a cabeça.

— Ah, beleza, vou buscar os meninos e aí a gente sai.

Quinze minutos depois, nos encontramos na recepção, e em mais cinco estamos em táxis rumo a um lugar que o concierge do hotel recomendou.

— Somos famosos? — brinca Ben quando entramos na boate, passando por uma fila de pessoas que esperam, graças a um segurança que abre uma corda de veludo para nós.

Não está completamente escuro lá dentro, como eu sempre imaginei que seria uma boate. Tem uma vibe mais tranquila. As paredes são feitas

de pedra velha, então é como se o lugar todo tivesse sido construído em um túnel antigo ou coisa do tipo, mas há luzes neon no teto, que mudam de cor e piscam ao ritmo pulsante da música conduzida por um DJ nos fundos do salão.

— Como a gente entrou tão fácil? — pergunto para Brayden, que está ao meu lado.

— Eu...

— O Charles ligou e disse que talvez eu desse uma passadinha aqui com uns amigos hoje — explica Elisa, respondendo por ele e sorrindo.

— Ele disse que *todos* nós íamos dar uma passadinha — corrige Brayden, abrindo um sorriso para Elisa, que bate as pestanas para ele em resposta.

Acho que nunca tinha visto alguém fazer isso na vida real e tento conter o riso, mas é difícil. Brayden não consegue tão bem quanto eu e disfarça com uma tosse.

— Preciso beber — diz Elisa, olhando ao redor à procura do bar.

— Acho que todos nós precisamos — murmuro, e Brayden ri outra vez —, mas parte do acordo era não beber, certo?

— Certo — confirma ele, acenando com a cabeça.

— Vamos, tem um lugar pra gente sentar — aponta Jimmy.

Nós o seguimos até um canto da boate, um pouco afastado do mar de pessoas na pista de dança com bebidas nas mãos.

Há sofás enormes de couro separados do salão por uma corda com uma pequena placa onde se lê “*réservé*”.

— O Charles arranjou... o que é isso, é tipo uma área VIP?

— Que loucura — comenta Riley, de olhos arregalados ao assimilar o resto do salão. — Nunca vim em uma balada e a primeira vez que faço isso é em *Paris*! Dança comigo!

Ela segura minha mão e, ao mesmo tempo, pego Maria, que pega Elisa, que pega Katya, que pega Gillian, e juntas conseguimos abrir caminho até um espaço relativamente livre na pista de dança.

— A gente deveria ter trazido os meninos! — grita Elisa por cima da música, mas prefiro ignorá-la.

A batida pulsa no meu peito e é por isso que eu queria sair hoje. Queria deixar a música me rodear por completo, tão alta e irritante que eu não poderia fazer nada além de dançar e ignorar qualquer outro

pensamento que gira na minha mente. Pensamentos sobre patrocinadores e medalhas e vencer e pressão e nervosismo.

Porque essa é a única coisa que aquela conversa com Charles, meu pai e Brayden fez hoje mais cedo. Não foi empolgante, emocionante ou a realização de um sonho. Foi apavorante. Eu deveria ter imaginado. Foi nisso que eu me meti, não foi? Procurei atenção, que leva a patrocínios, que leva a segurança financeira. Era esse o plano, mas, agora que estou aqui e isso é uma realidade, eu só... é demais.

Porque não era para ser comigo. Eu não era a integrante da família Russo de quem as pessoas falavam. Essa sempre foi Elisa. Ela era a reencarnação da nossa mãe no gelo. Era para ela ser o legado. E sim, talvez eu tivesse um pouco de ressentimento disso, mas também havia uma certa liberdade. A liberdade de ser alta demais e patinar só pela alegria e pelo amor ao esporte. A única vez que tomei uma decisão motivada por qualquer coisa que não essas foi quando acabei a parceria com Freddie, e ainda estou lidando com as consequências dessa escolha.

Mas agora? Agora é diferente. As pessoas *esperam* resultados de nós. Esperam que a gente ganhe. Estão até apostando dinheiro nisso. Muito dinheiro. A Nike não brinca em serviço. Nem queriam conversar com Charles sobre Elisa no final do ano passado, mesmo quando estava claro que ela ia entrar na equipe olímpica.

É demais para mim.

Então eu danço.

## Capítulo 15

A BATIDA PULSANTE DE algum tipo de música eletrônica que não reconheço martela no meu peito, mas cria o ritmo perfeito para Riley, Gillian, Katya e eu pularmos pelo salão, de braços para o alto, completamente anônimas neste mar de gente. Maria e Elisa se separaram de nós em algum momento, e os meninos também estão em algum lugar no meio da multidão. De vez em quando, eu os avisto curtindo a música.

Essa foi uma ideia tão boa. Nós precisávamos disso. Eu precisava disso.

A música diminui por um segundo e Riley chega mais perto.

— Preciso fazer xixi! — grita ela.

— Também preciso — diz Gillian, dando uma volta.

— Eu também — concorda Katya, e as três me olham com expectativa.

— Eu não. Podem ir. Vou estar aqui quando vocês voltarem.

Elas me lançam um olhar estranho, mas depois desaparecem no meio da multidão.

Alguém atrás de mim tropeça e preciso girar para fora do caminho para não sair voando rumo a um redemoinho de corpos. Quando recupero o equilíbrio, ergo a cabeça e Freddie está bem ali, piscando como se não acreditasse que eu estou aqui de verdade. A multidão aperta um pouco e me força a me aproximar dele. Estico os braços e me protejo contra seu peito.

Não tem ar na pista de dança, mas isso não é um problema. Ele está bem perto, com as mãos na minha cintura, pressionando os dedos na seda do meu vestido. Fito os olhos dele, o verde quase que totalmente engolido pelo preto, me encarando. Uma das mãos de Freddie desliza para minha lombar, me puxando para mais perto, tão perto que ele pode

abaixar a cabeça e encostar a boca na minha têmpora. A bochecha dele roça nos fios molhados do meu cabelo colados à minha testa.

— Tudo bem eu fazer isso? — pergunta, a voz rouca, de alguma forma se fazendo ouvir por cima da batida.

— Sim.

Não sei se ele consegue me ouvir, então confirmo com a cabeça.

Não deveríamos estar fazendo isso. Eu não deveria estar fazendo isso. Freddie não pertence a mim e eu não pertenço a ele.

Mas é fácil dançarmos juntos. Patinamos um com o outro desde que éramos crianças e, quando o corpo dele se mexe, o meu o segue por reflexo. Ergo os braços e os repouso nos ombros dele, cuja mão estremece sobre minha cintura e depois me puxa, nossos corpos grudados por inteiro. Sinto aquele aroma de canela, os lábios roçando na minha têmpora e os braços fortes ao meu redor. Estou totalmente envolta por ele. É tudo.

Nós nos perdemos no momento e a multidão se fecha ao nosso redor, nos isolando, fazendo de nós apenas mais um casal em um aglomerado de pessoas, e há uma liberdade nisso que nos permite ficar assim. Tudo que quero é continuar desse jeito, com ele, o máximo que conseguir.

Então Freddie se vai e meus olhos se abrem — quando foi que eu os fechei? — e Riley e Katya estão diante de mim. Quando olho ao redor, o resto do grupo já nos encontrou, e Freddie recuou para as margens do círculo apertado que os outros formaram no meio da multidão. Riley enfia uma garrafa de água na minha mão, e dou um gole antes de passá-la para Gillian. É quase como se nada tivesse acontecido, mas aconteceu. Sei que aconteceu porque ele não quer olhar nos meus olhos, e em vez disso grita alguma coisa para Ben antes de se afastar de nós. Então, quando Brayden me encontra e abre um sorriso largo, depois pega o celular para tirar uma foto nossa para postar, perco Freddie de vista e passo o resto da noite sem vê-lo de novo.



— *Argh*, desliga isso! — ordena Maria quando o despertador do meu celular ressoa as sirenes matinais de costume.

Respondo com um grunhido, me revirando e desligando o alarme na mesa de cabeceira que separa nossas camas.

Tiro os pés de baixo das cobertas na mesma hora. Se eu virar para o lado ou fizer qualquer coisa que não seja me levantar, vou cair no sono de novo, e vai ser duas vezes mais difícil sair da cama.

— A gente não deveria ter ficado na balada até tarde.

Já de pé, alongo os braços acima da cabeça e giro a cintura, tentando fazer meu sangue circular. Temos que treinar e haverá jurados observando. Não quero que eles vejam nenhuma fraqueza quando Brayden e eu pisarmos no gelo, mesmo no treino.

— Não foi tão tarde assim — argumenta Maria, que depois enfia a cabeça debaixo do travesseiro.

De qualquer forma, já estou abrindo as cortinas e é tarde demais para bloquear o sol. Nem é tão cedo assim. Nosso treino vai ser na parte da tarde.

Porém, também não estou de fato desperta, mas preciso pelo menos fazer um teatrinho para incentivar Maria.

— Foi tarde o suficiente. Vem, vamos! Vou tomar banho primeiro.

Há uma pequena cafeteria ligada ao hotel e a maior parte da equipe já está lá quando descemos, sobretudo porque eu tive que literalmente puxar os lençóis da cama de Maria e ameaçar jogar um balde de água na cabeça dela para tirá-la da cama.

Brayden aponta para o banco ao lado dele e empurra uma tigela de frutas e um croissant na minha direção, junto com uma xícara fumegante de café.

— Você é o meu favorito — digo, pouco antes de levar a xícara aos lábios.

— Pode apostar que eu sou — concorda ele, recostando-se no assento quando Charlie se inclina para lhe contar uma coisa.

Mas não ouço nada. Deixo que a cafeína faça o trabalho dela. Estou sonolenta, claro, e, como disse à Maria, não deveríamos ter ficado fora até tarde como fizemos, mas até que estou me sentindo bem. Dou uma mordida em uma fatia de melão e depois em um pedaço folhado do croissant, seguidos por outro gole de café.

— Oi, galera — cumprimenta Freddie, olhando ao redor da mesa e encontrando o único lugar vazio ao meu lado.

Abro o máximo de espaço possível no banco e ele se acomoda ao meu lado. Tento não pensar na última vez que ficou assim tão perto de mim, ontem à noite, nossos corpos se mexendo juntos na escuridão... É, estou definitivamente pensando nisso.

— Adriana, o que você acha? — pergunta Riley do outro lado da mesa.

— Desculpa, o quê?

Atordoada, pisco para ela, que ri de mim.

— A cafeína já fez efeito?

— Quase. Sobre o que é que eu devo pensar?

Presumo que não seja sobre a sensação de ter Freddie grudado em mim na pista de dança ontem à noite.

— Vencer é a parte mais importante do esporte?

Franzo a testa e dou outro gole antes de responder.

— Quer dizer, esse é meio que o objetivo dos esportes, não é?

— Viu só, eu discordo. A maioria das pessoas que vem pra essa competição é profissional, ou quer ser profissional em breve. Elas sabem que não têm a menor chance de vencer, mas estão aqui mesmo assim. Elas só estão se iludindo?

— *Aaah*, um debate filosófico matinal depois de uma noitada? Pode contar comigo — brinca Jimmy.

Brayden ri e se recosta no assento, apoiando o braço nas costas do banco, o que é quase o mesmo que colocar o braço ao meu redor enquanto o garoto do meu outro lado enrijece, e não consigo deixar de levar os olhos até ele. Freddie está me encarando de volta, para variar, e eu me mexo para a frente no banco, fora do alcance do braço de Brayden.

— O que você acha? — pergunto, me virando na direção de Freddie.

Surpreso, ele ergue as sobrancelhas diante da pergunta, mas pensa a respeito.

— Eu... não sei. Não sei se conseguiria me motivar só com o amor pela coisa. Provavelmente não teria desistido do hóquei se fosse o caso.

— Às vezes é necessário — digo. — Mesmo que não seja o que você quer, mesmo que você não saiba se vai dar certo.

De repente, não estamos falando sobre dança no gelo ou hóquei ou qualquer outra coisa que não seja nós dois.

— É, acho que entendo — concede Freddie —, mas tem alguma coisa, sei lá, pura, admirável, nas pessoas que fazem isso só por amor.

— Acho que é verdade. Algumas pessoas, sei lá, acham... necessário? Mesmo sabendo que não vão ganhar.

— E voltamos pro fato de que depende da pessoa, porque o que é necessário pra mim pode não ser necessário pra você. Você precisa, o quê, de três xícaras de café pra funcionar de manhã? Eu não preciso de nenhuma. Não é *necessário* pra mim, mas é pra você.

— Certo, mas, se a gente estiver acordado e fazendo o que precisa fazer de manhã, isso importa?

— Depende do que você quer dizer com “precisa”. Eu preciso me levantar e treinar todas as manhãs? Não, mas faço isso porque amo patinar. Então talvez eu seja mais desse jeito do que eu pensava.

— E porque, se treinar todo dia, suas chances de vencer aumentam — argumento e abro um sorriso convencido, pensando ter ganhado a discussão.

— Se vencer fosse o único motivo de eu me levantar pra treinar todo dia, então teria dificuldade para fazer isso. Não ganho nada muito importante já faz um tempo.

Meu sorrisinho desaparece.

A última vez que Freddie venceu alguma coisa para valer foi comigo. O Campeonato Nacional Intermediário. Fomos os melhores naquela noite, patinando ao som de “(I’ve Had) The Time of My Life”, de *Dirty Dancing*, porque eu era obcecada pelo filme. Foi nossa primeira e última medalha de ouro juntos. Um ano depois, Brayden e eu vencemos o Campeonato Nacional Juvenil, prova positiva de que eu tinha tomado a decisão “certa”. Mas será que tinha mesmo?

— Eu disse “chances de vencer”, não vencer de verdade, coisa com que você concordou alguns segundos atrás — digo, corrigindo-o de leve, mas não importa. — Se todo mundo que não vencesse desistisse, o esporte não existiria.

— Mas *tem* coisas mais importantes do que ganhar.

— Não tô discordando de você.

— Parece que tá.

— Não, parece que *você* tá.

— Tá bom, vocês dois — intervém Brayden, nos interrompendo com o que parece uma risada forçada. — Deixem a disputa pro gelo.

O restante da mesa parece concordar, e mais de um de nossos colegas de equipe nos encara com uma expressão confusa. Eu me recosto no banco, sem ter percebido o quanto tinha me inclinado para a frente.

— Desculpa — murmuro, mais para mim mesma, mas Freddie me ouve nitidamente.

— Eu também.

Sinto vontade de dizer que ele não tem motivos para se desculpar, mas, de alguma forma, parece que não está se desculpendo pelo que quer que tenha sido essa discussão idiota, mas por outra coisa. Será que estava pedindo desculpas pela noite passada? É como se nem tivesse acontecido, como se talvez tivesse sido um sonho, mas deve ser isso. Arregalo os olhos ao pensar no assunto, porém Freddie já se foi, assim como na noite passada, saindo do banco e se dirigindo ao balcão da cafeteria, provavelmente para pedir alguma coisa. Por meio segundo, penso em segui-lo, embora não faça a menor ideia do que raios vou dizer.

— Ah, ótimo, estão todos aqui — diz Camille ao entrar na cafeteria. — O ônibus está estacionando. Terminem aí e saiam em cinco minutos.

Acaba levando mais de dez minutos, na verdade, mas enfim pagamos a conta e saímos da cafeteria para embarcar no ônibus para nossa primeira sessão de treinos. O sol mal aparece entre as nuvens baixas e o ar da manhã é fresco, mas confortável. Paris está mais quente do que Boston, nada daquele frio cortante que faz o nariz ficar dormente e os olhos aguarem. Mesmo assim, esfrego as mãos enquanto espero o resto da equipe subir no ônibus.

— Toma — diz uma voz atrás de mim, e eu me viro. Freddie está com um pequeno café para viagem, com uma tampa bem presa, e o estende para mim. — Você só bebeu um copo na mesa.

— Obrigada — falo, e aceito com um sorriso. — Doce da sua parte.

— Nada de doce nisso. É café puro, do jeito que você gosta.

— É, amargo — respondo, tentando fazer parecer que estou falando do café.

— Adriana, eu... — começa ele, mas para, como se não soubesse bem como colocar a ideia em palavras, então eu o salvo.

— Eu sei — afirmo antes de olhar nos olhos dele. — *Eu sei.*

Será que sei mesmo? Não, não sei. Estou falando merda. Tudo parece um enigma entre nós agora, um que não estou nem perto de decifrar. Será que ele me perdoou? Tipo, perdoou de verdade? Será que Freddie... quer ser meu amigo? Minha mente vaga de volta para a noite anterior na boate e para a sensação de dançarmos juntos, como se eu tivesse enfim retornado ao meu lugar. É isso que ele quer? Será que é isso que *eu* quero? E, mesmo que seja, será que é possível?

Não. Não, não é. Não se eu estiver “com” Brayden. Não enquanto Riley gostar de Freddie.

Preciso tirar isso da cabeça. Não vai acontecer. Já rolou coisa demais.

Ele assente e respira fundo, depois solta um suspiro pesado.

— Então tá — diz Freddie, gesticulando à minha frente. — Vamos lá.

Funcionamos perfeitamente no treino. Já nos acostumamos tão bem a dividir o gelo nas últimas semanas que é fácil deixar a rotina tomar conta. Estamos espaçados no rinque, trabalhando com nossas treinadoras para aperfeiçoar diferentes técnicas, e depois rotacionamos com facilidade para repassar os programas curtos. Quando nosso tempo está quase acabando, a sensação é que vamos todos conseguir sair juntos, voltar para a Casa Kellynch e talvez almoçar, assistir a um pouco de TV ou até nos sentar em grupo na sala de estar e mexer no celular em um silêncio confortável, interrompidos apenas quando alguém tem algo hilário para mostrar.

A equipe é tão eficiente que temos alguns minutos de sobra depois que Brayden e eu terminamos “Vienna”, e todos voltam para o gelo para trabalhar quaisquer detalhezinhos problemáticos que encontraram durante o treino.

Brayden me ergue para o alto no nosso levantamento com facilidade e me segura com firmeza quando terminamos.

Pronto, está perfeito. Estamos prontos para entrar no rinque e arrasar amanhã.

— Mais uma vez! — grita Riley do canto do gelo que ela e Freddie estão usando para praticar o levantamento deles também.

Passamos pelos dois e, por uma fração de segundo, meus olhos encontram os de Freddie. Abro um sorriso acanhado para ele, que o devolve.

— Beleza, mais uma vez — concorda Freddie, que segura a mão dela.  
— Vamos mostrar para aqueles dois que a concorrência vem forte.

Os dois disparam pelo gelo, ganhando impulso antes de Riley deslizar para os braços dele e Freddie a erguer contra o peito. Ela estende as pernas e as sustenta enquanto ele apoia o peso dela sobre o corpo, e, quando vão mudar de posição, algo dá errado. Acho que a mão dela escorrega e acaba com o embalo dele.

— Merda! — berra Freddie quando o patim escapa de baixo dele, fazendo-o deslizar na direção oposta.

Riley não tem tanta sorte. Ela tenta se virar na fração de segundo que tem no ar, mas fica óbvio que não vai conseguir. Não há espaço suficiente. Antes que aterrisse, Brayden e eu já estamos cruzando o gelo em disparada naquela direção.

Então Riley cai, batendo o joelho no gelo antes de a cabeça ir para trás e fazer o mesmo.

— Riley! — grita Charlie, saltando por cima das placas na borda do rink e patinando na direção da irmã.

Uma pequena chuva de gelo cobre as calças de Freddie quando Brayden e eu paramos na frente dos dois. Ele ainda está ali parado, encarando a figura horivelmente imóvel de Riley, que tem uma perna torcida em um ângulo estranho, os olhos fechados. Nenhum movimento.

— Precisamos do preparador físico — digo, saindo do estado de fascinação horrorizada e caindo de joelhos ao lado de Riley. — Ninguém mexe nela.

Brayden sai patinando a toda velocidade e posso ouvir pessoas vindo até nós. Em algum lugar atrás de mim, Maria está gritando desesperada.

Verifico o gelo ao redor de Riley. Não há sangue. Não sei se isso é bom ou ruim. Pego a mão dela e aperto.

— Riley, tá me ouvindo? — falo, chegando mais perto, e torço para que ela consiga ouvir, mesmo que não possa responder. — Riley?

Pelo mais breve momento, ela abre os olhos, mas não há sinal de compreensão ali. Riley não me vê, só me encara, e por um segundo de pânico penso que está prestes a ter uma convulsão. Sei que isso pode acontecer quando as pessoas batem a cabeça com força. Porém, ela volta a fechar os olhos, o que pelo menos é alguma coisa.

Um som sufocado escapa de Freddie, que permaneceu ali. Os treinadores chegam e eu me afasto para dar espaço a eles. Em um piscar de olhos, estão examinando-a, colocando-a com cuidado sobre uma maca, tirando-a do gelo. Sirenes gemem ao longe e tenho um sobressalto ao ouvir o som. É tão parecido com o despertador do meu celular que por um segundo quero verificá-lo por instinto, mas não é meu alarme. Uma ambulância está a caminho.

Foi bem rápido, a menos que o carro já estivesse por perto. Às vezes fica até dentro da arena para o caso de alguém se machucar, como se os organizadores do evento não quisessem dar chance ao azar por não ter um à disposição.

E lá se vai a sorte.

Em grupo, os preparadores físicos transportam Riley, ainda inconsciente, para fora do gelo em direção aos sons que ficam cada vez mais altos. Freddie sussurra:

— Foi culpa minha.

— Não — sussurro de volta, mas ele balança a cabeça e os segue.

Então Brayden aparece ao meu lado.

— Vem, a gente pode ir com eles pro hospital.

Deixo que me conduza para fora do gelo.

Há dúzias de pessoas no ringue e todas estão com os celulares na mão, gravando a maca sendo carregada para fora do gelo rumo à ambulância.

— Bando de urubus — xinga Brayden, apontando para elas com a cabeça.

É isso que enfim arranca Freddie do torpor. Por um momento, penso que ele está prestes a mergulhar no grupo e esmagar cada celular no piso de concreto, mas Ben e Jimmy aparecem ao lado dele e praticamente o levam para fora da arena com o resto de nós.

Meu cérebro registra vagamente que estamos em um carro que segue a ambulância conforme o veículo contorna o trânsito de Paris. A cidade que eu queria tanto ver algumas horas atrás é um borrão de cinco minutos, até que chegamos a uma sala de emergência, onde todos falam francês. Tudo é muito confuso a princípio, até o sr. Monroe chegar, com o celular colado ao ouvido, e conseguir gritar alto o suficiente para

encontrar alguém que saiba falar inglês e possa levá-lo com Charlie para onde Riley está.

A sala de espera é pequena e apertada e mal há cadeiras o suficiente para acomodar todos nós.

Quem sabe há quanto tempo estamos esperando aqui? Vejo o relógio na parede. Já passa do meio-dia. Não eram nem dez horas quando estávamos terminando nossa sessão de treino.

Duas horas e nenhuma notícia.

Isso não é bom.

— Acho melhor voltarmos para o hotel e esperarmos por notícias lá — sugere Camille.

— Eu não vou sair daqui — diz Freddie, que não tira os olhos das portas pelas quais levaram Riley.

— Eu fico com você — responde Georgia, colocando um braço ao redor dos ombros do irmão mais novo, mesmo ele sendo uns bons trinta centímetros mais alto que ela.

Camille assente.

— É melhor a gente ir, então.

— Será que dá pra gente esperar... — começo, e paro.

Não consigo botar as palavras para fora, mas Camille assente.

— Vamos ficar até recebermos alguma notícia.

— A gente vai pegar café pra todo mundo — anuncia Jimmy, e convoca Ben para acompanhá-lo.

Brayden se levanta.

— Preciso dar uma esticada nas pernas. Eu vou também.

Eles desaparecem na direção para onde aponta uma placa com o desenho de uma xícara de café.

— Vou ao banheiro. Quer vir? — pergunta Camille após alguns minutos de silêncio, mas faço que não com a cabeça.

Georgia se levanta para acompanhá-la.

Suspiro depois que as duas saem e me recosto na cadeira de plástico duro, então passo os dedos pelo cabelo. O coque que fiz hoje de manhã está se desfazendo, mas não me dou ao trabalho de arrumá-lo. Inclino o tronco para a frente e apoio a cabeça nas mãos, pressionando as palmas nos olhos.

Talvez isso seja um sonho terrível. Talvez o som das ambulâncias ao meu redor seja meu despertador tentando me acordar. Talvez nada disso tenha acontecido de verdade.

— É culpa minha — diz Freddie, e eu viro a cabeça o suficiente para vê-lo. Ele está a um banco de distância de mim, encarando fixamente o vazio. — Se ao menos eu tivesse...

— Não é culpa sua.

— Eu não tava pensando em nada além de vencer e superar... — Ele volta os olhos para mim ao interromper o pensamento. — O treino tinha acabado. Eu deveria ter parado por ali.

— Não é culpa sua — repito com firmeza. — Quedas acontecem.

Ele balança a cabeça.

— *Essa queda não tinha que acontecer, e agora ela tá...*

— Ei — falo, pulando um banco e segurando a mão dele.

Freddie cerra o punho com tanta força que, quando abro a mão dele, posso ver as pequenas meias-luas nas palmas feitas pelas unhas. Seguro uma das mãos na minha e a aperto.

— Ela vai ficar bem. Tem que ficar.

— Você não tem como saber — protesta ele, mas flexiona a mão, que relaxa na minha.

— Não — cedo suavemente. — Você tem razão. Eu não sei, mas tenho que acreditar. Não posso fazer mais nada. Vou acreditar por você, se for preciso.

Ele assente e aperta minha mão outra vez.

— Adriana — chama, a voz rouca.

Olho em sua direção. Freddie não diz mais nada, só me observa, e algo fisga meu peito, rápido e forte, e depois floresce na forma de um zumbido suave que percorre meu sangue.

*Bam!*

A porta que leva da sala de espera para a emergência se abre e bate na parede. Charlie passa correndo a toda velocidade. Juntos, Freddie e eu ficamos de pé em um pulo e o encontramos no meio do caminho. Charlie para na nossa frente. Está com os olhos vermelhos e inchados. Minha nossa, ele andou chorando. O que aconteceu lá dentro?

Tento falar, mas as palavras ficam presas na minha garganta. Então Freddie aperta minha mão e consigo botá-las para fora.

— A Riley está bem?

— Ela acordou e vai ficar bem.

Um caminhão de alívio desaba sobre mim, mas não é bem isso. Foi Freddie que me puxou para um abraço esmagador, com os braços envoltos no meu corpo. Enrijeço por meio segundo. Ficamos perto assim na noite passada, mas isso é diferente. Não há a menor dúvida de que isso significa alguma coisa, porque ele não se afasta, nem eu. E, quando vira o rosto para o meu pescoço, tocando os lábios no ponto de pulsação, afundo nele, enterrando a testa em seu ombro. Aperto os braços ao redor de Freddie, e minha mão se enterra na parte de trás da cabeça dele, correndo pelo cabelo macio que cresceu um pouco demais na nuca.

Então alguém pigarreia atrás de nós. Merda. Charlie continua parado ali, talvez com mais notícias sobre Riley. Freddie se afasta como se tivesse tocado uma cerca elétrica e eu volto a me apoiar nos calcanhares enquanto piscamos um para o outro, completamente chocados.

Sacudindo a cabeça, Freddie se vira para Charlie.

— Posso ver ela?

— *Hã...* — Charlie hesita, alternando os olhos entre nós antes de dizer: — Sim, claro, vamos lá.

Então, sem olhar para trás, Freddie o segue pelas portas que levam à emergência. Quero seguir os dois, mas não o faço. Não é meu lugar. Quando me viro para voltar ao banco, lá está Brayden com um copo fumegante de café e um sorriso acanhado.

— Obrigada — digo, pegando o copo e soltando um suspiro pesado enquanto me sento.

— Ela vai ficar bem? — pergunta ele, ainda encarando a porta pela qual Freddie e Charlie desapareceram.

— Vai, ela vai ficar bem.

## Capítulo 16

— ELA VAI PASSAR A noite em observação. Teve uma concussão e uma ruptura parcial do LCA — explico, e meu pai faz uma careta ao meu lado.

Estamos nos bancos da arena, e o programa de duplas se inicia.

— Isso é um ano, talvez mais — comenta Elisa, do outro lado dele.

— Mas poderia ter sido muito pior. Ela deu sorte — diz Brayden.

Ele está na outra ponta da fileira, o mais distante possível de mim. Não acho que tenha feito de propósito. Elisa meio que manobrou para ficar do lado dele quando estávamos nos sentando.

— Quando ela vai ter alta? — pergunta Camille do meu outro lado.

— Ainda vai levar uns dias, e ela não pode viajar de avião logo de cara, então vai ficar em Paris com a gente.

— Bom, por que é que ela não ia querer ficar em Paris, de qualquer forma? É Paris — retruca Elisa.

Seguro uma resposta sobre como foi exatamente o que ela fez depois de perder em Pequim: nem esperou até a cerimônia de encerramento, e em vez disso voltou para casa e se escondeu dos holofotes. Mas Elisa não espera minha resposta, só se vira para Brayden.

— Viu as botas que eu comprei ontem na Dior?

Ela estica a perna o máximo que pode sem chutar a cabeça do homem que está sentado à sua frente.

Brayden examina sem pressa a perna de Elisa e depois diz:

— Ficaram boas, Lis, como sempre.

Minha irmã solta uma risadinha e ele sorri, mas depois volta os olhos para mim. Elisa está tentando me deixar com ciúmes e, se alguma coisa disso fosse real, talvez funcionasse.

— *Représentant les États-Unis d'Amérique, Maria Russo et Charlie Monroe!* — anuncia a apresentadora, interrompendo meus pensamentos.

A plateia aplaude. A arena está tão cheia quanto na Cerimônia de Abertura, sem dúvida um dos maiores públicos que já vi para uma competição juvenil de patinação artística. Foi igual para os programas curtos individuais de ontem. A manhã de hoje é para as duplas, e à noite é a vez da dança no gelo. Espero que a International Skating Coalition tome nota e organize competições em cidades maiores a partir de agora. Não existe nada melhor do que patinar em uma arena lotada.

Charlie e Maria entram no rink e se posicionam, mas Elisa continua dando risadinhas para Brayden. Ela dá um tapinha no peito dele, que não a impede, mas, quando ele ergue a cabeça e encontra meus olhos por cima de Elisa, desvio o olhar.

É irritante Elisa flertar com Brayden desse jeito e ainda mais irritante ele permitir. Como se houvesse alguma coisa entre os dois além de um crush não correspondido e talvez atração física.

Eu provavelmente poderia dar um fim nisso, se quisesse. Poderia levantar com tudo, passar para o banco vazio do outro lado de Brayden, pegar a mão dele, entrelaçar nossos dedos e repousar a cabeça em seu ombro. Poderia puxá-lo para longe do grupo e lhe dar um abraço longo e demorado à vista do público e de seus celulares, dando início a outro surto nas redes sociais. Seria tão fácil. Todos nesta arena sabem quem somos, e os fãs europeus são apaixonados.

A música de Charlie e Maria ressoa pelos alto-falantes: um remix de músicas de *Aladdin*, o filme da Disney preferido de Maria. Prendo a respiração enquanto os dois executam Axels duplos lado a lado e aterrissam sem nenhum problema.

Então o que está me impedindo de fazer isso, de marcar meu território?

Elisa não hesitaria.

Suspiro e respondo à minha própria pergunta. Não somos exatamente próximas e, se não fôssemos irmãs, tenho quase certeza de que nem seríamos amigas, mas... isso não anula o fato de que Elisa é minha irmã e deve ser doloroso para ela me ver com Brayden. Pode ser um relacionamento falso, mas ela não sabe disso. Os sentimentos que tem por ele são genuínos. A diferença é bem clara. Elisa fica insegura perto dele; a confiança com a qual costuma se portar é uma sombra de si mesma quando Brayden está por perto. Ela ri um pouco alto demais. O

tom de voz fica um pouco insistente demais quando ele não responde com a empolgação que ela esperava. Boa parte do contato físico é iniciado por ela, e nunca por ele.

E sou eu quem está no caminho. Ou pelo menos é isso que Elisa pensa.

Charlie ergue Maria no ar e gira debaixo dela enquanto a segura acima da cabeça, ela de pernas estendidas e um braço erguido para mostrar o controle que os dois têm sobre a técnica. Nenhuma oscilação. Eles estão fortes ali, uma parceria sólida, assim como a que tenho com Brayden.

O público aplaude e eu faço o mesmo quando minha ficha cai.

É isso que eu quero. É isso que importa.

Riley caiu no gelo ontem e os sonhos dela vão ser adiados pelo menos por um ano, talvez mais.

A vida é muito curta, e carreiras de patinação artística são mais ainda.

Maria e Charlie pegam impulso no gelo e passam para o salto com lançamento, o mesmo movimento em que Riley sofreu a queda, embora os dois o executem sem problemas. Os fãs vibram.

É isso que eu quero. Uma multidão vibrando enquanto patino e, depois, uma medalha de ouro.

Quero vencer o Mundial Juvenil e, agora que tive tempo de considerar a ideia por mais que uma fração de segundo, quero ir para o Mundial Adulto. Quero ver qual vai ser a nossa colocação entre os melhores dos melhores, independentemente de idade. Quero saber o quanto teremos que evoluir a partir de agora até os Jogos Olímpicos de Milão daqui a quatro anos.

Por enquanto, vou tentar focar nisso.

E, agora que me decidi, olhos verdes, cabelo castanho, braços fortes e um abraço cálido atravessam minha memória.

Freddie.

O programa está quase no fim. Minha irmã mais nova e seu parceiro giram lado a lado, depois se seguram, rodopiando no centro do gelo até a música enfim acabar e os dois terminarem com os braços erguidos sobre a cabeça, ofegantes, mas com alegria pura estampada no rosto.

É isso. Esse é o final que quero para Brayden e eu hoje à noite. Essa sensação, saber que você foi lá e acertou tudo do jeito que fez nos treinamentos, fazendo o seu melhor no momento certo. Isso é tudo.

— Vamos — diz Brayden, passando por Elisa e meu pai. Ele olha diretamente para mim e se levanta, enquanto Charlie e Maria saem do gelo. — A gente tem que ir.

Ele tem razão. Temos mesmo. Precisamos nos aquecer. Tenho que fazer o cabelo e a maquiagem e vestir o figurino. A organização vai limpar o rink depois das duplas e iniciar a competição de dança no gelo.

Nós nos aquecemos em silêncio, ambos com os fones de ouvido firmes no lugar enquanto andamos pelo camarim designado para nos prepararmos antes de a competição começar. Tento esvaziar a mente e substituir tudo que gira ali com nada além de cada passo da nossa dança rítmica. “Vienna” toca sem parar e cada nota do piano me faz entrar mais na personagem que vou representar no gelo. Brayden está fazendo o mesmo, eu acho.

Camille entra na sala e acena com a cabeça. Isso significa que é hora de vestirmos o figurino.

Abro o zíper do porta-traje e encaro a peça. É tão linda quanto eu me lembrava. A cor creme vai destacar meu cabelo e meus olhos, principalmente porque eu acertei o esfumado que passei muito tempo tentando aperfeiçoar para esta coreografia. Tiro os fones e me troco depressa, sem nem me preocupar com o fato de que Brayden está no canto oposto da sala. Checo meu visual no espelho pendurado na parede e me certifico de que o vestido está bem ajustado, sem rasgos ou botões soltos, aceno com a cabeça e vou calçar os patins.

Estendendo os pés e tornozelos ao fazer isso, envolvo o dorso dos calcanhares para ter apoio e depois amarro o cadarço dos patins com força, como faço todo dia, então fico de pé e testo a sensação do calçado.

Perfeito.

— Tudo certo? — pergunta Brayden.

— Tudo certo — respondo e aceno com a cabeça.

— Ótimo — exclama ele, dando um passo à frente.

Está lindo com a calça cinza — que quase parece uma calça social — e uma camisa borgonha. Ela é um pouco mais aberta no pescoço do que a

maioria das pessoas usaria, mas a peça fica um pouco desalinhada e inegavelmente atraente nele.

Eu me viro e vejo nós dois no espelho, nossos olhos se encarando. Parecemos mais velhos de alguma forma, velhos demais para a categoria juvenil. É mesmo hora de seguir em frente, como planejamos. Brayden passa os braços ao redor da minha cintura e me puxa para si, e pouco a pouco respiramos juntos. Então ele inclina a cabeça e sussurra:

— A gente consegue.

Assinto e levo as mãos às dele. Ficamos ali por mais um instante até Camille entrar.

— Alerta de cinco minutos — avisa ela, olhando com atenção para nós dois.

Então acena com a cabeça para o que quer que esteja vendo, como se aprovasse.

Enquanto caminhamos rumo à boca do túnel debaixo da arena que leva ao ringue, Brayden segura minha mão e a aperta. Aconteça o que acontecer, estamos juntos nessa.

A apresentadora explica a competição de dança no gelo e o restante dos atletas do nosso subgrupo anda pela área, esperando o sinal de que podemos entrar no ringue para o aquecimento.

Camille estende as mãos e lhe entregamos os protetores de lâmina dos patins.

O aquecimento é um borrão, exceto pela gritaria que ecoa a reação que recebemos na outra noite, quando nossos nomes foram apresentados como parte do grupo e nossas imagens foram exibidas na tela enorme que pende do teto da arena. É algo a que vamos ter que nos acostumar. Nunca fui a favorita dos fãs antes. Caramba, eu nunca *tive* fãs antes.

É tão surreal.

Um sino ressoa e o resto dos patinadores encerra os últimos treinos, depois sai do gelo, mas nós apenas patinamos até o portão onde Camille nos espera.

— Vão lá e façam o que vocês fazem no treino que vão sair daqui hoje na liderança.

Ela estende dois punhos fechados e eu a cumprimento com um soquinho. Então Brayden faz o mesmo e estende os punhos para mim também. Bato os meus nos dele e depois seguro sua mão.

— *Représentant les États-Unis d'Amérique, Adriana Russo et Brayden Elliot.*

A gritaria retorna, ainda mais alta do que antes, de algum modo.

É isso. Tudo pelo que trabalhamos e finalmente podemos dar os primeiros passos. Meu corpo sabe o que tem que fazer. Horas e horas de treino garantiram isso. Só preciso que minha expressão corresponda, como Camille me implora há anos para fazer. Vou dar o meu melhor.

No centro do gelo, iniciamos a poucos passos um do outro e, quando “Vienna” começa a tocar, tomo um leve impulso, devagar, sabendo que Brayden vai me imitar logo em seguida. Ele me alcança e segura minha mão para me girar para dentro dos braços dele, pronto para dançar pelo rinkê pelos próximos dois minutos e trinta segundos.

Sua mão livre encontra minha cintura, enquanto minha mão encontra o ombro dele. Por uma fração de segundo, cerca de metade de uma nota da música, paramos e nos encaramos. Os olhos dele cintilam para mim e o sorriso coreografado que devo exibir é muito real, então partimos.

O programa voa e é espetacular. Passamos o tempo todo em sincronia total, sem um escorregão das mãos, um passo em falso. Nossos twizzles são perfeitos e cada encaixe dos nossos dedos acontece na hora certa. Parece inconsciente, sem pensamentos, nada que nos detenha. A música acompanha cada raspão dos patins e, quando Brayden me ergue e giramos pelo gelo, os gritos da multidão sobrepujam tudo e temos que confiar nos nossos instintos para nos guiar pelos últimos segundos da dança. Então a música acaba e nos encontramos novamente no centro do gelo, eu de costas curvadas sobre o braço dele, Brayden com a testa grudada ao meu ombro. Seus lábios roçam o pulso da minha garganta, o que faz meu coração palpitar muito mais do que eu já senti antes no gelo, e a reação dos fãs ecoa isso, ficando ainda mais alta de alguma forma.

— *Adriana Russo et Brayden Elliot!* — exclama a apresentadora enquanto endireitamos a postura e nos curvamos para cada seção do público, com as mãos ainda firmemente unidas.

Bichinhos de pelúcia são lançados no gelo e mocinhas com roupas de patinação cintilantes correm pelo rinkê a fim de recolhê-los para nós à

medida que voltamos para o portão onde Camille nos espera, com o maior sorriso que eu já vi estampado no rosto.

— Brilhante! — grita ela, enquanto Brayden me deixa sair do gelo primeiro, seguindo logo atrás de mim.

Camille me puxa para um abraço e depois agarra Brayden também. Por um segundo, sou esmagada entre os dois enquanto todos rimos. Pegamos os protetores de lâmina e os colocamos no lugar antes de partirmos para o Beija e Chora, a cabine onde ficamos esperando pelas notas. Somos os primeiros a competir, então pegaremos o primeiro lugar de qualquer forma, mas vamos dar o tom da competição para todos os outros, tenho certeza.

Um homem se acomoda no banco, segurando uma câmera ao lado do rosto para filmar nossas reações. Faço um coração com as mãos para o público e Brayden passa o braço ao meu redor. Ele está com os olhos fixos no quadro de notas que aparece na tela da arena.

— Aquilo foi lindo, Adriana — elogia Camille, chegando mais perto para sussurrar ao meu ouvido. — Senti cada momento da coreografia.

Aperto a mão dela com força.

Minha respiração está enfim começando a se estabilizar quando as notas aparecem.

— *Les scores s'il vous plaît* — diz a apresentadora, e então há uma pausa. Respiro fundo. — *Le score d'Adriana Russo et Brayden Elliot dans la danse rythmique est de 75.49!\**

Não escuto as notas a princípio, mas então meus olhos veem nossos nomes no placar e os números ao lado.

1. RUSSO, A/ELLIOT, B. (EUA)  
ELEMENTOS TÉCNICOS 40.02  
APRESENTAÇÃO: 35.74  
NOTA TOTAL: 75.49

Nunca vi notas tão altas assim. Não para nós. Não na categoria juvenil.

Então a apresentadora confirma.

— *Il s'agit d'un nouveau record du monde junior pour la danse rythmique!\*\**

*Record du monde.* Isso, eu entendo. Um recorde mundial. O público vai à loucura e eu também, quase me jogando nos poucos centímetros que me separam de Brayden, puxando-o para o abraço mais forte que consigo com as mãos quase cheias de bichinhos de pelúcia.

Pela primeira vez na vida, Camille está sem palavras quando eu me viro para abraçá-la. Então Brayden se junta a nós e eu caio na gargalhada.

Uma apresentação já foi. Falta a outra.

Alguns minutos depois voltamos para o camarim, que está do jeito que o deixamos, apesar de o mundo estar totalmente diferente depois daquela apresentação.

— Ah! Não dá pra acreditar em como foi incrível! — exclamo, desabando na mesma cadeira onde me sentei há menos de meia hora para amarrar os cadarços.

— Foi ótimo — diz Brayden, mas de um jeito seco.

É tão diferente da alegria que transbordou no Beija e Chora que tenho a sensação de estar entendendo errado.

— Você foi incrível. A gente nunca patinou daquele jeito.

— Ninguém patinou — fala ele, dando de ombros de leve. — Novo recorde mundial.

O tom é familiar: aquela voz meio debochada, meio séria que usa para me provocar sobre coisas importantes, mas os olhos dele não encontram os meus.

— Você tá bem? — pergunto, inclinando a cabeça. — Se machucou ou coisa do tipo?

Brayden solta um riso abafado, ríspido e rápido.

— Não, eu não me machuquei.

— Então o que foi?

— Não esquentar, Adriana — rebate ele.

Está... bravo comigo?

— Não tô entendendo. A gente acabou de apresentar a melhor dança rítmica da história do Mundial Juvenil e você tá bravo comigo?

— Tô! Não! Não tô... só vai, tá bom? Tenho certeza de que quer comemorar com o O'Connell.

— O que é que o Freddie tem a ver com isso?

— Me diz você.

Continuo sem entender nada. E estou começando a me sentir idiota. Ele está me olhando como se eu devesse saber o motivo para esse chique ridículo dele enquanto minha cabeça continua girando com a adrenalina da competição. Então uma ideia passa pela minha mente e fica ali, feito uma enorme sirene vermelha piscante, e me lembro daquele momento no avião e... será que Brayden nos viu no hospital? Agora que parei para pensar, deve ter visto. Merda.

— Você tá com ciúmes?

— Ciúmes? Que papo é esse? Não tô com ciúmes, Adriana. A gente fez um acordo. A gente definiu regras.

— Eu com certeza não quebrei nenhuma regra.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Nada de traição, lembra? Eu vi vocês dois ontem e parecia... parecia que tinha alguma coisa ali.

— Aquilo não foi... Brayden, você tá sendo ridículo.

— Então vai me dizer que não sente nada por ele?

— Tô dizendo que, mesmo que eu sentisse, não teria importância. Foi só um abraço. — O protesto soa fraco, mesmo para os meus ouvidos. — Não sei se você reparou, mas eu e o Freddie não continuamos sendo amiguinhos depois que paramos de treinar juntos. É legal a gente poder ser amigo de novo, de certa forma. Beleza?

Brayden me encara por um longo momento, tão longo e com tanta determinação que começo a ficar inquieta.

— Talvez isso tenha sido uma péssima ideia — diz ele por fim.

Um pico de pânico percorre meu corpo.

— Isso o quê?

— Nós dois, a história do namoro falso. Talvez a gente devesse acabar com isso.

— Mas... — Minha mente gira. Imagens de dinheiro voando pelos ares, uma placa de “Vende-se” na frente de Kellynch, os olhos do meu pai brilhando de decepção. — É o que você quer?

Ele fica em silêncio por um segundo, levando a mão ao cabelo loiro, puxando as pontas em um gesto de frustração.

— Não, mas, se é o que *você* quer...

— Não é.

— Tem certeza?

A placa de “Vende-se” desaparece, o dinheiro volta para nossas contas e a decepção do meu pai dá lugar a orgulho e alívio.

— Tenho certeza.

## **Notas**

\* “As pontuações, por favor. A pontuação de Adriana Russo e Brayden Elliot na dança rítmica é 75,49!”, em tradução livre. (N.E.)

\*\* “Este é um novo recorde mundial de dança rítmica júnior!”, em tradução livre. (N.E.)

## Capítulo 17

AS LUZES NA ARENA estão fracas e uma música toca baixinho ao fundo enquanto esperamos a entrega das medalhas. Há um tapete vermelho estendido sobre o gelo e um pódio ao fim dele. Alguns representantes da ISC estão ao lado dos voluntários do evento, que seguram bandejas com as medalhas de ouro, prata e bronze e os buquês de flores que acompanham os prêmios. Papai também está com eles no gelo. Quando os organizadores do evento souberam que ele estaria aqui durante a competição, pediram que entregasse as medalhas para os vencedores. Papai, que nunca recusa um holofote, obviamente concordou.

Passamos as duas últimas horas vendo os melhores patinadores da categoria juvenil masculina do mundo batalharem pelo pódio.

— *Médaillé de bronze, de la Fédération de Russie, Vladimir Fedorov!*<sup>\*</sup>

O patinador russo avança sobre o gelo e se apresenta para a plateia com um floreio, depois patina até o pódio e, com cuidado, sobe na plataforma mais baixa.

— *Médaillé d'argent, du Canada, Bastien Roy!*<sup>\*\*</sup>

A multidão vai à loucura ao aplaudir o patinador franco-canadense, que retribui a torcida ao se mover pelo gelo, virando-se para cada seção da arena e levando a mão ao coração sempre que se curva para agradecer.

— *Le médaillé d'or et le champion du monde junior, des États Unis d'Amérique, Ben Woo!*<sup>\*\*\*</sup>

— WOOOOOOOOO! — Brayden e eu nos levantamos e gritamos quando Ben aparece no gelo, acenando para os fãs com as duas mãos e um sorriso enorme no rosto.

Ele foi brilhante nos últimos dias, algo que eu teria notado se não estivesse absorva no meu próprio drama. Mesmo assim, estou muito orgulhosa dele: Ben passou de não poder patinar há menos de um ano a campeão do Mundial Juvenil, o que é obviamente impressionante.

Talvez ele também vá para o Mundial conosco daqui a um mês. A cerimônia das medalhas não dura muito e chega a hora de ficarmos de pé enquanto “The Star-Spangled Banner”, o hino dos Estados Unidos, ressoa pelos alto-falantes da arena. No canto oposto, sobem as bandeiras russa, canadense e estadunidense e o rosto de Ben aparece na tela ao passo que ele canta o hino.

Nossa dança livre é daqui a três dias.

Será que estaremos ali, no topo do pódio?

Ou seremos como Jimmy, que ficou de lado após terminar em um decepcionante quarto lugar?

Ontem, depois da nossa dança rítmica, quando aquela nota veio, pensei que nada poderia nos tocar. Pensei que não havia chance alguma de não vencermos esta coisa toda e patinarmos rumo à carreira adulta pela qual estamos trabalhando há anos. O treino hoje foi razoável. Não foi ruim, mas também não foi ótimo, ou pelo menos é o que eu acho. Camille não disse nada, então talvez tenha sido melhor do que eu pensei. Mas ainda me sinto um pouco desequilibrada, depois do que Brayden disse sobre Freddie. Acho que consegui confortá-lo, mas... agora parece que talvez eu não estivesse sendo completamente honesta, nem com ele, nem comigo mesma.

— Preciso ir — digo quando o hino termina e as luzes aumentam.

— Aonde você vai? — pergunta Elisa. — Papai fez reserva pro jantar pra nós depois daqui. Parece que é o restaurante do momento em Paris.

— Prometi pra Riley que ia visitá-la no hospital — respondo, jogando a bolsa por cima do ombro.

— Ela não vai ter alta amanhã?

— Vai, mas eu já disse que ia. Não vou furar com ela. Nem gosto de comida francesa.

Elisa dá de ombros.

— Brayden, você vem?

Ele olha para mim e ergue uma sobrancelha.

— Você deveria ir. A gente se vê depois, pode ser? — digo.

Por um segundo, ele olha de mim para Elisa e depois assente, chegando mais perto para me dar um beijo na bochecha. Temos que manter as aparências, afinal.

— Divirtam-se — falo.

Dou meia-volta e olho meu celular, fingindo que tenho bem mais confiança para pedir um Uber em Paris do que realmente tenho.

Em vez de sair da arena com todos os outros, uso minha credencial de atleta para descer até a área dos vestiários debaixo das arquibancadas e, quando chego lá embaixo, Ben está terminando a última entrevista.

— Você venceu! — grito, e abro os braços para puxá-lo para um abraço.

— Venci! Você deveria tentar. É incrível.

Dou uma risadinha e toco a medalha de ouro que ainda está no pescoço dele. É *sensacional*.

— Pra onde você vai? — pergunta Ben.

— Tava indo visitar a Riley no hospital. Sabe, tentar levantar um pouco o astral dela.

— Me dá só uns minutinhos pra dar oi pra minha família que eu vou com você.

— Você não quer sair pra comemorar?

Ben dá de ombros.

— A gente vai jantar mais tarde, mas já passei pelo que ela tá passando. Algumas coisas são mais importantes.

Fiel à palavra, Ben volta dez minutos depois, de banho tomado e roupa trocada, e me encontra do lado de fora do vestiário, com a mochila dos patins sobre o ombro, onde, presumo, a medalha de ouro está guardada em segurança.

— Você deve estar surtando — digo quando o carro sai da arena.

— Eu tô. Não achava que era possível.

— Você deu duro.

— Às vezes não é suficiente — comenta ele, dando de ombros. — Sinto muito orgulho de mim mesmo por não ter desistido.

— No fim, é isso que importa.

O celular dele vibra, então foco na vista da janela. Está chovendo hoje. Tem chovido desde antes de acordarmos esta manhã. Não leio muita poesia ou coisa do tipo, mas parece poético, como se Paris não pudesse estar ensolarada e feliz quando Riley está presa a uma cama de hospital.

Olho para Ben. Ele fecha a conversa que estava tendo e se vira para mim.

— Não é só na patinação que isso importa, sabe.

— Quê?

— Não desistir. É uma coisa universal.

— É, eu sei.

— Sabe mesmo?

— Ben, o que você...

— Às vezes — começa ele, me interrompendo —, você acha que alguma coisa acabou ou que não tem conserto, não importa o que você faça, mas eu sou a prova viva de que isso não é verdade.

Pisco, confusa. Está falando da lesão dele? Parece que pode estar, mas acho que não é isso.

Porém, não tenho tempo para perguntar — não que eu fosse saber o que perguntar exatamente —, porque o carro chega ao hospital. Ben sai de um lado, e eu, do outro. Quando entramos no prédio, sinto que retomar o assunto seria constrangedor demais.

Registramos nossos nomes e recebemos crachás de visitante da enfermeira na recepção, usando um aplicativo de tradução e mostrando a medalha de ouro de Ben como prova de que somos quem dizemos ser. Tenho quase certeza de que ela está violando as políticas do hospital ao nos deixar entrar, mas funciona.

— Oi, pessoal — fala Riley baixinho quando batemos à porta e abrimos.

Há uma cama vazia ao lado dela e Riley está conectada a um bando de máquinas, o que é muito assustador, como se os bipes e toques fossem provas de que não está bem mesmo. Ela parece minúscula na cama, usando uma camisola de hospital que deve ter o triplo do seu tamanho.

— Por pouco vocês não encontraram o Freddie. Ele passou horas aqui e não quer sair de perto, então mandei ele dar uma volta e fazer um lanche. Tô muito feliz que vocês vieram.

— É claro que a gente veio — digo, tentando ignorar o fato de que Freddie vai voltar a qualquer minuto.

Eu me sento na ponta do colchão, já que os pés de Riley não chegam nem perto dos pés da cama, enquanto Ben se senta na cadeira ao lado.

— Como você tá se sentindo? — pergunto.

Ela dá de ombros.

— Ainda meio grogue, mas o médico disse que deve ser mais por causa dos remédios para o joelho do que pela concussão. Marcaram a cirurgia pra quando a gente voltar no fim da semana.

— Você vai ficar até o final da competição?

Ela confirma com a cabeça, sorrindo.

— É, quero torcer e ver vocês darem trabalho pros outros e não pra mim. Mas, agora, me fala sobre literalmente qualquer outra coisa que não seja patinação. O que tá rolando entre você e o Brayden?

— Por que teria alguma coisa rolando? — questiono, rápido. Rápido demais.

— Vocês precisam, sei lá, de um momento só das garotas? — pergunta Ben. — Eu posso sair.

Reviro os olhos.

— Tá tudo bem. Estamos bem. Eu acho...

— O quê? — indaga Riley, inclinando o corpo para a frente, com interesse evidente no rosto.

É disso que ela precisa agora: distração.

— Acho que ele ficou com ciúmes de um negócio muito besta e aí as coisas ficaram esquisitas.

Riley ri.

— Brayden Elliot sente ciúmes?

— Eu achava que esse cara tinha dois modos operacionais: confiante e mais confiante — comenta Ben.

— Pois é — digo, desejando em parte poder só contar para eles.

Ou, bem, pelo menos para Riley. Seria muito bom conseguir conversar sobre essa bagunça em que eu me meti, mas não posso. Prometi para Brayden.

— Mas a gente se entendeu e tá tudo certo pra amanhã. Esse é o perigo de misturar patinação com outras coisas. O negócio fica estranho fora do gelo e gera um efeito dominó.

— É — concorda Riley, baixinho. — Era com isso que você tava preocupada antes, né? Não chegou a dizer nada, mas sinto que era isso.

— Quer dizer... não tem problema, desde que vocês conversem, o que, sabe, eu e o Brayden fizemos, então tá tudo bem agora. Tá tudo bem.

Riley não parece convencida.

— Não acho que seja a pior coisa do mundo — diz Ben, escolhendo as palavras com cuidado. — Se bem que eu não tenho uma parceira.

— O que me frustrou foi que ele se irritou muito com uma coisa tão pequena — confesso. — Eu preciso muito que ele, sabe... não faça isso.

— Que imaturo — opina Riley. — Você não se preocupa com a forma como as coisas podem ficar se vocês dois terminarem? Já que ele não consegue lidar com isso agora? — Meu rosto deve mostrar algum tipo de pânico, porque ela faz uma careta. — Desculpa, os remédios acabaram com os meus filtros.

Só que ela está certa. *Muito* certa. Não se trata de Brayden e eu sermos ou não capazes de conciliar o namoro com a parceria na patinação, porque não estamos namorando de fato. Se trata de como seria se tudo isso estourasse na nossa cara de alguma forma. E se ele conhecer alguém ou se... se eu conhecer? E aí? Pelo que sei, seria como os últimos dias, só que bem maior. Destruiria totalmente nós dois e nossos sonhos junto.

— Não sei — diz Ben. — Não tem nenhuma garantia na patinação artística. Às vezes, você tem que assumir o risco e torcer pra dar certo.

Inclino a cabeça para ele.

— Diz o cara que já ganhou uma medalha de ouro.

— Touché.

— Enfim — diz Riley. — Pensa assim: você já tomou uma decisão enorme, de mudar a vida, pra tentar ir pras Olimpíadas, e ainda tem uma chance muito boa de fazer isso.

É muito óbvio que ela não está falando de mim nessa última parte.

— Ei, você também! Faltam quatro anos pros Jogos. Você vai voltar mais forte do que nunca.

— Talvez — concede ela, mexendo no cobertor de algodão gasto do hospital. — Mas não posso pedir pro Freddie passar um ano esperando por mim. Não é justo.

— Você falou com ele sobre isso? — pergunto com delicadeza.

— Não — diz Riley, com lágrimas nos olhos.

Seguro a mão dela e a aperto quando as primeiras lágrimas começam a cair.

— Conversa com ele sobre isso. Confia em você. Ele pode te surpreender. Na verdade, tenho certeza de que vai.

Sei que vai, ele fez isso por mim. Vai fazer por ela também.

— Mas não é justo com ele.

Uma lágrima cai, depois a outra.

— Deixa ele decidir — falo.

Riley assente, apertando minha mão também e depois a soltando para secar o rosto.

— Toma — diz Ben, oferecendo a ela uma caixa de lenços de papel.

— Eu tô acabada — declara Riley, rindo em meio às lágrimas.

— Você tem uma justificativa bem decente pra isso — brinco.

— Acho que sim — concorda ela, rindo com mais força, até que as lágrimas superam o riso. — Só não sei como vou fazer isso.

Ela tenta abafar os soluços com a ponta do cobertor, mas não funciona muito bem.

Vou até a cabeceira da cama para abraçá-la, mas Ben sai na frente. Ele passa um braço ao redor do ombro dela, puxando-a para si e fazendo um *shh* delicado. Ele entende. Há pouco mais de um ano, estava em uma cama de hospital igualzinha a esta. Vai saber o que dizer para Riley quando ela terminar de chorar.

Ouçó um pigarro à porta.

— *Hã*, tudo bem? — pergunta Freddie, entrando no quarto com uma bandeja de papelão com frutas e algumas garrafas de água.

Com delicadeza, ele deixa tudo na mesa no centro do quarto e vai acanhado até a cama.

Riley faz um barulho no fundo da garganta, mas Ben balança a cabeça e avisa Freddie com um olhar, uma conversa silenciosa entre *brothers*. E o significado fica evidente assim que Ben fala.

— Daria pra vocês deixarem a gente a sós? Preciso falar com a Riley em particular. Paciente de LCA pra paciente de LCA.

— *Hã*, beleza, eu já ia voltar pro hotel mesmo — digo, mordendo o lábio. — Tenho que resolver umas coisas.

Não tenho, mas é uma desculpa fácil.

— Tá o maior toró lá fora — avisa Freddie, indo até a mesa. Ele pega um guarda-chuva e o oferece para mim. — Leva isso. Eu vim caminhando mais cedo.

— Mas aí você vai ficar encharcado quando voltar — rebato, e balanço a cabeça, tentando esvaziá-la.

Nós não nos falamos desde que ele me soltou daquele abraço, e não deveria ser estranho, mas é. A interação é tão formal e constrangedora e esquisita, e odeio isso.

— Por favor — insiste ele, praticamente enfiando o guarda-chuva nas minhas mãos. — Não ligo de me molhar.

— Tenho uma ideia: vocês dois podem só voltar juntos. O guarda-chuva parece grande o bastante pra duas pessoas.

— Cala a boca, Ben — retruca Freddie para o melhor amigo, mas aí morde o lábio quando põe os olhos em Riley outra vez.

Ben bufa e faz um gesto grosseiro com os dedos.

— Vou calar. Agora cai fora.

Então estamos sob o brilho fluorescente do corredor do hospital, encarando a porta fechada.

— Acho que é melhor a gente ir — cede Freddie, apontando para os elevadores na outra ponta do corredor.

— É.

Saímos do prédio e ele estava certo. Está chovendo forte, muito mais do que quando saímos da arena, mas o hotel fica a apenas algumas quadras de distância e tem algo de novo e bastante maduro em caminhar por uma rua de Paris, com cafeterias e lojas de um lado e o Sena do outro, misturando-se à cidade. Para as pessoas que passam, devemos parecer um casal, encolhidos debaixo do mesmo guarda-chuva, apenas caminhando com propósito em um silêncio, bem, pelo menos não completamente constrangedor. A caminhada é curta e subimos correndo os degraus da entrada do hotel, onde um porteiro abre a porta para nós.

— *Bienvenue* — diz ele, acenando com a cabeça quando passamos.

Freddie fecha o guarda-chuva e o estende, pingando no piso de mármore imaculado. Lanço um sorriso de desculpas para o porteiro, mas ele nos manda seguir com um gesto e vamos até os elevadores.

Estamos no mesmo andar, e a música alegre do elevador é o único som que ouvimos na subida.

O quarto dele fica logo no começo do corredor, enquanto o meu fica mais adiante.

— Obrigada por não me deixar ficar encharcada — falo quando Freddie para diante do próprio quarto.

— De nada — responde ele, me lançando um sorrisinho antes de eu me virar e ir para o meu.

Passo o cartão-chave sobre o leitor e a porta se abre com um clique. O quarto está um breu: cortinas fechadas, luzes apagadas. Há um caroço na forma de Maria no centro da cama dela; ela e Charlie devem ter acabado de treinar. Maria sempre tira um cochilo depois do treino.

Na verdade, um cochilo parece uma ótima ideia. Passo por um espelho a caminho da porta e faço uma careta. Meu cabelo deve estar uma causa perdida. A chuva mal o tocou, mas a umidade do ar foi suficiente para transformar meus cachos em uma bagunça.

Puxo as mechas e as giro para fazer um coque de bailarina, frouxo o bastante para não parecer um emoji de cocô no topo da minha cabeça, o que com certeza já aconteceu mais de uma vez. Alguns fios caem na parte de trás e minha franja não está tão comprida, então eles emolduram bem o meu rosto. Não que isso importe. Vou me aconchegar no sofá, ver algum programa francês que não entendo e me deixar cair no sono.

Ouçõ uma batida à porta. Aposto que Maria pediu serviço de quarto, se esqueceu e caiu no sono. Nem espio pelo olho mágico antes de abrir.

— Freddie?

— É — diz ele, esfregando a mão na nuca. — Sei que você disse que tinha umas coisas pra fazer, mas pensei que talvez...

— Talvez? — incito quando ele para de falar só para me olhar.

— Certo. Pensei que talvez... — Freddie hesita antes de concluir, apressado: — Quais são as chances de você querer sair daqui, ir pra algum lugar?

— Eu e você?

— Isso — confirma ele finalmente, estendendo a mão, pronto para jogar.

Em vez disso, balanço a cabeça, sorrio e pego minha bolsa.

— Chance total. Vamos lá.

## **Notas**

\* “O medalhista de bronze, da Federação Russa, Vladimir Fedorov!”, em tradução livre. (N.E.)

\*\* “O medalhista de prata, do Canadá, Bastien Roy!”, em tradução livre. (N.E.)

\*\*\* “O medalhista de ouro e Campeão Mundial Júnior, Ben Woo, dos Estados Unidos da América!”, em tradução livre. (N.E.)

## Capítulo 18

PASSAMOS PELO MESMO PORTEIRO de hoje mais cedo e eu lhe dou um sorriso quando ele abre a porta para nós e saímos ao entardecer. A chuva já parou quase por completo e o ar parece limpo, como se o toró tivesse lavado a sujeira da cidade, pelo menos até amanhã, quando todos vão sujá-la outra vez.

— Então, pra onde vamos? — pergunto, acompanhando o ritmo de Freddie.

— A gente pode só andar por aí? — sugere ele. — Ouvi dizer que é o melhor jeito de conhecer Paris.

Conhecer Paris. Parece bom, e é algo que estou morrendo de vontade de fazer desde que chegamos. O Sena fica logo do outro lado da rua e, graças ao nosso vaivém do hotel à arena, sei que, se seguirmos seu curso, provavelmente veremos boa parte da cidade.

— Vamos seguir o rio — digo, apontando com a cabeça para o Sena.

— Vamos — concorda ele.

A cidade é quase dois mil anos mais velha que Boston, mas já foi reconstruída tantas vezes ao longo dos séculos que a pedra e os prédios e a correria de pessoas em seu cotidiano quase fazem eu me sentir em casa.

— É quase como se eu estivesse em casa — fala Freddie, ecoando meus pensamentos.

— Tipo Atlanta? — pergunto, sem me virar para ele, mas contemplando o rio.

— Atlanta não é minha casa. É só onde eu treino.

— Ah.

Então ele está falando de Boston. Boston é a casa dele. Assim como é a minha.

Ainda estamos no inverno, tecnicamente, mas, apesar das nuvens e da chuva mais cedo, não está tão frio assim aqui fora, o que é um alívio,

já que eu não pensei em vestir uma jaqueta antes de sair. Na verdade, não pensei em nada, exceto no quanto eu queria ir.

O silêncio se estende à nossa frente e, no fim, eu cedo.

— O Ben ainda tá com a Riley?

— Tá — responde Freddie. — Espero que ele consiga convencer ela. Falei pra Riley que ela vai voltar melhor do que antes, mas não acho que acreditou em mim. Talvez faça mais sentido se vier dele. Ben já passou por isso, sabe, com a lesão.

— Ela tem medo de você desistir dela como parceira.

— O quê?! — exclama ele, arregalando os olhos de pânico. — Eu nunca faria uma coisa dessas. Nunca.

— Eu sei — digo, a voz suave. — Foi o que eu disse pra ela.

— Que bom.

— Mas você deveria dizer pra ela.

— Eu vou.

— Que bom.

Eu poderia me dar um chute por mencionar isso. Tem história demais aqui, mas quando é que eu vou ter outra chance de fazer isso?

— Eu nunca te agradei, sabe. Por continuar comigo, naquela época. Eu deveria ter agradecido.

— Adriana, você não tem que...

— Tenho, sim. Ainda mais depois que eu não...

Ele balança a cabeça, parando de súbito no meio da calçada.

— Você fez o que precisava fazer. Levei um tempo pra entender isso, mas foi a decisão correta, pra nós dois. Eu não teria conseguido tomar uma decisão daquelas.

E, assim, sem mais nem menos, dois anos de constrangimento são apagados. Sinto os ombros leves e inspiro o ar frio e seco.

— A gente devia comer — sugiro aleatoriamente.

— Comer?

— Estamos em Paris e a única coisa que fizemos foi comer no restaurante do hotel. A gente devia sair pra comer.

— Comida francesa? — pergunta ele, incerto.

— Quer dizer, é Paris, então deve ter todo tipo de comida. Deve dar pra achar um McDonald's se você quiser. A gente pode ser *aquele* tipo de turista. Os que vão pra Boston e comem no Red Lobster.

Freddie suspira.

— Comida francesa. Vamos nessa. — Então ele hesita por um segundo. — Quais são as chances de você provar caracol?

— *Rá!* Uma em cinco, mas o mesmo vale pra você.

Ele franze o nariz.

— Esquece, nada de caracol.

Encontramos um bistrô com um cardápio no lado de fora, onde reconhecemos pelo menos algumas das palavras, e pedimos pratos que o garçom insistiu serem *leves*, porque, se eu quiser vencer um Campeonato Mundial daqui a três dias, me empanturrar de comida francesa não é a melhor das ideias.

Experimento um pouco de cada prato: um com vitela, outro com crepes, outro com batatas gratinadas e uma outra receita chamada coq au vin, que eu com certeza pediria como última refeição se algum dia for para o corredor da morte. Freddie raspa o prato. Eu bebo água, e ele, o vinho que o garçom recomendou, o que parece uma coisa muito madura de se fazer. Este dia inteiro foi recheado de coisas maduras, para ser sincera, mas tem algo no jeito como ele bebe lentamente o vinho da taça, em vez de entorná-lo como as pessoas tomam cerveja em festas, que parece certo. Igual a como caminhávamos na rua mais cedo.

— Tá... tudo bem com você? — pergunta Freddie, absorvendo a última porção de molho do coq au vin com um pedaço de pão folhado que eu tenho vontade de arrancar da mão dele e pegar para mim.

— *Hã*, sim? Por quê?

Eu o encaro, confusa.

— Sei lá, talvez eu esteja muito enganado, e você pode me mandar calar a boca se quiser, mas parece que tem algo de errado. Como se algo andasse errado já faz algum tempo.

Suspiro, voltando a me recostar na cadeira.

— Mas a gente tava se divertindo tanto.

— Não precisa me contar — diz ele, então dá de ombros de um jeito casual que é tudo, menos casual.

Está preocupado, eu acho.

Não tenho que contar nada para ele. E isso me faz querer botar tudo para fora ainda mais, porque, sentado à minha frente, não está o cara que mal olhava na minha cara quando chegou a Kellynch, ou o cara que me

olhou com um desprendimento frio diante do Fenway Park em uma manhã gelada de Boston, e nem mesmo o cara no qual me apoiei naquela boate, me permitindo esquecer por um segundo de todo o resto. Ele é só Freddie O'Connell, o garoto com quem cresci, o garoto que me conhecia melhor do que ninguém. Para ele? Para ele, posso contar qualquer coisa.

Só que não. Fiz uma promessa a Brayden.

Merda.

— É só... você conhece meu pai. A grana tá curta e é muita pressão, e agora tem essa história com o Brayden, que é muito intensa e confusa — digo, desajeitada, torcendo para ser o suficiente para Freddie.

— Ele tá te pressionando ou coisa do tipo? Vou matar esse cara.

Freddie parece sério ao se debruçar sobre a mesa, como se não fosse uma ameaça vazia.

— Não — esclareço, apressada. — Não é nada disso. É só coisa demais. Você já entrou com tudo em uma situação, achando que queria uma coisa e que era a decisão certa, e meio que só desejou que não fosse?

Ele volta a relaxar na cadeira, pigarreando, e evita meus olhos.

— Já, já sim.

— Então, agora eu tô presa, e não é necessariamente de um jeito ruim, mas ainda tô *presa*, e não sei bem o que fazer a respeito, se é que eu devo fazer algo a respeito, ainda mais porque eu tinha certeza de que tava fazendo a coisa certa na hora. Isso tá fazendo sentido?

Por um momento, ficamos sentados em silêncio, até que Freddie se inclina na cadeira.

— Pra falar a verdade, não faço a menor ideia — confessa ele —, mas pelo menos tem como te distrair um pouco disso. Vem, não vimos quase nada de Paris e tá escurecendo. A gente devia ver as luzes da Torre Eiffel e depois tomar... na França se fala “gelato” ou é só sorvete mesmo?

— *Glacé* — responde o garçom, prestativo, ao trazer a conta.

Freddie sorri para ele.

— *Glacé* — repete.

Eu me adianto para pagar a conta, o que faz Freddie sorrir.

— O Charles mandou ver com os patrocínios — explico, dando de ombros, e é verdade.

Dia sim, dia não, postamos mais uma coisa aleatória sobre uma faixa de cabelo, um tipo de maquiagem ou meias que usamos depois do treino

e, embora o dinheiro não seja grande coisa, como o contrato que ele está elaborando com a Nike, por enquanto me sinto mais do que capaz de pagar esta refeição, e talvez o sorvete também.

— Mandou mesmo — concorda Freddie, rindo.

— Acho que sim.

— Sinto muito, mademoiselle — fala o garçom, voltando com nossa conta e meu cartão. — O pagamento foi recusado.

Franzo a testa e pego o cartão das mãos dele.

— Recusado? Impossível.

Então a ficha cai.

As botas novas de Elisa.

Botas da Dior.

Essas coisas podem chegar a milhares de dólares. Ela deve ter usado a mesma conta para comprá-las, e eu andei distraída demais por causa dessa história com Brayden para notar.

E eu achando que estava abalando. Ficaria apavorada se não estivesse me sentindo uma idiota completa. De onde achei que o dinheiro tinha vindo? Do ar? *Argh*.

— Tá tudo bem — diz Freddie, pegando a carteira e dando seu cartão para o garçom. — Deixa comigo.

O garçom leva o cartão de Freddie e se retira, mas isso não detém o calor intenso que sobe pelo meu peito até o pescoço, fazendo meu sangue ferver. Quase consigo sentir o vapor saindo pelas minhas orelhas.

— Me desculpa *mesmo* — murmuro.

Pego o celular, atrapalhada, para verificar o saldo do cartão. Dito e feito: lá está a compra da bota de Elisa feita hoje de manhã, no valor de mais de dois mil euros, o que estourou o limite.

— Família — aponta Freddie, cuidadoso. — Não é fácil.

— Pra você é fácil falar. Sua família é maravilhosa.

— Eles são realmente incríveis. Tenho sorte — reconhece ele. Quando eu não respondo, Freddie desiste do assunto. — Vem, vamos sair daqui e conhecer mais a cidade.

Saindo rumo ao anoitecer, o sol se põe ao longe e o céu está mais claro, com faixas de laranja e rosa. Está quente para março, porém ainda mais frio do que antes, então estremeço, mexendo um pouco no colarinho do suéter para que ele cubra um pouco melhor os dois ombros.

— Dá pra acreditar que a gente chegou até aqui? — digo, enquanto voltamos a caminhar na calçada de pedra que acompanha o rio.

Se Freddie está disposto a ignorar o que acabou de acontecer, também quero fazer isso, pelo menos por mais um tempinho.

— A gente sempre falava sobre o Mundial quando era criança, sobre chegar aqui, e conseguimos.

— Bom, pra você é a segunda vez — comenta ele, aos risos, embora eu consiga ver certa tensão em seus olhos. — E, apesar de eu estar aqui tecnicamente, não tô competindo.

Faço um gesto para minimizar a situação.

— Contratempo temporário. A Riley vai se recuperar e vocês dois vão voltar pro gelo num piscar de olhos.

— É, a questão é se ela vai confiar em mim de novo depois do que aconteceu...

— Você sabe que não foi culpa sua, né? Não tem nada que você poderia ter feito. A boa notícia é que, quando a Riley quer alguma coisa, não tem nada que possa detê-la. Como eu disse, vocês vão voltar.

Ele dá de ombros, e tenho quase certeza de que não há nada que eu possa fazer para convencê-lo do contrário.

Caminhamos em silêncio até uma brisa soprar e eu sentir o aroma marcante de canela que ele usa. De repente, fico hiperconsciente da presença de Freddie. Quando nossos braços balançam enquanto andamos, nossas mãos ficam *tão perto* de se tocarem que não seria muito difícil estender o braço e segurar a mão dele, entrelaçando nossos dedos.

Mas... não, não posso fazer isso. Ele pensa que estou namorando Brayden.

Se bem que talvez eu possa. Somos amigos agora. Amigos se dão as mãos, certo?

Além disso, foi ele quem me abraçou depois que descobrimos que Riley ficaria bem e nenhum de nós disse coisa nenhuma sobre o assunto, ou sobre a dança na boate que tentei demais botar na conta da insanidade. Mas talvez, se eu pegar a mão dele, Freddie vá saber que não teve problema e que não teria nenhum problema ele fazer isso de novo, agora ou talvez daqui a um tempinho quando tivermos chegado à Torre Eiffel, e o céu escurecer por completo e nós estivermos parados sob as luzes cintilantes.

Só que tem problema, sim, lembro a mim mesma. Porque estamos caminhando pela cidade, vendo Paris pela primeira vez apesar de estarmos aqui há quase uma semana, e Riley está em uma cama de hospital, com uma concussão e um joelho lesionado, e ela gosta de Freddie e eu estou fingindo namorar Brayden e que confusão de merda é isso tudo.

— Ah! — exclama Freddie, pegando minha mão e transformando meu monólogo interno inteiro em algo de todo inútil. — *Glacé!*

Vejo uma sorveteria adiante e deixo que ele me puxe até ela, apertando a mão de Freddie com força pelo tempo que durar.

— *Glacé* em frente a *la tour Eiffel*? — pergunta ele com um sotaque francês horrível quando saímos da sorveteria, alguns minutos depois.

Freddie pediu o que parece uma Torre de Pisa feita de sorvete, com bolas cor-de-rosa, verde e roxa, embora eu não faça ideia de quais são os sabores, o que faz meu copinho de sorvete de baunilha parecer patético. Mesmo assim, é delicioso.

Nossas mãos estão cheias agora: em uma, os copos; na outra, as colheres, e parte de mim quer jogar tudo fora para que ele possa segurar minha mão outra vez.

Isso é difícil. Mais difícil do que eu achei que seria. Parece que somos amigos, ou pelo menos que estamos no caminho para nos tornarmos. Mas não sei se posso ser amiga de Freddie. Não de verdade. Posso? Do jeito que sou amiga de Brayden? Afeto com um punhado de atração e confiança. Amizade.

Ergo os olhos para Freddie, sem me dar ao trabalho de tirar o cacho que cai diante dos meus olhos. Mais do que um tantinho de atração, bem mais, e eu me importo com ele, bastante, mas... é diferente. Igualmente profundo, igualmente importante, mas bem diferente.

Estamos chegando mais perto da Torre Eiffel. Dá para perceber porque, quando saímos de uma rua lateral, a multidão cresce, e todos parecem estar indo para a mesma direção. Terminamos nossos sorvetes, mas, mesmo com as mãos livres de novo, não ousa tocá-lo.

Conforme caminhamos, as ruas se abrem em um jardim bem cuidado, com gramado verde e fontes em uma fileira perfeitamente alinhada com a torre no lado oposto do Sena, erguendo-se sobre as ruas

já iluminadas contra o céu noturno, mas a cada hora ela cintila como as estrelas ofuscadas pelas luzes da cidade.

— Cinco minutos até dar a hora — conta Freddie, checando o celular.  
— Vamos tirar uma foto.

Ele estende o celular com os braços compridos e nós nos agachamos o suficiente para enquadrar a vista completa do jardim e da torre atrás de nós.

— Será que a gente posta? — pergunta enquanto nós dois encaramos a foto, sorrindo.

Faço que não com a cabeça.

— É melhor ser só nossa.

— Tipo um segredo?

— Não, segredo não. *Particular*. Nem tudo é pra todo mundo.

Ele franze a testa por um segundo, me olhando do mesmo jeito que fez no restaurante, como se algo no meu comportamento não fizesse muito sentido, mas concorda com um murmúrio e guarda o celular. Devem ser oito horas, porque a multidão arqueja em uníssono quando o monumento começa a brilhar com mais força, luzes piscantes subindo e descendo pela torre esguia até o topo onde uma luz gira, emitindo um sinal no horizonte como um farol que recebe os barcos no litoral.

Todos estão com os celulares erguidos, capturando o momento, mas ficamos lá observando, nossos ombros quase se tocando.

— É lindo — comento, contemplando o que deve ser o show de luzes mais famoso do mundo.

— É.

Freddie exala e a respiração dele faz um cacho solto na minha testa balançar, provocando em mim um arrepio que tenho certeza de que ele nota.

Assistimos ao espetáculo por mais alguns minutos, esperando o fim, até que as luzes finalmente voltam para o contorno dourado simples da estrutura de metal.

Nós nos viramos juntos e voltamos pelo mesmo caminho da ida.

Enfim checo o celular. Há tantas mensagens e ligações perdidas, não só de Brayden, mas também de Camille, a quem respondo um “estou bem, volto logo” antes de guardar o aparelho de novo.

— Ei, olha — chama Freddie, acenando e apontando para uma rua lateral.

Vejo um rink de patinação ao ar livre. Ao lado dele, uma placa promove o Campeonato Mundial Juvenil, o que faz sentido. Paris parece estar fazendo um ótimo trabalho de divulgação do evento, já que não houve uma única sessão com mais do que uns poucos lugares vazios.

— Ah, não — replico, rindo. — Tá de brincadeira?

— Por que não? — pergunta ele, sorrindo, e isso basta. Não posso recusar.

Há um estabelecimento que aluga patins na lateral e eu calço o par de patins mais barato e fedorento que já usei em toda a minha vida. Freddie não está nem usando patins de patinação artística; a loja só tinha os de hóquei sobrando. Depois de amarrar os cadarços gastos tão firme quanto possível — um tornozelo torcido agora seria um jeito ridículo de perder o Campeonato Mundial —, Freddie e eu nos juntamos à multidão, patinando suavemente enquanto uma música ressoa ao fundo.

— Será que a gente pode pedir uma pra tocar? — questiona ele.

Bem na hora, uma música que eu não ouvia há anos começa, e reviro os olhos para ele.

— Parece que pode — digo conforme Freddie ri.

“(I’ve Had) The Time of My Life” era a música que embalava nossa dança livre quando vencemos o Campeonato Nacional Intermediário, um ano antes do meu pico de crescimento encerrar nossa parceria.

— Lembra dessa? — quer saber ele, balançando os dedos para mim, com a mão aberta e a palma para cima, esperando que eu a segure.

Sorrio e balanço a cabeça.

— É claro que lembro.

Assim que Freddie segura minha mão, ele me gira em sua direção e encontramos um pouco de espaço no centro do gelo, longe da multidão que patina em círculos.

— Mas você lembra dos passos? — rebato.

Com um riso suave, ele me puxa para mais perto e se inclina para sussurrar contra minha têmpora:

— Eu me lembro de tudo.

Freddie não está falando só da dança, e o peso das palavras, maravilhoso e torturante, cai sobre mim.

Os passos voltam com facilidade. Passamos dois anos trabalhando nessa coreografia, e é fácil recuperar seu ritmo com a música tocando ao fundo. Nós até atraímos certa atenção enquanto patinamos, sem dar tudo de nós porque não temos muito espaço, mas é evidente que estamos nos apresentando em vez de patinando.

A mão dele é firme na minha, bem como costumava ser, mas nossa diferença de altura é bem maior agora. Porém ele melhorou, é óbvio. O trabalho de pés é mais sólido, a postura é melhor, e tudo em estar assim tão perto dele parece mais um sonho do que qualquer outra coisa. Não há nada nesta coreografia que faria minha pulsação aumentar, exceto pelo fato de que é o ombro largo de Freddie sob minha mão, e é a testa dele que repousa contra a minha quando ele me puxa para mais perto enquanto dançamos.

A respiração de Freddie é quente contra minha bochecha já corada quando ele se inclina sobre mim, deslizando as mãos da minha cintura até minhas coxas, e por reflexo meu corpo responde como deve: entregando-se e deixando que ele me levante contra o peito e me carregue pelo gelo, e meu pé se ergue no ar enquanto minhas mãos envolvem seu pescoço. Mas não preciso fazer isso. Freddie me segura com força e, se eu quisesse, poderia jogar minha cabeça para trás e erguer os braços no ar, sem medo de cair. Então é o que faço, me sentindo segura e protegida e ousada e livre de uma só vez. O resto do rink, o resto do mundo, se dissolve.

Assim como na boate, é tudo.

Estar com ele é tudo.

Encaro seus olhos. Freddie está sério, até franzir o nariz para mim de um jeito meigo. Eu rio e é só tão maravilhoso, a leveza e a intensidade.

Então acaba.

A música termina; o DJ mal permite que ela chegue ao fim antes de começar a tocar outra música, e ouvimos aplausos dispersos ao encerrarmos a coreografia, mas isso traz o mundo ao nosso redor de volta ao foco.

— Acho que já deu — sussurro, ainda nos braços de Freddie depois de ele me botar no chão, na pose de encerramento de tantos anos atrás.

— É — concorda, e me solta com delicadeza.

— Tá ficando tarde.

— Melhor a gente voltar.

De alguma forma, a caminhada parece mais curta agora. Antes, foi como se estivéssemos vagando e o tempo passasse lentamente, se é que passava; agora, porém, avisto o hotel ao longe quase que de imediato.

O mesmo porteiro ainda está em serviço e baixa o quepe para nós, segurando a porta aberta enquanto entramos.

— *Bonsoir* — diz ele.

Nós o cumprimos com um aceno de cabeça antes de irmos para os elevadores.

Um deles se abre quase no mesmo instante, e entramos. As portas se fecham e uma música abafada toca enquanto a cabine sobe. Permanecemos em silêncio e descemos no mesmo andar de novo, mas desta vez Freddie não para em seu quarto. Ele me segue até a porta do meu, como se estivesse me deixando em casa depois de um encontro, e tenho que respirar fundo para me acalmar, porque neste momento quero tanto que isso seja verdade que meu peito chega a doer para valer.

— Foi legal — digo, sabendo que deve ser a afirmação mais lacônica que já fiz.

— Foi mesmo — concorda ele.

Destro a porta, olho de volta para Freddie e pauso, porque ele está balançando sobre os calcanhares, como se quisesse dizer algo, ou fazer algo, e estivesse hesitando. Então se resigna e solta um suspiro frustrado.

— Boa sorte na dança livre. Você... você merece ganhar.

— Obrigada — começo a dizer, até ele se aproximar e roçar os lábios na minha bochecha.

Minha respiração fica presa na garganta e congelo, porque a boca dele está bem ali, e tudo que tenho que fazer é virar a cabeça apenas uma fração de centímetro. Meu nariz bate de leve no de Freddie e o lábio inferior dele desliza contra o meu. E é como se um raio explodisse no meu coração.

Estendo o braço e agarro seu suéter, puxando-o para mais perto enquanto ele avança, e minha boca se abre sob a dele ao mesmo tempo que eu me apoio na porta do quarto.

É alívio puro, imprudente e inebriante, mas a coisa mais natural do mundo. Isso não é só como um beijo deve ser. É o que inspira as músicas com as quais patinamos, este sentimento de saber que é certo, saber que

essa é a pessoa com quem você deve estar. E, quando os braços dele envolvem meu corpo, quero ficar desse jeito para sempre, e essa é a coisa que me derruba de volta para a Terra, porque não podemos.

Não podemos fazer isso.

— Freddie. — Consigo arquejar quando os lábios dele saem dos meus para minha mandíbula. — A gente... não pode.

Ele solta um grunhido, levando a testa ao meu ombro.

— Merda — xinga, a voz rouca. — Me desculpa. Eu não deveria... merda.

— Não, e-eu que peço desculpas — gaguejo, e faço um gesto vago para a porta atrás de mim enquanto ele se afasta, recuando. O suéter desliza pelos meus dedos, e tudo que eu quero é puxá-lo de volta para mim.

— Eu tô indo. — Freddie consegue dizer, e endireita os ombros antes de quase tropeçar nos próprios pés quando se vira para atravessar o corredor.

Eu o vejo partir, porque talvez a determinação dele se rompa, talvez ele mude de ideia, dê meia-volta, venha até mim e me beije até eu perder os sentidos... de novo... e a gente vai só resolver o resto depois, descobrir um jeito de contar para Riley e descobrir como acabar com essa farsa ridícula que estou vivendo. Porque... aquele beijo? Aquilo foi tudo que eu sempre quis, e muito mais. Estou tonta do melhor jeito possível. Quero fazer isso de novo e depois contar tudo para ele: como eu me sinto, como me senti durante muito tempo, mesmo após sua partida.

Então Freddie chega à porta do próprio quarto e me lança um último olhar antes de abri-la e desaparecer. Espero um segundo e depois outro. Talvez ele mude de ideia; talvez, se eu esperar só mais um segundo, ou dez, ou cem, ele vá sair de novo.

Ou talvez não.

## Capítulo 19

— POXA, ADRIANA! — GRITA BRAYDEN depois de outro levantamento abortado no meio do nosso ensaio do programa. O rinque de treinamento está quase vazio e a voz dele ecoa por todo o ambiente: — Eu *não* vou derrubar você.

Eu me afasto dele e vou na direção do espaço aberto.

— Seus braços estavam tremendo.

— Porque você não travou o corpo. É tipo tentar erguer uma cobra serpenteando.

Só precisamos treinar um programa agora. A coreografia de GOT sempre foi difícil, mas agora parece impossível. Toda vez que Brayden tenta me levantar, sinto uma instabilidade, como se eu estivesse prestes a cair de cara no gelo e ele não fosse me segurar. E provavelmente é culpa minha. Depois de ontem, parece tudo errado. Preciso contar o que aconteceu com Freddie. Guardar segredo, mesmo que só de um dia para o outro, está pesando no meu peito.

— Já chega! — ordena Camille, patinando na nossa direção. — Vocês parecem crianças.

— Nós somos crianças — resmungo, petulante, mas o olhar com que Camille me fulmina é o suficiente para me calar.

— Você — diz ela, e aponta para Brayden, depois joga o polegar para trás —, já pro chuveiro. Chega por hoje.

Brayden joga os braços para cima, frustrado, mas depois sai sem protestar.

— E você... — Ela se vira para mim. — Precisamos conversar.

Deslizamos para fora do gelo e vamos para a arquibancada adjacente. Camille espera até Brayden desaparecer no vestiário e então ergue as sobrancelhas. Ela não pergunta, apenas espera.

Eu finalmente cedo, nem que seja só para me livrar de uma vez desta conversa.

— O que você quer que eu diga?

— Quero que você me diga o que raios está acontecendo. Não dá pra entender como uma dupla que quebrou o recorde mundial alguns dias atrás está se apresentando *desse* jeito. Não sei nem que palavra usar pra isso. Nunca vi nenhum de vocês patinar tão mal.

— Valeu, treinadora, muito inspirador.

— Adriana, isso é sério.

— É a única coisa que eu faço: levar as coisas a sério — resmungo.

— O quê?

Balanço a cabeça, indisposta a ir por esse caminho. É real demais.

— Nada. Eu tô bem.

— Você não está bem e o Brayden tem razão, é você que não está confiando nele. Aconteceu alguma coisa entre vocês dois?

— Não, não é nada disso, é só... Não posso te contar.

— Se você não me contar, não vou poder te ajudar.

Suspiro e enfim cedo um pouquinho.

— Eu sei.

— Então você precisa resolver isso. — Eu a encaro, contrariada, e ela ergue as mãos em derrota. — Porque patinar daquele jeito é inaceitável e, francamente, perigoso.

— E se eu não conseguir?

É ela quem suspira desta vez.

— Então é melhor começar a procurar outro parceiro.

Meu estômago afunda e se retorce, e sinto o gosto de bile na garganta só de pensar. Outro parceiro. Não quero outro parceiro. Brayden e eu somos ótimos juntos... éramos ótimos juntos. Agora? Quem é que sabe o que nós somos? E isso é culpa minha. Eu quebrei nossa regra.

Camille dá tapinhas carinhosos no meu joelho e se levanta.

— Você vai ver a competição feminina hoje à tarde? — pergunta ela.

— Vou, claro que vou.

— Ótimo. Vai ter um jantar de família nesse meio-tempo, antes da final da Maria e do Charlie. Convidei o Brayden mais cedo, antes de saber, bom, antes de a gente conversar. Espero que não tenha problema.

Aceno com a cabeça.

— Tá tudo bem — digo, embora não faça ideia se está mesmo, e então Camille me deixa com meus pensamentos.

Está um dia razoável lá fora, então não me dou ao trabalho de pedir um carro de volta para o hotel. Quero um banho quente e me arrumar para a competição feminina à tarde. Katya e Gillian estão na oitava e décima posições depois do programa curto, mas ainda quero estar lá para dar apoio enquanto patinam.

Temos sido uma equipe durante tudo isso e ainda somos uma.

Maria não está no quarto quando eu volto. Ela está no ringue com Charlie e o treinador deles, se preparando para a final das duplas hoje à noite. Tomo um banho rápido e prendo o cabelo molhado em um coque. Não tenho tempo de secá-lo, mas, se eu o deixar preso por algumas horas, vou ter cachos decentes quando o soltar.

Estou verificando minha bolsa, para ter certeza de que meu celular e a chave do quarto do hotel estão lá, quando ouço uma batida à porta. Checo pelo olho mágico e quase solto um grito ao ver apenas o topo de uma cabeça com tranças balançando sobre um par de ombros.

Abro a porta com tudo e dou um gritinho quando Riley, com um sorriso enorme no rosto, se inclina para a frente sobre as muletas e me abraça.

— Achei que você ia sair só amanhã de manhã!

— Esses dois me tiraram de lá — diz ela, apontando com a cabeça para Ben e Jimmy, logo atrás.

— Podem entrar, eu tô quase pronta.

— Você vai se sentar com a gente, né? — pergunta Riley, passando por mim.

Os garotos parecem hesitar, mas enfim a seguem.

— Vou — respondo. — Tenho que ir a um jantar de família depois, mas, tipo, é óbvio.

— Ah, é. Meu pai foi convidado e vai me fazer ir também. Sem ofensa.

— Tranquilo. Fico feliz que você vai estar lá comigo.

— Eu também — diz Riley. Então ela pergunta, bastante inocente: — O Brayden vai se sentar com a gente agora?

— *Hã*, não, acho que não.

Riley me lança um olhar questionador, que eu ignoro, ajeitando os braceletes nos meus pulsos como distração.

Jimmy confere o próprio celular.

— A gente também tá esperando o Freddie. Ele disse que vem e vai encontrar a gente na recepção — explica ele, mas olha para mim ao fazer isso.

— Ah, beleza — falo, tentando manter a voz estável, mas fracasso espetacularmente.

A recepção do hotel está sempre agitada, mas, com as competições do dia, parece Fenway antes de um confronto entre os Sox e os Yankees.

Nós nos acomodamos em duas poltronas e um sofá, observando o vaivém das pessoas, enquanto pergunto a Riley sobre a data da cirurgia e por quanto tempo os médicos acham que ela vai ficar afastada, quando, por fim, o elevador apita e Freddie sai, acompanhado de Georgia e Harry.

Nós nos levantamos e os olhos dele nos encontram quase que de imediato, até que ele faz uma expressão de choque, boquiaberto ao ver Riley. Atravessa a recepção a poucos passos largos e a ergue nos braços. O alívio de Freddie é palpável, e sinto uma fígada no peito ao ver a cena. Os dois ficam bem juntos, e de repente me sinto tão culpada que quero soluçar um pedido de desculpas para Riley bem aqui, no meio da recepção do hotel.

Obviamente, ela não pode caminhar até a arena, então chamamos dois táxis. Ben segura as muletas para Riley, que desliza para dentro do carro, seguida por ele.

— A gente pega o próximo — diz Jimmy ao perceber que não sobrou espaço.

Nós três nos apertamos no carro seguinte, comigo no meio, mesmo que Jimmy seja mais baixo que eu, e vejo que a lateral do meu corpo está quase toda encostada em Freddie.

— Desculpa — murmuro.

— Sem problemas — responde ele, abrindo um sorriso acanhado, e eu inclino a cabeça, confusa.

Ele está flertando? Mesmo depois de tudo que aconteceu noite passada?

Por que isso tudo é tão confuso?

A viagem é curta, e entramos pela passagem usada por atletas, treinadores e imprensa com bastante facilidade, enquanto as filas de torcedores dão a volta na arena.

— Aí estão vocês — diz Elisa quando entramos.

Pisco para ela, confusa. Minha irmã não parece feliz, embora eu não faça a menor ideia de por que estaria brava.

— Pessoal, só um segundo. Encontro vocês na arquibancada.

— Você vai se sentar com eles? — pergunta ela.

Ainda que pareça uma pergunta, não é. É um julgamento.

— Com meus amigos, sim. O que você quer?

— O Charles queria conversar sobre uma entrevista que ele precisa que você e o Brayden gravem.

— E você achou que tinha que me lembrar? — retruco, como se fosse algum tipo de resposta sagaz.

Elisa revira os olhos.

— Tanto faz, Adriana.

— Tá bom, beleza. Vou sentar com meus amigos. Diz pra ele que a gente vai gravar hoje à noite, depois das duplas.

— Pode deixar. — Elisa dá de ombros depois de dar meia-volta com as botas novinhas da Dior e sair andando.



Katya e Gillian não estão nem perto de uma medalha, mas isso não significa que não nos matamos de torcer pelas duas quando apresentam seus programas. Porém, meu maior interesse é em uma das patinadoras russas. Uma das garotas patina um Axel quádruplo, uma das primeiras mulheres — bom, garotas, na verdade, já que ela mal tem 13 anos — a tentar essa técnica. São quatro rotações e meia, que ela não chega a completar, mas é por pouco, e continua de pé. E não é a única patinadora da categoria juvenil a fazer um salto quádruplo. Quase desejo estar ao lado de Elisa, só para ver sua reação. Ela não ganhou uma medalha em Pequim e agora tem um monte de jovens chegando atrás dela que conseguem saltar desse jeito. É loucura.

— Aposto que eu poderia fazer um quádruplo — murmura Riley, e todos nós nos viramos para ela, horrorizados. — Piada ruim, foi mal! Cedo demais?

Balanço a cabeça e rio, assim como o resto do grupo.

— Vamos — digo, quando a plateia começa a diminuir. — A gente tem que ir pro, sei lá, isso é jantar ou almoço? São, tipo, três da tarde?

— Seja lá o que for, não vai ser comida de hospital, então eu tô dentro — fala Riley, e nós nos despedimos dos garotos.

No fim das contas, o jantar é no mesmo restaurante em que Freddie e eu esbarramos no outro dia, e o maître até me reconhece. Coro ao me perguntar se ele se lembra de como o jantar terminou, mas o maître só diz “Ah, mademoiselle” quando meu pai dá o nome dele para a reserva.

— *Bienvenue*.

O grupo olha para mim, mas dou de ombros e abro um sorriso despreocupado. Camille, porém, estreita os olhos, e, enquanto somos conduzidos a uma mesa, ela para ao meu lado.

— Você já comeu aqui antes? — pergunta. — Teria sido isso aquele dia em que você desapareceu por horas e quase me fez ligar para a polícia te procurar?

— Não seja dramática — sussurro, e me certifico de que Riley não está me ouvindo. — O Freddie e eu saímos pra dar uma volta e comemos aqui. Nada de mais.

Camille se senta ao meu lado, e Riley do outro, e é um dos jantares em família mais agradáveis que tenho em muito tempo.

Não comi muito durante o dia, então não hesito em pedir o coq au vin e saborear cada pedaço. Até tiro uma foto do meu prato e marco o restaurante quando posto. O mínimo que posso fazer, com os quase quinhentos mil seguidores que tenho agora, é dar visibilidade para um restaurante incrível.

A sobremesa já está a caminho quando meu pai se vira para Charles e pergunta:

— E como é que andam as negociações com a Nike?

Charles balança a cabeça e sorri.

— Um pouco paradas. Brayden e Adriana poderiam ser um pouquinho mais ativos nas redes sociais, isso com certeza vai ajudar a causa. Eles ficaram impressionados com a apresentação de vocês na outra noite, isso é certo, mas vão querer aquela medalha de ouro pra retomarem as conversas.

Não é nada que já não ouvimos Charles dizer antes, mas, de repente, as implicações de eu não conseguir entregar uma coreografia perfeita

com Brayden parecem significar muito mais. Preciso conversar com ele. Hoje à noite, depois da competição de duplas. Vamos conversar, resolver a situação e entrar nos eixos.



— *Médailles de bronze, des États-Unis d'Amérique, Maria Russo et Charles Monroe!*<sup>\*</sup>

Nosso setor irrompe em gritos de entusiasmo. Não tinha pensado muito nas chances que minha irmãzinha e o parceiro tinham neste Mundial, mas eles arrasaram no programa livre e desbancaram por pouco uma dupla do Canadá na disputa pela medalha de bronze. Então já são um ouro e um bronze para a equipe americana até aqui, restando Brayden e eu para competir amanhã à noite.

Meu estômago revira quando penso na medalha que falta nesse conjunto. Uma de prata.

Será que uma medalha de prata seria tão ruim assim?

Não. Uma medalha de prata não é ruim, mas, quando você dá um passo para trás e olha para o quadro geral, a vantagem que abrimos, as expectativas dos nossos treinadores e patrocinadores em potencial, além das nossas próprias, uma prata não seria o que viemos conquistar aqui. Significaria que não acertamos a dança livre do jeito que somos capazes, ou pelo menos do jeito que costumávamos ser capazes antes de tudo ruir.

É culpa minha. Sou eu que estou com a cabeça fora do lugar. Preciso mesmo conversar com Brayden.

Quando voltamos para o hotel, a cafeteria ligada à recepção já virou um bar, e parece que todo o mundo da patinação artística juvenil convergiu para aquele espaço pequeno.

Nosso grupo conseguiu arranjar uns lugares no canto. Ben presenteia todos com o que parece uma reconstituição completa de quando ele lesionou o joelho há dois anos, uma história que já ouvimos dezenas de vezes, mas é Ben, então tudo certo.

Falta uma pessoa, porém, e meus olhos vasculham o cômodo à procura dele, até que enfim o encontro, do outro lado do espaço, sentado

com a irmã e o cunhado e conversando com alguém que reconheço vagamente como um treinador canadense. Ele deve sentir meu olhar, porque não demora muito para erguer a cabeça e fazer contato visual, o que me faz perder o ar.

Por que Freddie tem que ser o parceiro da Riley? E seria de grande ajuda se ele pudesse parar de olhar para mim desse jeito. Ou, sabe, se pudesse olhar para mim desse jeito para sempre. Qualquer uma dessas duas coisas serve.

Enfim consigo me arrancar dali e procurar por Brayden. Ele está sentado com Charles no canto oposto, perto de onde a recepção se abre para a cafeteria ou o bar, ou seja lá o que isso for, e vou na direção dos dois. Nem finjo ser sutil.

— Desculpa interromper, pessoal, mas posso te roubar por uns minutinhos, Brayden?

Ele ergue as sobrancelhas e dá de ombros.

— Beleza.

Charles abre um sorrisinho para nós, como se eu estivesse roubando Brayden por um motivo completamente diferente.

Não há quase nenhum lugar silencioso aqui dentro, então caminho pelo espaço agitado, costurando pelos grupos de pessoas que riem e bebem, em geral de todo alheias e se divertindo.

Enfim saímos do hotel. O ar está gelado, mais frio do que nos outros dias desde que chegamos. Estremeço, mas me viro para Brayden, determinada.

— A gente precisa conversar.

— Precisa mesmo — concorda ele.

— Me desculpa pelo jeito que eu tô agindo nos treinos. Não vai acontecer de novo.

Ele balança a cabeça e depois solta um suspiro pesado.

— Ótimo.

— Ótimo — concordo, e talvez seja fácil assim. Nós só concordamos e seguimos em frente. — A gente deveria voltar pra festa lá dentro, antes que alguém sinta a nossa falta.

Eu me viro, mas a voz de Brayden me detém.

— Sabe, se você só me contasse a verdade, a gente não estaria nessa bagunça.

Giro outra vez para encará-lo, mas não posso negar. Brayden está certo. Eu ando mentindo para ele. Quebrei nossas regras e não assumi o erro. É, está na hora de dar a cara a tapa.

— Há quanto tempo você tá apaixonada por ele?

E *não* era isso que eu achava que ele ia dizer.

— O quê... eu não... — Não consigo me forçar a terminar a frase. — Como...

— Sei que essa história toda de fama é novidade, Adriana, mas patinar num rinque público nos braços de outro cara no meio de um campeonato importante de patinação? Alguém ia te ver.

— Não é...

— Não tá na internet — explica Brayden, me interrompendo. — Um dos caras da equipe canadense viu você e me mandou uma foto. Ele é gente boa demais pra postar. Até me fez vê-lo deletar a foto do celular.

— Graças a Deus.

— Então, você ia me contar?

— Eu ia... eu só... — Paro e respiro fundo. — Eu *ia* te contar a respeito. Só que eu meio que perdi a coragem. Isso... isso não importa.

— Então você não tá namorando o Freddie?

— Não.

— Mas você quer namorar ele?

— Eu... como eu disse, não importa.

— Não, Adriana. Importa sim. Será que você não entende mesmo, depois de todo esse tempo?

— Não entendo o quê?

— O que eu sinto por você?

Ah.

Ah, Deus.

— O que... — Engulo o pânico.

Eu pensei, eu torci, quando ele me convidou para jantar no avião, que tinha sido apenas um erro idiota, uma coisa isolada que a gente poderia ignorar, mas parece que não? Minha nossa, sou tão idiota por tentar acreditar no contrário.

— Há quanto tempo você... — começo a falar.

— Há tempo o bastante — corta ele.

— Brayden, isso é...

— Ridículo? É, eu sei.

— Você *vive* falando sobre as suas ficadas, sobre os seus planos, sobre as festas a que você vai.

— E pras quais eu *sempre* te convido. Sempre. O que você achava que isso significava?

— E-eu não... eu não...

— Tá tudo bem, Adriana. De verdade.

— Não tá — argumento. — Brayden, me des...

— Não — interrompe ele. — Não precisa pedir desculpas, tá tudo bem. Vem, a gente tem uma entrevista. O Charles marcou logo depois disso pra agradecer todo mundo que tá assistindo em casa.

É, definitivamente não está tudo bem.

## **Nota**

\* “Os medalhistas de bronze, dos Estados Unidos da América, Maria Russo e Charles Monroe!”, em tradução livre. (N.E.)

## Capítulo 20

— *EU SOU UMA MEDALHISTA* mundial — diz Maria pelo que deve ser a centésima vez desde que apagamos as luzes do nosso quarto de hotel para dormir.

Já passa das duas da manhã e estou feliz por ela, mas preciso acordar cedo amanhã.

Brayden e eu sobrevivemos àquela entrevista, mas foi por pouco. Felizmente, foi pelo telefone, então o repórter do outro lado da linha não nos viu sentados em pontas opostas do quarto de Brayden, sem mal olhar um para o outro enquanto murmurávamos respostas para as perguntas típicas que antecedem as competições. Além disso, como era para uma revista de patinação artística, a maior parte da entrevista focou na parte da patinação e não envolveu nossas vidas fora do gelo. Só que não tem a menor chance de a gente conseguir evitar isso para sempre. Em algum momento, alguém vai nos perguntar e não faço ideia do que vou dizer. Sem falar que temos que sair e competir para valer amanhã, de alguma forma, depois de tudo. Será que um relacionamento consegue se recuperar quando uma pessoa não é correspondida ou está condenado para sempre?

Porque o sentimento não é correspondido. Sei disso com certeza. Talvez, se Freddie nunca tivesse voltado para minha vida, aí fosse possível, mas ele voltou, e agora eu sei como é a sensação e não tem como comparar. Não chega nem perto.

Mas pode ficar tudo bem. Maria passou anos apaixonada por Charlie, e agora eles estão bem. Foram lá hoje e arrasaram no gelo. Então talvez Brayden só precise de tempo? Tempo para curar a ferida? Tempo para superar seja lá o que for que ele sente por mim?

Só que não temos tempo.

Temos umas — checo o relógio — dezoito horas, boa parte das quais eu deveria passar dormindo.

— Você é uma medalhista mundial — repito para minha irmã mais nova, e me remexo no colchão, tentando achar uma posição confortável. — Você foi muito bem hoje.

— É esquisito a medalha estar debaixo do meu travesseiro?

— Não — sussurro, puxando as cobertas para mais perto do queixo e sentindo as pálpebras começarem a se fechar. — É normal.

— Quer dizer, nós ficamos em terceiro e ainda temos mais um ou dois anos na categoria juvenil. Talvez até lá já vamos estar prontos pra Milão em vez de esperar outro ciclo olímpico. Tipo, você e o Brayden nem medalharam ano passado e olha onde estão agora. Vocês são superestrelas. A gente vai ficar tão *famoso*. Conversei com o pai do Charlie sobre patrocínios na festa hoje e ele disse que vai avaliar a possibilidade. Dá pra acreditar?

— Dá sim — respondo. — Vocês deram duro. Vocês merecem.

— Talvez ele consiga falar com a Nike sobre a gente também. Quer dizer, se eles vão assinar um contrato com uma irmã Russo, por que não iam querer outra? Todo mundo sabe que as pessoas ligam mais pra patinação em duplas do que pra dança no gelo. Sem ofensa, mas é a verdade. Fico imaginando o que mais o Charles pode arranjar pra gente. Aqueles patrocinadores cheios de grana amam atletas olímpicos. A gente nunca mais ia ter que se preocupar com dinheiro.

Estou caindo no sono e ela continua falando, mas essa é a última coisa que escuto e a primeira da qual me lembro quando meu alarme dispara oito horas depois. Eu posso não conseguir fazer nada a respeito do desastre total que minha vida pessoal se tornou, mas a parte dos negócios? Com isso eu sei lidar. Ou pelo menos tenho que tentar. Se as últimas semanas me ensinaram uma coisa, é que só existe uma pessoa responsável pela minha felicidade, e essa pessoa sou eu. E me recuso a deixar que o que aconteceu com Elisa aconteça comigo também. Amo meu pai, mas meu dinheiro não é dele e preciso garantir que isso fique claro.

Não me importo em ajudar com as despesas, mas, depois do que aconteceu no restaurante, preciso que aquelas contas fiquem no meu nome apenas. Chega de emprestar meu cartão para depois usá-lo e ter a transação negada porque Elisa decidiu que precisava de um vestido novo ou papai resolveu fazer a festa na Brooks Brothers. E, assim que isso

estiver resolvido, vou poder focar na única coisa que deveria importar hoje: Brayden e eu vamos pisar no gelo à noite e levar para casa uma medalha de ouro.

Mas um problema de cada vez.

Maria já está acordada e na ativa, com a medalha de bronze no pescoço enquanto vasculha a mala.

— Preciso escolher o que vou usar na festa hoje à noite?

— Na festa?

— Depois que você e o Brayden ganharem, é óbvio.

— Você diz isso como se fosse garantido.

— Falsa modéstia não é legal.

O que ela não sabe é que não se trata de falsa modéstia. Nem um pouco. Nós superamos um recorde mundial outro dia, mas isso continua sendo dança no gelo, e sem uma dança livre excelente não tem como ganharmos o ouro. Não existem garantias neste esporte.

Saio da cama e vou direto para o chão para começar a me alongar. No canto, minha mochila de patinação já está pronta, e meu figurino está no porta-traje. Tudo está preparado. Vamos sair rumo à arena daqui a algumas horas, mas, primeiro, preciso falar com Charles. Mando uma mensagem rápida para ele e peço que me encontre na cafeteria em uma hora, e ele responde com um emoji de positivo.

E já está lá, esperando a uma mesa, quando eu chego.

— Bom dia — cumprimento e me sento, depois peço uma toranja e um café. — Parabéns pelo bronze do Charlie, aliás. Eles foram incríveis, não foram?

— Foram mesmo — concorda Charles, e sorri. — Meu filho é um bom menino, e ele e a Maria parecem combinar um com o outro.

— Não é a parceria mais estranha que eu já vi.

Ele ri.

— Justo. Enfim, antes de começarmos, queria te dizer o quanto sou grato por como você tem sido gentil com a Riley, não só aqui em Paris, mas durante os treinamentos. Sei como este mundo é difícil e competitivo...

— A Riley é minha amiga — digo, interrompendo-o e tentando esmagar a culpa que mantive fora da mente nas últimas semanas.

Que bela amiga eu sou, beijando o cara de quem ela gosta.

— Eu sei. Mesmo assim, já houve casos em que a amizade ficou em segundo plano na patinação artística — observa ele, erguendo as mãos um pouco. — Enfim, o que posso fazer por você esta manhã?

— Quero que meu dinheiro vá para uma conta separada que esteja só no meu nome.

— Acho que é um caminho prudente para você, mas não sei se é possível. Seu pai tem direito a controlar suas finanças até você fazer 18 anos, embora possamos criar um fundo legal. Ele não teria acesso à grana, mas nesse caso você provavelmente também não até completar a maioridade legal. — Ele pausa, depois franze os lábios. — É claro, também existe a opção da emancipação.

Charles diz isso de um jeito tão casual, como se não fosse uma coisa enorme eu me separar da minha família. Provavelmente teria que sair de Kellynch, porque não consigo *imaginar* meu pai levar numa boa eu continuar patinando lá depois de algo desse tipo. E eles são minha família. Mas Charles conhece minha família há anos e talvez entenda minha situação melhor do que ninguém. Além disso, ele é pai. Um bom pai. Se essa é a solução que está sugerindo, então talvez eu deva pensar a respeito?

Claro, tem algumas coisas que eu mudaria no meu pai e na minha irmã, e talvez nós não sejamos o grupo mais unido e carinhoso, mas os dois são minha família. Se houver um jeito de evitar uma quebra total, quero tentar isso primeiro.

— Eu... não quero fazer isso, pelo menos... não ainda. Você pode ver essa coisa do fundo primeiro?

— É claro.

— Obrigada.

— Se isso for tudo, tenho uma reunião com os representantes da Nike em nome de vocês agora de manhã.

— Isso é tudo — digo.

— Boa sorte hoje à noite, se bem que acho que vocês não vão precisar.

— Mesmo assim, eu aceito.

Maria ainda não se trocou quando volto para o quarto.

— Onde é que você tava?

— Tive uma reunião com o Charles pra garantir que meu dinheiro vá pra onde precisa ir. Você também deveria falar com ele sobre isso, na verdade, quando ele arranjar aqueles patrocínios que você mencionou. Eu não ligo de ajudar com as contas e tal, mas essa grana não é pros surtos consumistas da Elisa.

Maria bufa e assente.

— Vou pedir pro Charlie conversar com ele sobre isso por nós.

— Ótimo.

— O que você acha?

Ela dá um giro com uma camisa de paetês na cor bronze e calça jeans branca feito neve que combina com o branco da fita grossa da medalha.

— Você trouxe uma camisa bronze?

— Trouxe uma dourada, uma prateada e uma bronze, sabe, só por garantia.

— Bem pensado.

Maria abre um sorriso um pouco grande demais para um elogio tão pequeno, e resolvo que vou elogiá-la mais no futuro. Sei o quanto ela se sente ignorada às vezes.

Ouçõ alguém bater à porta e reconheço a batida, o que é ridículo, mas, quando você conhece alguém há bastante tempo, acaba aprendendo coisas estranhas como essa sobre a pessoa. Brayden bate com firmeza, quase impaciente, como se fosse socar a porta se você não abrir em alguns segundos.

— Pronta? — pergunta ele quando abro a porta.

— Como se alguma hora eu fosse estar.

— O que é que você quer dizer com isso? — rebate ele.

Balanço a cabeça.

— Nada. Vamos lá.

É, isso vai dar muito certo.



O rink de treino está agitado quando chegamos. Falta apenas um evento, a final da dança no gelo, mas amanhã os vencedores de todas as

modalidades vão fazer uma apresentação de gala para celebrar o encerramento do Campeonato Mundial. Por isso, vários dos atletas estão por aqui para ensaiar suas apresentações. É uma das coisas que são peculiares à patinação artística: ter uma coreografia divertida preparada para celebrar o esporte e não para competir. Brayden e eu patinamos ao som da música de encerramento de *Grease*, e a coreografia é tão *camp* e exagerada que é um prazer patinar.

Só que isso é para amanhã.

Hoje é tudo sobre GOT e garantir que cada detalhe saia perfeito aos olhos dos juízes. Tenho apenas uma coisa na cabeça enquanto nos aquecemos, patinando em padrões simples em preparação para o treino. Nem estou preocupada com minha expressão hoje. Depois de tudo que aconteceu, canalizar a emoção não vai ser um problema. Estou mais preocupada em contê-la, ter certeza de que nada dessa bagunça se derrame no gelo. Precisamos ficar no controle. Nossa primeira tarefa é acertar aquele levantamento, o que causou tanto estresse nos últimos dias. Se conseguirmos acertar isso no começo do treino, com sorte todo o resto vai se encaixar.

E é exatamente isso que Camille pede quando começamos.

— Me mostrem o levantamento em segurança e seguimos daí.

Brayden e eu patinamos juntos, ganhando o impulso que teríamos se estivéssemos no meio do programa, e, quando começo a deixar que ele sustente meu peso, ele desiste por completo, sequer tenta.

— O que foi isso? — pergunto, patinando de volta para ele.

Brayden está com as mãos nos joelhos e ofegante, embora nós mal tenhamos começado o treino. Ele ergue a cabeça um pouco, e dá para ver que há uma espécie de pânico nos olhos dele.

— Brayden, você se machucou? Qual é o problema?

Ele balança a cabeça e inspira na tentativa de se acalmar, dando um giro para longe de mim.

— Vamos tentar de novo.

É o que fazemos, e desta vez ele consegue me erguer um pouquinho mais, porém não muito, e me coloca sobre o gelo de novo, antes de sair patinando para longe, com as mãos na cintura.

— Merda! — grita, e a palavra ecoa pelo gelo até cada outro atleta e treinador no rink.

— Você vai conseguir fazer isso? — murmuro para ele.

Se Brayden não conseguir, eu preciso saber.

— Eu tô bem. Eu consigo. Vamos de novo.

— A gente precisa acertar esse levantamento se quiser vencer. Se você acha que não consegue, precisa me contar.

Ele me lança um olhar fulminante.

— Eu disse que tô bem.

— De novo — ordena Camille —, mas não vão se matar, hein?

— Vai — digo, os dentes cerrados. — Resolve isso aí.

Eu nem sei se estou falando com ele ou comigo mesma. Talvez seja com nós dois, mas, se Brayden não conseguir me erguer, então já era. Os últimos dois anos terão sido em vão. Abrir mão de patinar com Freddie terá sido em vão.

— Brayden — digo quando minha mão vai até a dele, na posição de início para o levantamento. — A gente consegue.

— É — responde ele, nervoso.

— Tô falando sério — reforço, erguendo os olhos para ele, apertando sua mão com força. — A gente consegue. Você e eu, lembra? Até o fim.

Brayden me encara por um segundo e depois outro, sustentando meu olhar, que se mantém firme. Preciso que ele saiba que eu ainda acredito em nós dois, mesmo que não seja do jeito que ele quer.

Brayden suspira e depois fecha os olhos.

— É, até o fim — concorda.

Quando abre os olhos outra vez, seu olhar está mais suave, porém focado.

— A gente vai acertar isso — afirma.

Deslizamos pelo gelo, unindo as lâminas dos nossos patins, e então as mãos dele envolvem minha cintura e, com um impulso, eu subo em seus braços, no ar, a pegada firme, a sustentação sólida, e solto um suspiro quando Brayden me põe no chão de novo.

Aí está.

Foi perfeito.

— Perfeito! — grita Camille para nós. — Agora de novo!

E é o que fazemos, três vezes até eu me sentir bem e, talvez mais importante, até Camille ter certeza de que nossa inabilidade de executar

o movimento era só uma maré de azar temporária. E talvez fosse, talvez dê tudo certo na competição, mesmo com toda essa baboseira entre nós.

Não, isso não é justo. Não é baboseira. É só... demais. Talvez eu não tenha percebido o que Brayden sentia e, sim, talvez eu ande evitando pensar demais no assunto porque é assustador para caramba. Se ele se sente dessa forma e eu não... como a gente supera isso no longo prazo? Será que é possível?

O ringue de treinamento é vizinho da arena, e, depois que encerramos o treino e fazemos um almoço leve, em completo silêncio, apenas atravessamos a rua com os outros patinadores e seus treinadores. A competição vai começar em alguns minutos, mas, com vinte equipes na disputa, ainda vai demorar um pouco para pisarmos no gelo. Na dança livre, as equipes competem de trás para a frente e, já que estamos na primeira posição, seremos os últimos.

Quando entramos na arena e atravessamos os túneis rumo aos vestiários, a apresentadora está anunciando os juízes para a plateia, que aplaude educadamente.

Parece que nem todos os fãs chegaram ainda, o que eu não entendo. Quem compra ingressos para ver algo e depois não aparece?

E minha capacidade de distração acaba aí. Porque quem se importa se as pessoas chegaram na hora quando há coisas bem mais importantes nas quais devo focar? Tipo o programa que preciso apresentar.

Amor e traição — é sobre isso que é nossa coreografia, e já estourei minha cota dessas coisas nas últimas semanas. Parte de mim prefere voltar para quando eu não entendia exatamente o que minha personagem devia estar sentindo, mas tenho a noção de que, apesar de isso tudo ter sido uma droga, pelo menos vou poder usar esses sentimentos para uma boa causa, e minha performance vai ser muito melhor por esse motivo. Talvez, com sorte, eu deixe os juízes fascinados e, talvez, faça o público derramar uma ou duas lágrimas?

Parte do trabalho de ser um patinador é saber como matar tempo, e ao longo dos anos me tornei especialista nisso. Minha rotina é simples: faço alongamento, medito, escuto uma playlist de música clássica que me acalma, repito. Então, conforme a apresentação se aproxima, acrescento nossa música e repasso algumas partes da coreografia, mas continuo alternando entre me alongar e meditar. Em algum ponto no meio disso

tudo, perco a noção do tempo e tudo se combina até Camille bater à porta para avisar que está na hora.

Brayden e eu vestimos nosso figurino e eu faço o cabelo e a maquiagem. Até agora, passei a carreira toda competindo com o cabelo preso, mas, para interpretar esta personagem, a rainha dos dragões, meu cabelo precisa estar solto. Prendo as laterais para não caírem no rosto, mas deixo o resto dos cachos se espalhar sobre as minhas costas.

A música dos últimos competidores da sessão termina e, alguns minutos depois, a dupla recebe suas notas e a apresentadora anuncia que o aquecimento do último grupo deve começar.

Quando me viro para Brayden, ele está vestido todo de preto, com um lobo prateado bordado no ombro.

Nossa aparência é tão intimidadora quanto estamos prestes a ser no gelo.

— Vamos lá — digo.

Estendo o punho para Brayden responder com um soquinho, o que ele faz, e aquele olhar suave do treino voltou. Agora eu sei que expressão é essa. Ele está apaixonado por mim e, se é isso que vai fazê-lo passar pelo dia de hoje, então talvez por ora não seja um problema.

Marchamos para fora do camarim e entramos na fila com os outros quatro casais que estarão disputando as medalhas. Eles são a única barreira entre nós e aquela medalha de ouro pela qual passamos a vida inteira treinando.

Depois que o gelo é limpo, podemos entrar no ringue para o aquecimento e para nos apresentarem ao público. Quando nossos nomes são anunciados, a parede de som que desce a arquibancada é incrível e me faz olhar de relance para Brayden, que abre um meio-sorriso para mim. Repassamos alguns dos nossos movimentos e twizzles, tomando o cuidado de não colidir com mais ninguém no gelo.

Então saímos enquanto a dupla em quinto lugar se prepara para começar o programa. Quando passamos pelo portão, vejo de canto de olho a seção onde nossa equipe está sentada. Charles, papai e Elisa estão na ponta das fileiras, com Gillian e Katya ao lado da minha irmã, mas meu olhar vai descendo e lá estão eles: Riley, Ben, Jimmy, Maria e Charlie, mas falta um rosto. Meus olhos varrem a seção, pensando que

talvez ele esteja sentado com Georgia e Harry, mas os dois estão na fileira atrás dos outros e nem sinal de Freddie, nem mesmo um banco vazio.

Ele não está aqui e... é, tudo certo. Eu entendo.

— Tudo bem? — pergunta Camille ao perceber a direção do meu olhar.

Desvio os olhos. Não importa o quanto eu encare, isso não vai fazer Freddie aparecer. Balanço a cabeça e sigo Camille, que me conduz pela cortina, para esperar as próximas quatro apresentações antes de eu pisar no gelo com meu parceiro e vencer essa coisa toda.

## Capítulo 21

— *C'EST LEUR DONNE UN score combiné de 177.78 et ils sont maintenant à la première place!*<sup>\*</sup>

Meus olhos se fixam na nota que aparece na tela, listada sob os nomes da dupla canadense que acabou de encerrar seu programa e agora sorri e abraça os treinadores no Beija e Chora, parecendo satisfeitos com a performance. E por que não estariam? Os dois estão em primeiro lugar, faltando apenas uma equipe.

Para o azar deles, somos os próximos.

— *Représentant les États-Unis d'Amérique, Adriana Russo et Brayden Elliot!*<sup>\*\*</sup>

Juntos, entramos no rink e erguemos as mãos para a multidão. O barulho que estão fazendo agora ainda é assombroso de tão alto e me causa um arrepio na espinha, do jeito que o gelo não faz há muito tempo.

No centro do rink, nos posicionamos de costas unidas e entrelaçamos os dedos à espera do início da música. As cordas da harpa são dedilhadas baixinho, então dois violoncelos se juntam a ela, e “Rains of Castamere” dá início ao medley, lenta e tragicamente.

Brayden e eu circulamos ao redor um do outro, unindo e depois soltando as mãos, para lá e para cá, nossas ações se espelhando até que um tambor ressoa ao longe e o rugido profundo da música-tema começa a crescer. Ele pega minha mão, me gira e me puxa para seus braços, então saímos deslizando pelo gelo enquanto eu me afasto para começarmos nossa sequência de twizzles, girando em sincronia perfeita, nosso jogo de pés tão agressivo e forçoso quanto a música. Quando chegamos ao outro lado do rink, nossas mãos se encontram outra vez e começamos uma valsa, desenhando um padrão perfeito no gelo antes do primeiro levantamento, um simples, comigo nos braços de Brayden enquanto ele gira.

A música alcança outro crescendo e depois recua quando meus patins atingem o gelo, e a faixa desacelera uma fração de segundo antes de voltar a crescer. Então finalmente chega à intensidade máxima, que vai até o fim, e cada parte de nossos corpos trabalha em conjunto para contar a história de Daenerys e Jon, e talvez, de algum modo, de Adriana e Brayden também. Quando a música chega ao seu ápice, vou para os braços dele, que me levanta, meus joelhos pressionando seu peito enquanto Brayden rodeia o gelo, me segurando na direção das vigas ao passo que eu me inclino para trás, de braços estendidos, e a plateia arqueja no momento certo.

Mas minhas pernas cedem um pouco, um deslize, nada relacionado à traição ou confiança; basta um movimento estranho do meu corpo e meu destino será o gelo, onde vou tombar de cabeça e perder os sentidos, talvez pior do que Riley, mas, em vez disso, Brayden segura minhas coxas com firmeza.

Ele está comigo.

Ele não vai soltar.

Então desço outra vez, tocando os patins no gelo, e encontro o equilíbrio, sã e salva, firme como sempre. A música está finalmente chegando ao fim, e damos um giro, na mesma posição que no levantamento, só que, desta vez, faz parte da coreografia quando caímos em conjunto e Brayden faz o gesto de me apunhalar com uma espada. Juntos, estamos no chão, ofegantes, quando a música termina. Faz-se silêncio por uma fração de segundo e a multidão retorna, vibrando mais alto do que nunca, de alguma forma, mas ainda consigo ouvir Brayden dizer:

— É disso que eu tô falando!

Eu rio, passando os braços ao redor do pescoço dele, que se levanta e me puxa consigo.

— Isso! — grita ele de novo, enquanto erguemos as mãos unidas para cumprimentarmos os juízes e a plateia.

Estão de pé, aplaudindo — os fãs, não os juízes; estes *jamais* fariam isso —, e fazemos questão de nos virar para cada sessão para oferecer a mesma quantidade de amor que eles nos deram esse tempo todo.

Depois de nos curvarmos uma última vez, Brayden me puxa para si de novo.

— Obrigado — murmura ele ao meu ouvido.

— A gente conseguiu — murmuro de volta, abraçando-o com firmeza.

Saímos do gelo com a plateia ainda vibrando, jogando bichinhos de pelúcia para nós, e vou direto até Camille, que está se debulhando em lágrimas, aquele choro feio e histérico de alegria. Ela me abraça com força e depois agarra Brayden, e ficamos os três balançando juntos por um instante.

— Vocês dois, isso foi *incrível*! — grita ela.

Tento recuperar o fôlego quando chegamos ao Beija e Chora, mas é quase impossível. Não pela coreografia. Pelo momento. As notas vão aparecer em um instante e eu não sei exatamente quais vão ser, mas sei que cumprimos o que nos propusemos a fazer.

— Eu quase caí por um segundo — comento quando nos acomodamos no sofá.

— É, eu senti. Mas te segurei — diz Brayden.

— É, segurou.

Pego a mão dele e a aperto com força quando a apresentadora interrompe a música que toca para entreter os fãs enquanto esperamos a nota.

— Notas, por favor — pede ela, soando quase como um robô.

— *Le score d'Adriana Russo et Brayden Elliot est de 104.32, ce qui les place à la première place de la danse libre, avec un score total de 179.81, un autre nouveau record du monde junior! \*\*\**

Meu cérebro ainda não consegue traduzir o francês, não por completo, mas a última parte soa familiar, então ergo os olhos para o placar e vejo:

RUSSO, A/ELLIOT, B. (EUA)  
ELEMENTOS TÉCNICOS: 53.11  
APRESENTAÇÃO: 51.21  
PONTUAÇÃO TOTAL: 104.32  
TOTAL: 179.81 (1)

Vencemos.

Putá merda.

Sempre foi o esperado que vencêssemos. Éramos os favoritos logo de cara, mas, depois de tudo pelo que passamos, depois dos altos e baixos impossíveis das últimas semanas, realmente conseguimos.

Não consigo respirar, porque estou espremida no meio do meu parceiro e da minha treinadora e acho que talvez esteja chorando? O que é insano e impossível, porque eu nunca choro. Nunca. Mas sinto lágrimas quentes escorrendo pelas bochechas, minha garganta está carregada e mal consigo respirar, e meu rosto deve estar todo manchado de delineador, mas não me importo nem um pouco.

— Sua mãe estaria tão orgulhosa de você — diz Camille, e sei que é verdade, o que só me faz chorar mais.

Quando enfim nos afastamos, as luzes na arena diminuem. A equipe do evento está desenrolando o tapete vermelho sobre o gelo e o pódio está em um canto, esperando por nós.

— Toma — fala Camille, enfiando uma caixa de lençinhos demaquilantes na minha mão.

Nossa, eu devo estar uma bagunça total. Corremos de volta para o vestiário, com todos por quem passamos gritando parabéns para nós ao longo do caminho. Logo antes de chegarmos ao nosso destino, através da visão desfocada, tenho a impressão de ver uma figura alta e de cabelo escuro desaparecendo pelo túnel longo em direção à saída, mas então chegamos à porta do vestiário e Brayden me conduz para dentro, para podermos nos arrumar para a cerimônia de premiação.

Será que era Freddie? Ele assistiu? Por que não ficou sentado na arquibancada com o resto da equipe?

Não tenho tempo para pensar a respeito, porque preciso dar um jeito no rosto para não parecer que passei os últimos minutos fungando, toda melecada. Penteio meu cabelo para trás quando olho no espelho e pego um lenço demaquilante para limpar os cantos da maquiagem do olho, o que dá um jeito nos principais problemas, e depois reaplico o batom. Só que preciso acabar logo, porque um homem com um *headset* está batendo à porta e falando um francês rápido, gesticulando para sairmos.

Brayden segura minha mão e caminhamos juntos de volta para a cortina preta que bloqueia o acesso ao ringue. Uma espécie de música de orquestra toca e parece o tema de uma batalha épica em um filme de fantasia.

A apresentadora anuncia os participantes da cerimônia de premiação, em grande parte uma mistura de nomes franceses, até que escuto “Walter Russo” e me ocorre, embora seja um pouco ridículo eu não ter percebido antes, que meu pai está lá fora e vai ser ele quem vai botar as medalhas ao redor do nosso pescoço.

Aperto a mão de Brayden com mais força, e ele devolve o gesto.

— Vai ficar tudo bem — diz ele, e eu acredito.

Além disso, este é o *meu* momento. Não o do meu pai.

— *Médaillés de bronze Vera Petrova et Alexi Volkov de Russie!*

— *Médaillés d’argent Rosalie Martin et Thomas Nelson du Canada!*

— *Médaillés d’or et nouveaux champions du monde juniors de patinage artistique Adriana Russo et Brayden Elliot!*\*\*\*\*\*

Entramos no ringue de mãos dadas, parando diante do pódio, onde acenamos para a multidão em polvorosa. Então é fácil. Um beijo em cada bochecha para os medalhistas de bronze e depois de prata, até que Brayden estende a mão e me ajuda a subir no pódio, subindo ele mesmo logo em seguida.

De peito erguido, esperamos o staff do evento chegar com as bandejas de medalhas, segurando-as para meu pai, que as coloca ao redor do pescoço dos russos e depois dos canadenses. A música de trailer de filme continua tocando quando ele se aproxima, mas todo o ar, o som e as pessoas parecem ser drenados do prédio, e ficamos só nós. Brayden abaixa a cabeça primeiro e papai coloca a medalha ao redor do pescoço dele, com um sorriso e um aperto de mãos firme.

Então ele se volta para mim e encontra meus olhos com firmeza, mas não parece que me vê, não de verdade.

Não que isso seja muito diferente do normal.

Só pensei que talvez, neste momento, as coisas não fossem ser como antes.

— Muito bem, Adriana — diz meu pai quando abaixo a cabeça para receber a medalha. — Muito bem mesmo.

Ele beija minhas duas bochechas e depois recua. O mundo volta ao eixo, com a música ainda tocando, a plateia ainda vibrando.

— *Mesdames et messieurs, veuillez-vous lever pour l’hymne national des États-Unis!*\*\*\*\*\*

“The Star-Spangled Banner” começa a tocar, como na vez de Ben no começo da semana, e tenho uma visão bem boa de onde nossos amigos estão sentados. Estão todos de pé, cantando a letra do hino, e eu faço o mesmo, focando na bandeira que sobe acima das outras na direção do teto, devagar e sempre, conforme a música cresce.

Murmuro as palavras para mim mesma, mas Brayden canta para valer, quase sempre fora do tom, e rimos quando a música chega ao fim e a multidão volta a vibrar.

Então somos conduzidos para fora do pódio, e alguém do staff nos leva para uma fileira de fotógrafos todos amontoados fora do gelo. Posamos com as medalhas erguidas, com as medalhas no pescoço, com os braços ao redor um do outro e com as bandeiras que nos deram para colocar ao redor do ombro. Então os canadenses e russos são dispensados e as fotos são só de nós dois, e os cliques e os flashes e as instruções, a maioria em línguas que eu não entendo, se misturam.

O moço da organização não nos deixa posar por muito tempo e, finalmente, encerra o pequeno ensaio fotográfico no gelo, gesticulando para sairmos do rink.

E é isso.

Acabou.

Tudo esse trabalho e acabou.

E o trabalho recomeça.

Temos um mês até o Mundial Adulto, isso se Charles estiver certo sobre o que a NFSC vai querer. E depois mais dois mundiais até Milão.

Não. Não, ainda não acabou.

Temos uma festa hoje à noite. Vamos comemorar e curtir o momento.

Curtir nossa vitória.

Mas, primeiro, a imprensa.

Pode ser só o Mundial Juvenil, mas a multidão de repórteres à nossa espera quando saímos do gelo é a maior que eu já vi me fazendo perguntas em qualquer competição, mesmo no Campeonato Nacional dos EUA, onde as pessoas costumam ficar curiosas sobre a filha de Walter Russo e a irmã de Elisa Russo, e tenho quase certeza de que isso se deve à nossa fama recém-descoberta.

Agora, porém, as perguntas são rápidas como tiros, a maioria em inglês, mas as que são feitas em outras línguas são traduzidas por

alguém da NFSC. Minha cabeça está girando, mas Brayden tem um sorriso charmoso e uma tirada rápida para todos.

Então, por fim, embora eu fique surpresa de não ter acontecido antes, um dos repórteres pergunta:

— Existe muita especulação de que vocês dois são um casal fora do gelo. Qual é o status do relacionamento de vocês? Estão namorando? Ou são apenas amigos?

Abro a boca, mas nenhuma palavra sai. Estamos fingindo há um tempo agora, mas nunca confirmamos nada *oficialmente* e, na bagunça dos últimos dias, eu só nunca pensei em uma resposta. Então Brayden se inclina para a frente e diz:

— Eu amo muito essa garota. Ela é minha melhor amiga, talvez minha única amiga *de verdade*, e confio minha vida a ela. Ela é minha parceira de patinação e não existe mais ninguém no mundo com quem eu gostaria de patinar, não importa o que aconteça. Talvez as pessoas não entendam isso, bom, às vezes nem *a gente* entende muito bem, mas eu queria que todo mundo tivesse uma parceria com alguém como a Adriana pra que pudessem saber que só ser amigo dela já vale mais do que qualquer coisa.

Então começo a chorar de novo e consigo soluçar uma risada.

— Como é que eu vou falar depois dessa resposta? O que ele disse, cada parte. Tenho muito orgulho de patinar com ele e tenho muito orgulho do que a gente fez aqui em Paris. Mal posso esperar pra ver o que vem por aí!

— Certo, já é o suficiente — diz um representante da NFSC.

Somos conduzidos para longe da imprensa e de volta ao vestiário. É a última vez que entraremos nele, e vou sentir saudades desta sala modesta com seu triste espelho colado na parede e a jarrinha completamente vazia de água no canto.

— Você falou sério lá? — pergunto enquanto abro o zíper do vestido.

— Falei — responde Brayden, me encarando firme. — Eu... não tenho sido justo com você. Esse tempo todo, eu só tava... eu torcia pra...

— Tá tudo bem.

— Não, não tá, mas eu acho que... talvez vá ficar. Quer dizer, se você tava falando sério. A gente acabou de ganhar o ouro e isso deve ser o

suficiente. Vou invocar nossa última regra. Vou acabar com isso. Acho que não consigo mais fingir.

— Tá — aceito, assentindo, e os ombros de Brayden murcham, porque acho que ele estava torcendo para eu discordar.

Talvez essa fosse a última esperança dele, e nossa, que droga. Só quero dar alguma coisa para ele, qualquer coisa que melhore a nossa situação, mas não tenho muito além de:

— Eu também tava falando sério, sabe? Cada palavra.

Brayden assente e solta um suspiro.

O silêncio reina por um minuto. É constrangedor e horrível e eu preciso acabar com ele.

— Então o que a gente vai contar pra galera?

— Quem liga? Deixa eles imaginarem. É mais misterioso desse jeito. As redes sociais vão enlouquecer. Os patrocinadores não vão ligar pro *motivo* de sermos famosos, pra eles só importa que somos.

Ele abre um sorriso travesso, que não chega a alcançar os olhos, mas esse é um Brayden que eu reconheço, pelo menos.

— O Charles disse que eles vão querer que a gente vá pro Mundial. Eu meio que gosto de ganhar ouros e a gente bateu mais um recorde hoje. Por que não tentamos outro? O que você me diz de sermos os Campeões Mundiais *Adultos* mais jovens de todos os tempos?

— Digo que você tá completamente dodói da cabeça, mas vai ser divertido pra caramba tentar.

O sorriso dele cresce e ruguinhas aparecem nos cantos dos olhos. Tá, ok, aí está Brayden, por fim. Talvez tudo vá ficar bem com a gente.

— É, eu também acho.

— Vem, tem uma festa esperando por nós lá no hotel. A gente tem que celebrar hoje à noite, porque amanhã o trabalho recomeça.



Assim que cruzamos a porta que o porteiro segura para nós, a recepção irrompe em gritos e aplausos, do jeito que eu imagino que seria a festa

surpresa mais épica, exceto que não é uma surpresa, apenas o que merecemos.

Tem bebida por todo lado, não apenas em homenagem à nossa vitória, mas também porque, com o fim da competição de dança no gelo, a parte competitiva do Campeonato Mundial acabou. Charles e os representantes da Nike estão reunidos em um canto. Aparentemente, estão prestes a nos fazer uma proposta, uma bem grande, e nunca sequer mencionaram nosso suposto romance. Só acham que a gente vai arrasar em Milão.

— Você venceu! — exclama Maria, esbarrando em mim com Charlie a tiracolo, e tenho quase certeza de que alguém deu álcool para eles, porque os dois não param de rir feito idiotas. — Mas tá encrencada.

— Encrencada? — pergunto, sorrindo para Brayden, que revira os olhos.

Maria olha ao redor, como se tivesse medo de que alguém a ouça, e finge sussurrar:

— O papai *sabe* e não é culpa minha, eu contei pra Elisa e ela contou pra ele de cara, porque é a Elisa.

— Espera — digo, segurando-a pelos ombros e tentando fazê-la focar. — O que o papai sabe?

— Ele sabe sobre a sua... emancidão.

— Emancipação — corrijo, e solto um grunhido. — Droga. Não é isso que eu vou fazer.

— É o que ele acha, e ele tá *puto*.

Deixo Maria e Charlie perto da porta e adentro a massa de gente. Minha altura me permite ver acima das pessoas com bastante facilidade, e avisto meu pai, sentado em um canto com Elisa e Camille. Minha treinadora está falando, mas parece que nenhum deles está ouvindo. Elisa encara Charles e os representantes da Nike no outro lado do salão, mas meu pai? Ele está olhando para mim.

Merda.

— Preciso cuidar disso — digo para Brayden, que me seguiu de perto.

— Quer que eu vá com você?

— Não, preciso fazer isso sozinha.

Endireito os ombros e vou direto até eles, falando sem rodeios:

— A gente precisa conversar.

Papai ergue os olhos para mim e assente. Ele se levanta e Elisa o imita. Camille franze a testa para mim, confusa. Não, ele não teria dito nada para ela. Seria constrangedor demais. Os dois estão irritados, mas não o suficiente para lavar roupa suja em público. Nunca isso.

— Que história é essa de se emancipar da família? — pergunta papai assim que a porta de uma salinha ligada à recepção se fecha atrás de nós.

— Não é nada disso — respondo. — Pedi pro Charles dar uma olhada na possibilidade de abrir um fundo pra eu guardar meu dinheiro até fazer 18 anos.

— Guardar de mim — afirma papai, curto e grosso.

E lá está. Há dois caminhos a seguir. Posso fazer o que eu sempre fiz e apaziguar as coisas. Assegurar meu pai e Elisa de que não é verdade. Ou, em vez disso, eu posso...

— Guardar — repito, mas continuo antes que ele possa responder, usando a voz que desenvolvi ao longo dos anos ao atender ligações de cobrança e pais raivosos. Faz parecer que sou bem mais velha e madura do que de fato sou, mas é esse mesmo o objetivo. — Pretendo repartir uma porção do que eu ganho para Kellynch e vou me dar uma mesada, mas a maior parte do dinheiro deve ficar em uma conta, rendendo. Talvez eu queira ir para a faculdade algum dia, ou, sei lá, outra coisa, mas é isso que pretendo fazer. Não quero me emancipar, mas essa foi uma solução que me apresentaram, se vocês tiverem objeções ao que eu decidi.

Papai ergue uma sobrancelha. O que fica nas entrelinhas é bem claro: me deixe fazer isso, ou permita que o mundo inteiro saiba que ele só quer o meu dinheiro.

É uma escolha fácil para meu pai.

Ele faz um gesto de desdém.

— Bom, parece que você já pensou em tudo. Sua mãe sempre foi boa com dinheiro também. Vou dizer pro Charles que é pra ele fazer do jeito que você pensou.

— Obrigada.

Quando ele sai, solto um suspiro trêmulo de alívio.

— Espero que esteja feliz — diz Elisa quando a porta se fecha.

Já tinha quase esquecido que ela estava aqui.

— Tô sim, na verdade, pela primeira vez em muito, muito tempo.

— Você diz isso agora, mas não entende o que vem depois. A pressão, é... é impossível.

— Acho que vou ficar bem.

Eu sei que vou. Tenho Brayden e Camille, meus amigos e Charles... talvez até meu pai agora.

Elisa está balançando a cabeça.

— Você não entende como é. Ninguém esperava que você fosse ótima. Ninguém nunca esperou, principalmente o papai. Você conseguiu patinar nas sombras a sua carreira inteira e escapar ilesa. Fui eu quem tive que lidar com a pressão da merda do legado da nossa família. Era pra eu medalhar em Pequim, mas não consegui. Engoli o choro e agora tenho que viver com isso, mas você acha que vai ficar bem? Ótimo. É só mais uma coisa que você pode tirar de mim.

Ela está com raiva. Está botando tudo para fora. Não tem nada a ver comigo.

Eu sei disso, lá no fundo.

Mas não quer dizer que não dói.

Também não quer dizer que eu vou deixá-la se safar.

— Quer saber? Pra mim já deu. Ganhei uma medalha de ouro hoje. Não vou deixar você estragar isso. Eu mereço curtir essa vitória. Queria curtir com você, mas pelo visto isso é pedir demais.

Não deixo Elisa responder, mas, ao sair da sala a passos firmes e voltar para a festa, ouço minha irmã soltar um soluço engasgado quando a porta se fecha atrás de mim.

## Notas

\* “Isso lhes dá uma pontuação combinada de 177,78 e agora eles estão em primeiro lugar!”, em tradução livre. (N.E.)

\*\* “Representando os Estados Unidos da América, Adriana Russo e Brayden Elliot!”, em tradução livre. (N.E.)

\*\*\* “A pontuação de Adriana Russo e Brayden Elliot é de 104,32, o que os coloca em primeiro lugar na dança livre, com uma pontuação total de 179,81, outro recorde mundial júnior!”, em tradução livre. (N.E.)

\*\*\*\*\* “Os medalhistas de bronze, Vera Petrova e Alexi Volkov, da Rússia! Os medalhistas de prata, Rosalie Martin e Thomas Nelson, do Canadá! E os medalhistas de ouro e novos Campeões Mundiais Júnior de patinação artística, Adriana Russo e Brayden Elliot!”, em tradução livre. (N.E.)

\*\*\*\*\* “Senhoras e senhores, por favor, fiquem de pé para o hino nacional dos Estados Unidos!”, em tradução livre. (N.E.)

## Capítulo 22

VOLTAR PARA A RECEPÇÃO é atordoante assim que piso nela. Gente demais. Barulho demais. Luz demais. Esta festa é basicamente para mim, mas não suporto ficar aqui por nem mais um segundo. Abaixo a cabeça e vou até os elevadores, sorrindo e acenando para todos que me cumprimentam no caminho, mas não paro.

Cruzo os braços ao redor do tronco enquanto os números dos andares no elevador descem de quatro para três para dois para um e enfim as portas se abrem.

Há pessoas reunidas atrás de mim. E lá se vai a subida de elevador solitária onde eu posso soluçar à vontade. Quando as portas se abrem, eu entro e vou para os fundos na hora, me encolhendo no canto, torcendo para que ninguém me note. Estão todos com expressões intrigadas, como se não fossem parte de uma festa de arromba, então meus ombros relaxam um pouco. Eles não vão me reconhecer. Não fazem ideia de que eu sou Adriana Russo, dos Russo de Kellynch, e que não deveria estar chateada ou irritada neste momento. Que eu deveria estar sentindo apenas alegria e triunfo e todas as outras coisas que acompanham a conquista de uma medalha de ouro.

— *Quatre, s'il vous plaît* \*— digo, com minha melhor tentativa de um sotaque francês.

Um dos homens do grupo aperta o botão do quarto andar para mim e eu fico aliviada ao ver que eles vão descer no segundo.

Subimos em silêncio e o grupo sai sem dizer nada. Assim que as portas se fecham atrás deles, sinto as lágrimas irromperem feito um tsunami. Não tenho como detê-las ou engoli-las.

Eu não deveria ter que ameaçar meu pai de constrangimento público para impedi-lo de roubar meu dinheiro. Porque é o que isso seria, ainda que ele jamais fosse ver o gesto dessa forma. É totalmente zoado e é

minha família, e não há nada que eu possa fazer a respeito além de chorar.

Duas vezes em um dia.

Deve ser algum tipo de recorde.

Aquelas foram lágrimas de felicidade, mas estas?

Não é só tristeza. É frustração e incredulidade, e raiva da minha própria incredulidade, porque como é que eu pude ser tão ingênua a ponto de não prever nada disso?

Atravesso o corredor às cegas e abro a porta do meu quarto antes de fechá-la atrás de mim e a trancar. Maria está na festa. Não vai voltar tão cedo, mas eu com certeza não preciso que me veja desse jeito. Ela não conseguiria lidar com a situação.

E isso também é zoadado, porque, mesmo depois de tudo, eu *ainda* estou pensando no que minha família precisa e quer antes de pensar em mim. Na verdade, talvez seja bom que Maria veja o que papai e Elisa acham que é importante, mais importante do que eu e muito provavelmente que ela também. Dinheiro e prestígio. É isso.

Não sei bem por que eu presumi que qualquer outra coisa tinha importância, mas não vou cometer esse erro outra vez.

Aprendi minha lição.

Entro no quarto e me livro dos sapatos com um chute. Meu pé pousa em alguma coisa, um pequeno envelope de papel que não consigo distinguir ao me inclinar para a frente no escuro. Tateio a parede ao meu lado à procura do interruptor, e o pequeno corredor que leva à parte principal do quarto de repente se ilumina com o brilho dourado e quente das arandelas elaboradas em cada parede.

É um envelope, bem grosso, com meu primeiro nome rabiscado no verso.

— Mas o quê? — murmuro para mim mesma, como se fosse Alice vagando pelo País das Maravilhas.

Reviro os olhos, de novo para mim mesma, e depois solto um riso.

Bom, pelo menos não estou mais chorando.

Pego o envelope, entro no quarto e me sento na beira da cama. Meu nome está escrito no verso com uma caligrafia que eu não vejo há anos, mas que reconheço na hora.

É de Freddie.

Ele me deixou uma carta... sobre o quê?

Nunca vou saber se não ler.

Respiro fundo e deslizo um dedo por baixo do selo, que se abre com um estalo. Vejo um cartãozinho enfiado lá dentro onde está escrita uma receita. É de coq au vin, e o cartão tem a logo do restaurante onde jantamos outro dia gravada em relevo. No canto do cartão, Freddie escreveu com sua caligrafia precisa: *pensei que talvez você queira tentar a receita quando voltar para casa.*

Uma lágrima escorre pela minha bochecha e cai no canto, manchando um pouco a tinta. Ele reparou que eu gostei do prato e o quê? Voltou ao restaurante para pedir a receita ao chef, mesmo quando ele pensava que eu e Brayden estávamos juntos? Tento puxar o ar com dificuldade quando um tsunami de afeto assola meu coração. Eu... eu amo tanto Freddie. O que raios eu vou fazer?

Volto a olhar para o interior do envelope e vejo uma folha grossa de papel ainda dobrada. Eu a puxo e noto que é uma folha timbrada do hotel com a mesma caligrafia cobrindo perfeitamente cada centímetro de espaço.

*Querida Adriana,*

*Estou escrevendo esta carta antes de você entrar no gelo e patinar, com total confiança de que, quando a ler, será uma campeã mundial. Você sempre esteve destinada a subir no topo do pódio, porque é a pessoa mais esforçada que eu já conheci, sem mencionar a melhor patinadora que já vi.*

*Você talvez negue isso. Já está listando todos os patinadores que têm habilidade e técnica superiores na sua cabeça. Para com isso. Nenhum deles é você, então, para mim, todos deixam a desejar.*

*Você deve estar se perguntando do que se trata esta carta absurda, o motivo de eu estar escrevendo e se você deveria continuar lendo. Espero que continue, mas entendo se não o fizer. Este é o meu terceiro rascunho e espero que eu consiga enfim expressar exatamente o que estou sentindo, mas já desisti de fazer dele muito mais do que só um desabafo.*

*Então lá vai a verdade. A minha verdade.*

*Quando a Georgia me contou que a gente ia treinar em Kellynch antes do Mundial, fiquei furioso. Na verdade, não sei se essa palavra expressa tudo que eu senti. Mas também fiquei apavorado. Senti muito medo de voltar para o lugar onde meu mundo desabou e arruinar tudo o que eu construí nos últimos dois anos. De destruir a pessoa que eu me tornei. Aprendi a viver sem você na minha vida e fiquei puto de te ver entrando de volta nela. Tentei fingir, fingir que estar perto de você não me consumia, fingir que não apenas tinha te superado, mas que também estava melhor, mais forte e mais feliz até do que o garoto de 16 anos arrasado que deixou Boston de coração partido e nunca mais olhou para trás.*

*Eu não estava errado. Tinha razão em ter medo. As camadas debaixo das quais enterrei meu antigo eu foram sendo escavadas a cada dia, a cada hora, até eu não conseguir mais me esconder disso só por estar perto de você.*

*Sei que fiz você sentir que talvez eu ainda guardasse rancor. Que te culpei por ter feito uma escolha. E desde que você confirmou isso na noite passada, ando enlouquecido.*

*Talvez eu tenha mesmo te culpado, no começo. Passei anos marinando nessa raiva e nesse ressentimento. Era o que me motivava. Era o que me fazia ir para o gelo todos os dias. É até o que me fez convidar Riley para ser minha parceira. Ela era tão diferente de você quanto possível, em todos os aspectos. Não se parecia em nada com você, não patinava nada como você. E deu certo, por um tempo. Isso me permitiu enxergar quem eu poderia ser sem você e parece que esse cara é um patinador bom pra caramba e, quando não está cego pela inveja, é um parceiro decente também. Fracassei com a Riley, de mais de um jeito, e estou determinado a não fracassar de novo. Vou ser melhor. Por ela.*

*E é por isso que preciso te dizer como eu me sinto, como eu me sinto de verdade, porque preciso ser honesto comigo mesmo. Sou apaixonado por você desde os 10 anos de idade. Talvez eu não soubesse como chamar esse sentimento naquela época e até uns dias atrás eu teria negado isso até a morte, mas é a verdade.*

*Eu te amo.*

*Sempre amei e sempre vou amar.*

*Tentei ficar longe de você. Tentei só te ignorar e te evitar e falhei. Nunca fiquei tão feliz por falhar na vida, porque acho que talvez eu não esteja sozinho nessa. Que talvez tudo que eu estou sentindo você também esteja.*

*Talvez, este seja o ato de um covarde: deixar uma carta assim, em vez de encarar você e contar, mas sei que devo estar passando dos limites aqui e você deve ter seguido em frente. Porém, se houver a menor das chances, não posso deixar de tentar.*

*Um olhar ou uma palavra vão ser suficientes para me dizer se eu entendi tudo errado ou se, de alguma forma, entendi certo. Mas, não importa qual seja sua decisão, vou respeitar.*

*Sempre com amor,  
Freddie O'Connell*

Solto o ar aos poucos, porque passei toda a leitura da carta prendendo a respiração.

Freddie me ama.

Ele sempre me amou, mesmo quando tentou se convencer a me odiar.

Assim como eu o amava, mesmo quando tentei me convencer de que o tinha superado, quando tentei me convencer de que não tinha problema ele ter me superado.

Somos tão idiotas.

Ainda assim, mesmo que essa carta seja tudo, mesmo que tudo que eu queira fazer é sair correndo deste quarto, encontrar Freddie e beijá-lo, não posso fazer isso. Ele não deve saber o que Riley sente. Se bem que como é que não pode?

E, de repente, sei o que preciso fazer. Preciso falar com Riley, imediatamente. Vou contar para ela, ser cem por cento honesta. Não importa como ela vai reagir, eu vou fazer porque devo pelo menos isso a ela. Tanto eu quanto Freddie devemos.

Pego o celular para mandar uma mensagem para Riley, mas aí vejo que ela já me mandou uma, aguardando minha resposta.

Cadê você? Todo mundo quer comemorar contigo!!

Guardo a carta dentro da minha mala, debaixo das minhas roupas, jogo uma água no rosto, arrumo o que sobrou da minha maquiagem e volto para a recepção a fim de encarar a multidão. Hoje tem sido uma loucura, mas já lidei com coisas piores e agora parece que tudo é possível, porque sou campeã mundial e Freddie O'Connell me ama.

Quando as portas do elevador se abrem de novo no térreo, a multidão diminuiu um pouco, mas não muito. Está ficando tarde, já é quase meia-noite, mas a maioria das pessoas continua animada. Incluindo Brayden, que está encostado no bar conversando com uma das garotas da equipe francesa. Ele percebe minha presença e eu arqueio as sobrancelhas. Brayden dá de ombros, sem saber o que mais fazer, e volta a focar na menina de cabelo castanho.

Passo os olhos pela multidão e vislumbro as muletas de Riley encostadas na parede oposta, perto da cafeteria, e lá está ela, sentada a uma mesa com Ben e Freddie, porque é claro que ia ser assim.

Respiro fundo para me acalmar e depois solto o ar antes de me dirigir até eles.

— Oi, galera — cumprimento, torcendo para minha voz não soar tão esganiçada quanto eu acho que soa.

— Oi.

A voz de Freddie falha um pouco, e ele se levanta da cadeira tão rápido que ela oscila para trás e quase desaba no chão, mas Ben a segura.

— Oi — respondo, e sorrio.

— Oi — repete ele, e um pequeno sorriso começa a se formar em seu rosto também.

Preciso fechar os olhos para não me perder nos dele e estou prestes a perguntar se posso conversar com Riley em particular quando ela se antecipa.

— Meninos, saiam daqui, é hora das garotas conversarem — ordena ela, enxotando-os.

Ben se levanta e dá tapinhas nos ombros de Freddie.

— Vamos ver se ainda tem daqueles croquetes.

Freddie concorda com um murmúrio, mas tropeça de leve quando tenta seguir Ben sem parar de me olhar.

— Ah, eles saíram. Tá bom, senta aí, tenho que te contar uma coisa — fala Riley, segurando minha mão e me puxando para a cadeira onde

Freddie estava sentado.

Eu me preparo, porque ela está dando risadinhas, e eu conheço essa risadinha. É a mesma que usou quando falou sobre Freddie lá em Boston, ou quando pensou que Brayden e eu estávamos juntos.

Meu estômago afunda.

— O Ben me beijou!

Pisco, atônita, e espero, porque não é possível eu ter ouvido isso certo.

— Adriana, você me ouviu?

— Ouvi, eu acho. Você disse que o *Ben* te beijou? Ben Woo?

— Disse! — responde ela com um gritinho.

— *Hã*, você queria que ele te beijasse?

Riley abre um sorriso enorme.

— Nunca tinha pensado nisso antes, mas quando dei por mim, ele tava me beijando e eu tava beijando de volta.

— Então você e o Ben...?

— Pois é! Dá pra imaginar duas pessoas mais diferentes? Ele é tão sério e eu sou... bom, não sou séria, mas dizem que os opostos se atraem. Sei lá, pode dar certo. Ele me visitou no hospital todo dia, mesmo depois de ganhar o ouro dele, sabe, pra me animar, lembrar que não vou ficar lesionada pra sempre e que posso voltar. Parte de mim, tipo uma parte muito, muito minúscula de mim, tá feliz de eu ter me lesionado, porque acho que a gente nunca teria descoberto isso, e tô muito feliz de ter acontecido. Gosto muito dele. O que você acha?

— Eu... — Fico sem palavras, tentando processar tudo isso. — Isso é incrível, Riles.

— Sério? Você não acha que é estranho demais?

— Por que seria estranho?

— Porque eu pensei que talvez fosse rolar alguma coisa entre o Freddie e eu e aí...

— Você tem o direito de sentir o que sente, e se gosta do Ben e ele gosta de você, então não vejo nenhum problema.

— Não, mas me deixa terminar — pede Riley, me interrompendo. — Eu só achei que fazia sentido, sabe? O Freddie e eu? E aí eu percebi que ele só não gosta de mim desse jeito. Quer dizer, o Freddie não é o tipo de garoto que não chama uma garota pra sair quando gosta dela.

— Você tem razão. Ele não é e... bom, talvez ele... eu acho que talvez eu... eu gosto dele, Riley. — Ela arregala os olhos. — Desculpa, eu deveria ter te contado há muito tempo, mas aí o Brayden e eu decidimos fingir que a gente tava...

— Vocês tavam *fingindo*?

— É, foi uma ideia tão idiota porque...

— Porque o Brayden é superapaixonado de verdade por você.

— Era mesmo óbvio assim? *Argh*, eu sou tão idiota.

Riley bufa e assente com a cabeça.

— É, meio que sim, mas tá tudo bem entre vocês?

— É, vai ficar, mas eu precisava te contar sobre o Freddie porque eu acho que talvez... não, eu sei que ele sente o mesmo, mas, se você tiver algum problema com isso...

— Tá me zoando? Tô superaliviada. Foi como se ele tivesse virado uma pessoa completamente diferente quando a gente chegou em Kellynch. Eu não conseguia entender o motivo, mas era porque ele ia ficar perto de você. Nossa, faz muito mais sentido agora.

— É, tava todo mundo sendo ridículo, né?

— Falando em ridículo — diz Riley, olhando por cima do ombro —, ele tá te olhando com a maior cara de filhote sem dono. Acho melhor você ir lá acabar com o sofrimento dele.

Eu me viro, passando os olhos pelo salão à procura de Freddie. Vasculho a multidão na direção onde Riley está indicando e vejo uma cabeça de cabelo castanho sobre todas as outras do outro lado do espaço, como quando eu tive um vislumbre dele na arena. Só podia ser ele. Freddie me assistiu, mas primeiro me deixou aquela carta. É por isso que não estava na arquibancada.

Eu nem murmuro uma desculpa ao me levantar da cadeira e deixar Riley ali. Vou me desculpar mais tarde. Não posso perdê-lo de vista outra vez. Não agora que enfim tenho esperança.

Abro caminho pela multidão, que está cada vez mais animada, com menos pessoas, porém mais álcool. Do outro lado do salão, onde está acompanhado dos representantes da Nike, Charles faz um sinal de positivo para mim, mas finjo não o ver e, em vez disso, foco nas costas de Freddie. Ele está conversando com Georgia, que encontra meu olhar por

cima do ombro do irmão e sorri, depois aponta para mim com a cabeça, o que faz Freddie se virar.

Finalmente.

— Oi — digo outra vez.

Ele ri e passa uma mão trêmula pelo cabelo.

— Oi.

— Será que a gente pode, *hã*, conversar?

— Pode — responde ele, abaixando o braço e procurando minha mão, mas detendo-se no meio do caminho, como se não soubesse se tem o direito de fazer isso.

Não deixo a mão dele ir longe. Eu a seguro e entrelaço nossos dedos, como quis fazer durante toda a nossa caminhada ao longo do Sena.

— Por aqui — indico, e o conduzo para longe do grupo que encara nossa retirada, atordado.

Encontro a porta da sala ligada à recepção onde entrei com meu pai e Elisa mais cedo. Talvez eu tenha lembranças mais agradáveis dela em alguns minutos.

Eu me encosto na porta e me certifico de que está fechada para os olhos curiosos atrás dela, e Freddie vaga pela sala, inquieto de repente.

Então ele se vira para mim, dando pulinhos como se fosse sair correndo ao primeiro sinal de rejeição.

— Você leu a carta?

— Li.

— E...

— Você não disse que um olhar ou uma palavra seria suficiente? Isso... não é suficiente? — pergunto, olhando para ele com todo o amor e desejo que consigo encontrar dentro de mim. Enquanto falo, Freddie se aproxima de mim, devagar. — Passei anos trabalhando nas minhas expressões, e isso são pelo menos quinze palavras, até mais se contar as vezes que a gente disse oi...

Ele não me deixa terminar.

É assim que eu sempre quis beijar Freddie. Sem nenhuma preocupação que não seja quanto tempo eu consigo ficar com a boca grudada na dele. Seu corpo está colado no meu, e eu passo os braços ao redor dos ombros dele, puxando-o, enterrando a mão em seu cabelo para nos manter tão próximos quanto possível. Aprofundo o beijo e abro a

boca sob a dele, que deixa escapar um grunhido da garganta. Ele passa os braços ao redor da minha cintura e me puxa para o seu peito. E quando eu me afasto para respirar, Freddie muda o foco para a linha da minha mandíbula e incendeia um caminho sobre a minha pele, deixando chamadas em seu rastro com um simples toque gentil dos lábios.

— Posso? — murmura ele no meu pescoço, com o nariz na pele macia.

— Pode — consigo responder, a voz rouca, e então quase me perco na sensação. — Espera, não.

— Não?

Ele franze a testa, afastando-se com preocupação evidente nos olhos.

— Quer dizer, sim, mas preciso falar uma coisa antes.

Freddie ergue o braço e tira um cacho solto da minha testa, passando os olhos pelo meu rosto como se não conseguisse escolher onde focar.

— Tá bom.

— Eu te amo — solto, e isso atrai os olhos dele diretamente para os meus. — Você disse que passou esse tempo todo lutando contra o que sente, e eu também. Nada mudou, nunca. Tentei fingir que os sentimentos não voltaram com tudo quando você cruzou a porta de Kellynch, mas voltaram, e isso me deixou apavorada. Desculpa se eu te dei sinais confusos ou te fiz pensar que... que eu queria outra pessoa. Não quero mais ninguém.

— Mas e o Brayden?

— A gente não tá namorando. A gente nunca namorou, e essa é uma história confusa e complicada que eu prometo te contar logo, e espero que você não mude totalmente de ideia depois que souber a verdade.

— Não vou mudar de ideia — garante Freddie, mas eu falo por cima dele.

— E foi tudo uma bagunça tão grande, e eu fiquei com medo de que a Riley...

— A Riley? — pergunta ele, inclinando a cabeça, todo confuso.

E é então que eu percebo que ele de fato não sabia de nada. Esse tempo todo Freddie não fazia ideia do que Riley sentia e não tem a menor chance de eu revelar isso, nem mesmo para ele. Somos uma dupla e tanto: ambos completamente alheios ao fato de que nossos parceiros gostavam de nós.

— Vocês são parceiros e isso é importante. Não queria atrapalhar — explico por cima.

— Não vai — diz ele, a voz suave. — E, de qualquer forma, a Riley tá com o Ben agora. Ele tá a fim dela já faz um tempo, desde o Campeonato Nacional, eu acho. É difícil saber com o Ben, porque ele guarda tudo pra si, mas enfim criou coragem de dizer alguma coisa. Se ela pode namorar meu melhor amigo, acho que nós dois não vamos ser um problema.

— É, ela acabou de me contar sobre o Ben.

— Era por isso que vocês precisavam conversar?

Dou de ombros.

— Mais ou menos.

Ele abaixa a cabeça, repousando a testa na minha.

— Você disse que me ama.

— Amo mesmo.

— Também te amo.

— Foi o que você disse na carta.

— Mas eu queria dizer em voz alta depois de *não* dizer em voz alta por tanto tempo.

— Freddie?

— Que foi?

— Me beija de novo.

## **Nota**

\* “Quatro, por favor”, em tradução livre. (N.E.)

## Capítulo 23

— E VOCÊ TEM CERTEZA de que não tem problema? — pergunto para Brayden enquanto ajeito meu figurino para a apresentação de gala desta noite.

— Se tem problema? Não. Se eu queria que você tivesse dito alguma coisa um pouquinho antes? Sim.

Ergo os braços, me rendendo.

— Chega de segredos, prometo. Você acha mesmo que as pessoas não vão surtar por causa disso?

— Tá de brincadeira? É claro que vão. A galera ama um triângulo amoroso. Só, sabe, dá um tempo das suas redes sociais por uns dias.

Bufo. Minhas redes sociais estão uma bagunça faz semanas. Já virei profissional em ignorá-las.

— Tá bom, desde que você tenha certeza de que não vai te incomodar.

— Não me incomodo. Na verdade, acho que é bem fofo, e é isso que eu vou dizer pra qualquer repórter que me perguntar sobre. Se a Nike não dá a mínima, eles também não vão.

— Você é mesmo meu parceiro favorito.

— Vai lá — diz Brayden. — Antes que eu mude de ideia.

Ele está rindo, mas vejo uma certa tensão na boca que sugere que talvez esteja fingindo um pouco.

Parte de mim quer dar um abraço em Brayden e talvez um beijo na bochecha, mas pode só piorar as coisas, então apenas abro um sorriso acanhado.

Saio do vestiário e vou até o ringue, onde encontro Freddie, que está correndo pelo túnel na minha direção.

— Você tá bem? — pergunta ele, ofegante. — A Georgia disse que teve uma emergência e que precisava de mim.

Balanço a cabeça e rio, pegando a mão dele e apertando-a.

— Não é esse tipo de emergência. Respira.

Freddie respira fundo e depois sacode a cabeça.

— O que tá rolando?

Estendo uma mochila.

— Seus patins estão aqui, com o figurino que você ia usar pra dança rítmica. Não é *exatamente* perfeito, mas chega perto.

— Adriana, do que você tá falando?

— Você e eu, a gente vai patinar “Time of My Life” na apresentação de gala. Daqui a uns dez minutos, então vai se trocar — mando, apontando com a cabeça para a porta do vestiário masculino.

— Você é doida! Como?

— Você perdeu seu primeiro Campeonato Mundial, então achei que deveria ter a chance de patinar pelo menos uma vez, mesmo que não esteja valendo nada. E eu provavelmente vou me arrepender disso assim que você e a Riley voltarem pro gelo quando ela se recuperar, mas você deveria ter a chance de saber como é estar lá fora e se apresentar para uma casa cheia. É... indescritível.

— Você... — começa ele, balançando a cabeça, com uma espécie doce de deslumbramento estampada no rosto. — Você é indescritível.

— Eu sei! Agora vai se trocar.

Freddie volta alguns minutos depois.

— A gente vai cortar o levantamento grande, né? — pergunta ele, passando uma das mãos pela nuca.

Ele está nervoso. É adorável.

— *Hã*, sim, mas acho que ainda dá pra fazer os outros, como na outra noite.

Caminhamos de mãos dadas em direção ao gelo.

— *Mesdames et messieurs, nous avons une surprise pour vous ce soir. Malheureusement, l'une de nos équipes, Freddie O'Connell et Riley Monroe, n'a pas pu concourir cette semaine après une blessure à Miss Monroe.* — Os holofotes da arena focam em Riley, que acena para a multidão enquanto todos vibram. — *Adriana Russo, leur bonne amie, patinera Freddie en hommage à leur coéquipier blessé. Veuillez accueillir Adriana Russo et Freddie O'Connell.\**

As luzes diminuem enquanto patinamos até um foco de luz no centro e esperamos, separados por poucos passos. Então a música começa, e a

plateia faz o mesmo som de deleite que as pessoas fizeram diante da Torre Eiffel. Um arquejo coletivo e maravilhado de entusiasmo.

Sorrio quando Freddie curva o dedo para mim, me chamando para si enquanto se fecha, depois passa um braço ao redor da minha cintura e me abaixa, deslizando a perna entre as minhas. Então giramos juntos e eu fico de pé, e ele passa a mão pelo meu braço, ao longo do meu corpo, até nossas mãos se encontrarem e se segurarem com força e Freddie me girar para entrar na dança.

É como se o tempo não tivesse passado, e a plateia bate palmas ao ritmo da música.

Então mal consigo ouvi-la e é como se estivéssemos de volta àquele ringue ao ar livre, a poucas quadras da Torre Eiffel, e não estivéssemos patinando para ninguém além de nós mesmos, de algum modo até capazes de fazer twizzles sobre o gelo em sincronia perfeita, como fazíamos dois anos atrás. Então a música desacelera e diminui até parar e a multidão nos aplaude.

Unimos as mãos e nos curvamos em agradecimento, uma última vez.

— Obrigado — diz Freddie enquanto nos dirigimos para fora do gelo, de mãos ainda entrelaçadas. — Obrigado mesmo.

— Eu te amo — respondo simplesmente, e isso o faz parar.

Em vez de me conduzir para fora do gelo, Freddie me gira em sua direção e me beija para a arena toda ver. A plateia vai de aplausos educados para gritos descontrolados.

Quando ele se afasta, está sorrindo.

— Se essa é a última vez que vamos patinar juntos, eu queria garantir que fosse memorável.

Mordo o lábio e balanço a cabeça.

— Ah, eu vou *acabar* com você nas Olimpíadas.

— Manda ver.

## **Nota**

\* “Senhoras e senhores, temos uma surpresa para vocês esta noite. Infelizmente, uma de nossas duplas, Freddie O’Connell e Riley Monroe, não pôde competir esta semana após a srta. Monroe sofrer uma lesão. Uma grande amiga deles, Adriana Russo, estará patinando com Freddie para homenagear sua companheira de equipe lesionada. Deem as boas-vindas a Adriana Russo e Freddie O’Connell”, em tradução livre. (N.E.)

## Epílogo

*Três anos, onze meses e treze dias depois...*

— *ADRIANA RUSSO E Brayden Elliot degli Stati Uniti d’America!*<sup>\*</sup>—  
anuncia o apresentador para o público no Mediolanum Forum.

Como sempre, nossos fãs nos enchem de gritos de amor e adoração, junto com um temporal de bichinhos de pelúcia que vamos autografar e depois doar para fãs mais novos.

Mal consigo recuperar o fôlego e não sei se algum dia vou conseguir fazer isso de novo. A mão de Brayden segura a minha com força enquanto nos curvamos para a plateia.

Será que foi suficiente?

É impossível saber.

Não oscilamos nem um centímetro, mas a concorrência também não. No início da noite, a diferença entre as notas era tão pequena que o menor dos erros poderia mudar tudo. Patinamos até a borda do rink e Camille está à nossa espera, com um sorriso largo no rosto, e ela nos puxa para um abraço apertado, mas sua expressão está tensa, como se estivesse tão incerta quanto nós.

Os últimos dois anos e meio foram um vaivém. Literalmente.

Desde que Riley se recuperou da lesão no joelho, alternamos com ela e Freddie no primeiro e segundo lugares em cada competição de dança no gelo de que participamos. Nós vencemos o Campeonato Nacional. Eles venceram o Skate America. Nós vencemos o Mundial. Então eles venceram no ano seguinte.

E agora, quase quatro anos depois do Campeonato Mundial de Patinação Artística Juvenil, a partir do qual a imprensa, em sua grande maioria, traça nossa rivalidade intensa, mas amigável (e de certa forma, mais do que amigável), enfim chegou a hora de nomearmos os campeões olímpicos.

Prometemos que ficará tudo bem entre nós, não importa o que aconteça. Foi o que decidimos quatro anos atrás na arena em Paris. Que, independentemente do que acontecesse no gelo, sempre nos amariamos, e nada poderia mudar isso.

Não tem sido fácil e já rolou mais de uma briga, mais de uma vez em que descontamos nossas frustrações uns nos outros, mas na maior parte do tempo tem sido tudo o que eu poderia sonhar. Consegui ter tudo. Um ótimo parceiro no gelo e um garoto que eu amo fora dele, e na maior parte do tempo tem funcionado bem, sobretudo depois que Brayden enfim conheceu uma garota com a qual quis ter um segundo encontro, aquela aluna do MIT, que estuda o cérebro e a ciência cognitiva e que dá uns puxões de orelha nele, mas que o ama apesar de tudo. No fim das contas, a faculdade teve razão em deixá-la entrar.

As câmeras à nossa frente transmitem nossa imagem para a tela muito acima da multidão e para o público que assiste em casa, então converso com elas, fazendo gestos carinhosos para Maria e Charlie. Eles estão na arquibancada, recém-coroados medalhistas olímpicos de bronze, com papai e Elisa, que chegou a outra edição das Olimpíadas, mas não vai voltar para casa de mãos vazias desta vez. Como equipe, garantimos uma medalha de ouro, como Freddie disse que conseguiríamos, quatro anos atrás lá na Casa Kellynch. Não existe justiça mais poética no mundo, ou pelo menos no mundo da patinação artística, do que minha irmã conquistar seu ouro olímpico, mas ter que dividi-lo, não só com as irmãs, mas também com Brayden e Freddie e o restante da equipe americana.

— *I punteggi, per favore* \*\*— diz o apresentador, e as palavras me trazem de volta para o presente.

Brayden segura uma das minhas mãos, e Camille, a outra. Meus olhos vão para o quadro de notas, onde Riley e Freddie estão em primeiro lugar com 227.52, uma pontuação total enorme.

Vai ser por muito pouco.

Na lateral do Beija e Chora, Freddie e Riley estão de pé com Georgia, de mãos dadas e encarando o placar, mas Freddie deve sentir meus olhos nele, porque abaixa a cabeça, e fazemos contato visual.

— Amo você — faço com a boca.

— Amo você — responde ele.

— *Adriana Russo e Brayden Elliot hanno guadagnato nella danza libera, 139.2, il meglio di una nuova stagione per un punteggio totale di 227.46. Adesso sono al secondo posto.*\*\*\*

Há um grito de alegria incontida do lado de fora do Beija e Chora. Brayden aperta minha mão e meus ombros murcham.

Não é ouro. É prata.

A decepção mal tem tempo de se acomodar por completo no meu peito quando Camille me puxa para um abraço apertado e, quando ela me solta, Brayden me segura contra o peito. Não há nada a dizer, nada que vá melhorar as coisas. Vamos ter tempo para lidar com isso nos dias e nas semanas que virão, mas, agora, preciso parabenizar os novos campeões olímpicos.

Então os outros convergem, os medalhistas de bronze, do Canadá, acompanhados de Freddie e Riley. Brayden e Freddie apertam as mãos. Os dois desenvolveram meio que uma amizade nos últimos quatro anos e, embora eu não possa dizer que sejam próximos, com certeza existe um certo nível de respeito entre eles.

Riley salta em cima de mim, com rastros de lágrimas nas bochechas, e eu a pego com facilidade, a garota que se tornou mais do que uma amiga e adversária, mas outra irmã. Ela retornou de uma lesão de LCA para o topo do pódio olímpico.

— Tô tão orgulhosa de você!

Ela me abraça com força, ainda aos prantos, e incapaz de falar. Eu finalmente a solto para deixar que Brayden dê um abraço nela e vou até o amor da minha vida.

Eu me apoio nos dentes das lâminas dos patins para passar os braços ao redor dele. Ele repousa a testa no meu ombro, o corpo praticamente vibrando de felicidade desenfreada.

Sorrio na curva de seu pescoço. A dor da derrota não passou, mas ficou um pouquinho mais leve.

— A próxima é minha.

Freddie solta uma risada abafada e me aperta com mais força.

— Manda ver.

## Notas

\* “Adriana Russo e Brayden Elliot, dos Estados Unidos da América!”, em tradução livre. (N.E.)

\*\* “As pontuações, por favor”, em tradução livre. (N.E.)

\*\*\* “Adriana Russo e Brayden Elliot conquistaram a melhor pontuação da temporada na dança livre, com 139,2 pontos, totalizando 227,46. Eles agora ocupam o segundo lugar”, em tradução livre. (N.E.)

## *Capítulo extra* *sob o ponto de vista de Freddie*

O QUARTO DE HOTEL de Freddie virou uma casa de influencer.

De seu lugar na antiga e elegante poltrona no canto, ele observa os amigos e balança a cabeça.

Ben grava com o celular enquanto Jimmy está na cama, ouvindo “Don’t Stop Me Now”, do Queen, a todo volume na caixa de som Bluetooth sobre a cômoda antiga no quarto de hotel extremamente chique. Jimmy está absorto por completo na música ao passo que Ben transmite a cena para seus seguidores.

Freddie não os julga por extravasarem. A competição já acabou para os dois e resta apenas celebrar os resultados e festejar.

Porém, mesmo que ele tenha tido algum tempo para se acostumar à ideia, Freddie não consegue se livrar do *e se* da coisa toda. Se ele não tivesse deixado Riley cair, os dois ainda teriam a dança livre para apresentar, ainda teriam mais um evento para patinar e mais uma chance para superar Adriana e Brayden na disputa pelo ouro.

— Espero que vocês tenham curtido a... — hesita Ben, enquanto vira o celular de volta para si mesmo — ... interessante interpretação de um clássico do Jimmy. Não se esqueçam de assistir a Russo e o Elliot na dança livre hoje à noite e *talvez* a gente mostre os bastidores da festa depois. Deem uma olhada no meu perfil daqui a algumas horas.

Ele encerra a live e Jimmy desaba na cama, de rosto vermelho, mas com um sorriso maníaco estampado nele.

— Tinha quantas pessoas?

— Quase cinco mil lá pelo final, mas a maioria tava perguntando se o Brayden tava aqui.

Freddie bufa.

— Ah, você tá vivo? — pergunta Jimmy. — Achei que tinha virado aquela estátua lá.

Virando a cabeça para o amigo, Freddie arqueia as sobrancelhas.

— Que estátua?

Jimmy move as pernas para se sentar na cama e depois apoia o cotovelo na coxa e o queixo na mão.

— Esse cara.

— *O pensador?* — pergunta Ben, e depois bufa também. — Ele tá certo, cara.

Com um grunhido, Freddie joga a cabeça para trás e fixa os olhos na moldura intrincada que delineia o teto.

— Desculpa, eu só...

— Você queria competir hoje — termina Ben para ele. — É uma droga você não poder. Já era bem difícil não competir quando eu tava lesionado, nem imagino como deve ser quando você tá saudável e pronto pra ir, mas sua parceira tá machucada. Mas a Riley vai voltar. Ela é tão...

— Incrível. Perfeita. A garota mais linda do mundo? — completa Jimmy e joga um travesseiro em Ben. — Quando é que você vai contar pra ela? Ou vai só continuar torturando a gente com isso?

Ao ouvir o amigo, Freddie ri, mas o gesto só atrai a atenção de Jimmy.

— E *você* é igualzinho.

— O quê? — indaga Freddie, irritado ao perceber como a voz sobe de um jeito que não acontece há anos.

— Você é bem menos sutil do que acha que é, cara — intervém Ben.

Jimmy aponta para Ben e assente.

— Mais sutil do que o Benny Bonitão aqui, mas mesmo assim. Somos seus melhores amigos, você acha que a gente não notou?

Freddie pigarreia, para garantir que a voz saia no timbre apropriado, e balança a cabeça.

— Não sei do que vocês tão falando.

É a vez de Jimmy de bufar.

— A gente tá falando da Adriana Russo e como você vira o sr. Ranzinza da Silva sempre que ela e o Brayden tão por perto ou quando alguém menciona ele ou menciona ela ou quando...

Freddie balança a cabeça outra vez, não em negação, não mesmo, mas só porque tinha quase certeza de que não tinha ficado tão na cara assim.

— Espera, por acaso *todo mundo* sabe que...

Jimmy interrompe:

— Que você definitivamente não superou ela, e nunca tinha superado? Nem, acho que só a gente. Talvez a Riley, já que vocês passam muito tempo juntos. Mas não me surpreenderia se o Brayden também soubesse. Sua garota é, *hã*, popular com os héteros da equipe.

— Mano, *você* é hétero — lembra Ben a Jimmy.

Jimmy dá de ombros e diz:

— Morro de medo dela. Não tenho energia praquela tipo de intensidade.

Ben ri.

— É, ela te engoliria vivo.

— Ela *não* é minha garota — insiste Freddie.

— E *essa* foi a parte em que você escolheu focar? — pergunta Jimmy, incrédulo, revirando os olhos com todo o drama que ele acabou de injetar na performance da música.

— É disso que a gente tá falando. Você precisa contar pra garota o que você sente. Tira isso do seu peito, e aí você pode seguir em frente ou, sabe... — Ben para de falar.

— Sabe o quê? — questiona Freddie, incitando o amigo a continuar.

— Ficar com ela? Ser feliz?

— Acho que ela não...

— Exatamente: você *acha*. Você não sabe.

Freddie inclina a cabeça para Ben e espera, depois espera mais um pouco.

— Tá bom, eu sou um hipócrita — admite Ben —, mas pelo menos sou honesto comigo mesmo em relação ao que eu sinto. E hoje à noite vou ser honesto com a Riley também e você deveria fazer o mesmo.

— Que ótimo — diz Freddie, e é sincero.

Ben está caidinho por Riley há muito tempo, e Freddie quer que o amigo e a parceira sejam felizes. Se eles puderem ser felizes *juntos*, ainda melhor, mas a coisa é diferente para ele, e é isso que fala:

— Mas você sabe que a Riley tá solteira. A Adriana...

— Você também não sabe se ela tá solteira — interrompe Jimmy de novo. — E, se quiser uma chance, precisa falar alguma coisa.

— Se for isso que você quer — acrescenta Ben. — Você passou um bom tempo bravo pelo que aconteceu.

— Não, eu já superei. Superei *faz tempo* e ela... ela tava certa. A Adriana fez o que eu fui covarde demais pra fazer porque eu tava... — Ele respira fundo. — Porque eu tava apaixonado por ela e não conseguia ver que não ia dar certo, pelo menos não naquela época. A gente não estaria onde está agora se ela não tivesse tomado aquela decisão e tido coragem de fazer o que eu não conseguia.

Ben pisca para o amigo e então pergunta:

— Você não vai... você não vai abandonar a Riley, vai?

— Quê? Sem chance — responde Freddie, um pouco ofendido. — A Riley é minha parceira. Uma lesão não muda isso. Ela vai se tratar e voltar e a gente vai subir no topo daquele pódio em Milão. Mas, fora do gelo, eu... eu sinto isso faz oito anos. É quase metade da minha vida.

— É bastante tempo — comenta Jimmy, com um certo espanto na voz.

Freddie só concorda com a cabeça, desamparado, e se joga no encosto da poltrona.

— Pois é.

— Então você precisa contar pra ela — insiste Ben.

— É, preciso.

E ele sabe exatamente como vai fazer isso.

Jimmy e Ben arrumam suas coisas e estão prontos quando Charlie e Maria aparecem para ir com os três até a arena, mas Freddie os manda ir na frente.

— Daqui a pouco eu vou — promete ele, vasculhando sua mala já feita.

É só um bom tempo depois que o grupo vai embora que Freddie encontra o que está procurando, guardado dentro do caderno que usa para fazer anotações de treino: um cartão com uma receita do restaurante onde ele e Adriana jantaram outra noite.

O maître fez uma careta de desagrado quando Freddie apareceu no dia seguinte e lhe pediu a receita, mas no fim das contas ficou com pena e voltou da cozinha com o cartão, que listava passo a passo o modo de fazer o coq au vin que ela amou tanto nos garranchos do chef.

Freddie pretendia enviar a receita para Adriana depois que todos voltassem para os Estados Unidos, mas ele podia dar o cartão agora, um sinal para mostrar o que sente.

Não, não, ele não pode contar com o acaso. Se é para contar para ela, precisa pôr tudo em pratos limpos. Precisa que ela saiba exatamente o que ele sente.

Freddie olha ao redor do quarto e seu olhar se fixa no papel de carta elegante do hotel, intocado na escrivaninha no canto.

Uma carta?

Se ele fosse mais corajoso, contaria em pessoa. Ela teve a decência de acabar com a parceria dos dois na cara dele, mas Freddie conhece Adriana, sabe que ela odeia decepcionar as pessoas, deixá-las desapontadas. A última coisa que ele quer fazer é deixá-la desconfortável ou fazê-la se sentir encurralada, e, se ele lhe deixar uma carta, ela não vai ter que decepcioná-lo... de novo.

Se Adriana não o quiser, Freddie vai desaparecer da vida dela em um piscar de olhos, e vai ser apenas alguém que ela encontra em competições de vez em quando. Com Riley afastada, vai demorar meses até os dois se encontrarem outra vez.

E se, por algum golpe milagroso do destino, ela ainda o quiser... então ele vai fazer dar certo. Vai fazer o que for preciso. Não é mais o mesmo menino de coração partido. Freddie vai lutar por ela, pelos dois.

Mas, primeiro, ele precisa acertar a carta.

São necessários três rascunhos — os dois primeiros jamais verão a luz do dia — até se sentir satisfeito. A carta vem do coração, sem desculpas, sem julgamento ou culpa, apenas honestidade. Ele só pode torcer para que seja o suficiente, que ele seja suficiente.

Freddie enfia a receita no envelope com a carta. Depois, dando uma última olhada no grande espelho de moldura dourada que pende na parede, ele se encara. É *esse* o tipo de homem que quer ser: o tipo que luta pelo que quer e que, não importa o que aconteça depois, vai viver com as consequências.

O hotel é antigo, antigo o bastante para haver espaço debaixo da porta do quarto dela para passar o envelope, e então está feito. Freddie hesita por um segundo ali, com a mão na porta onde ele a pressionou com gentileza na tentativa de mostrar o quanto ainda sentia, mesmo que não conseguisse encontrar as palavras. E, se aquela tiver sido a única vez que pôde beijá-la e a última vez que pôde tê-la nos braços, vai ter que ser o suficiente.

Ele está muito atrasado quando chega à arena, tarde demais para subir e procurar um lugar próximo dos amigos ou mesmo da irmã, então seu passe de atleta o deixa ir para perto da área de competição, tão próximo que consegue assistir às margens do ringue, mas afastado o bastante para não ser visto. A última coisa que quer fazer é distraí-la agora.

Ela é perfeição. *Eles* são perfeição. Freddie entende, embora não saiba se algum dia vai admitir em voz alta, exatamente por que o mundo inteiro acredita que Adriana e Brayden estão apaixonados. O adversário dentro dele desperta com ferocidade. É contra isso que ele e Riley competem.

Merda. E ele ama Adriana ainda mais por esse motivo.

Eles têm três anos até as Olimpíadas, três anos para se igualarem aos melhores, e entre os melhores por acaso está justamente a garota que Freddie ama desde que era criança.

Isso deixa tudo complicado, claro, contudo também muito mais intenso, muito mais empolgante.

E quando a música se aproxima do fim e Adriana está lá nos braços de outro homem, Freddie não consegue deixar de aplaudir e vibrar, com o coração martelando, o pulso frenético, a adrenalina correndo nas veias, tudo só de assisti-la.

Eles venceram, e não vai ser por pouco.

Ele mal pode esperar para acabar com essa distância.

Todos vão voltar para o hotel, então Freddie se antecipa, de volta à recepção, onde o porteiro o cumprimenta com uma piscadela. Ele afunda em uma poltrona no canto à espera da chegada de todo o mundo da patinação artística.

Não demora muito. Famílias e amigos primeiro, depois juízes e representantes das confederações. Jimmy o encontra e os dois observam Ben e Riley se sentarem a uma mesa no canto. Ben abre o coração, depois se aproxima e a beija, um roçar rápido dos lábios. Riley pisca, confusa, então um sorriso enorme toma seu rosto e ela o puxa para outro beijo.

— Um já foi, falta o outro — diz Jimmy, dando tapinhas nas costas de Freddie.

Depois que Ben e Riley se soltam e começam a se encarar com sorrisos bobos no rosto, os dois vão se juntar a eles.

Freddie tenta focar nisso, na felicidade dos amigos, mas sua perna não para quieta do jeito que faz quando ele está no Beija e Chora, esperando as notas. Tanto que Jimmy revira os olhos e sai à procura de bebidas para ajudá-lo a se acalmar.

Ela deve voltar logo com a medalha de ouro ao redor do pescoço e o futuro desenhado à sua frente. Ele não sabe quando Adriana vai ver a carta. Talvez hoje à noite, talvez só amanhã cedo.

Então, só precisa esperar.

Está prestes a ficar mais feliz do que nunca ou completamente destruído pela única garota que já amou.

Ela deve ter entrado de algum jeito sem ele perceber, porque emerge do elevador no lado oposto da recepção em vez de aparecer pelas portas de frente. A maquiagem já quase saiu por completo e seus olhos parecem um pouco vermelhos. Ela andou chorando. Ele só não sabe por quê. Lágrimas podem significar um monte de coisas. Deus, isso vai matá-lo.

Ele passa as mãos pelo cabelo bem quando os olhos dela encontram os seus, e Adriana se dirige até a mesa.

— Oi, galera. — A voz dela sai aguda, meio nervosa, e por um segundo Freddie volta a ter 10 anos e seu coração dá uma cambalhota.

— Oi. — A voz dele falha, um eco da dela, e ele se levanta tão rápido que a cadeira balança e quase desaba no chão.

Ben a segura, e Freddie faz uma anotação mental para agradecer ao melhor amigo mais tarde, mas agora não consegue tirar os olhos dela.

— Oi — responde Adriana, e sorri.

Então volta a ter 18 anos e nossa, ela é a coisa mais deslumbrante que Freddie já viu, sorrindo para ele desse jeito.

Um sorriso parece um bom sinal.

— Oi — repete ele, o cérebro incapaz de conjurar qualquer outra coisa enquanto um sorriso acanhado começa a se formar em seu rosto também.

Então ela fecha os olhos e abre a boca para dizer alguma coisa, e instantaneamente ele é tomado pelo pânico. Talvez o sorriso tenha sido só um reflexo, por educação, nada mais. E Freddie está prestes a perguntar se pode conversar com ela, mas a voz de Riley sobe atrás dele.

— Meninos, saiam daqui, é hora das garotas conversarem — diz Riley, literalmente os enxotando com um aceno de mão.

Ben se levanta e dá tapinhas nos ombros de Freddie.

— Vamos ver se ainda tem daqueles croquetes.

Freddie concorda com um murmúrio, mas tropeça de leve quando tenta seguir Ben sem parar de olhar para Adriana.

— Calma, mano, fica frio — murmura Ben enquanto os dois se afastam, e Freddie se sacode de leve.

— Eu preciso falar com ela.

— Tá, mas dá um minuto pras meninas. Às vezes as garotas precisam umas das outras.

— É, você tá certo — concorda ele conforme Ben o conduz para onde Georgia e Harry estão acampados perto da mesa do bufê.

A mesa está cheia de croquetes, mas Freddy tem quase certeza de que, se tentar comer, vai só botar tudo para fora.

Georgia ri do irmão quando seus olhos veem o que ele está encarando.

— Ah, maninho — murmura ela, de um jeito que apenas ele consegue ouvir. — Isso pode ficar complicado.

É o que por fim faz Freddie desviar o olhar. Mordendo o lábio, ele assente.

— Eu sei.

A irmã imita o gesto e lhe dá tapinhas no ombro, com a outra mão na barriga.

— O importante é você ter certeza.

— Eu tenho. Só não sei se *ela* tem.

— Acho que você tá prestes a descobrir — comenta Georgia, com um sorriso e um aceno por cima do ombro.

Quando Freddie se vira, Adriana está bem ali, olhando-o timidamente.

— Oi — diz ela de novo.

Ele ri e passa a mão trêmula pelo cabelo.

— Oi.

— Será que a gente pode, *hã*, conversar?

— Pode — diz ele, abaixando a mão e procurando a dela, mas depois parando na metade do caminho.

Ela responde à pergunta que ele não foi capaz de fazer e encaixa a mão pequena na dele, entrelaçando os dedos. É estranho e familiar ao

mesmo tempo.

— Por aqui — aponta ela, conduzindo-os na direção de uma porta para uma sala ligada à recepção.

Ele adentra a sala e a mão dela se solta da dele. Quando ouve o clique da porta se fechando, Freddie volta a encará-la, dando pulinhos no lugar, desesperado para que Adriana acabe com seu sofrimento.

Ela se encosta na porta e solta um suspiro suave. Na hora, seu estado de alerta desaparece. O simples fato de estar perto dela aplaca seu nervosismo.

— Você leu a carta? — Ele consegue perguntar, com um tom grave pelo menos, e não com aquela voz aguda e falha outra vez.

— Li — assegura ela.

— E...

— Você não disse que um olhar ou uma palavra seria suficiente? Isso... não é suficiente? — pergunta Adriana, olhando para ele, com os olhos ardentes e suplicantes, espelhando cada sentimento que corre pelas veias dele agora. Correntes elétricas estalam na pele de Freddie quando ele se aproxima. — Passei anos trabalhando nas minhas expressões, e isso são pelo menos quinze palavras, até mais se contar as vezes que a gente disse oi...

Ele não a deixa terminar.

Seus narizes se tocam quando Freddie se aproxima para beijá-la, e ele pega o riso dela com a boca, algo dentro de seu coração voltando para o lugar. Puta merda, é isso. O corpo de Adriana derrete no dele quando ela passa os braços ao redor dos seus ombros e uma mão em seu cabelo, mantendo-o perto antes de aprofundar o beijo com uma mordida suave no lábio inferior dele, que não consegue conter um grunhido. Freddie passa os braços ao redor da cintura dela, puxando-a para o peito e, quando os dois se separam para respirar, os olhos dele vagam até a linha da mandíbula dela. Ele deixa uma trilha de beijos delicados ali, deleitando-se em cada arquejo de Adriana.

— Posso? — murmura Freddie no pescoço dela, inalando o cheiro da pele macia.

— Pode — responde ela, suspirando, e os lábios dele pressionam a pele pulsante, até que ele ouve um: — Espera, não.

— Não?

Ele se afasta de imediato, baixando a cabeça para encontrar os olhos dela por completo, tomado de preocupação.

— Quer dizer, sim — esclarece Adriana, para o alívio total de Freddie —, mas preciso falar uma coisa antes.

Ele ergue uma mão trêmula e tira uma mecha de cabelo do rosto dela, colocando-a atrás da orelha. Depois, volta a encará-la, alternando entre seus olhos semicerrados e os lábios brilhantes.

— Tá bom — diz ele, disposto a concordar com o que quer que ela queira no momento.

— Eu te amo — confessa ela. Isso o traz de volta à realidade, e ele quer responder, mas Adriana tem mais a falar. — Você disse que passou esse tempo todo lutando contra o que sente, e eu também. Nada mudou, nunca. Tentei fingir que os sentimentos não voltaram com tudo quando você cruzou a porta de Kellynch, mas voltaram, e isso me deixou apavorada. Desculpa se eu te dei sinais confusos ou te fiz pensar que eu... que eu queria outra pessoa. Não quero mais ninguém.

— Mas e o Brayden? — pergunta Freddie, mais do que um pouco temeroso pela resposta, apesar do que aconteceu nos últimos minutos.

— A gente não tá namorando. A gente nunca namorou, e essa é uma história confusa e complicada que eu prometo te contar logo, e espero que você não mude totalmente de ideia depois que souber a verdade.

— Não vou mudar de ideia.

E Freddie nunca disse nada mais verdadeiro em toda a sua vida. Ele não liga para a história complicada e bagunçada que ela tem para contar. Seja lá o que for, já superou.

— E foi tudo uma bagunça tão grande, e eu fiquei com medo de que a Riley...

— A Riley? — pergunta ele.

— Vocês são parceiros e isso é importante. Não queria atrapalhar — explica Adriana, soando insegura pela primeira vez desde que os dois entraram nesta sala.

— Não vai — assegura ele. — E, de qualquer forma, a Riley tá com o Ben agora. Ele tá a fim dela já faz um tempo, desde o Campeonato Nacional, eu acho. É difícil saber com o Ben, porque ele guarda tudo pra si, mas enfim criou coragem de dizer alguma coisa. Se ela pode namorar meu melhor amigo, acho que nós dois não vamos ser um problema.

— É, ela acabou de me contar sobre o Ben.

— Era por isso que vocês precisavam conversar?

— Mais ou menos — responde Adriana, acenando com a cabeça e mordendo o lábio.

Por pouco, Freddie consegue segurar o grunhido que ameaça escapar da garganta.

— Você disse que me ama — fala ele, ainda sem acreditar direito que isso pode ser verdade.

— Amo mesmo.

— Também te amo — diz ele, por fim, exasperado.

As palavras não parecem suficientes depois de todo esse tempo, mas são verdadeiras e tudo o que ele tem.

— Foi o que você disse na carta — lembra ela, em tom de provocação, mas ainda tem algo de vulnerável nos olhos de Adriana, uma centelha de emoção que ele nunca mais quer ver: dúvida. Dúvida dele.

Freddie balança a cabeça.

— Mas eu queria dizer em voz alta depois de *não* dizer em voz alta por tanto tempo.

E a dúvida desaparece.

Ótimo. Ele nunca mais quer ver isso no rosto dela de novo.

— Freddie?

— Que foi?

— Me beija de novo.

Então, ele beija.

## *Glossário de termos e expressões da patinação e dança no gelo*

- AXEL:** Famoso salto da patinação artística que parte de uma posição de frente e consiste em meios-giros no ar, decolando da ponta frontal e externa da lâmina e retornando na lateral externa da lâmina do patins. O salto pode ser composto por uma única rotação (simples), rotação dupla, tripla e até quádrupla.
- FLIP:** Salto com base no dedão do pé. O patinador inicia o salto de costas e termina de costas. Pode ser composto por uma rotação simples, dupla, tripla e quádrupla, com diferentes posições de retorno.
- LCA:** Sigla para o ligamento cruzado anterior. A ruptura, ou estiramento, do LCA é uma das lesões mais comuns no joelho entre atletas de alto rendimento.
- POSIÇÃO DE NOIVA:** Quando o patinador carrega seu par no colo, sobre os braços.
- TOE LOOP:** Um dos saltos iniciais da patinação no gelo. Consiste em um salto na ponta dos pés, de frente. Pode ser feito com um, dois, três ou quatro giros e é comumente usado para combinar com outros saltos ou movimentos da performance do patinador.
- TWIZZLE:** É um dos elementos da apresentação de duplas da patinação e pares da dança no gelo. Consiste em uma série de giros feitos sobre uma perna só, com uma ou mais rotações rápidas e contínuas. Similar às piruetas do balé.
- VALSA WESTMINSTER:** Tipo de valsa caracterizado pelo ritmo de 162 batimentos por minuto (BPM). É uma dança com variações opcionais do casal que irá apresentá-la. Consiste em uma patinação limpa e impactante, com movimentos fluidos dos joelhos, em que o casal nunca quebra contato.
- WALTZ:** Geralmente é o primeiro salto com rotações que os patinadores aprendem. Ele é executado da mesma forma que o Axel, iniciando e

terminando de frente, mas com apenas  $1/2$  rotação.

## *Agradecimentos*

PUBLICAR UM LIVRO É difícil. Publicar um livro no meio de uma pandemia é... bem, não tenho palavras para descrever, e isso não acontece com muita frequência. É sempre preciso o trabalho de uma vila inteira para colocar um livro no mundo, e o ditado foi sobretudo verdadeiro este ano.

Primeiro e mais importante, para minha editora, Julie Rosenberg, cujo olhar atento e instintos nunca falham em me tornar uma escritora melhor. Você sempre sabe exatamente quais perguntas fazer e quais botões apertar para guiar com cuidado meu trabalho rumo ao que eu imaginei na minha mente. Obrigada a toda a equipe da Razorbill e da Penguin Young Readers: Marinda Valenti, Alison Dotson, Abigail Powers, Esther Reisberg, Tessa Meischeid e Felicity Vallence. Tenho muita sorte de ter vocês todas ao meu lado. Agradeço em especial a Simone Roberts-Payne e Casey McIntyre por segurarem minha mão o tempo todo durante a escrita deste livro! E a Vanessa Han por pegar minhas palavras e criar uma capa maravilhosa para embrulhá-las!

Para Alice Sutherland-Hawes, a quem sou grata a cada hora, por estar sempre me apoiando, acreditando em mim e nos meus livros, e rotineiramente fazendo meus sonhos se tornarem realidade. Tenho muito orgulho de fazer parte da ASH Literary e mal posso esperar para ver você em ação durante os muitos anos que virão. Obrigada à equipe que Alice montou, Alice Natali e Clementine Gaisman da ILA, e Tara Timinsky do Gotham Group, por levar minhas histórias a lugares sobre os quais nunca pensei em sonhar!

Escrever pode ser uma atividade solitária, e isso é ainda mais verdadeiro quando você está escrevendo em quarentena, mas minha comunidade de escrita nunca deixou de me apoiar em meio ao caos.

Para meu grupo, o Writerly Crew: Mark Benson, Tabitha Martin, Jean Malone, Krista Walsh, Christian Berkey, Megan Paasch, Angi Griffie-

Black, Trisha Leigh, Sarah Blair e Jennie Davenport. Vocês são uma fonte constante de apoio e inspiração. Para a mais improvável das irmandades: as fenomenais Katarina O'Dette, Jenni Rosal, Taryn Lentes, Ela G. e Dani Laver, por me manterem calma em uma crise e me ajudarem a deixar que minha musa vague por onde quiser. Para meus primeiros leitores: Jessica Swann, Brett Werst, Rachel Simon e Natalie Crown, suas perspectivas e seus comentários atenciosos foram tudo de que eu precisava e mais. Para minha família do trabalho: Michelle Heaney, Victor Correa, Bonnie Rubin, Colleen Korte e Linda Wygonik, por sempre me apoiarem. Para as pessoas com quem sempre posso desabafar: Cindy Otis, Lisa Lin, Isabel Sterling, Sarah Henning e Diana Urban, vocês me mantêm sã nesta indústria tão insana. E para Hannah Stuart, por se apiedar de uma garota que não sabia muito bem por onde começar com este livro! Eu literalmente não poderia ter feito isso sem todos vocês.

E, por fim, obrigada à minha família, por ser o motivo de isso importar para começo de conversa.



## **JENNIFER IACOPELLI**

nasceu em Nova York e não tem a menor intenção de se mudar. Na infância, lia tudo o que caía em suas mãos, mas suas autoras preferidas eram L. M. Montgomery e Frances Hodgson Burnett, que escreviam sobre garotas destemidas antes de garotas destemidas serem consideradas legais. Como bibliotecária de uma escola de ensino médio, ela passa o dia com os alunos, livros e computadores, e escreve durante a noite enquanto torce por seu amado time, os Yankees.

**Siga-a nas redes sociais em  
@jennifercarolyn.**



## MINHAS IMPRESSÕES

Início da leitura: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Término da leitura: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Citação (ou página) favorita:

.....

Personagem favorito: .....

Nota: ★★★★★♡

O que achei do livro?

.....